

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo Gomes**

**Fronteiras de imigração no caminho das águas do Prata:  
italianos em Mato Grosso – 1856 a 1914**

**DOUTORADO EM HISTÓRIA**

**SÃO PAULO**

**2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo Gomes**

**Fronteiras de imigração no caminho das águas do Prata:  
italianos em Mato Grosso – 1856 a 1914**

**DOUTORADO EM HISTÓRIA**

**Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Antonieta Martinez Antonacci.**

**SÃO PAULO**

**2009**

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

---

*Porque o Senhor te faz entrar numa boa terra,  
terra de ribeiros de águas, de fontes, de mananciais profundos,  
que saem dos vales e das montanhas.*

*Deuteronômio 8:7*

## AGRADECIMENTOS

*À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Antonieta Martinez Antonacci, pela maneira como orientou esse trabalho, incentivando-me com suas valiosas observações e oferecendo importantes diretrizes à concretização desse trabalho.*

*Às professoras Denise Bernuzzi de Sant'Anna e Estefânia Canguçu Knotz Fraga, pela preciosa participação da banca de exame de qualificação desse trabalho, realizando importantes observações e apreciações acerca desta pesquisa, apontando caminhos e direções para sua realização.*

*À Rosevete Arruda de Souza, por emprestar valioso material de pesquisa de seu acervo particular, minha sincera gratidão.*

*À Névio Lotufo, Adélia Maiolino, Loíde Capriata, Rina Ricci e Maria Luiza Ricci, descendentes de imigrantes italianos em Mato Grosso, pelos depoimentos e recepção calorosa em suas residências, onde tivemos preciosos momentos de conversa e descontração, os meus sinceros agradecimentos.*

*Aos professores do Curso de Doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP, pelos momentos de leitura, discussão e reflexão em torno dessa pesquisa.*

*Aos apoios institucionais oferecidos pela Universidade Federal de Mato Grosso e CAPES, bem como aos colegas do Departamento de História/ICHS/CUR, por terem assumido encargos acadêmicos durante o meu afastamento para capacitação, especialmente às minhas queridas amigas Maria Elsa Markus e Laci Maria Araújo Alves.*

*À minha mãe, Maria Luiza, pela segurança e força em que me proporciona a cada dia, sendo exemplo de perseverança diante das adversidades da vida.*

*À Abigail, pelo modo como cuidou dos meus filhos e da minha casa durante esses anos de estudo e afastamento do convívio familiar.*

*Aos meus filhos Euler, Tiago, Thomas e Kevin, pelos preciosos momentos vividos e compartilhados em família.*

*Ao meu esposo Cezário, por sempre estar ao meu lado, apoiando e valorizando os meus projetos de vida, não medindo esforços para que sejam realizados. Experiências vividas e sonhos concretizados fazem parte desse relacionamento sincero e verdadeiro, que vai além de tudo que é visível e tocável.*

## RESUMO

O presente estudo acompanha, historicamente, dimensões e significados do movimento de italianos para a Província/Estado de Mato Grosso, via bacia do Prata, no período de 1856 a 1914, apreendendo diferentes trajetórias e experiências vividas por esses imigrantes no processo de apropriação e reapropriação de espaços em terras mato-grossenses.

Essa abordagem acerca da presença italiana em Mato Grosso, em tempo de livre navegação e conexão comercial com os países do Prata, propõe-se a investigar as diferentes maneiras de como essas experiências imigrantistas foram elaboradas em termos culturais e incorporadas às tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais do viver, do trabalhar e do fazer mato-grossense.

Realizado com pesquisa em relatos de viajantes, relatórios de presidentes de província e registros - consulares, eclesiásticos, memoriais, jornalísticos, policiais e censuários -, este trabalho possibilitou acompanhar dimensões dos modos de viver da população mato-grossense e da participação dos italianos no processo de constituição social de Mato Grosso, bem como fatores de desenraizamentos e o próprio ato de imigrar/reemigrar desses agentes históricos, formando redes de parentesco, no caminho das águas atlânticas e da bacia do rio da Prata, promovendo outras formas de contatos e interculturalidades.

Nessa perspectiva, a partir de depoimentos de gerações sucessivas de italianos em Mato Grosso, foi possível conhecer particularidades das ações cotidianas desses imigrantes e formas de convivência e sociabilidades em diversos ambientes imigratórios de Mato Grosso, além de acompanhar diferenciadas histórias que levaram homens, mulheres e crianças a abandonarem seus espaços, ambientes e regiões de origem rumo às terras e mato-grossenses, através do caminho das águas do Prata.

Palavras-chave: imigração italiana, fronteiras fluviais, trajetórias, cultura, redes de parentesco.

## ABSTRACT

In this work, dimensions and meanings of the Italian movement heading for the Province/State of *Mato Grosso*, through *Prata* basin, in the period from 1856 to 1914 are historically presented, considering different trajectories and experiences faced by those immigrants in the appropriation process and space re-appropriation in *mato-grossense* lands.

The approach concerning the Italian presence in *Mato Grosso*, during the time of free navigation and the commercial connection with countries of *Prata* area, has as aim to investigate different ways of how those immigrant experiences were developed in cultural terms and how they were also consolidated to traditions, value systems, ideas and institutional ways of living, working and developing *Mato Grosso*.

The present work was based on travelers' reports and on province presidents' reports and statements – consular, ecclesiastic, memorials, journalistic, police and census – and it made possible to accompany dimensions of ways of life of the *mato-grossense* population, and also the participation of Italians in the social constitution process of *Mato Grosso*, as well as factors of uprooting and the act of immigrating/re-immigrating of those historic agents.

According to this perspective, from testimonies of successive generations of Italians in *Mato Grosso*, it was possible to know particularities of daily actions of those immigrants, living and sociability ways in many immigrant environments in *Mato Grosso*. Besides that it was possible to accompany different histories which took men, women and their children to abandon their own spaces, environments and origin regions heading for *mato-grossense* lands, through *Prata* basin.

**Key-words:** italian immigration, fluvial borders, trajectories, culture, family network.

## SUMÁRIO

<b>ÍNDICE DE QUADROS E ILUSTRAÇÕES.....</b>	<b>i</b>
<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	
IMIGRANTES SOLTEIROS NA ROTA DO PRATA .....	01
<b>CAPÍTULO I</b>	
IMIGRANTES EM MATO GROSSO: ENTRE “MANSOS” E “BRAVIOS” NAS ALAGADAS FRONTEIRAS MATO-GROSSENSES.....	31
<b>CAPÍTULO II</b>	
“AO ANJO DA VENTURA”: ITALIANOS E PORTUGUESES NA GUERRA E NO CAMINHO DAS ÁGUAS.....	67
<b>CAPÍTULO III</b>	
ITALIANOS EM TEMPO DE LIVRE NAVEGAÇÃO.....	105
<b>CAPÍTULO IV</b>	
DA ITÁLIA AO SERTÃO MATO-GROSSENSE; “vendendo, construindo e consertando de tudo um pouco”.....	149
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
“TRILHOS” DESVIANDO O “CAMINHO DAS ÁGUAS”.....	183
<b>FONTES.....</b>	<b>194</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>205</b>

## ÍNDICE DE QUADROS E ILUSTRAÇÕES

### ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1 – Trajeto fluvial na Bacia do Prata (1870 a 1930) .....	03
Ilustração 2 – Mapa do território mato-grossense - 1748 a 1943 .....	05
Ilustração 3 – Mapa Físico da região Centro-Oeste do Brasil .....	06
Ilustração 4 - Vista atual da cidade de Corumbá e do Rio Paraguai .....	07
Ilustração 5 – Porto Geral de Corumbá, 1914 .....	11
Ilustração 6 – Casa Comercial ÂNGELO REBUA& IRMÃO .....	13
Ilustração 7 - Mapa da Itália.....	16
Ilustração 8 - Vista parcial do Porto da cidade de Corumbá, 1914 .....	33
Ilustração 9 – A cidade de Corumbá, portal de entrada de imigrantes em Mato Grosso, 1914.....	37
Ilustração 10 – Lancha Nioac, Lloyd Brasileiro - Corumbá a Cuiabá, 1914.....	49
Ilustração 11- Mapa da América do Sul .....	73
Ilustração 12 - Vapor São José, M. Cavassa Fo. & Cia (Assunción a Corumbá), 1914.....	101
Ilustração 13 - Casa Ao Anjo da Ventura, na cidade de Cáceres-MT, 1914.....	102
Ilustração 14 - Interior da Casa “Ao Anjo da Ventura”, Cáceres-MT, 1914.....	103
Ilustração 15 - Embarcação pertencente aos italianos José Dulce e Leopoldo Ambrósio, 1914.....	104
Ilustração 16 - Vista do Porto Geral de Corumbá-MT, 1914.....	107
Ilustração 17 - Vista parcial da cidade e do Porto de Corumbá-MT, 1914.....	113
Ilustração 18 - Anúncio da Fábrica de bebidas gasosas “A Meridional”, Corumbá-MT, 1914.....	115
Ilustração 19 - Vicente Anastácio e família na cidade de Aquidauana-MT, 1914.....	118
Ilustração 20 – Lancha SUL AMÉRICA, 1914.....	120
Ilustração 21 – Mapa da Argentina, destacando o rio da Prata .....	125
Ilustração 22 - Vapor Venus – Lloyd Brasileiro, Montevidéu a Corumbá, 1914.....	136
Ilustração 23 - Interior da Casa Comercial “Ao Anjo Da Ventura”, Cáceres-MT, 1914.....	139
Ilustração 24 - Anúncio da Casa Comercial Orlando Irmãos & Cia, Cuiabá-MT, 1914.....	140
Ilustração 25 - Prédio da Fábrica do Itaycy, fundada em 1896.....	142
Ilustração 26 - Trabalhadores nas grandes moendas da Usina do Itaicy, 1914.....	143
Ilustração 27 – Dependências da Usina do Itaycy, 1914 .....	145
Ilustração 28 - Anúncio da CASA DE FERRO do italiano Santiago Solari, Corumbá-MT, 1914.....	147
Ilustração 29 - Foto de Saturnino Nicola e família.....	152
Ilustração 30 - Royal Hotel, construído pelo italiano Martino Santa Lucci, Corumbá – MS.....	158
Ilustração 31 - Fachada da Igreja de São Gonçalo em Cuiabá-MT.....	160
Ilustração 32 - Casa Orlando, obra dos construtores João e José Sardi e Guiliano Capriata, Cuiabá, 1914.....	161
Ilustração 33 - Antigo Palacete Presidencial, obra dos construtores italianos João e José Sardi.....	162
Ilustração 34 - Edifício da Usina Itayci, vista da margem esquerda do rio Cuiabá.....	164
Ilustração 35 – Casas dos trabalhadores da Usina Itaicy.....	164
Ilustração 36 - Foto de Leonia Huguency Capriata e família.....	165

Ilustração 37 - José Lotufo com sua esposa Francisca Capriata Lotufo e seus dois filhos: Névio e Erlita.....	169
Ilustração 38 - O casal Fioravante Barbieri e Branca Barbieri.....	175
Ilustração 39 - O italiano Fortunato Ricci e família.....	185
Ilustração 40 - Estação Ferroviária de Porto Esperança, 1913.....	186
Ilustração 41 - A descarga de uma caldeira em Porto Esperança.....	187
Ilustração 42- Mapa Geral das linhas da Estrada de Ferro Nooroeste do Brasil.....	188
Ilustração 38 - Francisco Giordano, com a esposa Maria Cazzaneo e filhos.....	190

## QUADROS

Quadro I - Itália Meridional, segundo as regiões, províncias e capitais .....	16
Quadro II - Mapa Demonstrativo de “Entrada e Saída” de Estrangeiros na Província de Mato Grosso 1861/ 1862 .....	46
Quadro III - Quadro estatístico da Povoação de Corumbá, 1862 .....	51
Quadro IV - Mapa demonstrativo de “Entrada e Saída” de estrangeiros na Província de Mato Grosso 30/05/1884 a 30/05/1885/1885 e 31/05/1886 .....	60
Quadro V - População geral e de estrangeiros do município de Cuiabá e da Província/Estado de Mato Grosso: 1872/1890/1900/1920.....	64
Quadro VI - População estrangeira de Cuiabá e Mato Grosso segundo as nacionalidades: 1920.....	65
Quadro VII - Casas comerciais pertencentes a italianos em Mato Grosso, 1914.....	137
Quadro VII - Italianos radicados na cidade de CORUMBÁ, no período de 1860 a 1912.....	154
Quadro IX - Italianos radicados na cidade de CUIABÁ, no período de 1860 a 1915.....	155
Quadro X - Italianos radicados nas cidades de Cáceres, Miranda, Campo Grande, Nioaque e Aquidauana, entre 1871 e 1913.....	156
Quadro XI - Casamentos entre italianos e mulheres mato-grossenses e descendentes, 1863 e1920.....	177

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### IMIGRANTES SOLTEIROS NA ROTA DO PRATA

*[...] Francisco Orlando de 29 anos de idade, filho legítimo de Nicola Orlando e D. Rosa de Nite Orlando, natural de Moliterno, Província de Basilicata, no Reino da Itália, para poder se casar nesta Parochia, com D. Balbina do Amarante, filha legítima do Senhor Antonio José Zeferino Amarante e D. Anna Balbina Amarante [...] natural deste Bispado e freguesia desta Parochia, precisa justificar que é solteiro e livre de impedimentos; e por isso roga a S. Ex<sup>a</sup>. Revm<sup>a</sup>. se digne a admitil-o a justificar o seguinte: [...] Que tendo sahido do lugar de sua naturalidade na idade de 17 anos, partira em direitura para a capital de Buenos Ayres, onde residiu por alguns meses, passando depois para a República do Paraguay, onde esteve também por algum tempo, e dali para esta capital, onde chegou no ano de 1874, e desde então tem residido até o presente, conservando-se como ainda se conserva no estado de solteiro, livre e desempedido para se casar.*

*(Cartório do Juízo Eclesiástico, Cuyabá, 5 de maio de 1884)<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Auto de Justificação do Estado de Solteiro de Francisco Orlando. Cuiabá, 1884/Caixa7 – Rolo 5/NEDHIR.

Da Itália ao sertão mato-grossense, o italiano Francisco Orlando, após transpor o Oceano Atlântico, utilizou o caminho fluvial, chegando a Mato Grosso pela bacia do Prata. Antes, Francisco passou algum tempo nas cidades platinas de Buenos Aires e Assunção, quando decidiu tomar o caminho das águas, em direção à capital mato-grossense, navegando os rios da Prata, Paraná, Paraguai e Cuiabá, passando pela cidade portuária de Corumbá e chegando a Cuiabá, no ano de 1874. Nesta capital encontrou-se com os compatriotas Rafael, Nicola e Francisco Verlangieri, que ali residiam desde o ano de 1871. Francisco Orlando chegou à capital mato-grossense logo após o término da Guerra do Paraguai e montou, na região central de Cuiabá, em sociedade com Rafael Verlangieri, a casa comercial de importação e exportação *Verlangieri & Orlando*. Mais tarde, com a vinda de seus irmãos, Giuseppe e Vicente Orlando, em 1884, Francisco desfez a sociedade com Rafael, dando continuidade ao negócio com seus irmãos, passando sua empresa a denominar-se *Irmãos Orlando & Cia*, a conhecida *Casa Orlando* de Cuiabá<sup>2</sup>. Os irmãos Orlando tornaram-se, também, proprietários de seringais no norte de Mato Grosso, passando a ser exportadores desse produto e representantes do Banco do Brasil e de Nápoles nesta Província/Estado. Em 1921, os três irmãos decidiram retornar à Itália, onde passaram a residir juntamente com suas esposas e filhos mato-grossenses<sup>3</sup>.

A própria especificidade desse trajeto e a experiência de italianos no processo de imigração e reemigração dos países do Prata, percorrendo múltiplos territórios, tendo contato com diversas realidades culturais, despertou o interesse em compreender as circunstâncias que engendraram esse movimento e, principalmente, razões pelas quais estrangeiros vieram a radicar-se em terras mato-grossenses. Para atingir tal propósito tornou-se necessário conhecer as trajetórias de imigrantes italianos em Mato Grosso, entre 1856 e 1914, acompanhando suas lutas, conquistas e experiências vividas nestas terras, período em que a economia mato-

---

<sup>2</sup> AYALA, S. Cardoso; SIMON, F. *Album Graphico de Matto-Grosso*, Corumbá/Hamburgo, s/ed., 1914, p. X.

<sup>3</sup> PÓVOAS, Lenine. *Italianos em Mato Grosso*, São Paulo, Resenha Tributária, 1989, p. 67.

grossense, ligada ao comércio internacional, estabelecia relações diretas com os países do Prata (Argentina, Paraguai e Uruguai), através da navegação fluvial, conforme mapa com rotas e caminhos utilizados nessa região fronteiriça da América do Sul:



**Ilustração 1 – Trajeto fluvial na bacia do Prata ( 1870 a 1930), principal via de comunicação entre Mato Grosso e os países do Prata, rota utilizada pelos imigrantes italianos para adentrarem terras mato-grossenses.**

Fonte: SILVA, 2002.<sup>4</sup>

Em regra, os italianos que deixaram seus lugares de origem, no final do século XIX e primeiras décadas do XX, com destino às terras mato-grossenses, primeiramente dirigiram-se aos países do Prata, para depois aventurarem-se nas longínquas fronteiras de Mato Grosso, através da navegação dos rios da Prata, Paraná, Paraguai e Cuiabá. Esse trajeto fluvial, principal via de comunicação entre Mato Grosso e os países do Prata, nesse período, ficou

<sup>4</sup> SILVA, Edil Pedroso da. *O cotidiano dos viajantes nos caminhos fluviais de Mato Grosso (1870-1930)*. Cuiabá, Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, 2002. Apud SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*, Cuiabá, Entrelinhas, 2002, p. 100.

conhecido como a “rota do Prata” ou o “caminho das águas”. Nessa perspectiva, a análise desse percurso, utilizado pelos imigrantes italianos, naquela época, das “águas do Prata” às fronteiras de Mato Grosso, resultou no trabalho de reflexão histórica sobre os “caminhos” fluviais e “fronteiras” culturais mato-grossenses.

Com o franqueamento da navegação do rio Paraguai, em 1856, através do *Tratado de Aliança, Comércio, Navegação e Extradicação*, firmado entre o Brasil e a nação paraguaia, houve maior proximidade entre os países platinos e a Província/Estado de Mato Grosso, facilitando a mobilidade de contingentes estrangeiros nesta região, espaço onde ocorreram diferentes experiências históricas de deslocamentos e fixação de grupos populacionais de diversas nacionalidades. Desde então, muitos italianos chegaram em Mato Grosso em busca de trabalho e oportunidades de negócios nas principais cidades, vilas e povoações dessa região. Com a Guerra da Tríplice Aliança, entre 1865 e 1870, o fluxo de estrangeiros para o Mato Grosso, via rota do Prata, foi interrompido. Após esse conflito e a *reabertura* da navegação do rio Paraguai, em 1870, esta Província/Estado começou a receber novas correntes imigratórias, sendo que esse movimento tornou-se mais ativo pós-1880. A partir de 1914, com a construção da *Estrada de Ferro Noroeste do Brasil*, que passou a ligar a região sul de Mato Grosso ao litoral paulista, percebe-se gradativa diminuição do movimento de imigrantes italianos para as terras mato-grossenses pelo caminho das águas do Prata.

O Estado de Mato Grosso, localizado a oeste da região Centro-Oeste do Brasil, até sua divisão territorial, ocorrida em 1977<sup>5</sup>, fazia fronteira com a Bolívia e a República do Paraguai. Atualmente, Mato Grosso, com área total de 906.807 km<sup>2</sup>, inclui-se entre os estados brasileiros com maiores potenciais de biodiversidade, abrigando em seu extenso território fronteiriço, três riquíssimos ecossistemas: a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal. É ainda

---

<sup>5</sup> A divisão do Estado de Estado de Mato Grosso ocorreu através da Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro de 1977. cf. SILVA, Jovam Vilela da. *A divisão do Estado de Mato Grosso: uma visão história*, Cuiabá, Edufmt, 1996.

cortado por importantes rios que pertencem às três maiores bacias hidrográficas brasileiras: Amazônica, Platina e Tocantins e sub-bacias formadas pelos rios Madeira, Tapajós, Xingu, Alto Paraguai e Araguaia<sup>6</sup>.



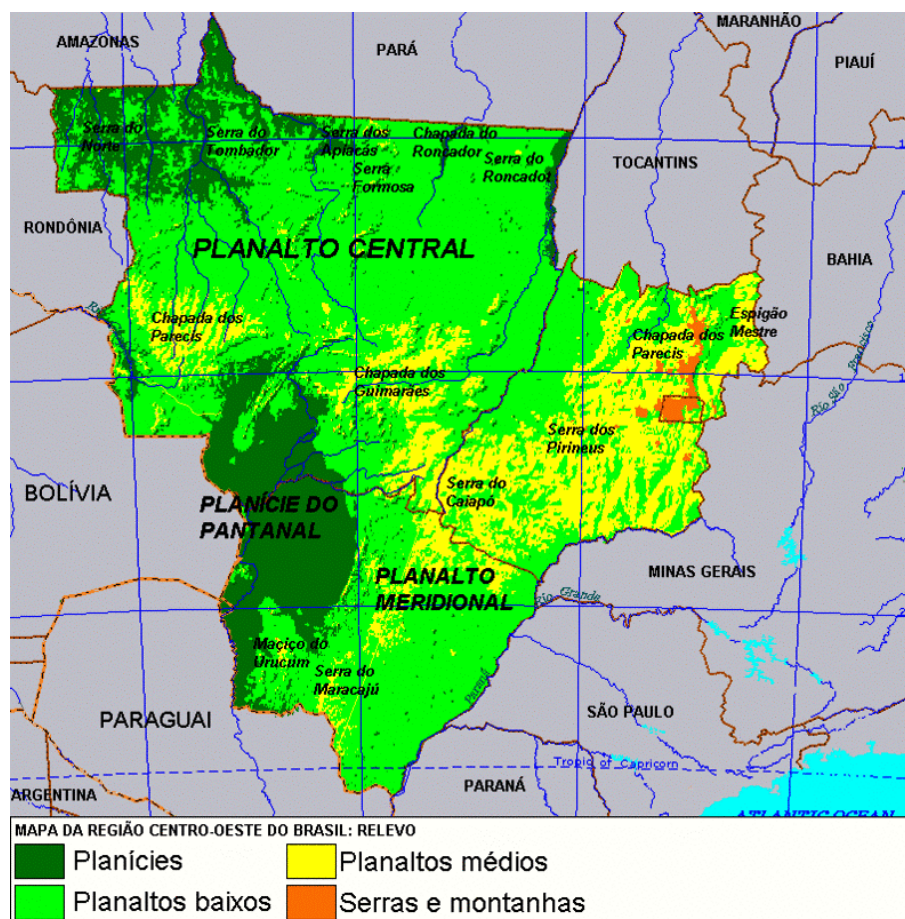
*Ilustração 2 – Mapa do território mato-grossense - 1748 a 1943.  
Fonte: MORENO & HIGA, 2005.<sup>7</sup>*

Pela rica e diversificada rede hidrográfica regional, Mato Grosso passou a ser conhecido como o “Estado das Águas”. Nesse sentido, pode ser ainda definido como um “mosaico de riquezas naturais e culturais representadas por matas, florestas, savanas,

<sup>6</sup> MAITELLI, Gilda Tomasini. *A hidrografia no contexto regional*. In: MORENO, Gislaene e HIGA, Tereza Cristina Souza. *Geografia de Grosso: território, sociedade e ambiente*, Entrelinhas, Cuiabá, 2005, p. 274-280.

<sup>7</sup>MORENO, Gislaene e HIGA, Tereza Cristina Souza. *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade e ambientes*, Cuiabá, Entrelinhas, 2005.

cerrados, cerradões e pantanais”<sup>8</sup>, habitado por povos de diferentes tradições, crenças e valores. No “centro-sul predomina o Cerrado; no norte, a Floresta Amazônica e no sudoeste, o Pantanal”<sup>9</sup>.



*Ilustração 3 – Mapa Físico da região Centro-Oeste do Brasil.  
Fonte: SKYSCRAPERCITY, 2009.*

A região do Pantanal mato-grossense, composta por um conjunto de águas correntes e estáveis, representada por rios, córregos, lagoas e campos inundados, geologicamente é uma planície aluvial de formação recente. O leito sinuoso e curso instável dos rios formam um grande número de ilhas. Além do curso principal do rio Paraguai, as extensas áreas inundadas limitam-se às partes mais deprimidas do terreno, chamadas baías, que geralmente assumem formas circulares ou elípticas. *Paraguay*, no guarani, significa “*rio das palmas*”, referindo-se

<sup>8</sup> ESTADO de Mato Grosso. Cidades, Cuiabá, p. 1, 9 set. 2008.

<sup>9</sup> Id. Ibid.

as grandes palmeiras que margeiam o curso do Paraguai, rio que nasce no Brasil, atravessa terras paraguaias e desemboca no rio Paraná, perto da fronteira com a Argentina.

Os *campos alagados* do Pantanal sul mato-grossense, tornaram-se o *portal de entrada* de imigrantes europeus e latino-americanos em Mato Grosso, no final do século XIX e primeiras décadas do XX. Observando a foto, a seguir, tem-se a noção da dimensão e da exuberância do rio Paraguai e da região pantaneira, onde está localizada a cidade portuária de Corumbá, principal entreposto comercial entre Mato Grosso e os países do Prata, no período estudado.



***Ilustração 4 - Vista atual da cidade de Corumbá e do Rio Paraguai. Região considerada o “portal de entrada” de imigrantes em Mato Grosso, 2008.***

*Fonte: Wikipédia, 2008.*

Segundo Denise Bernuzzi de Sant’Anna, em seu trabalho sobre *usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901)*, “os elos entre a água e o ser humano

são ancestrais”<sup>10</sup>. Neste aspecto, pode-se dizer que o cotidiano dos moradores de Corumbá sempre esteve relacionado com as “águas” do rio Paraguai e sua “ancestralidade”. Uma cidade que nasceu e teve sua “história guiada por um eixo fluvial”<sup>11</sup> marcado por lutas, conflitos, perdas e vitórias de diferentes povos, culturas e etnias. Nesse “ponto de águas fronteiras” reuniram-se e dispersaram-se homens, idéias, projetos, mercadorias, notícias, expectativas, crenças e costumes.

Nestas regiões, guiadas por eixos fluviais, ocorreram o que Mary Louise Pratt chama de “zonas de contacto”, – “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, freqüentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação”<sup>12</sup>. Nesse sentido, o estudo sobre a movimentação de estrangeiros nos circuitos aquáticos de Mato Grosso, em tempo de livre navegação e de conexão comercial com os países do Prata, a partir da segunda metade do século XIX, permitiu abrir discussões acerca das tentativas da Província/Estado de Mato Grosso em estabelecer projetos de imigração e colonização na fronteira meridional mato-grossense, destacando-se as antigas “zonas” de litígios e conflitos com a República Guarani<sup>13</sup>. Nesse aspecto, foi fundamental analisar medidas e estratégias imperiais de domínio, submissão e aldeamento de nações indígenas, localizadas nas linhas divisórias com a Bolívia e o Paraguai, como os *Guaicuru*, os

---

<sup>10</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *Cidade das águas: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes (1822-1901)*, São Paulo, Editora Senac de São Paulo, 2007, p. 293.

<sup>11</sup> Id. *Ibid.*, p. 27.

<sup>12</sup> PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru/SP, Edusc, 1999, p. 27. Pratt, “Ao utilizar termo “contato”, procura “enfatizar as dimensões interativas e improvisadas dos encontros coloniais, tão facilmente ignoradas ou suprimidas pelos relatos difundidos de conquista e dominação. Trata as relações entre colonizadores e colonizados, ou viajantes e “visitados”, não em termos de separação ou segregação, mas em termos de presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, freqüentemente dentro de relações radicalmente assimétricas de poder”, p. 37.

<sup>13</sup> As terras paraguaias ficaram conhecidas como “terras guaranis” ou “República Guarani” devido a sua população descender da mestiçagem entre índios guaranis e os conquistadores espanhóis. A ação colonizadora das missões jesuíticas, que permitiu a sobrevivência de grande proporção de índios guaranis e o semi-isolamento do Paraguai depois da Independência, conferiram ao país um caráter étnico, peculiar, que o diferencia nitidamente de outras nações latino-americanas. É uma das mais homogêneas da América Latina, do ponto de vista étnico. A característica mais marcante da cultura paraguaia é a persistência da tradição guarani, entrelaçada com a hispânica. Embora as publicações periódicas em guarani sejam pouco numerosas, a maioria da população conhece os dois idiomas. O guarani é empregado como linguagem doméstica e o espanhol na vida oficial e comercial. Reconhecendo os costumes e as tradições desse país, o governo paraguaio oficializou os dois idiomas: o espanhol e o guarani.

*Guató, os Guaná, os Xamacoco, os Kaiapó e os Bororo da Campanha*<sup>14</sup>, visando o povoamento de zonas limítrofes de Mato Grosso, numa política de concessão de terras devolutas a nacionais e estrangeiros que viessem, “espontaneamente”, a estabelecerem-se nessas terras, onde políticas do Império pautou-se em “aterrar” uns para “desterrar” outros.

O registro da presença de italianos, na fronteira do sul de Mato Grosso, desde o período que antecede a Guerra do Paraguai, constituiu-se em uma das particularidades desse estudo, principalmente quando homens, mulheres e crianças, de nacionalidade italiana, vivenciaram conflitos em terras mato-grossenses, no período da Guerra do Paraguai. Foi o caso dos comerciantes, Nicola Canale, Thomaz Deluque, Manoel Bianchi, Vicente Solari e de outros italianos que presenciaram a invasão das forças paraguaias em Corumbá, em janeiro de 1865<sup>15</sup>. Após o período sob domínio guarani, esses italianos e outros estrangeiros que residiam naquela vila portuária, alguns acompanhados de suas esposas e filhos, entre confrontos e negociações foram deportados para o Paraguai e, posteriormente, à Itália. Ao término desse conflito, têm-se notícia que italianos retornaram a cidade de Corumbá, reconstruindo suas vidas e dando continuidade aos seus negócios.

O *Memorandum de Manoel Cavassa* constituiu-se em importante fonte de referências sobre os comerciantes italianos que residiam em Corumbá, naquele período. Esse documento, elaborado pelo comerciante português Manoel Cavassa, foi enviado, em 1894, ao governo brasileiro, solicitando indenização de perdas financeiras sofridas, durante o episódio da guerra do Paraguai, em terras mato-grossenses. Cavassa radicou-se na nascente Vila de Corumbá, no ano de 1857. Embora tivesse nascido em Lisboa, por ter pai italiano e ter sido criado sob a tutela da nação sarda, após ficar órfão aos sete anos de idade, considerou-se e sempre foi considerado como “italiano”. O *Memorandum*, escrito em forma de depoimento,

---

<sup>14</sup> MATO GROSSO. *Ofício do Director Geral dos Indios da Provincia de Mato Grosso*, dirigido ao Ministro de Estado dos Negocios do Imperio, 2 de dezembro de 1848. In: Album Gráfico de Matto-Grosso, p. 94.

<sup>15</sup> CAVASSA, Manoel, *Memorandum de Manoel Cavassa*, apresentação e notas Valmir Batista Corrêa e Lúcia Salsa Corrêa, Campo Grande, Editora da UFMS, 1997, p. 20-21.

publicado em 1997, relata detalhes importantes sobre a invasão paraguaia em Mato Grosso e as vicissitudes enfrentadas na Guerra da Tríplice Aliança, por Cavassa e seus familiares, destacando a luta de italianos e de outros imigrantes que residiam nesta vila, evidenciando relações de submissão e negociação frente as forças guaranis instaladas em Corumbá, entre 1865 e 1867.

As experiências vividas por nacionais e estrangeiros, em território “invadido” pelos paraguaios no Mato Grosso, suscitou indagações acerca dos problemas de comunicação e limites territoriais enfrentados pela Província desde a época colonial. As lutas e estratégias políticas do governo mato-grossense, em busca de uma via de acesso fluvial aos países do Prata e à capital do Império brasileiro, proporcionou, ao presente estudo, importantes discussões relacionadas a crescente vinda de imigrantes. Mediante o bloqueio da navegação fluvial e, conseqüentemente, o desabastecimento da região, foi possível conhecer a situação de penúria enfrentada pela população mato-grossense, durante a guerra do Paraguai, bem como a epidemia de *varíola* que dizimou parte da população cuiabana e de povoações ribeirinhas de Mato Grosso, em 1867.

O fim da guerra e a reabertura da navegação do Prata, trouxe novas perspectivas ao comércio de Mato Grosso, destacando a cidade portuária de Corumbá como principal entreposto comercial da região e de movimento singular de povos de diferentes etnias, culturas e nacionalidades. A instalação de casas comerciais, de importação e exportação, por nacionais e estrangeiros em Mato Grosso, após a Guerra da Tríplice Aliança, transformou essa região central do Brasil e da América Latina em grande frente de investimentos. Gilberto Luiz Alves, em seu *ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro* em Mato Grosso, considera que a casa comercial “dominou a

vida econômica e política do Estado até fins da década de 20<sup>16</sup>. Para Alves, no período pós-guerra, estavam criadas as condições para o comerciante mato-grossense transformar-se no “homem cosmopolita que manteve contatos estreitos com os principais centros brasileiros, platinos e europeus”<sup>17</sup>.

Segundo Virgílio Corrêa Filho, naquela época o rio Paraguai tornou-se freqüentado por navios estrangeiros, proporcionando a circulação de “forasteiros” que, de Montevideú e Buenos Aires decidiam navegar “água acima”, até Corumbá, Cáceres e Cuiabá, quando muitos italianos vieram para estas terras a fim de trabalhar ou investir no setor comercial da região. A cidade de Corumbá ficou conhecida como o “empório comercial da província”, pois abrigava, em seu porto, todo o movimento de embarcações, passageiros e mercadorias oriundas do rio da Prata. Antes de seguir viagem para as diferentes cidades e vilas portuárias de Mato Grosso, as embarcações passavam pelo serviço alfandegário deste lugar, onde suas bagagens e mercadorias eram vistoriadas<sup>18</sup>.



*Ilustração 5 – Porto Geral de Corumbá.*

Fonte: AYALA & SIMON, 1914.

<sup>16</sup> ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso e a história: 1870-1929 (Ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro)*. In: BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, n. 61, USP, 1985, p. 33.

<sup>17</sup> Id. *Ibid.*, p. 32.

<sup>18</sup> CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/MEC, 1969, p. 113.

Ao acompanhar andanças de italianos no Brasil, Franco Cenni, em sua obra *Italianos no Brasil - Andiamo in Mérica*, discute o fenômeno errante desses estrangeiros, considerando que sua presença não limitou-se às regiões sul e sudeste, mas estendeu-se, também, a outros estados brasileiros. Mesmo estados mais longínquos, onde não havia uma política específica de trabalho e colonização, receberam em seus territórios, voluntariamente, imigrantes italianos e de outras nacionalidades. Segundo Cenni, nas regiões de Mato Grosso e do Amazonas, a época do “esplendor da borracha” espalhou, em seu interior, comerciantes, agrimensores, engenheiros e numerosos vendedores ambulantes italianos<sup>19</sup>.

As páginas de “Anuncios” do *Album Graphico do Estado de Matto-Grosso*<sup>20</sup>, publicado em Hamburgo, no ano de 1914, permitem melhor apreender o funcionamento e as atividades desenvolvidas pelas principais casas comerciais instaladas em Mato Grosso, o que evidencia o movimento comercial dessa região. As folhas de propagandas do referido *Album* indicam que a maioria dos anúncios das casas comerciais pertencia a comerciantes estrangeiros de diferentes nacionalidades. Nessa obra, encontra-se a propaganda da *Casa Importadora e Exportadora Ângelo Rebuga & Irmão*, de propriedade dos irmãos italianos Ângelo e Francisco Rebuga, caracterizando-a como “Casa Importadora de 1ª ordem com relações directas nas principaes praças do Brasil e do Rio da Prata e de Exportação especialmente de couros vaccuns e crina”. Essa firma, fundada em 1908, na vila fluvial de Miranda, localizada no sul do Estado de Mato Grosso, na confluência dos rios Nioaque e Miranda, estabelecia ligação com a cidade de Corumbá, através da navegação a vapor, pelos rios Aquidauana e Paraguai. No referido anúncio, ainda encontra-se comentário sobre as atividades desenvolvidas por estes italianos na região:

Nas suas fazendas “PASTINHO” e “BOCAINA” dedicam-se à criação de gado vaccum e suino de alta mestiçagem. Na quinta da residencia particular do socio capitalista [Ângelo Rebuga] a firma mantém um

---

<sup>19</sup> CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. 3ª Ed., São Paulo, Edusp, 2003, p. 197.

<sup>20</sup> AYALA, S. Cardoso; SIMON, F. *Album Graphico de Matto-Grosso*, Corumbá/Hamburgo, s/ed., 1914, Anexo LVIII.

bem cuidado campo de experimentação para a lavoura, empregando machinas modernas, aratorias, de irrigação e de sulfatagem: dedicam-se com preferência à flori-, horti- e fruticultura, bem como às experiências quanto à aclimatisação de plantas exóticas<sup>21</sup>.



*Ilustração 6 – Foto do interior da Casa Importadora e Exportadora ANGELO REBUA & IRMÃO, localizada na Praça Presidente Murtinho, na cidade de Miranda-MS. FONTE: AYALA & SIMON, 1914.*

Assim como os irmãos Rebuca, através do caminho das águas do Prata, navegando rio acima e rio abaixo, outros italianos foram aos poucos chegando e fixando moradia em cidades, vilas e povoados localizados às margens dos rios Paraguai, Cuiabá, Miranda, Nioaque e Aquidauana, estabelecendo contatos com diferentes culturas, etnias, tradições e modos de vida. Entre “experimentações”, adaptações e empreendimentos diversos, os italianos que vieram para os rincões mato-grossenses começaram a vida desenvolvendo diferentes atividades profissionais, como o *mascate fluvial* José Dulce; o *exportador de couro vacuum* Thomaz Deluque; o *comerciante* Santiago Solari; o *pecuarista* Vicente Anastácio; os *alfaiates* Fioravante Barbieri e Eduardo Cerzósimo; os *construtores* Giuliano Capriata, João e José Sardi; os *funileiros e serralheiros* José e Francisco Lotufo; o *agrimensor* Saturnino Nicola Maiolino; o *carpinteiro* Henrique Sempri; o *padeiro* Francisco Sogari; os *mecânicos*

---

<sup>21</sup> AYALA; SIMON, op. cit.

Fortunato e Ermette Ricci; o *carroceiro* Giuseppe Fragelli; o *fabricante de bebidas* Antonio Mandetta; o *estaleiro* Ernesto Puccini; o *latoeiro* Francisco Schiffini; o *sapateiro* Frederico Scarselli; o *oleiro* Domênico Giordano; o *relojeiro* Olimpio Carletti; o *produtor e exportador de borracha* Francisco Orlando e muitos outros. Enfim, construindo, consertando, fabricando ou vendendo de tudo um pouco, esses imigrantes deixaram suas marcas em diferentes espaços urbanos de Mato Grosso. A maioria desses imigrantes, antes de estabelecer-se definitivamente em Mato Grosso, passou por períodos de trabalho e/ou experiência profissional em terras platinas, sobretudo na capital da Argentina e do Paraguai.

Sendo assim, considerei frutífero adotar um enfoque histórico que pudesse acompanhar o modo como ocorreram encontros, desencontros e adaptações entre habitantes do Velho Mundo com a população mato-grossense, constituída por brancos, negros, índios e mestiços. Buscando interpretar necessidades, interesses e expectativas que envolveram contatos e influências entre italianos e naturais da terra, na esfera da sociabilidade, intelectualidade e afetividade, pude compreender por que a sociedade mato-grossense, em sua multiplicidade sócio-cultural, “veio a ser o que é; como todas essas coisas puderam acontecer e encontrar-se aí”.<sup>22</sup> Nessa perspectiva, ao buscar apreender dimensões e significados dessa realidade sócio-cultural, as discussões de Gadamer, sobre a reflexividade que caracteriza o espírito moderno diante da interpretação histórica, contribuiu à compreensão relativa sobre o aspecto peculiar da imigração italiana para o Mato Grosso.

A presença voluntária de italianos na Província/Estado de Mato Grosso, ao ser entendida como manifestação de um movimento migratório transoceânico, de dimensões até então desconhecidas, pela sua própria particularidade histórica, requer um estudo mais aprofundado e reflexivo. Teve como característica principal a vinda de imigrantes *solteiros*,

---

<sup>22</sup> GADAMER, Hans-George. *O problema da consciência histórica*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 23. Segundo Gadamer, “a verdadeira intenção do conhecimento histórico não é explicar um fenômeno concreto como caso particular de uma regra geral [...] Seu verdadeiro objetivo - mesmo utilizando-se de conhecimentos gerais - é antes compreender um fenômeno histórico em sua singularidade, em sua unicidade”.

pela rota do Prata, oriundos da *Itália Meridional*, principalmente das regiões da *Calábria*, *Basilicata* e *Campânia*, constituindo famílias com mulheres mato-grossenses e dedicando-se ao ramo de comércio de importação e exportação nas principais cidades portuárias de Mato Grosso: Corumbá, Cáceres e Cuiabá, e também, nas vilas fluviais de Nioaque, Aquidauana e Miranda. Na nascente cidade de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul<sup>23</sup>, observa-se a chegada de italianos somente a partir das primeiras décadas do século XX.

No final do século XIX e primeiras décadas do XX, pequenos proprietários do sul da Itália, sobretudo calabreses de Cosenza, destacaram-se nesse movimento imigratório para o Mato Grosso. Era comum, naquela região italiana, a existência de pequenas propriedades administradas por grupos familiares, e quando estas terras não ofereciam mais recursos para a sobrevivência do grupo, seus integrantes decidiam partir para outros lugares em busca de melhores condições de vida<sup>24</sup>.

A Itália Meridional, formada pelas regiões de *Abruzzo*, *Molise*, *Puglia*, *Basilicata*, *Calábria* e *Campânia*, desde o período da *Grande Imigração* é subdividida em províncias e comunas, sendo cada região a por um *consiglio regionale*, conforme divisão apresentada no mapa e quadro da nação italiana:

---

<sup>23</sup> Campo Grande tornou-se capital do Estado de Mato Grosso do Sul, após a divisão do Estado de Mato Grosso, em 11 de outubro de 1977.

<sup>24</sup> ALVIM, Zuleika M. F. *O Brasil italiano (1880-1920)*. In: FAUSTO, Bóris, (org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*, São Paulo, Edusp, 1999, p. 396.



*Ilustração 7 – Mapa da Itália, formado pelas vinte regiões, destacando a Itália Meridional, constituída pelas províncias de Abruzzo, Molise, Puglia, Basilicata, Calábria e Campania.*

Fonte: Wikipédia, L'enciclopedia Libera, 2009.

**QUADRO I – Itália Meridional, segundo as regiões, províncias e capitais**

REGIÃO	CAPITAL	PROVÍNCIAS
<b>Abruzzo</b>	L'Aquila	Chieti, L'Aquila, Pescara, Teramo
<b>Molise</b>	Campobasso	Campobasso, Isérnia
<b>Puglia</b>	Bari	Bari, Barletta-Andria-Trani, Bríndisi, Lecce
<b>Basilicata</b>	Potenza	Matera, Potenza
<b>Calábria</b>	Cantazaro	Cantazaro, Cosenza, Crotone, Reggio Calábria, Vibo Valentia
<b>Campania</b>	Nápoles	Avellino, Benevento, Caserta, Nápoles, Salerno

Fonte: Wikipédia, L'enciclopedia Libera, 2009.

Para Abdelmalek Sayad, “a imigração, em cada uma de suas formas, ou cada uma de suas “idades”, repercute sobre as condições que estiveram na origem da emigração na fase anterior e, assim, contribui para suscitar uma nova categoria de emigrantes e de imigrantes”<sup>25</sup>. Para este autor, a imigração de solteiros tornou-se quase uma lei de todos os movimentos migratórios, principalmente pelas vantagens que traz. O ritmo alternado das partidas voluntárias para a imigração e das possibilidades de retorno à terra de origem atribuem, ao processo histórico migratório, aspecto de fenômeno rotativo, o que só diz respeito aos homens só “e não às mulheres e às crianças, posto que a emigração das famílias acompanha, sempre com um atraso, a emigração dos trabalhadores e, prioritariamente aos homens jovens, na força da idade”.<sup>26</sup> Assim, a temporalidade de europeus em diferentes ambientes de imigração na América, no período em foco, foi uma realidade e só tornou-se possível para imigrantes desacompanhados.

A predominância de imigração de homens solteiros foi uma característica do fenômeno imigratório transcontinental dos europeus para a América, durante todo este período. Sobre esta particularidade, Herbert Klein, em seus estudos sobre a migração internacional na história das Américas, considera que, no período entre 1880 e 1915, “grande parte dessa migração era a tradicional, composta em sua maioria de jovens adultos do sexo masculino em busca de emprego temporário ou permanente no país de recepção”<sup>27</sup>, acrescentando:

O ritmo da migração europeia intensificou-se durante o último quartel do século XIX e atingiu seu pico nas primeiras duas décadas do século XX. Entre 1881 e 1915, cerca de 31 milhões de imigrantes chegaram às Américas. Mais uma vez, como no período anterior a 1880, os Estados Unidos eram o principal país de recepção, recebendo 70% desses imigrantes. O segundo lugar em

---

<sup>25</sup> SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp, 1999, p. 18

<sup>26</sup> Id. Ibid, p. 64.

<sup>27</sup> KLEIN, Herbert. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Boris, (org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*, São Paulo, Edusp, 1999, p. 23.

importância, porém, não era o Canadá, que recebeu apenas 2,5 milhões, mas dois países latino-americanos: a Argentina, com 4,2 milhões, e o Brasil, com 2,9 milhões de imigrantes. Houve mesmo uma importante migração pós-independência para Cuba, no século XX, de cerca de 379 mil imigrantes espanhóis <sup>28</sup>.

No Brasil, de um modo geral, prevaleceu a demanda de famílias de imigrantes para o trabalho nas lavouras de café, no estado de São Paulo e em regiões de colonização do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No entanto, também ocorreu a vinda de muitos homens *sozinhos*, fossem solteiros ou casados, em busca de trabalho no território brasileiro. Apesar das variações, no que diz respeito ao perfil do imigrante e às exigências de mão-de-obra estrangeira em diferentes regiões brasileiras, o fluxo migratório de jovens trabalhadores estrangeiros foi o padrão dominante antes e pós-1880. Dentre os imigrantes europeus que se dirigiram para o território brasileiro, no período entre 1870 a 1920, numericamente o grupo mais expressivo foi o italiano. Nesse período, o Brasil recebeu cerca de 1,4 milhões de italianos, representando 42% do total de 3.330,188 imigrantes, de diferentes nacionalidades, com destino a regiões brasileiras<sup>29</sup>. A par dos diversos estudos realizados sobre a presença italiana em várias regiões do Brasil, numérica e qualitativamente pode-se dizer que esse grupo é quase considerado, para a maioria de seus habitantes, como “o imigrante”, devido as influências, contribuições e marcas deixadas por essa nacionalidade, nas metrópoles do sul e sudeste brasileiro.

De acordo com os estudos sobre a imigração italiana para o Brasil, realizados por Zuleika Alvim, as regiões sul e sudeste do Brasil, entre 1870 e 1890, receberam em seus territórios grandes famílias de meeiros, arrendatários e pequenos proprietários italianos. Essas famílias eram numerosas e compostas, em sua maioria, por dois ou três homens, acompanhados de suas mulheres, filhos e netos, oriundos da região de Vêneto, nordeste da

---

<sup>28</sup> KLEIN, op. cit., p. 25.

<sup>29</sup> ALVIM, op. cit., p. 383.

Itália, tendo como anseio a aquisição de terras no Brasil. No entanto, após 1890, passou a predominar a vinda de famílias menores e de homens sozinhos, aumentando a participação dos *italianos meridionais*:

Aportam, então, em maior número, pessoas do campo, miseráveis, sem qualquer bem que lhes pudesse facilitar a vida no novo país. Eram os *braccianti* (trabalhadores braçais) cujo único capital estava na própria força de trabalho. Nessa segunda fase, chegam muitos homens sozinhos. Eram sobretudo calabreses, que após a colheita do café ou voltavam à Itália ou partiam para a Argentina para a colheita do trigo, que não coincide com o café<sup>30</sup>.

Michael Hall, ao analisar a qualidade de vida e trabalho de italianos nas lavouras de café no Oeste paulista, comenta que “um dos indicadores mais significativos de quanto eram desfavoráveis as condições para os imigrantes em São Paulo é o grande número dos que deixavam o Estado, indo geralmente para a Argentina ou regressando a Itália”<sup>31</sup>. Para Hall, o movimento de saída de trabalhadores de áreas cultiváveis de São Paulo, em direção aos países do Prata e/ou para suas regiões de origem, não poderia ser comparada a “uma imigração sazonal como a da Argentina, já que a cultura do café não se prestava a esse arranjo”, sendo que o abandono dessas áreas ocorreu devido às precárias condições e relações de trabalho existentes nas fazendas de café paulistas. Entretanto, o fato da colheita na Argentina não coincidir com as do Brasil e da Europa, facilitou esse movimento de ir e vir de imigrantes europeus na região do rio da Prata, com peso maior para os italianos, tratando-se, em essência, de um movimento migratório autônomo entre um país e outro. Essa rotatividade produtiva entre Brasil e Argentina e, também, entre os dois hemisférios, norte e sul, ensejou a chamada “inmigración golondrina”.

---

<sup>30</sup> ALVIM, op. cit., p. 396.

<sup>31</sup> HALL, Michael M. *Trabalhadores Imigrantes*. Série Trabalhadores, Campinas, Secretaria da Cultura e Turismo de Campinas, 1989, p. 12.

A historiadora argentina Alicia Bernasconi, pesquisadora do *Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos*, em sua análise sobre os italianos na Argentina, neste mesmo período, sinaliza o caráter temporário e espontâneo desse movimento de imigrantes no Prata, destacando que “a preferência dos italianos pelo Brasil em vez da Argentina tem caráter episódico e aparece centrada nos anos de pico: 1888, 1891 e 1895; representa, em geral, um destino alternativo”.<sup>32</sup> Segundo dados estatísticos apresentados por Bernasconi, mais de dois milhões de italianos embarcaram para a Argentina, nesse meio século analisado, sendo que “um pouco menos da metade deixou o país para retornar ou para reemigrar”<sup>33</sup>.

Diante disso, para compreender a imensa rede internacional de migrações, criada por interesses relacionados à expansão da produtividade no Novo e Velho Mundo, sem o recurso exclusivo a trabalhadores africanos escravizados, no período das Grandes Migrações entre 1890 a 1930, é importante conhecer as características do êxodo italiano. O historiador João Fábio Bertonha, em sua análise sobre maneiras como italianos conciliavam saídas e retornos de suas aldeias e regiões de moradia, e como conseguiam manter relacionamentos com a própria Itália, observa:

Em linhas gerais, eles eram homens sozinhos e iam para fora da Itália com a firme intenção de retornar para a sua aldeia natal, com a qual mantinham vínculos fortes, ali deixando mulheres, filhos e amigos e aplicando o dinheiro amealhado durante o trabalho no exterior. Criou-se assim um verdadeiro sistema em que as mulheres ficavam em casa, cuidando das propriedades familiares e dos filhos, enquanto os homens partiam ao menos alguns períodos de trabalho no exterior, voltando posteriormente para casa e partindo outra vez, nem sempre para o mesmo destino, em busca de trabalho e salários<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> BERNASCONI, A. *Imigrantes italianos na Argentina (1880-1930): uma aproximação*. In: FAUSTO, B. *Fazer a América*, p. 61.

<sup>33</sup> Id. *Ibid.*

<sup>34</sup> BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo, Contexto, 2005, p. 100.

Percebe-se que, por estarem desacompanhados, aqueles imigrantes tinham facilidades de deslocamentos, dando-lhes maior liberdade para aventurarem-se em diferentes lugares. No caso dos italianos, muitos estenderam seus itinerários, obtendo, assim, diversificadas experiências de trabalho e/ou convivências, antes de tomarem a decisão, entre idas e vindas, de retornarem ou não para a Itália.

Outro aspecto que envolvia essa condição do imigrante desacompanhado era a possibilidade dos mesmos realizarem migrações a longa distância. Para isso, numa espécie de cadeia migratória, formada por parentes, amigos e conterrâneos já estabelecidos em diferentes países, cidades e regiões, facilitaram contatos e informações de ambientes imigratórios mais distantes, antes mesmo da partida de seus lugares de origem.

A emigração, como fenômeno característico e duradouro da vida de italianos e demais europeus empobrecidos, alcançou proporções numéricas significativas, correspondendo à demanda global por mão-de-obra nesse período. Apesar dos contingentes italianos serem constituídos, geralmente, por trabalhadores pobres, em busca de trabalhos inexistentes em suas áreas de origem, nas regiões mais longínquas da América, a presença de comerciantes, artistas e intelectuais italianos na América Latina sempre foi uma constante, sobretudo na região do rio da Prata (Argentina e Uruguai)<sup>35</sup>. Foram esses imigrantes que vieram para o Mato Grosso, em sua maioria com recursos próprios para investirem em negócios promissores no ramo comercial de importação e exportação, nas suas regiões de fronteira, estendendo seus projetos e itinerários em processos de imigração e reemigração na bacia do Prata, acabando por atingirem/alcançarem terras mato-grossenses.

Em 1882, o jornal *O Iniciador*, de Corumbá, publicou o anúncio do italiano Olimpio Carletti, que acabara de estabelecer-se nesta cidade, com “oficina de relojoeiro”, mas que também emprestava “dinheiro sobre garantia de fiança idônea por módico prêmio”. Esse registro evidencia a categoria de imigrantes que veio para Mato Grosso, munida de “pouco”

---

<sup>35</sup> BERTONHA, op. cit.

ou “muito” dinheiro para “aplicar” em negócios ou realizar “empréstimos”, almejando alcançar ganhos e recompensa financeira nessa região. Para Nestór García Canclini, em seus estudos sobre o *mercado e interculturalidade na América Latina*, ao distinguir, nesse período, a imigração voluntária “daquela causada por violência, perseguição política ou guerra”, considera conveniente destacar, nessas diferenças, etapas e motivações desse movimento: “o impacto de cada conjunto migratório, que resulta do volume de deslocados, de sua capacidade econômica e nível educacional, que facilitam ou dificultam sua influência no país receptor”<sup>36</sup>.

Seguindo a dinâmica da presença italiana em terras de Mato Grosso ligada à imigração européia dirigida aos países do Prata, esse estudo vem ampliar discussões sobre os fenômenos migratórios ocorridos no Brasil e na América, em seus diversos eixos de deslocamentos e pólos de atração, na passagem do século XIX a XX. Com relação a essa particularidade temática, Bóris Fausto, ao analisar a imigração em massa para o continente americano, nesse período, considera que, nos últimos anos, diante das múltiplas possibilidades de abordagens sobre o assunto, “o fenômeno migratório surgiu como terreno particularmente fecundo, ao abrir caminho para a elucidação do comportamento dos agentes sociais, despertando também questões em torno das sensibilidades”<sup>37</sup>.

Desde os estudos anteriores sobre os italianos na capital mato-grossense, a exigüidade de abordagens, fontes e/ou referências sistemáticas acerca desta presença estrangeira na região, foi uma realidade sempre enfrentada. O desafio de apreender rastros e vestígios desses imigrantes, resultando em novas perspectivas para estudar essa realidade, constituiu-se em fator de insistência e prosseguimento dessa abordagem temática, ainda singular na historiografia mato-grossense.

A localização da documentação eclesiástica, pertencente ao arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, abriu outras possibilidades à investigação histórica acerca da

---

<sup>36</sup> CANCLINI, Nestór García. *A globalização imaginada*. São Paulo, Iluminuras, 2003, p. 72.

<sup>37</sup> FAUSTO, Boris. *Fazer a América*, São Paulo, Edusp, 1999, p.12.

presença italiana na Província/Estado de Mato Grosso. *Os Autos de Habilitação Matrimonial e de Justificação do Estado de Solteiro*, dirigidos ao Juízo Eclesiástico de Cuiabá, trouxeram importantes contribuições em relação a vida pregressa dos italianos que constituíram famílias em Mato Grosso, casando-se com mulheres mato-grossenses. Esses inventários matrimoniais, exigidos pela Igreja Católica na Província/Estado de Mato Grosso, no período de 1827 a 1931, evidenciam a preocupação desta em preservar a integridade de sua comunidade paroquial, ao desenvolver um sistema de averiguação do estado civil dos indivíduos imigrados para estas terras, antes do evento nupcial.

Movida pelas informações inéditas de tais documentos, no sentido de estarem, ainda, por serem analisados, empenhei-me em buscar esse material nos arquivos do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso/NDIHR, inaugurando um diálogo sistemático com essas valiosas fontes históricas. O contato com essas evidências incentivou, também, a dar continuidade aos estudos já realizados no Mestrado sobre *o viver, o fazer e as experiências dos italianos na cidade de Cuiabá, entre 1890 a 1930*, estendendo esta análise à Província/Estado de Mato Grosso como um todo.

O *Auto de Justificação do Estado de Solteiro* do imigrante Francisco Dansa, natural de Nápoles, Província de Basilicata, na Itália Meridional, foi o registro de casamento mais antigo que consegui localizar. Nesse documento Francisco Dansa, ao pedir licença para casar-se declarou ao *Arcebispo Metropolitano da Archidiocese de Cuyabá*, no ano de 1863, que saiu "do lugar de sua naturalidade com a idade de vinte e cinco annos, viajou para esta Província, onde tem residido desde o *anno de 1860* até hoje conservando-se em estado de solteiro, sem fama ao contrário"<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> Auto de Justificação do Estado de Solteiro de Francisco Dansa. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, 1863/Caixa 4 - Rolo 2, NEDHIR.

Outro italiano que já residia em terras mato-grossenses, no início da década de 1860, foi o comerciante genovês Thomaz Deluque. Este imigrante italiano deixou seu país de origem no ano de 1847, rumo aos países do Prata. Provavelmente, chegou nesta Província após o franqueamento do rio Paraguai, antes da Guerra da Tríplice Aliança, percorrendo o caminho das águas. Fixou moradia na nascente cidade de São Luiz de Cáceres, localizada na fronteira sudoeste de Mato Grosso, antiga Villa Maria do Paraguay<sup>39</sup>, conforme registro do Juízo Eclesiástico de Cuiabá do ano de 1863:

Diz Thomaz Deluque, filho legítimo de Luca Deluque e D. Josefa Deluque, natural da cidade de Genova na Itália e residente hoje em *Villa Maria*, que, achando-se contratado para se casar com D. Nimpha d'Araújo e Costa, filha legítima do finado José da Silva e Costa, e dona Anna d'Araújo e Costa, e sendo para este fim necessario justificar o seu estado livre, vem rogar a V. Rvma. a graça de admittil-o a essa justificativa para o que apresento como testemunho os senhores [italianos] Paschoal Ordano, e Sebastião Vichine. [...] Que tendo sahido de sua terra natal no anno de 1847, com 19 annos de idade, para a capital da Argentina e della para esta Provincia<sup>40</sup>.

O conjunto de informações contidas nesses registros paroquiais apontaram direções e caminhos significativos à pesquisa, estudo e reflexão sobre os italianos em Mato Grosso, permitindo pensar e repensar as particularidades desse fenômeno imigratório ocorrido em terras mato-grossenses. Nesse sentido, foi possível surpreender origens, trajetórias e destinos desses imigrantes, bem como suas práticas matrimoniais endo/exogâmicas, numa perspectiva de apropriação e reapropriação de espaços, constituídos/reconstituídos por relações sociais e

---

<sup>39</sup> A cidade de Cáceres, a antiga Villa Maria do Paraguay foi fundada em 1778 pelo Governador e Capitão-General de Mato Grosso Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. Foi elevada à Vila em 1859 e à categoria de cidade, com o nome de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao padroeiro e ao fundador da cidade. Nessa época a cidade contava com 8 mil habitantes e o município com 15 mil, sendo Barra do Bugres e Taquaral suas principais povoações. Em 1938, o município passou a chamar-se apenas Cáceres.

<sup>40</sup> Auto de Justificação do Estado de Solteiro de Thomaz Deluque. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, 1863-1864/Caixa 4 - Rolo 2/NEDHIR.

culturais de italianos na Província/Estado de Mato Grosso, no final do século XIX e primeiras décadas do XX.

Para complementar as informações encontradas nos *Autos de Habilitação Matrimonial*, foi imprescindível revisitar o acervo documental do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso/APEMT e das bibliotecas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de Mato Grosso e do Rio de Janeiro. Após longa peregrinação nesses arquivos públicos e diligente pesquisa em diferentes fontes e registros históricos de Mato Grosso, consegui, aos poucos, reunir uma documentação diferenciada, porém expressiva sobre o assunto.

Nessa perspectiva, só foi possível conhecer particularidades do fluxo imigratório de italianos para as diferentes regiões da Província/Estado de Mato Grosso, no período de 1856 a 1914, após realizar longo trabalho de pesquisa, coleta de dados e cruzamento de informações a respeito de suas origens, destinos e época de chegada em terras mato-grossenses. O minucioso levantamento individual e familiar de imigrantes italianos em Mato Grosso, a partir de dados eclesiásticos, memorialistas, depoimentos, jornais, relatos de viajantes, registros e relatórios oficiais, resultou na composição de um fluxograma sobre o movimento de italianos que fixaram moradia nas principais cidades e vilas mato-grossenses nesse período. O compulsar desses documentos, até então impensáveis, permitiu construir outras abordagens históricas sobre o grande fenômeno da imigração que substitui o da diáspora africana.

Pela diversidade de registros históricos foi necessário realizar um trabalho de cruzamento de fontes e dados específicos sobre a presença estrangeira em Mato Grosso, com a finalidade de recompor particularidades das ações cotidianas dos italianos em diferentes espaços urbanos e regiões mato-grossenses, definindo o recorte cronológico e espacial desta pesquisa. Nesse sentido, a leitura de E. P. Thompson orientou a lidar com evidências dessa natureza, muitas vezes fragmentárias e enigmáticas, no sentido de procurar “extrair todas as

percepções possíveis sobre as normas e as sensibilidades de uma cultura perdida”<sup>41</sup>. Conforme este estudioso, “nunca teremos uma visão panorâmica até que todas as cortinas sejam abertas e as perspectivas se cruzem”<sup>42</sup>.

Sendo assim, para compor a última parte desse trabalho, procurei, através de depoimentos de descendentes mais próximos de imigrantes italianos em Mato Grosso, como filhos e netos, conhecer significados subjetivos das experiências de emigração/imigração vividas por seus antepassados. As informações obtidas, entre gerações sucessivas desses imigrantes que constituíram família em terras mato-grossenses, no final do século XIX e inícios do XX, contribuíram, de forma significativa, às reflexões acerca das condições que impulsionaram esses imigrantes a “abandonarem, temporária ou definitivamente, seus países e regiões, seus pertences, costumes, laços de parentesco”<sup>43</sup>.

Segundo Maria Antonieta Antonacci, em seus estudos sobre a imigração espanhola em São Paulo, o dialogar com testemunhos abre perspectivas de apreender ângulos de modos de vida e de trabalho, possibilitando “acompanhar as dramáticas e diferenciadas histórias que levaram homens, mulheres e crianças a se tornarem emigrantes, saindo de seus espaços, tempos, relações para desenvolverem formas de convivência em sociedade de imigração”<sup>44</sup>. Nesta perspectiva, procurei interpretar memórias e reminiscências de descendentes de italianos em Mato Grosso, numa combinação e articulação com outras evidências acerca dessa realidade, compreendendo, conforme Portelli, que a “História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um

---

<sup>41</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 308.

<sup>42</sup> Id. *Ibid.*

<sup>43</sup> ANTONACCI, Maria Antonieta. “Atravessando o Atlântico: memórias de imigrantes espanholas no fazer-se de São Paulo”. *Trajeto: Revista de História da Universidade Federal do Ceará*, Fortaleza, vol. 1, n. 2, 2002, p. 133.

<sup>44</sup> Id. *Ibid.*, p. 132.

mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo coerente depois de reunidos”<sup>45</sup>.

Os descendentes de italianos que imigraram para o Mato Grosso, pela rota do Prata, no período estudado, estão localizados, contemporaneamente, em diversos espaços urbanos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Para compor o presente trabalho selecionei depoentes residentes na capital mato-grossense, com idades entre 76 e 89 anos:

*Loíde Capriata*, professora primária, 76 anos, nascida em Santo Antonio do Leverger-MT, em 1932, neta do construtor italiano Giuliano Capriata, natural de Castelozzo, Província de Alexandria, região de Piemonte, na Itália Setentrional, que chegou a Mato Grosso em 1888. Sua entrevista ocorreu em 06/09/2006.

*Névio Lotufo*, comerciante e colecionador de automóveis e aparelhos telefônicos em Mato Grosso, 77 anos, nascido em Cuiabá, em 1931, filho do funileiro e serralheiro *José Lotufo*, natural da Província de Cosenza, região da Calábria, Itália Meridional, que chegou à capital mato-grossense em 1909. Névio Lotufo é, também, neto de *Giuliano Capriata*, por parte de mãe, Francisca Capriata Lotufo. Entrevista realizada no recinto comercial de vendas de bicicletas e acessórios ciclísticos, localizada na rua 13 de Junho, em Cuiabá, em 08/09/2006.

*Adélia Maiolino*, memorialista e cronista mato-grossense, 78 anos, nasceu em Cuiabá, em 1930, filha do agrimensor Saturnino Nicola Maiolino, natural de Papasidero, Província de Cosenza, região da Calábria, Itália Meridional, que chegou nesta capital em 1911. Adélia Maiolino, descendente de italianos e franceses, escreveu a obra memorialista *Álbum de Família: Gardés & Maiolino*, em 1985. Entrevista realizada em 07/09/2006.

---

<sup>45</sup> PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*, Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo EDUC, São Paulo, vol. 15, 1997, p. 16.

*Rina Ricci*, costureira, 89 anos, italiana, nascida em Imola, na Província de Bolonha, Itália Nordestina, imigrou para São Paulo, com dois anos de idade, no início da década de 1920 e reemigrou para o Mato Grosso, ainda criança, acompanhada de seus pais Fortunato Ricci, técnico industrial, e sua mãe Giuseppina Tampieri e dois irmãos menores, nascidos no Brasil. Entrevista realizada em 25/08/2006.

Sobre essa perspectiva de trabalho com testemunho de gerações sucessivas, a discussão de Thompson sobre a cultura e a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade foi fundamental. Para o autor, “as tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral”. Ainda que a vida social esteja em permanente mudança e cada geração sucessiva tenha um horizonte diferente, a aceleração e o distanciamento cultural “ainda não se interpôs de forma significativa no processo de transmissão de geração para geração”. Nisso, “as práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera diversificada dos costumes<sup>46</sup>.”

Thompson inspirou, também, os caminhos adotados no presente estudo, ao conceber sua proposta acerca da investigação e produção de conhecimento histórico, a partir da experiência histórica e da cultura, como possibilidade de reconstruir dimensões do fazer-se/refazer-se destes agentes sociais, levando em conta suas práticas sócio-culturais. Dessa forma, a presente abordagem acerca da trajetória de vida, práticas e ações cotidianas de italianos em Mato Grosso propõe-se a investigar as diferentes maneiras de como essas experiências imigrantistas foram elaboradas em termos culturais e incorporadas às tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais do viver e do fazer mato-grossense. As diferentes evidências de práticas e ações de imigrantes italianos, em terras mato-grossenses, forneceram importantes parâmetros interpretativos dessa realidade sócio-cultural, dando

---

<sup>46</sup> THOMPSON, op.cit., p.18.

suporte a abordagem histórica do presente estudo, influenciando, desse modo, seu caráter e contribuições.

Ao desenvolver o presente estudo pude compreender como novas redes de parentesco, formadas por italianos em Mato Grosso, passaram a sustentar, mais que novas relações de trabalho e de produção, conjuntos familiares com base em contratos de casamento sob controles internacionais, estabelecendo interações conjugais pautadas em padrões de família institucionalmente constituídos, controlando contatos sexuais, de gênero e de raça, de modo simultâneo à diversificação das perspectivas de trabalho, de conhecimento, de vida e de costumes, como da externalização de sensibilidades e afetos sob a égide de poderes da Igreja e do Estado. Emergiam as grandes linhagens em nome de uma família e de relações de propriedade, capitalizadas e sacramentadas em termos de crença e de fé da cristandade da civilização européia em expansão ao ocidente.

Nessa perspectiva, para melhor compreender dinâmicas dessa realidade sócio-cultural, este trabalho de pesquisa e considerações em torno de imigrantes italianos em terras mato-grossenses, ficou organizado em quatro eixos temáticos de discussão, conforme seus capítulos.

No Capítulo I, *Imigrantes em Mato Grosso: entre "mansos" e "bravios" nas alagadas fronteiras mato-grossenses*, analisa-se o fluxo de estrangeiros em Mato Grosso e as tentativas do governo provincial em estabelecer projetos de imigração e colonização na fronteira meridional de Mato Grosso, frente a uma política de dominação e subordinação dos povos indígenas da região.

No Capítulo II, *“Ao Anjo da Ventura”*: *italianos e portugueses na guerra e no caminho das águas*, procurou-se conhecer as estratégias da Província de Mato Grosso para estabelecer uma via de comunicação com países do Prata, através da livre navegação do rio Paraguai. Nesta perspectiva, acompanho experiências e trajetórias de imigrantes italianos e

portugueses, que chegaram em terras mato-grossenses pela rota do Prata, bem como suas lutas e conflitos vividos na época da invasão paraguaia (1865/1870), na fronteira mato-grossense.

No Capítulo III, *Italianos em tempo de livre navegação*, a partir da dinâmica do comércio e da livre navegação, após a Guerra do Paraguai, tentou-se apreender a trajetória e as experiências dos italianos nos diferentes espaços de Mato Grosso, destacando a cidade portuária de Corumbá, importante entreposto comercial da região meridional mato-grossense.

No Capítulo IV, *Da Itália ao sertão mato-grossense: “vendendo, construindo e consertando de tudo um pouco”*, a partir de depoimentos de descendentes de italianos que fixaram moradia em Mato Grosso, a preocupação foi desvendar experiências de emigração/imigração vividas por seus antepassados. Nessa perspectiva, compor particularidades do movimento de italianos para o Mato Grosso, destacando suas origens, destinos, uniões conjugais, relações de parentesco e atuações em diferentes ambientes de convivência e sociabilidades, foram questões que orientaram esse estudo.

## CAPÍTULO I

### IMIGRANTES EM MATO GROSSO: ENTRE “MANSOS” E “BRAVIOS” NAS ALAGADAS FRONTEIRAS MATO-GROSSENSES

*Seguindo a rota natural para a América do Sul: Montevideú, Buenos Aires, os irmãos Capriata aportaram primeiro a cidade de Assunção, posteriormente Corumbá e finalmente Cuiabá, onde passaram a primeira parte de suas vidas aqui no Brasil. Isto por volta de 1886. Domingos de Cuiabá passou para Corumbá e posteriormente para Porto Murtinho, onde viveu abastado, até sua morte em 1915. [...] Paulo viveu em Cuiabá e Corumbá, onde nasceram seus cinco filhos. [...] Giuliano, permaneceu em Cuiabá, e tendo residido alguns anos em Corumbá, onde nasceram três dos seus filhos. Tanto em Cuiabá como em Corumbá, teve uma vida cheia de grandes realizações como pedreiro de profissão que aprendeu com o seu pai. Marcos desse trabalho, ainda existem em abundância, nessas cidades. Morreu em Corumbá, em 1911.*

*(Élio Capriata, neto de Paulo Capriata, 1998)<sup>47</sup>*

---

<sup>47</sup> Élio Capriata, filho de Estevão Capriata e neto de Paulo Capriata e Maria Trifólia, reuniu informações a respeito da vinda de sua família no Estado de Mato Grosso e dados genealógicos da mesma. Tomando como ponto de partida seus avós Estevão Capriata e Maria Francisca Capriata, que nasceram e viveram na Itália, bem como a sua descendência no Brasil: filhos, netos e bisnetos dos italianos Domingos, Paulo e Giuliano Capriata que imigraram para terras mato-grossenses no final do século XIX. CAPRIATA, Élio. Os Capriata: relato da família no Brasil por Élio Capriata, 1998, p. 7. Mimeo.

O presente relato, escrito por Élio Capriata, aos 80 anos de idade, neto do italiano Paulo Capriata, que chegou à Província de Mato Grosso no final do século XIX, descreve, em poucas palavras, a trajetória de vida de seu avô e de seus irmãos Domingos e Giuliano Capriata. Oriundos da região de Piemonte, província da Alexandria, na Itália setentrional, antes de fixarem moradia em terras mato-grossenses, por volta de 1886, realizaram o périplo pelo rio da Prata, Paraná, Paraguai e Cuiabá. Era comum, nessa época, os estrangeiros, após transporem o oceano Atlântico, utilizarem a rota Montevidéu, Buenos Aires, Assunção, Corumbá e Cuiabá, para adentrarem em terras mato-grossenses.

No período de 1856 a 1914, a Província/Estado de Mato Grosso recebeu, em seu território, através da navegação fluvial, via bacia do Prata, imigrantes europeus de diferentes nacionalidades. Entre estes muitos italianos chegaram em terras mato-grossenses em busca de novas oportunidades de vida, juntaram-se a outros migrantes e imigrantes, em espaço de diferentes etnias, culturas, tradições e modos de vida.

A antiga Vila de Corumbá, localizada à margem esquerda do rio Paraguai, na região do Pantanal mato-grossense, surgiu como guarnição de fronteira no final do século XVIII, e prosperou<sup>48</sup>. Passou a exercer um novo papel, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, após o término da Guerra do Paraguai e o franqueamento da navegação do rio Paraguai, pois todas as vias fluviais convergiam para ela. Ao estabelecer ligação direta com Assunção, Buenos Aires e Montevidéu, Corumbá tornou-se importante núcleo comercial e urbano da região e de confluência significativa de povos e culturas. Como caminho obrigatório das embarcações com destino à capital mato-grossense, esta cidade constituiu-se

---

<sup>48</sup> De acordo com Simon e Ayala, a cidade de Corumbá, foi "fundada primitivamente em 21 de setembro de 1778 pelo Capitão-General Luiz de Albuquerque mais ao Sul, foi ella denominada Albuquerque, conservando-se alguns annos como simples destacamento militar, e transformou-se lentamente em povoação; em 1859 o Presidente da Província mandou remover a povoação para onde se acha agora a cidade de Corumbá, a qual invadida e occupada pelos paraguayos durante a guerra, achava-se, terminada a guerra, em ruína e quase despopulada, tomando então incremento tão grande que em 1877 contava com m.ó.m. 6.000 almas. Foi elevada a categoria de Vila em 6 de agosto de 1862" In: AYALA, S. Cardoso; SIMON, F. *Album Graphico de Matto-Grosso, Corumbá/Hamburgo*, s/ed., 1914, p. 325.

em ponto de passagem e estabelecimento de imigrantes que dirigiam-se para terras do centro do continente Sul-Americano.



*Ilustração 8 – Vista parcial do Porto da cidade de Corumbá.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

Assim como os Capriata, o carpinteiro italiano Henrique Sempri, também realizou o percurso do rio da Prata para chegar em Mato Grosso, passando pelo Pantanal mato-grossense e pela Vila de Corumbá. No ano de 1888, aos 20 anos de idade, Henrique Sempri deixou o lugar de seu nascimento, embarcando para a República da Argentina e permanecendo neste país até o ano de 1891, navegando *rio acima* chegou à cidade de Corumbá e, posteriormente, a Cuiabá. Na capital mato-grossense fixou moradia, onde desenvolveu o seu ofício e, no ano de 1899, contraiu matrimônio com a mato-grossense Maria Antonia Rodrigues.

Para cumprir as exigências do *Cartório da Câmara Eclesiástica de Cuiabá*, o noivo Henrique Sempri convidou o compatriota Giuliano Capriata para testemunhar, perante o Juízo Eclesiástico, o seu estado de solteiro. Em sua declaração, Giuliano Capriata, não só confirmou o estado civil de seu conterrâneo, como também deixou importantes informações acerca do itinerário realizado por ele, permitindo, através deste documento, reforçar os indícios de

deslocamentos, encontros e reencontros de imigrantes italianos nas regiões do Prata e fronteiras mato-grossenses. Conforme *Termo de Juramento* feito em 04 de janeiro de 1899:

Giuliano Capriata de 32 annos de idade, casado, natural do Reino da Itália, architecto, morador nesta cidade [...] respondeo que no anno de 1896, achando-se na cidade de *Corumbá*, elle encontrou-se com o justificante entretendo com ele relações de amizade, bem como com outros patricios, que lhe mereceu confiança, e que aqui pouco se demorarão, os quais juntos vierão do seu paiz natal, e por este soube que o mesmo justificante é o próprio Henrique Sempri, filho dos pais que declara em seu depoimento [Pedro Sempri e Ernesta Testorio] que deixou o lugar do seu nascimento em estado de solteiro, assim se conservando nos lugares que percorrêo e aqui nesta cidade, sem que nunca tivesse contrahido compromisso que o prive de se casar<sup>49</sup>.

A partir da segunda metade do século XIX, com a abertura da navegação do rio Paraguai, observa-se a entrada de italianos jovens e solteiros que passaram a desenvolver diferentes atividades nas principais cidades portuárias de Mato Grosso: Corumbá, Cáceres e Cuiabá. Os espaços urbanos e rurais desses municípios contaram com a presença de comerciantes, negociantes, artífices, construtores, marceneiros, funileiros, alfaiates, padeiros, artistas, agricultores e pecuaristas italianos que, além de residirem nessa região de difícil acesso e terem constituído famílias nesses lugares, mantinham vínculos de amizade e parentesco em sua comunidade de origem.

Para obter o *Auto de Justificação de Estado de Solteiro*, o imigrante deveria apresentar-se ao Juízo Eclesiástico de sua Comarca, acompanhado de três testemunhas, com residência fixa e que tivessem conhecimento de sua trajetória de vida. Diante das autoridades firmava o seu próprio juramento, conforme atesta outro *Termo de Juramento*, desta vez do alfaiate Fioravante Barbieri, a seguir:

---

<sup>49</sup> Auto de Habilitação Matrimonial de Henrique Sempri e Maria Antonia Rodrigues. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, 1899, Caixa 26, Rolo 19/NEDHIR.

Aos 18 de agosto de 1917: Respondeu chamar-se Fioravante Barbieri, solteiro de 27 anos de idade, filho legítimo de Caetano Barbieri e Josephina San Severo Barbieri, alfaiate, natural do Reino da Itália, Província de Cosenza, residente nesta capital; declarou que nasceu e batizou-se na paróquia de Cassano Al Sonio, em 25 de julho de 1890; que saiu de sua terra natal em 1909, vindo diretamente para o Brasil, desembarcando em Corumbá, neste Estado, em 1910 e depois para esta capital em fevereiro do ano passado, onde fixou sua residência, e, tanto em sua terra natal como pelos lugares por onde tem transitado sempre se conservou e se conserva até o presente no estado livre de solteiro<sup>50</sup>.

A partir de considerações sobre a movimentação de imigrantes italianos em terras mato-grossenses procuro, nesse capítulo, desenvolver uma análise sobre o fluxo de estrangeiros em Mato Grosso e as tentativas do governo provincial em estabelecer projetos de imigração e colonização na fronteira meridional de Mato Grosso, frente uma política de dominação e subordinação dos povos indígenas da região.

Em 1884, o viajante alemão Karl Von Den Steinen, em expedição para a exploração do rio Xingu, realizou o percurso fluvial pela bacia do Prata e, ao marginar a fronteira mato-grossense, fez o seguinte comentário:

Pelas 8 horas aproximávamo-nos do Pão de Açúcar, bonito monte em forma de cone, muito verde, que conduz a um grupo de pequenas montanhas, mais ou menos de 12 kms. de extensão e 6 kms. de largura, denominado *Fecho dos Morros*. Na colina em frente, à margem esquerda, acham-se um morro isolado e uma ilha rochosa de 1,5 kms. de extensão e 400 ms. de largura, separando também, o rio, que alí corre apertado, em dois braços, de modo que êsse nome parece calhar bem. O Pão de Açúcar mede 507 ms. de altura, sendo que a sua elevação sobre o rio é de 412 ms. Uma meia hora antes do “Fecho” se abrir diante de nós, o aspecto da paisagem era soberbo: No primeiro plano viam-se *palmeiras*, mas, apesar dêsse detalhe tropical, parecia verdadeiro trecho do

---

<sup>50</sup> Auto de Habilitação Matrimonial de Fioravante Barbieri e Antonina Paes de Barros, 1917, microfilmagem, Rolo 5/NEDHIR.

*Koenigssee*<sup>51</sup>. As montanhas surgiam recortadas pela forte iluminação e tudo alí se transfigurava através do capitoso aroma da manhã<sup>52</sup>.

As impressões dos viajantes que chegavam a Corumbá, vindos de diferentes lugares do Brasil e da Europa, também foram registradas pelo comerciante Feliciano Simon, em 1914: “Ocultada a cidade às vistas do passageiro, quando chega do Rio da Prata, pelas voltas do rio, sorprehe o bello aspecto que repentinamente se descortina á entrada ao porto da cidade”<sup>53</sup>. No início do século XX, Corumbá era considerada uma cidade imponente, sendo descrita por Simon como “uma cidade moderna, tendo as suas ruas largas, ventiladas e bem calçadas, possuía telephone, luz electrica nas ruas, praças e edifícios particulares como nos estabelecimentos comerciaes”<sup>54</sup>. Naquela época já havia projetos em andamento para ser inaugurado o serviço de abastecimento de água encanada e construção de rede de esgoto por toda a cidade. Dividida em duas partes, uma que estava sobre a elevação calcárea, onde encontrava-se o comércio a varejo: empórios, relojoarias, farmácias, padarias, papelarias e outros. A outra, situada embaixo da elevação, com a qual se comunicava por meio de duas ladeiras, em contato com as águas do rio Paraguai, abrigava o porto da cidade e as casas maioristas de importadores e exportadores.

---

<sup>51</sup> O Königssee é um lago no sudeste da Baviera Alemanha, no território de Berchtesgadener Land, pouco distante da comuna de Schonau am Königsee. De forma retangular, ele é cercado de altas montanhas. Ao sul do Königssee encontra-se o Obersee, que é apenas uns poucos metros mais elevado. (grifo nosso)

<sup>52</sup> STEINEN, Karl Von Den. *O Brasil Central: expedição em 1884 para explorar o Rio Xingu*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942, p. 46-47. (grifo nosso)

<sup>53</sup> AYALA, S. Cardoso; SIMON, F. *Album Graphico de Matto-Grosso, Corumbá/Hamburgo*, s/ed., 1914, p. 330.

<sup>54</sup> Id. Ibid.



*Ilustração 9 – A cidade de Corumbá, portal de entrada de imigrantes em Mato Grosso.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

O italiano Giuseppe Fragelli chegou a Corumbá por volta de 1883, onde começou a vida, entre outras atividades, tirando “lenha do mato próximo à cidade para vender e carregar água do rio Paraguai para suprir as casas mais abastadas”<sup>55</sup>. A água era acondicionada em “pipas”, uma espécie de vasilha bojuda, de madeira, para armazenar vinho e outros líquidos. Estas eram transportadas em carros-de-boi e/ou carroças conduzidas por jumentos. Devido ao precário abastecimento de água potável na cidade era comum ver, naquela época, dezenas de carroceiros imigrantes, escravos, índios e livres pobres, distribuindo água na cidade, conforme depoimento de José Fragelli, neto de Giuseppe, que presenciou parte dessa experiência vivida por seus antepassados: “isso porque meu pai e meus tios, mesmo quando o velho Fragelli já tinha propriedades, lenhavam e enchiam pipas, fazendo o meu pai o primeiro trabalho e meu

---

<sup>55</sup> Trecho da carta de José Fragelli, neto de Giuseppe Fragelli, enviada ao memorialista Lenine Póvoas. In: PÓVOAS, Lenine. *Os italianos em Mato Grosso*, São Paulo, Editora Resenha Tributária Ltda, 1989, p. 33.

tio Vicente o segundo, durante muitos anos, sempre com empregados”<sup>56</sup>. Esse abastecimento era feito, principalmente, às residências daqueles que monopolizavam o comércio de importação e exportação na região, em sua maioria estrangeiros e nacionais que haviam fixado moradia na cidade de Corumbá, a partir da segunda metade do século XIX.

Desde a fundação de Corumbá, o rio Paraguai sempre fez parte do cotidiano de seus moradores, fornecendo recursos para a sua sobrevivência e possibilidades, através de sua navegabilidade, de estabelecer contatos com diferentes regiões, povos e culturas.

Às margens e adjacências do rio Paraguai, em solo mato-grossense, na região de fronteira com o Paraguai e Bolívia, habitavam diferentes nações indígenas, como os “*Mbayá-Guaicuru (Kadiwéu), os Txané-Guaná (Terena, Kinikinau, Layana e Guaná), os Xamakoko, os Guató, os Kayapó e os Bororo da Campanha* (assim denominados, supostamente, por habitarem os campos abertos da região pantaneira)”<sup>57</sup>. Hercules Florence, ao participar da viagem fluvial do rio Tietê ao Amazonas, como segundo desenhista da expedição naturalista de Langsdorff ao interior do Brasil, nos anos de 1825 a 1829, passou por esta região e deixou, dentre as diversas anotações a respeito da Província de Mato Grosso, importantes informações sobre o rio Paraguai, o Pantanal Mato-grossense e modos de vida de sua população indígena:

Fomos durante esses dias nos aproximando do grande Paraguai que já se ia avolumando, como verificávamos no Taquari, não só pela diminuição de correnteza, como pelo alagamento das margens, o que nos punha em dificuldades para achar terreno seco que servisse de acampamento. Nesses tempos de cheia é que caem em chusmas os mosquitos. Incomodavam-nos de modo insuportável. No dia 11 [1826], passamos pela boca de vários canais que entram nos campos alagados e vão ter ao Paraguai ou voltam a cair no Taquari. O rio, assim dividido, não deixa mais discernir se se navega ou não no leito principal: transforma-se num-número de baías e desaguadouros, em que é difícil haver-se sem um guia bem prático, que assim mesmo pode levar

---

<sup>56</sup> PÓVOAS, op. cit.

<sup>57</sup> ALMEIDA, Rosely Batista Miranda de. *Bravos guerreiros: soldados esquecidos*: Revista de História da Biblioteca Nacional, n. 29, fev. 2008.

as canoas ao meio dos pantanais. Em alguns lugares, o que dá a conhecer as margens são as plantas e árvores a surgirem de dentro d'água. O país é uma planície imensa que começava a ser inundada pelo transbordamento do Paraguai, em cujas cabeceiras já haviam caído chuvas. É aí que começa o vasto *Pantanal* que se estende de norte a sul desde a embocadura do Jauru até à do Taquari, 45 léguas portuguesas, no meio das quais correm os rios Jauru, São Lourenço e Taquari, e limitados ao ocidente por uma serra paralela ao curso do Paraguai. [...] Nessas vastidões alagadas cresce em grande abundância o arroz selvagem, cuja altura há de exceder de sete a oito pés, pois só fora d'água tem dois a três, sendo o terreno submerso em profundidade de cinco a seis. Quando os Guatós, índios canoeiros, fazem a colheita, sacodem as espigas dentro de suas barquinhas e num instante as enchem até as bordas; entretanto por falta de cultura, é a qualidade do grão inferior à do nosso<sup>58</sup>.

Em “terras firmes” e/ou nas “vastidões alagadas” de Mato Grosso descortinava-se, aos olhos dos viajantes do século XIX, além da paisagem natural, os modos de vida e estratégias de sobrevivência dos habitantes originais do território mato-grossense – os índios. Apesar do referido viajante europeu considerar a qualidade do arroz selvagem “inferior”, por “falta de cultura”, o modo como os “índios canoeiros” colhiam essa planta silvestre, ao “meio” dos pantanais mato-grossenses, foi singular. Os *Guató* diferiam-se de outras nações indígenas por uma circunstância essencial: a de viverem, por assim dizer, *sobre as águas*. Sustentavam-se quase que exclusivamente de caça e pesca e passavam o dia em pequenas canoas que eles mesmos fabricavam. Praticavam a poligamia, não sendo raro os viajantes, que por ali passavam, ver um *Guató* com cinco ou seis canoas cheias de suas mulheres e filhos. No espaço fluido das águas estabeleciam contatos com viajantes e moradores da região. Costumavam acompanhar os vapores ou canoas que subiam o rio, permutando peles de onça,

---

<sup>58</sup> FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas. De 1825 a 1829*, São Paulo, Melhoramentos, 1941, p. 97-98.

veado, bugio, ariranha e lontra, remos e canoas por machados, facas, pano de algodão, fumo e aguardente<sup>59</sup>, múltiplos contatos interculturais.

Exaltando a natureza e, por vezes, admirando-se da cultura dos nativos, as observações feitas por Florence, com relação às diversas nações indígenas localizadas às margens do rio Paraguai, destacando os *Guató*, *Guaicuru*, *Xamacoco*, *Caiapó*, *Apiacá*, *Botocudo* e *Bororo*, trazem a dificuldade em explicar as diferenças, sem descartar os valores, modelos e definições europeias de existência. Admirou-se da fisionomia “amena e suave” e da “tez mais clara” dos índios da fronteira mato-grossense, caracterizando especialmente os *Guató* como um “tipo europeu”. No entanto, espantou-se com a “expressão traiçoeira e má” dos *Guaicuru* e dos *Botocudo*, bem como a “ferocidade” dos *Bororo*. Para Florence, os *Guató* eram dignos de atenção, por apresentarem um contraste interessante a seu olhar com as das outras nações indígenas: “não marcam a pele, nem mutilam o nariz, o lábio inferior ou as orelhas; não pintam de *urucum* como tantas outras tribos. Se em épocas anteriores tiveram essas práticas singulares, já são por demais *civilizados* para nelas perseverarem”<sup>60</sup>.

Observa-se que sentimentos de “espanto” e “perplexidade”, que marcaram o encontro inicial dos colonizadores europeus dos séculos XV, XVI e XVII, frente a cultura de povos autóctones da América, ainda permeava os viajantes do século XIX. Em meados desse século emergia um novo modelo explicativo da diferença: “o outro é diferente porque possui diferente grau de evolução”<sup>61</sup>. O evolucionismo social de Frazer e Tylor, na Inglaterra, e de Morgan, nos Estados Unidos, trouxe novos conjuntos de idéias para “explicar” as diferenças entre povos, nações e culturas, reforçando maneiras e tendências etnocêntricas de ver o mundo, onde a interpretação dos procedimentos culturais não relacionam-se com o contexto em que são produzidos. Ao hierarquizarem as sociedades humanas segundo o seu grau de evolução, em adiantados ou atrasados, de acordo com os critérios europeus de transformação

---

<sup>59</sup> AYALA; SIMON, p. 89-90.

<sup>60</sup> FLORENCE, op. cit, p. 108-109. (grifo nosso)

<sup>61</sup> ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo*, São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 26.

das riquezas materiais, ficou ainda mais difícil a compreensão da lógica interna própria das diversas realidades culturais existentes. Nessa concepção, segundo Rocha, “a sociedade do ‘eu’ é representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. É onde existe o saber, o trabalho, o progresso. A sociedade do ‘outro’ é atrasada. É o espaço da natureza. São os selvagens, os bárbaros.”<sup>62</sup>

As notícias sobre os diferentes grupos e nações indígenas que habitavam o território mato-grossense, dadas em ofício pelo *Diretor Geral dos Índios da Província de Mato Grosso*, Joaquim Alves Ferreira, em 1848, ilustram esse pensamento que também dominava elites e dirigentes imperiais. Esse documento foi apresentado ao *Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império*, em cumprimento ao Decreto de 24 de julho de 1845, que “oficializava o Regulamento das Missões e reprovava a política de guerra contra os índios”<sup>63</sup>. Nele, encontram-se expostos os “meios” mais adequados para a “civilização” dos povos indígenas e os “métodos e procedimentos” para realizar o aldeamento daquelas nações que viviam no “primitivo estado de independência”. A maior preocupação, evidenciada por Joaquim Alves Ferreira, consistia na dificuldade de lidar com os índios “hostis” e que não mostravam-se “dispostos a mudarem seu modo de vida”, sendo que a maioria dos índios, considerados “rebeldes”, estava localizada no norte da Província. Para melhor compreender essa realidade e estabelecer estratégias de domínio sobre essas nações indígenas, o diretor-geral as dividiu em três *categorias*: “aldeados”, “mansos” e “hostis”. Os índios que habitavam a região sul da Província, fronteira com o Paraguai e Bolívia, exceto os *Guaicuru, os Guaná, os Kayapó e os Bororo da Campanha*, foram por muito tempo resistentes ao domínio do branco. Ferreira

---

<sup>62</sup> ROCHA, p. 9.

<sup>63</sup> Segundo comentário de Almeida sobre a regulamentação das missões em terras mato-grossenses, determinadas pelo governo imperial, “as missões, também chamadas de “aldeias regulares”, eram estabelecimentos oficiais presentes em cada província brasileira. Cada núcleo era administrado por um diretor, religioso ou não, que estava subordinado ao diretor-geral da província. Na prática, não mudava muito a política que prevalecia desde os tempos coloniais. Esperava-se que os índios, uma vez aldeados, se tornassem dóceis e submissos aos costumes “civilizadores” do homem branco e a uma cultura que não era a deles. Era também uma porta aberta à exploração da mão-de-obra indígena por parte de autoridades e fazendeiros.” ALMEIDA, op. cit.

expressa essa preocupação, ao apontar caminhos e direções para realizar tal política de “conquista”:

A primeira categoria pertencem tres tribus de Guaycurús, todos os Guanás, os Guaxis, os Bororós da Campanha, os Cabaças e os Cayapós. Os Gauycurús, Guanás, Guaxís, estabelecidos nas immediações das povoações de Miranda e Albuquerque devem merecer toda atenção pelo seu grande numero e pela *conveniência de povoar-se esta parte da fronteira*; suas aldeias, se bem que, como já disse, estejam longe de assemelhar-se ás aldeias que trata o Regulamento, podem com proveito continuar como estão ou ir-se modificando pouco á pouco. *É preciso protegel-os e animal-os*, fazendo com que não sejam maltratados nem lesados nas suas transacções com nossa gente, fornecendo-lhes alguns instrumentos e utensis necessarios para a preparação da farinha e dos productos da canna. Seriam de muita utilidade uma forja e um ferreiro que concertasse as ferramentas d’elles, e animasse a mesma profissão aos que para isso tivessem queda, bem assim um carpinteiro.

Finalmente, já estão estes Indios em estado de receber com proveito o *ensino moral e religioso* e muito conviria que entre elles fossem residir Missionarios. Os Bororós, Cabaças e Cayapós são igualmente dignos de contemplação. Os primeiros, que morão além do Paraguay perto da nossa raia divisoria com Bolivia, podem *prestar-nos valiosos serviços*; e os ultimos podem muito contribuir á que se frequente e povõe a nossa estrada d’esta capital para S. Paulo. – Os meios que se devem empregar, são os que venho de apontar, posto que em mais pequena escala. Aos Cabacaes já mandou o Governo Provincial fornecer ferramentas de lavoura, medicamentos e utensis para um pequeno hospital.

Na segunda categoria podem alistar-se os Cayuás, Chamacocos, Cadiuéos, Guatós, Bachahirís, Parecís, Mahimbarés, Apiacás, Guaraios, Jacarés e Caripunas. Pouco pode fazer para os Caeuás enquanto nossa população não se estender para a região que habitam na visinhança da nossa divisa do sul com a Republica do Paraguay; o que nos cumpre, *é tratá-los bem* e fazer-lhes alguns brindes quando apparecem entre nós<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> MATO GROSSO. *Ofício do Director Geral dos Indios da Provincia de Mato Grosso*, dirigido ao Ministro de Estado dos Negocios do Imperio, 2 de dezembro de 1848. In: Album Gráfico de Matto-Grosso, p. 94.

Um dos principais alvos da intervenção do governo imperial, no trabalho de aldeamento dos índios na província mato-grossense, foi o povoamento das fronteiras da parte sul de Mato Grosso, com a intenção de resguardar as antigas “zonas” de litígios e conflitos com a nação paraguaia. Desde os tempos coloniais, nestas “raias divisórias” com a Bolívia e o Paraguai, segundo Jovam Vilela da Silva, “os nativos, há muito, vinham sendo considerados os “Guardiães das Fronteiras” e ou as “Muralhas dos Sertões” nas ordens emanadas do Conselho Ultramarino”<sup>65</sup>.

Aos “olhos do Império”, a regulamentação do trabalho das missões, nas províncias brasileiras, forçaria seus dirigentes a buscarem alternativas de aldeamento que não fosse a guerra contra os nativos. A política de “aproximação” e “proteção” desses povos facilitaria contatos e aldeamentos estratégicos, atingindo o objetivo de povoar as fronteiras e utilizar os “valiosos serviços” indígenas. Diante de novas estratégias para estimular e atrair nativos às áreas fronteiriças, Ferreira expôs, em seu relatório, um dos obstáculos que emperrava o trabalho de “civilização” de alguns aldeamentos: “a dificuldade de achar-se um director com as qualidades e requisitos que se queira incumbir d’essa tarefa [...] é preciso resignar-se á supportar-se ao principio bastantes inconvenientes sobretudo ter muita paciência e perseverança”<sup>66</sup>.

Apesar das tentativas dos dirigentes provinciais em seguir tal Regulamento, ou de pelo menos propor-se a “pensar” o “outro”, posições relativistas frente à causa indígena em Mato Grosso estavam longe de acontecer. Em 1878, o Presidente da Província de Mato Grosso, João José Pedrosa, em sua fala na abertura da Assembléia Legislativa, apresentou outros meios para solucionar os problemas enfrentados no desenvolvimento dos trabalhos de “Colonização e Catechese” em solo mato-grossense. Em sua opinião, o “progresso” e o

---

<sup>65</sup> SILVA, Jovam Vilela da. *Mistura de cores (Política de povoamento e população na Capitania de Mato Grosso – século XVIII)*, Cuiabá, Editora da UFMT, 1995, p. 27.

<sup>66</sup> MATO GROSSO. *Ofício do Director Geral dos Indios da Provincia de Mato Grosso*, dirigido ao Ministro de Estado dos Negocios do Imperio, 2 de dezembro de 1848. In: *Album Gráfico de Matto-Grosso*, p. 95.

“engrandecimento” da Província mato-grossense aconteceriam quando fossem removidos os principais “obstáculos” que antepunham o povoamento desse vasto território, bem como o aproveitamento das “inúmeras e inexauríveis fontes de riqueza que aqui existiam e que enchiam de admiração os estrangeiros que as contemplavam”: a distância de Mato Grosso em relação aos principais centros comerciais brasileiros e a conseqüente falta de segurança nos sertões mato-grossenses:

A colonização pois, será o maravilhoso condão que um dia transformará esta terra esquecida do mundo civilizado num dos mais opulentos torrões do globo. Mas, como attrahir as correntes da immigração, quando a distancia, a falta de segurança para os colonos entre tantas hordas de indios bravios, apresenta-se como barreiras invencíveis pra trazel-o até aqui? [...] E admittida a hypothese da introdução de colonos europeus como prosperarão elles, sem garantias efficazes para as suas lavouras, sempre ameaçados pelos selvagens, e sem vias de communicações faceis e rapidas para os mercados consumidores dos seus productos?<sup>67</sup>

Uma das saídas apresentadas pelo Presidente Pedrosa, para realizar assentamentos de colonos europeus em terras mato-grossenses, foi a criação de colônias militares nas proximidades dos lugares por onde vagueavam os “selvagens”, de modo que esses domínios viessem a tornar-se centros de atração e aldeamento dos mesmos. A fim de solucionar de imediato, os problemas relativos aos povos indígenas em Mato Grosso, medidas extremistas foram apontadas pelo governante mato-grossense:

Supprima-se a distancia, cathechise-se o selvagem menos bravo e afugente-se o mais indomavel, se tanto for preciso, e a colonização espontanea, unica proficua, virá com seus *braços e capitaes*

---

<sup>67</sup> MATO GROSSO. Fala com que o Sr. João José Pedrosa, Presidente da Província de Mato Grosso abriu a 1ª Sessão da 22ª Legislatura, em 01/11/1878.

transformar esta terra dita de desterro num *Eden do Brazil*. Não vejo outro meio de progresso e engrandecimento para esta provincia.<sup>68</sup>

Expunham suas crenças e apostas no trabalhador branco, ordeiro e disciplinado viria com seus “braços civilizadores” preencher os “vazios” territoriais de Mato Grosso, tendo como elemento de atração o “vantajoso” sistema de “colonização espontânea”, onde faixas de terras seriam doadas aos colonos europeus e alguns incentivos para iniciar sua produção. Para Caio Prado Júnior, o plano de colonização no Brasil não apresentava solução de imediato; no entanto, suas perspectivas eram mais amplas do que a imigração subvencionada, pois seus partidários acreditavam que através desse sistema seria atingido o objetivo principal – o incremento demográfico do país. Segundo o autor, havia a vantagem de tornar a imigração para o Brasil muito mais atraente, “oferecendo aos candidatos, desde logo, a possibilidade de se tornarem proprietários, formando assim verdadeiros povoadores, fixados na terra e com ela identificados, em vez de populações flutuantes e desenraizadas.”<sup>69</sup>

Para nosso estudo, interessa o Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, Herculano Ferreira Penna, referente ao ano de 1862, apresentado na sessão de abertura da Assembléia Legislativa Provincial, de 03 de maio de 1863, contem dados estatísticos e observações a respeito do fluxo de estrangeiros em terras mato-grossenses, conforme registro:

No decorrer do anno de 1862 entrarão na Província pela via fluvial, e também por terra 176 estrangeiros de diversas nacionalidades, d'ella sahirão 87. As entradas classificão-se de modo seguinte: quanto ao sexo – homens 159, mulheres 17; quanto ao estado – casados 22, solteiros 151, viúvos 2; quanto as occupações = commercio 39, artes 76, agricultura 27, serviço doméstico 4, industria 2, náutica 5, vida monástica 1, sem officio conhecido 21. Alguns

---

<sup>68</sup> MATO GROSSO. Fala com que o Sr. João José Pedrosa, Presidente da Província de Mato Grosso abriu a 1ª Sessão da 22ª Legislatura, em 01/11/1878.

<sup>69</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 189.

alfaiates, sapateiros, marceneiros, pedreiros e funileiros já se achão com effeito estabelecidos com officinas por sua própria conta ou trabalhando a jornal.<sup>70</sup>

No mesmo Relatório consta que, durante o ano de 1861, entraram na província 220 estrangeiros e saíram 54. Nos levantamentos de 1861 e 1862, os estrangeiros foram classificados quanto ao sexo, estado e ocupações, e para melhor compreensão desses dados estatísticos elaboramos o seguinte quadro:

**Quadro II** - Mapa Demonstrativo de “Entrada e Saída” de Estrangeiros na Província de Mato Grosso – 1861 e 1862

	1861		1862	
	Entraram	Saíram	Entraram	Saíram
Estrangeiros em geral	220	54	176	87
Sexo				
- Homens	198	-	159	-
- Mulheres	22	-	17	-
Estado				
- Casados	26	-	22	-
- Solteiros	194	-	151	-
- viúvos	-	-	02	-
Ocupações				
- comércio	25	-	39	-
- artes	101	-	76	-
- agricultura	13	-	27	-
- serviço doméstico	22	-	4	-
- indústria	-	-	2	-
- náutica	-	-	5	-
- vida monástica	-	-	1	-
- Sem ofício conhecido	59	-	21	-

*Fonte: Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, Herculano Ferreira Penna, referente ao ano de 1862, apresentado na abertura da Assembléa Legislativa Provincial, em 03 de maio de 1863.*

Diante dessas primeiras informações a respeito do fluxo de imigrantes na Província de Mato Grosso já torna-se perceptível a maior ocorrência de entrada de *homens solteiros* em relação aos *casados* e, também, da permanência de estrangeiros que desenvolviam atividades diversas em terras mato-grossenses, por conta própria, como os *comerciantes* e àqueles ligados as *artes*. Neste caso, pode-se dizer que a ocupação designada de “arte” está relacionada a categorias de trabalho desenvolvidas por artesãos ou prestadores de serviços. Ou

<sup>70</sup> MATO GROSSO. *Relatório do Presidente da Província Herculano Ferreira Penna*, referente ao ano de 1862, apresentado na abertura da Assembléa Legislativa Provincial, em 03 de maio de 1863.

seja, imigrantes que desenvolviam qualquer tipo de trabalho manual, prestando serviços à comunidade ou fabricando seus próprios produtos para comercialização, como oleiros, sapateiros, alfaiates, chapeleiros, ourives, relojoeiros, marceneiros, funileiros, escultores, pintores e outros. Foi o caso do italiano Giuliano Capriata, que era construtor e escultor, deixando suas marcas na arquitetura urbana de Cuiabá e Corumbá, nas fachadas e altares de igrejas como artífice de arte sacra. É importante lembrar que a maioria dos imigrantes italianos procurava desenvolver suas atividades em povoados, vilas e cidades de Mato Grosso localizadas às margens dos rios Paraguai e Cuiabá, raramente buscando ocupação nas regiões de lavoura.

O relojoeiro italiano Carlos Marlo, com oficina fixa na capital mato-grossense, navegou por muitos anos, rio abaixo e rio acima, percorrendo as diferentes cidades e povoações ribeirinhas de Mato Grosso, consertando cronômetros, caixas de música e todos os tipos de relógios. No Jornal *O Iniciador*, de Corumbá, de 16 de agosto de 1870, encontra-se, na sessão de classificados, um “aviso” de chegada desse relojoeiro na cidade, anunciando os seus préstimos e o tempo que ficaria neste lugar, garantindo qualidade de serviço, na sua especialidade, conforme trecho do anúncio:

Em sua oficina fazem-se as obras mais dificultosas, que não se podem fazer, de maneira alguma, nas melhores relojoarias de Buenos Ayres. Como sempre, fará o possível para merecer a confiança das pessoas que dignarem occupal-o [...] durante a sua permanência nesta povoação<sup>71</sup>.

Era o tempo de livre navegação no fluxo das águas fluviais. Era o tempo de engrenagens, motores, maquinarias, empreendimentos e interações para dentro do Continente Americano. Novas formas de vida sob a marcação dos “tempos modernos”. Novos “marcadores do tempo”, orientando, disciplinando e controlando o “trabalho” e a “vida” de

---

<sup>71</sup> O Iniciador, Corumbá, Anno I, n. 30, 16 ago. 1877, p. 4.

comunidades localizadas nos rincões mato-grossenses. Segundo Alves, a livre navegação dos rios, após a guerra do Paraguai, transformou Mato Grosso numa grande frente de investimentos:

O fato é que a abertura dos rios à navegação não trouxe somente mercadorias mais baratas e em maior volume para Mato Grosso; nem tampouco esgotou-se na importação de maquinaria moderna para as indústrias nascentes ou no desenvolvimento de cidades portuárias; nem se resumiu à chegada em Mato Grosso de uma quantidade expressiva de elementos estrangeiros, composta por proletários, de um lado, e por capitalistas, que se radicaram especialmente no comércio, de outro. As transformações incidiram mais sobre a qualidade do que sobre a quantidade, cuja mais vigorosa manifestação foi a implantação da indústria moderna na região <sup>72</sup>.

Outro artífice italiano, que veio tentar a vida em Mato Grosso foi o oleiro Domenico Carcano. Ao contrário da maioria, veio casado com Emilia Serraperi Giordano. Fixaram moradia na Vila de Corumbá e ali dedicaram-se ao trabalho com cerâmica, e, ao longo do tempo, com o apoio de seus filhos foram adquirindo experiências no ramo, aperfeiçoando e renovando a qualidade de seus produtos:

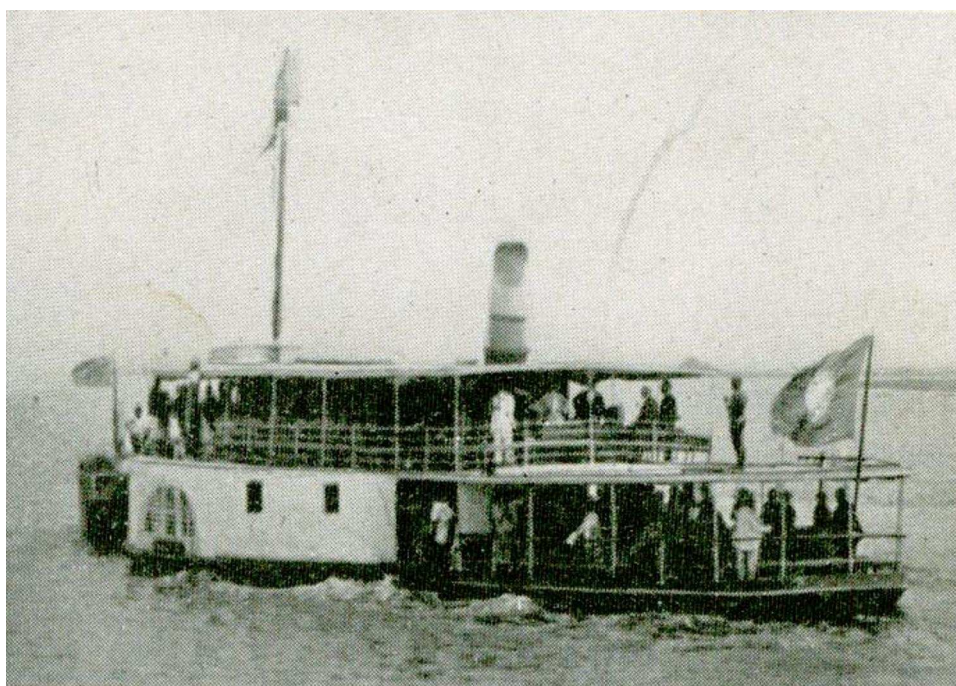
O velho Domenico e sua esposa foram pioneiros, em Corumbá, no fabrico de tijolos, telhas tipo “Marselha” e mosaicos para pisos. Em 1890 requeria ele licença na Prefeitura daquela cidade para continuar explorando uma olaria que já existia desde o ano anterior. Essa olaria se transformou numa fábrica de mosaicos que ganhou fama pela qualidade e beleza de seus produtos, perfeitamente adaptados a uma cidade de clima quente como Corumbá. A “olaria São José” tinha os modelos de seus belos mosaicos desenhados e coloridos pela filha mais velha de Domenico, Almerinda Giordano, que havia estudado pintura em Assunción, Paraguai”<sup>73</sup>.

---

<sup>72</sup> ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso e a história: 1870-1929 (Ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro)*. In: BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, n. 61, São Paulo, USP, 1985, p. 22.

<sup>73</sup> PÓVOAS, Lenine. *Italianos em Mato Grosso*, São Paulo, Editora Resenha Tributária, 1989, p. 50.

Apesar da distância entre Cuiabá, Corumbá, Assunção e Buenos Ayres, com a abertura da navegação, os contatos entre uma cidade e outra passaram a ser constantes. O aumento das embarcações, nesse trajeto, levando e trazendo passageiros com maior frequência, facilitou o deslocamento e a aproximação entre grupos e povos, com diferentes costumes, idiomas e modos de vida. Foi nessa região de fronteira, formada por um amálgama de culturas e tradições, que os imigrantes italianos e de outras nacionalidades, chegaram, trazendo suas idéias e projetos de empreendimentos e levando, também, para outros lugares, experiências adquiridas nestas terras. O caminho das águas tornou-se um canal de divulgação de idéias, influências, contatos e novidades.



*Ilustração 10 – Lancha Nioac, Lloyd Brasileiro - Corumbá a Cuiabá.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

Herculano Penna, observando o fluxo de estrangeiros em Mato Grosso, expressou sua preocupação quanto ao índice de permanência e de saída dos imigrantes das terras mato-grossenses comparado aos dados do ano de 1861. Neste ano, conforme Quadro 1, entraram 220 estrangeiros e saíram 54, permanecendo em terras mato-grossense cerca de 76%. Em

1862, entraram 178 imigrantes de diferentes nacionalidades e saíram 87, permanecendo, neste ano, pouco mais de 51% de estrangeiros em Mato Grosso, tendo uma diferença entre um ano e outro de mais ou menos 25%. Para o Presidente da Província, muitos imigrantes trabalhadores não permaneciam em solo mato-grossense por não encontrarem ocupação ou serviço que lhes pudessem fornecer condições de sobrevivência neste lugar. Por isso, não eram poucos que recorriam ao governo provincial, com maior instância, para fornecer-lhes transporte para regressarem às regiões do Prata, conforme declaração do referido Presidente:

A mór parte d'esses estrangeiros compõe-se de emigrantes de diversos Paizes que o Governo Imperial tem mandado transportar do Rio da Prata, como sabeis, e ainda que o seo numero se multiplicasse muitas vezes, seria aquisição de maior utilidade para uma Província tão vasta em território; quanto consista de população e de industria, se todos eles fossem idôneos para o serviço da lavoura e encontrassem aqui estabelecimentos agrícolas em que se empregassem immediatamente para viverem do fructo do seo trabalho, ou se como artífices, ou ainda mesmo como simples serventes achassem occupação com salário correspondente em quaisquer officinas publicas ou particulares, mas infelizmente não é isso que tem acontecido.

Alem d'estes porem muitos há que, não sabendo officio algum mecânico, ou não podendo exercer aqui o que aprenderão, e não achando occupação, nem ainda como simples serventes, com salario que baste para sua subsistência em uma terra, onde quase todos os objectos necessários á vida se vendem por preços supereores aos de qualquer das Capitania das outras Provincias do Império, tem se passado d'esta cidade para Corumbá, e d'ella para aqui ou para outros lugares, sem destino certo, e sem meios de prevenir as maiores privações, a não ser com os favores de algum patricio seo mais feliz, ou socorros do governo, ou a caridade de outros<sup>74</sup>.

Em meio a entradas e saídas de estrangeiros em Mato Grosso, com ou sem destino certo, nessa época já havia grupos de imigrantes, de diferentes nacionalidades, vivendo em terras mato-grossenses. Nessa errância pelos fluxos de águas fluviais em terras de passagem,

---

<sup>74</sup> MATO GROSSO. *Relatório do Presidente de Província Herculano Penna*, 1863.

com pessoas, mercadorias e culturas em trânsito, havia a premente necessidade de conhecer e centralizar, administrar e fixar para governar.

Ainda nesse mesmo Relatório, consta um quadro estatístico da nascente população de Corumbá, elaborado em abril de 1862, apresentando um número estimável de estrangeiros residentes neste lugar de trânsitos, considerando a quantidade de nacionais que ali viviam. Esse levantamento foi realizado pelo então Tenente Coronel Comandante do Distrito Militar, Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero e apresentado ao Presidente da Província de Mato Grosso, contendo dados numéricos da população ali existente, especificando o sexo e a nacionalidade de seus habitantes, conforme quadro a seguir:

**QUADRO III** - Quadro estatístico da Povoação de Corumbá, segundo o sexo, a nacionalidade e o número de habitantes, organizado em abril de 1862, pelo Tenente Coronel Comandante do Distrito Militar Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero.

NACIONALIDADE	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Brasileiros	<b>732</b>	<b>394</b>	<b>1.126</b>
Italianos	31	3	34
Franceses	21	5	26
Corrientinos	9	8	17
Argentinos	11	4	15
Portugueses	10	3	13
Espanhóis	5	-	5
Bolivianos	3	2	5
Alemães	3	-	3
Orientais	3	-	3
Escravos	Sem discriminação	Sem discriminação	34
Total de Estrangeiros	<b>96</b>	<b>25</b>	<b>121</b>
		<b>TOTAL</b>	<b>1.281</b>

Fonte: MATO GROSSO. Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, Herculano Ferreira Penna, 1863.

Ao observar o quadro estatístico elaborado por Portocarrero, percebe-se que, aproximadamente, 10% da população corumbaense era constituída por estrangeiros de diferentes nacionalidades. Os de origem européia, como italianos, franceses, portugueses, alemães, espanhóis formavam a maioria dos imigrantes que ali residiam. Seguidos pelos corrientinos, argentinos e bolivianos. Os *corrientinos* eram os argentinos oriundos da

*Província de Corrientes*, localizada na fronteira entre o Brasil e a Argentina. Outro aspecto a considerar, nesse quadro, é que o número de homens excedia ao das mulheres, tanto no que diz respeito à população nacional como a estrangeira. Os escravos foram apresentados de forma genérica, sem discriminação de sexo e sem ofício, contados separadamente da população brasileira, ou seja, sem identificação e pertencimento à nação Brasil. Quanto à população indígena não apresenta dados ou qualquer referência de sua existência.

O comerciante português Joaquim Ferreira Moutinho, em sua obra *Notícia sobre a Província de Matto Grosso*, publicada em 1869, deixou registradas suas impressões sobre os modos de vida da população mato-grossense. Sobre a sua última visita feita a Corumbá, no ano de 1862, Moutinho, antes da Guerra do Paraguai, comentou a sua admiração pelo movimento desta Vila, que a tornava mais animada que a própria capital, pois ali “havião bailes muito regulares, alguns dos quaes servidos com doces vindos de Montevidéu e Buenos Ayres”, acrescentando que:

Continuamente diferentes embarcações em seu porto fazião descarga de gêneros vindos de Cuyabá ou da Corte, Montevidéu e Buenos Ayres. Algumas desavenças que ali aparecião tinhão sempre a sua origem na alfandega, onde alguns empregados, que mais tarde foram substituídos, abusavão de suas posições para vexarem o commercio. As sucessivas entradas de estrangeiros davão áquelle ponto um aspecto alegre, e muita actividade em toda a sorte de negócios, que se fazião todo o dia em grande escala<sup>75</sup>.

Montevidéu e Buenos Aires colocaram Mato Grosso, em sua rota, estimulando a vida portuária, misturando gastronomia, gostos, práticas culturais, sons, danças, encontro entre povos e culturas. Percebe-se que, naquela época, já apresentavam dimensões de urbanidade nas vilas, povoados e cidades ribeirinhas mato-grossenses. Havia sinais de vida urbana

---

<sup>75</sup> MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre a Província Matto Grosso*, São Paulo, Typographia de Henrique Schroeder, 1869, p. 244.

cosmopolita, com língua e linguagens diferenciadas, em um cotidiano estimulado por meios de expressão e comunicação, gerando negócios e intercâmbios, diversificando contatos, conflitos e negociações.

Nessa época, a Província de Mato Grosso, conforme dados estatísticos apresentado por Herculano Penna, contava com uma população de 38.538 habitantes, sendo 18.035 do sexo feminino; 19.503 do sexo masculino; 30.486 livres e 7.052 escravos. Número percentual elevado de escravos nessa região, tendo em vista o silêncio em relação a estes trabalhadores em terras mato-grossenses. Segundo observações feitas por Moutinho, os habitantes de Mato Grosso eram assim representados:

A população da Província é a mais mesclada que temos visto: ali se vê o bugre, o caboclo, o caburé, o cabra, o mulato, o negro e o branco; mas as raças principais são, o branco, que é o europeu ou descendentes d'este, o negro, que é o africano, e o índio, que é puramente o brasileiro. Do cruzamento d'estas raças, nasce o mulato que é filho de um branco e de uma negra, ou vice versa; o caboclo que é filho do branco com a índia, ou vice versa; o caburé que é filho do índio com a negra e vice versa; o cabra que é filho do mulato com a negra, etc...<sup>76</sup>

Essas designações da população de Mato Grosso evidenciam as zonas de contatos existentes nessa região fronteiriça brasileira, onde a população variou conforme graus de mistura e onde o “branqueamento” produziu nomenclaturas singulares.

Mato Grosso ainda não havia recebido um contingente de imigrante numericamente mais expressivo, como receberia mais tarde. E, mesmo com esse nascente movimento em sua fronteira, já havia a preocupação, por parte do Presidente da Província, em instituir um projeto de imigração e colonização, no vasto território mato-grossense. Tal política, conforme palavras de Herculano Penna, poderia utilizar a mão-de-obra estrangeira em núcleos agrícolas,

---

<sup>76</sup> MOUTINHO, op. cit., p. 117.

“com homens naturalmente *pacíficos*, e *respeitadores* das Leis do Paiz onde vivem”<sup>77</sup> que, por ora, achavam-se sem ocupação e acabavam buscando outras províncias ou nações com ofertas de trabalho mais interessantes.

Pela extensão e riqueza das terras cultiváveis de Mato Grosso e pelas possibilidades de extração vegetal e mineral nesta região, vários caminhos de produção, de norte a sul, poderiam ser seguidos. Herculano Penna, ao mesmo tempo em que discutiu o aproveitamento de mão de obra especializada dos imigrantes na confecção de produtos necessários à Província, pronunciou seu apoio a uma sociedade, instituída em 1862, para explorar minas de ouro e diamantes, na fronteira de Mato Grosso com o Pará, sendo esta “dirigida por dois italianos dotados de muita *inteligência* e actividade, o Dr. em Medicina Medardo Rivani e o naturalista Bartolomé Bossi”<sup>78</sup>. Isso evidencia os diferentes recursos naturais que a Província dispunha e os atrativos que exercia a estrangeiros para viabilizar nova fase de desenvolvimento e expansão populacional em Mato Grosso. Ainda indicou quem poderia realizar esse potencial e quem ficaria à margem, desterrado.

Assim, ao ter acesso a registro sobre a presença do viajante italiano Bartolomé Bossi, desenvolvendo atividades de exploração de ouro e diamantes no norte mato-grossense, despertou atenção em conhecer os verdadeiros objetivos e interesses da “viagem pitoresca”, realizada por este naturalista, no ano de 1862, no interior de Mato Grosso, bem como suas relações com o governo provincial. Richard Durant, em sua obra *História Del Vapor de La Carrera* informa que Bartolomé Bossi, “En 1860 hizo su primer viaje de exploracion al Mato Grosso y cuatro años después fue nombrado director de la Cia. de Minas y Lavaderos de Diamante y comisionado por el gobierno de Brasil para estudiar la colonizacion de esas regiones”<sup>79</sup>.

---

<sup>77</sup> MATO GROSSO, *Relatório do Presidente de Província Herculano Ferreira Penna*, 1863.

<sup>78</sup> Id.Ibid.

<sup>79</sup> DURANT, Richard. *História del vapor de la Carrera*, Montevideo, 2008.

A obra *Viaje pitoresco por los rios Paraná, Paraguay, San Lourenzo y Cuiabá y el Arino tributárial del grande Amazonas*, de Bartolomé Bossi, editada em Paris, no ano 1863, relata a venturosa viagem desse italiano em terras mato-grossenses e trás ricas informações sobre aspectos físicos, geográficos, mineralógicos e as produções naturais de Mato Grosso. Bartolomé Bossi partiu de sua terra natal, em direção aos países do Prata, aos 19 anos de idade. Em Buenos Aires completou os seus estudos e desenvolveu habilidades em navegação, e logo tornou-se capitão de diversas “embarcaciones a vela que realizaban la carrera entre Buenos Aires y Montevideo”<sup>80</sup>.

Pelo que consta, Bossi já havia sondado Mato Grosso, antes de realizar a sua viagem oficial nestas terras. A princípio, a sua empreitada no vasto e enigmático território mato-grossense, tinha como finalidade mapear os lugares inexplorados dessa região. Percorrendo caminhos desconhecidos, através da navegação fluvial do rio Paraná ao Arinos, no norte da Província, teve contatos com diferentes povos e nações indígenas, registrando tudo que observava: a natureza, as pessoas, os lugares por onde passava. No entanto, houve desdobramentos dos objetivos iniciais dessa “viagem científica”, quando, sob os desígnios e interesses do Império, Bartolomé Bossi foi comissionado pelo governo para estudar a possibilidade de abertura de fronteiras agrícolas na Província e de seu próprio empreendimento na extração de diamantes em *lavaderos* mato-grossenses.

Em seus escritos encontram-se anotações e avaliações sobre as condições da agricultura e da indústria em Mato Grosso, bem como os modos de vida de sua população. Nesse aspecto faz o seguinte comentário: “[...] la agricultura está em el limbo de su vida: la industria está por nacer; el trabajo no es la propensión de seus habitantes [...] los hijos del pais

---

<sup>80</sup> MAY, Carlos. *História y Arqueología Marítima. Cias. de navegación Rioplatenses: Bartolomé Bossi*, Martinez, Argentina, 2008.

no trabajan y se contentan com la carne del pescado”<sup>81</sup>. Observando o movimento portuário de Corumbá e a riqueza mineral dessa região, ainda escreveu: “es un pueblo para el cual sonrie em destino muy prospero”<sup>82</sup>. Através da expansão euro-ocidental acompanha-se processos de legitimação e descredenciamento, formas de aterrar e desterrar, de civilizar e barbarizar. No contínuo deslocamento de massas populacionais, enquanto uns são realocados, outros são empurrados para o silêncio e as sombras do desterro, fruto de um constante contraste entre a subsistência comunitária e o mercado individual.

Bartolomé Bossi, em sua passagem por Corumbá, achou as terras pobres para a agricultura. Por estar localizada no Pantanal mato-grossense, em áreas inundáveis e semi-áridas, a cidade de Corumbá apresentava dificuldades de estruturar um sistema de irrigação que pudesse desenvolver culturas permanentes nesta região. No entanto, Bossi previu que uma das principais atividades desta região seria a extração mineral. Quanto a isso, sua avaliação foi correta, pois a região de Corumbá sustenta uma das maiores jazidas de ferro, manganês, calcário e areia de todo o território brasileiro. Na indústria de transformação, tornou-se representativa na produção de cimento e no beneficiamento do manganês. A própria etimologia da palavra Corumbá está ligada à produção local, originando-se do tupi-guarani *kurumba*, que significa *banco de cascalho*. Nesse aspecto, Moutinho também fez a seguinte avaliação sobre o solo corumbaense: “O clima era sadio, mas as terras nas imediações da povoação pouco produtivas, por serem todas calcáreas. Alongando-se mais um pouco, melhoravão extraordinariamente, e bem perto existião sitios com abundantes plantações”<sup>83</sup>.

Sendo evidente que uma das principais necessidades da Província/Estado de Mato Grosso era o aumento de sua população, desde que fosse ordeira e produtiva, os poderes públicos empregaram todos os meios ao seu alcance para estabelecer uma corrente de

---

<sup>81</sup> BOSSI, Bartolomé. *Viaje pitoresco por los rios Paraná, Paraguai, San Lorenzo y Cuiabá y El Arino tributário Del grande Amazonas com la descripcion de la Província de Mato Grosso bajo su aspecto físico, geográfico, mineralógico y sus producciones naturales*. Paris, Dupray, Mahérie, 1865.

<sup>82</sup> Id. Ibid.

<sup>83</sup> MOUTINHO, op. cit., p. 245.

imigração “laboriosa e morigerada” para estas terras. Assim foi promulgada a Lei n. 102, de 10 de julho de 1895, concedendo terras gratuitas a nacionais e estrangeiros em zonas limítrofes do Estado:

Art. I. Fica autorizada a concessão gratuita de terras devolutas dentro da zona de 60 kilometros contigua aos limites d’este Estado com outros Estados ou com paizes estrangeiros aos immigrantes, nacionaes e estrangeiros, que espontaneamente tenham vindo ou vierem se estabelecer na mencionada zona, fóra dos nucleos coloniaes.

Parágrafo 1. As terras assim concedidas destinar-se-hão á lavoura ou á criação de gado; pelo que não poderão comprehender parte alguma dos terrenos para a industria extractiva de productos vegetaes.

Parágrafo 2. As concessões de que trata esse artigo, formarão lotes em area não excedente, cada uma, de 50 hectares, si se destinarem á lavoura, e de 200 hectares, si tiverem de ser applicados á criação de gado.

Parágrafo 3. Estas concessões serão feitas provisoriamente pelo Intendente Geral do município, á quem o immigrante se dirigirá por petição, na qual indicará o logar em que pretende estabelecer-se, o destino que tem de dar ás terras, bem como a área do lote, os seus limites conhecidos, provando, ao mesmo tempo, sua qualidade de immigrante, e compromettendo-se á habitar e cultivar o terreno concedido e mandar medil-o e demarcal-o dentro do prazo de cinco annos, contado da data da concessão<sup>84</sup>.

Apesar de terem sido promulgadas outras leis, decretos e regulamentos para o serviço de colonização em terras mato-grossenses, no período de 1895 a 1907, concedendo terras devolutas a nacionais e estrangeiros, que, espontaneamente, viessem a estabelecer-se em terras mato-grossenses, “a ausência de uma *política imigratória* específica para o Mato

---

<sup>84</sup> MATO GROSSO. Lei n. 102, de 10 de julho de 1895, Art I, Parágrafos 1, 2 e 3. In: SIMON; AYALA, op. cit., p. 168.

Grosso, dificultou a realização do plano de colonização oficial, ou até mesmo os interesses de estabelecimento de colônias em domínios particulares no Estado”<sup>85</sup>:

Em 1907, atrair e fixar “imigrantes voluntários” em lotes coloniais do Estado constituía-se em uma das principais metas do governo de Mato Grosso. A categoria de “imigrante espontâneo” foi regulamentada, sendo considerada, como tal, os que chegassem a “cidade de Corumbá” vindos de qualquer porto estrangeiro ou qualquer dos Estados da União como passageiros de 3ª classe, a custa própria com o propósito deliberado de se ocuparem da agricultura nas colônias do Estado.

A imigração espontânea por si só, não foi suficiente para formar um contingente expressivo na formação de núcleos coloniais almejados pelo governo. No início da década de 1920, a falta de braços para a lavoura mato-grossense ainda era evidenciada e os problemas de produção no Estado ainda persistiam<sup>86</sup>.

Os esforços dos governantes de Mato Grosso, em torno da implantação de núcleos coloniais e de aproveitamento e desenvolvimento das riquezas desta Província/Estado, não foram suficientes para colocar em prática as “estratégias” de Antonio Fernando de Souza, em artigo publicado no Jornal *O Commercio*, em 14 de abril de 1910: “É preciso que se faça uma propaganda inteligente e contínua sobre o clima, as terras, os meios naturais e a posição geográfica do Estado a fim de torná-lo conhecido dentro e fora do país, atrahindo assim capitais e braços que ainda tanto carece”<sup>87</sup>. Essa idéia era compartilhada pela maioria dos mato-grossenses, pois tomavam como exemplo os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e outros, onde os braços estrangeiros vieram aumentar a produção fazendo concorrência aos produtos iguais da indústria e da agricultura de outros países.

Provavelmente, o caráter espontâneo e rotativo do movimento imigratório para Mato Grosso fez com que muitos estrangeiros viessem conhecer/sondar estas terras após o fim da

---

<sup>85</sup> GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo. *Viveres, fazeres e experiências dos italianos em Cuiabá (1890-1930)*, Cuiabá, Entrelinhas, 2005, 47-48.

<sup>86</sup> Id. Ibid.

<sup>87</sup> SOUZA, A. F. Imigração, *O Commercio*, Cuiabá, 14 abr. 1910, Ano I, p. 2. Antonio Fernando de Souza foi autor de várias obras sobre a história de Mato grosso e colaborador de diversos jornais e revistas do Estado.

Guerra do Paraguai e, decidindo seus destinos. Tem-se notícia que nessa época, novas expectativas surgiram sobre o potencial da região com relação à produção agrícola e a indústria extrativa - erva-mate, poaia e látex/borracha -, bem como as oportunidades em torno do comércio de importação e exportação, abrindo possibilidades de trabalho e sobrevivência nessa região.

As informações contidas no Mapa Demonstrativo de “Entradas e Saídas” de estrangeiros em terras mato-grossenses, elaboradas pelo *Chefe de Polícia Interino da Província de Mato Grosso*, no período 1884 a 1886, evidenciam o grau de transitoriedade de imigrantes e de homens sós que vinham trabalhar nestas terras. Nesse interstício, entraram nesta Província, 644 estrangeiros de várias nacionalidades (italianos, franceses, ingleses, paraguaios, orientais, argentinos, espanhóis, bolivianos, austríacos, portugueses, norte-americanos, gregos e alemães), sendo 473 homens e 173 mulheres. Desse total, dos que entraram nesse período de dois anos consecutivos, só permaneceram em território mato-grossense cerca de 40%, ou seja, 374 estrangeiros, sendo 237 homens e 136 mulheres. Esse quadro representativo de estrangeiros em Mato Grosso fornece outras informações que aparecem assim discriminados: 619 indivíduos “Entraram sem família” e 25 “Entraram com família”. Os itens “Destino Transitório” e/ou “Para Residir”, apresentam dados somente no período de 1884/1885, quando entraram 242 estrangeiros, sendo 86 em caráter provisório e 11 para fixar moradia em terras mato-grossenses.

Para melhor compreender esses dados estatísticos, apresentados à Secretaria de Polícia em Cuiabá, dos anos de 1884, 1885 e 1886, foram reunidas e organizadas as diversas partes desse Relatório, que encontravam-se separadas uma das outras, sendo possível elaborar o seguinte quadro:

**Quadro IV – Mapa demonstrativo de “entrada e saída” de estrangeiros na Província de Mato Grosso 30/05/1884 a 30/05/1885/1885 e 31/05/1886**

População	1884/1885		1885/1886		Total do Interstício De 1884/1886	
	Entraram	Saíram	Entraram	Saíram	Entraram	Saíram
<b>Sexo</b>						
- Homens	186	102	285	135	471	237
- Mulheres	56	45	117	91	173	136
<b>- Total</b>	<b>242</b>	<b>148</b>	<b>402</b>	<b>226</b>	<b>644</b>	<b>373</b>
<b>Nacionalidades</b>					Total	
- Paraguaio	69	42	276	174	345	216
- Italiano	56	36	25	16	81	52
- Espanhóis	21	13	39	17	60	30
- Argentinos	38	24	16	3	54	27
- Bolivianos	13	8	14	8	27	16
- Portugueses	10	3	11	3	21	6
- Orientais	9	5	8	-	17	5
- Franceses	10	6	4	2	14	8
- Norte-americanos	6	5	4	-	10	4
- Ingleses	6	4	2	-	8	2
- Austríacos	2	2	-	-	2	2
- Alemães	-	-	3	3	3	3
- Gregos	2	-	-	-	2	-
<b>Família</b>						
- Com	5	4	20	4	25	8
- Sem	237	144	382	222	619	366
<b>Destino</b>						
- Transitório	86	-	-	*Sem discriminação	-	-
- Para residir	11	-	-		-	-
<b>Profissão</b>						
- Agricultores	13	16	-	*Sem discriminação	13	*Sem discriminação
- Comércio	17	24	60		77	
- Artes	21	18	26		47	
- Letras	3	2	-		3	
- Clero	1	-	-		1	
- Indústria	23	20	-		23	
- Serv. Doméstico	67	68	117		184	
- Carpinteiro	-	-	3		3	
- Peões	-	-	192		192	

Ao observar esse Mapa demonstrativo do fluxo imigratório na Província mato-grossense percebe-se, primeiramente, a predominância de entrada de imigrantes do sexo masculino e o grau elevado de transitoriedade de estrangeiros que vinham trabalhar em períodos maiores ou menores nesta Província. Em segundo lugar, no que diz respeito às origens desses imigrantes, o número de paraguaio excede de forma significativa, o que evidencia a presença de trabalhadores oriundos da nação paraguaia no período pós-guerra,

seguido por italianos, espanhóis e argentinos. Sobre a presença de trabalhadores paraguaios em Mato Grosso, Alves chama a atenção:

Atente-se para o fato de que a livre navegação dos rios, enquanto um resultado do conflito com o Paraguai, transformou Mato Grosso numa frente de investimentos. E as novas reservas de capital canalizadas para a Província fizeram-se acompanhar de seu necessário antípoda, que a guerra imperialista também produziu: o proletariado de origem paraguaia<sup>88</sup>.

De acordo com o item que qualifica as principais profissões dos estrangeiros que adentraram na Província, no referido período, quantitativamente o trabalho desenvolvido por “peões”, “trabalhadores domésticos” e “comerciantes” excede às outras categorias ligadas às “artes”, “indústria” e “agricultura”, que aparecem, nesse momento, em segundo plano. Pode-se dizer que os “peões” são praticamente representados pelos trabalhadores sazonais paraguaios que vinham trabalhar nos *ervais mato-grossenses*, daí explicar o número de paraguaios e desta categoria coligir entre si.

A erva-mate nativa foi grandemente explorada no Mato Grosso pela Companhia Mate Laranjeira, no final do século XIX até meados do XX, através de seu proprietário Tomás Laranjeira e seus diversos acionistas. Esse produto nativo era transformado em ervas finas para o preparo de chá e, também, para o chimarrão e tereré, bebida muito usada no Paraguai, Rio Grande do Sul e na fronteira de Mato Grosso do Sul. Após passar por um trabalho de beneficiamento, a erva-mate era exportada para os países do Prata e, principalmente, para a Europa, onde o consumo de chás era maior<sup>89</sup>.

Para fazer o trabalho de extração e beneficiamento da erva-mate para exportação, a Companhia Mate Laranjeira, visando obter maiores lucros, arrendou terras pertencentes a Província/Estado e adquiriu grandes propriedades territoriais. E, por muitos anos, utilizou a

---

<sup>88</sup> ALVES, op. cit., p. 22.

<sup>89</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá, Entrelinhas, 2002, p. 105-107.

mão-de-obra barata de origem paraguaia, para realizar esse serviço no solo mato-grossense, na fronteira com o Paraguai, às margens do rio Amambá e Iguatemi, desde o final da década de 1870 até meados do século XX.

Em 1912, o italiano Eduardo Cerzósimo, alfaiate e Tabelião Público na cidade de Nioaque, no sul do Estado, manifestou o seu apoio ao Chefe do Partido Republicano mato-grossense, Pedro Celestino Correia da Costa<sup>90</sup>, contra as regalias da Companhia Mate Laranjeira, através de uma nota publicada no jornal *O Matto-Grosso*, de Cuiabá. Pedro Celestino era forte opositor do então Presidente do Estado, Joaquim Augusto da Costa Marques, que não obtinha qualquer controle da produção da Mate Laranjeira em terras mato-grossenses, deixando, muitas vezes, “de recolher aos cofres públicos de Mato Grosso o excedente do imposto relativo à quantidade de mate extraído”<sup>91</sup>:

Nioac, 15,

Coronel Pedro Celestino, - informado da Vossa honrada atitude assumida contra desenfreada cobiça da Companhia “Mate Laranjeira”, congratulo-me convosco pela intervenção patriótica que acabais de pronunciar em defeza dos elevados interesses do Estado, e especialmente da zona sul. Podeis contar com meu fraco, porém, incondicional apoio. – Saudações.

Cerzosimo

Tabelião Público<sup>92</sup>

Eduardo Cerzósimo, natural da região da Calábria, na Itália Meridional, chegou à cidade de Corumbá por volta de 1894, após ter contraído matrimônio, na capital do Paraguai, com a italiana Ângela Tortora. Trabalhou por um tempo em Corumbá, desenvolvendo sua profissão de alfaiate, onde nasceram os três primeiros filhos: Horácio, Cornélia e Orestes, meu avô. Depois transferiu-se para a Vila fluvial de Nioaque, localizada no sul da Província,

---

<sup>90</sup> Pedro Celestino Correia da Costa foi governador do Estado de Mato Grosso, no período de 12 de outubro de 1908 a 15 de agosto de 1911.

<sup>91</sup> SIQUEIRA, op. cit., p. 106.

<sup>92</sup> *O Matto-Grosso*, Cuiabá, 21 jul. 1912, p. 3.

às margens do rio do mesmo nome, sendo uma das regiões de maior extração e preparo da erva mate de Mato Grosso, através da exploração da mão de obra paraguaia. Nesta vila, o casal teve mais três filhos: Raquel, Roma e Virgílio. É interessante perceber que a manifestação de desagravo político desse alfaiate italiano, contra a “Mate Laranjeira” revela a sua insatisfação, com relação a essa Companhia, instalada na região onde residia. Ao posicionar-se publicamente, como “cidadão” mato-grossense, “em defesa dos elevados interesses do Estado”, evidencia sentimentos de “pertencimento” a terra, por parte desse italiano, e explicita sua participação política nessas longínquas terras de Mato Grosso, mesmo sem desenvolver qualquer atividade ligada aos setores produtivos e comerciais predominantes da região. Como simples alfaiate, notário público e juiz de paz, Eduardo foi aos poucos ocupando espaços de relativo destaque na comunidade local, pela sua atuação política e social nessa região. Em 1910 integrou-se à Maçonaria, tendo sido um dos seus fundadores em Nioaque, fazendo parte dessa sociedade juntamente com o “patrício” Ângelo Moliterno. Meu avô, Orestes, sempre comentava que seu pai “fazia terno, casamentos e política ao mesmo tempo, e ainda tocava violino nas festas”.

Em 1914, Simon observou que os poucos imigrantes espontâneos que chegavam ao Estado de Mato Grosso, o governo procurava localizá-los em pequenos núcleos nas proximidades das cidades, em cujos mercados podiam encontrar pronta e remunerada saída para os seus produtos<sup>93</sup>. Mesmo diante das dificuldades de estabelecer uma política de imigração e colonização no Estado, entre 1870 e 1920 houve um aumento significativo da população estrangeira em Mato Grosso. De acordo com o Censo de 1872, havia em todo o território mato-grossense 60.417 habitantes; destes 1.669 eram estrangeiros de diferentes nacionalidades. Em 1920, a população mato-grossense foi estimada em 246.612, sendo contabilizados 25.321 estrangeiros, observando-se o aumento expressivo da população mato-grossense nesse período.

---

<sup>93</sup> SIMON, Feliciano. *Terras devolutas, minas e Colonização*. In Album Graphico de Matto-Grosso, p. 171.

Assim foi possível elaborar um quadro constando dados demográficos de Mato Grosso e da cidade de Cuiabá, segundo as contabilizações populacionais realizadas nas datas dos recenseamentos gerais do Brasil. O mesmo discrimina a população total da Província/Estado de Mato Grosso e do município de Cuiabá e especifica o número de estrangeiros, brasileiros natos, naturalizados e de nacionalidade não declarada, entre 1872 e 1920:

**QUADRO V - População geral e de estrangeiros do município de Cuiabá e da Província/Estado de Mato Grosso: 1872/1890/1900/1920<sup>94</sup>**

	1872		1890		1900		1920	
	Cuiabá	Mato Grosso	Cuiabá	Mato Grosso	Cuiabá	Mato Grosso	Cuiabá	Mato Grosso
População Total	35.987	60.417	17.815	92.827	34.393	118.025	33.678	246.612
Nacionalidade								
Brasileiros natos	-	58.748	-	91.869	-	105.820	-	220.948
Brasileiros naturalizados	-	-	-	-	-	11.072	-	-
Estrangeiros	81	<b>1.669</b>	163	958	-	95	441	<b>25.321</b>
De nacionalidade não declarada	-	-	-	-	-	1.038	-	343

O censo de 1920, por ser o mais completo no que diz respeito às diversas informações sobre a população estrangeira, no Estado de Mato Grosso e municípios, é entendido como o que apresenta maior confiabilidade entre os recenseamentos realizados nesse período. Nesse levantamento populacional, foram contabilizados os estrangeiros residentes em todo o Estado, divididos em três grupos: *europæus*, predominando a presença de portugueses, italianos, espanhóis, gregos, ingleses, alemães, franceses e outros; *latino-americanos*, com destaque

<sup>94</sup> Este quadro foi estruturado por mim a partir das seguintes fontes:

(a) Recenseamento do Brasil em 1872, v. 12.

(b) Recenseamento Geral do Brasil, Censo Demográfico: Estado de Mato Grosso, 1 de setembro de 1940, p. 1.

(c) Sinopse Estatística do Estado de Mato Grosso, p. 19-20.

(d) BRASIL, Diretoria Geral de Estatística. Sexo, raça, estado civil, nacionalidade, filiação, culto e analfabetismo da população recenseada em 31 de dezembro de 1890.

(e) Relatório apresentado ao Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, Ministro da Indústria, Viação e Obras, pelo Dr. José Luiz S. de Bulhões Carvalho, Diretor Geral de Estatística, 1907.

(f) BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brasil em 1 de setembro de 1920, v. 4, pte 1.

para paraguaios, argentinos, bolivianos, peruanos, uruguaios e outros; *asiáticos*, com turco-asiáticos, japoneses e outras nacionalidades não identificadas, conforme quadro a seguir:

**Quadro VI – População estrangeira de Cuiabá e Mato Grosso segundo as nacionalidades: 1920<sup>95</sup>.**

<b>Países</b>	<b>Cuiabá</b>	<b>Mato Grosso</b>
Alemanha	19	117
Áustria	03	34
Bélgica	01	10
Dinamarca	-	04
França	19	109
Grécia	04	150
Espanha	12	570
Holanda	-	03
Hungria	-	06
Inglaterra	01	118
<b>Itália</b>	<b>112</b>	<b>810</b>
Polônia	05	54
Portugal	60	1.310
Rússia	01	24
Suécia	-	05
Suíça	02	10
Outros países	-	20
Argentina	08	2.232
Bolívia	13	2.090
Canadá	-	03
Chile	01	12
Cuba	-	05
Estados Unidos	08	31
México	-	04
Paraguai	63	13.118
Peru	-	1.038
Uruguai	13	488
Venezuela	-	05
Outros países	-	560
Japão	-	514
Turquia - asiática	91	1.232
Países diversos ou indeterminados	05	34

Dos 25.321 estrangeiros contabilizados em Mato Grosso, 441 localizavam-se na capital mato-grossense, o que evidencia que os demais estavam dispersos nas diversas regiões do Estado, exercendo variadas atividades no ramo do comércio, agricultura, pecuária, artes e indústria, ou como trabalhadores nos ervais mato-grossenses, usinas de açúcar e na extração

<sup>95</sup> Brasil. Directoria Geral de Estatística. *Recenseamento do Brasil em 1 de setembro de 1920*, Rio de Janeiro, Typ. da Estatística, 1922-1930, v. 4, parte 1.

da borracha. Destaca-se, nesse quadro, a presença expressiva de trabalhadores *paraguaios*, já sinalizada anteriormente, constituída por homens e mulheres que, segundo registros dessa presença em Mato Grosso, imigraram para essas terras após o término da Guerra do Paraguai e a reabertura da navegação pela bacia do Prata. Empregaram-se, principalmente, como trabalhadores nos ervais mato-grossenses e desempenharam diferentes atividades nas principais cidades localizadas na fronteira mato-grossense, como Corumbá, Miranda, Porto Murtinho e Ponta Porã, no atual Mato Grosso do Sul.

## CAPÍTULO II

### “AO ANJO DA VENTURA”: ITALIANOS E PORTUGUESES ENTRE A GUERRA DO PARAGUAI E O CAMINHO DAS ÁGUAS

*José Dulce, nascido em Gênova, na Itália, em 7 de outubro de 1847, muito jovem deixou a sua terra natal com destino à República Argentina, onde empregou-se no commercio. Em 1866 acompanhou a expedição argentina que fez parte da Guerra contra a Republica do Paraguay, como commerciante ambulante. Terminada a guerra, veio elle para Corumbá, onde se empregou em uma importante casa commercial ahi existente: no anno de 1871 elle mudou-se para a cidade de São Luiz de Cáceres. José Dulce, sem ter infância, na adolescência, os carinhos da família e a instrução indispensável para o encaminhamento da vida, substituiu esta lacuna do modo mais brilhante por uma intelligencia e aptidão para todos os assumptos supervenientes, ocorridos durante oito lustros da mais laboriosa vida commercial em meio dos mais ingratos, onde do acaso ou da fortuna dependia a riqueza ou a fallencia com a miseria. Sua inquebrantável energia e tino, porém, à tudo enfrentou, conseguindo estabelecer em São Luiz de Cáceres uma casa commercial sólida e, para assim dizer, universal, porque suas transações abrangem artigos que o mais original freguez póde imaginar, certo de encontral-o ahi.*

*(AYALA; SIMON, 1914,)<sup>96</sup>.*

---

<sup>96</sup> AYALA, S. Cardoso; SIMON, F. *Album Graphico de Matto-Grosso*, Corumbá/Hamburgo, s/ed., 1914, p. 357.

Para refletir acompanhar a movimentação de imigrantes solteiros nas regiões do Prata e sua vinda para Mato Grosso, onde constituíam família e se instalavam em ofícios variados pesquisamos, primeiramente, os problemas de comunicação enfrentados por esta Província, antes do estabelecimento da via de acesso fluvial, que conectou Mato Grosso, através da navegação do rio Paraguai, aos países do Prata e à capital do Império brasileiro.

Apesar de privilegiada localização geográfica, a sociedade mato-grossense, desde o período colonial até meados do século XIX, enfrentou dificuldades de comunicação com as demais regiões brasileiras. Mato Grosso, por encontrar-se no centro do continente Sul-Americano, distante do litoral e dos centros políticos e comerciais do Brasil, sempre teve a preocupação, por parte de seus dirigentes, em buscar caminhos mais acessíveis, que pudessem facilitar aproximações.

Com a decadência da mineração em solo mato-grossense, no final do século XVIII, os sistemas monçoeiros, que ligavam Mato Grosso a São Paulo, foram praticamente desativados. Segundo Virgílio Corrêa Filho, o ouro que causou o povoamento da Província mato-grossense, já não era abundante como outrora e, “ao vencer o primeiro centenário de sua colonização regular, esmorecia em penosa extenuação econômica”<sup>97</sup>. Além disso, não produzia “artigos de alto valor sobre os quais pudesse o fisco aprofundar suas garras”<sup>98</sup> e nem dispunha de meios fáceis de exportação.

O caminho terrestre, que ligava Mato Grosso a Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, era longo, precário e oneroso. Geralmente, as viagens eram feitas em tropas de mulas e através delas todo o movimento comercial da Província, o que encarecia demasiadamente as mercadorias importadas, manufaturadas e outros gêneros de primeira necessidade que abasteciam esta província. Essa realidade dificultava, também, o escoamento

---

<sup>97</sup> CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional Livro/MEC, 1969, p. 454.

<sup>98</sup> Id. *Ibid.*

de matérias-primas produzidas em terras mato-grossenses, pois as viagens duravam cerca de seis meses.

O depoimento de Antonio Borges Sampaio, publicado no Almanaque de Mato Grosso, em 1905, contribui para o entendimento das rotas utilizadas pelos tropeiros comerciantes que partiam de Cuiabá em direção a São Paulo e Rio de Janeiro e vice-versa, até a abertura da navegação no rio Paraguai, ocorrida na segunda metade do século XIX:

Cuiabá, a capital da importante Província de Mato Grosso, mantinha suas relações comerciais com o litoral - Rio de Janeiro e Santos - pela estrada que, de alguns daqueles pontos para ali se dirigia. Os gêneros estrangeiros que lhe alimentavam o consumo tinham que percorrer necessariamente a estrada de tropas, desde o Rio de Janeiro até lá, atravessando aquela província (a do Rio), a de Minas na Farinha Podre, atual Triângulo Mineiro, e de Goiás; ou então a de São Paulo até Minas, se as cargas eram tomadas no porto de Santos. A convergência, porém dos dois portos (Rio ou Santos), fazia-se em Uberaba. Deste povoado em diante, as tropas seguiam por Catalão, Santa Cruz, Bonfim e Vila Boa, capital goiana, para Cuiabá, caminhos que então eram desertos. Os negociantes recomendavam porque os tropeiros exigiam, que os volumes abaixo não tivessem peso excedente a 3 arrobas e meia: com outros volumes de cima, de menor peso, para dobros, eles carregavam as mulas conforme as forças de cada uma. Vi este meio de transporte durar muitos anos. As viagens redondas eram de cerca de seis meses. Esperava-se, para fazê-las, na estação própria. Empregava-se nelas pessoal apropriado e capitais avultados. Os comerciantes do Rio vendiam, nesses tempos, os gêneros a prazos longos.<sup>99</sup>

Para a historiadora mato-grossense Lúcia Corrêa, a utilização regular do rio Paraguai e da rede fluvial platina representava a sobrevivência dessa imensa região, pois os contatos mais diretos com os países do Prata facilitariam o fluxo de entrada e saída de mercadorias e, desta forma, proporcionariam o barateamento dos fretes para todo Mato Grosso, como de fato aconteceu. No entanto, era necessário superar o principal entrave que impedia tal objetivo:

---

<sup>99</sup> MENDONÇA, Rubens. *História do comércio de Mato Grosso*, Goiânia, Rio Bonito, 1973, p. 32.

Antes da guerra da Tríplice Aliança, a navegação fluvial para Mato Grosso via Bacia do Prata já era praticada, todavia sujeita às vicissitudes da irregularidade e das relações conflituosas com as autoridades paraguaias em Assunção que, por inúmeras vezes e sob diversos pretextos, impediam o franco acesso de embarcações brasileiras e estrangeiras rio acima, mesmo em tempo de paz.<sup>100</sup>

As autoridades provinciais sabiam que a solução, para o estado de pobreza da população mato-grossense e estagnação de vários setores produtivos da província, encontrava-se nas vias fluviais e a ativação das mesmas eram urgente e necessária. Essa preocupação já vinha de longa data e a promoção de abertura da navegação do rio Paraguai dependia da ação dos dirigentes mato-grossenses. O que só veio acontecer após um extenso e penoso período de conversações e negociações entre o Brasil e o governo paraguaio.

Assim, nesse capítulo desenvolve-se um estudo sobre as buscas e estratégias da Província de Mato Grosso para estabelecer vias de comunicação com países do Prata, através da livre navegação do rio Paraguai. Nesta perspectiva, acompanhar experiências e trajetórias de imigrantes italianos e portugueses, que chegaram em terras mato-grossenses pela rota do Prata, bem como suas lutas e conflitos vividos na época da invasão paraguaia, na fronteira mato-grossense, no período da Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870), constitui o centro das atenções desta pesquisa neste capítulo.

José Antonio Pimenta Bueno, na época em que presidiu Mato Grosso, entre 1836 e 1837, praticamente deu início às missões de negociações, junto à nação paraguaia, com o propósito de viabilizar a navegação pelo rio Paraguai em terras guaranis. No entanto, devido aos antigos litígios fronteiriços ocorridos no período colonial, e ainda não resolvidos, entre os

---

<sup>100</sup> CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e fronteira: o sul de Mato Grosso (1870-1920)*. Campo Grande, Editora da UCDB, p. 120.

territórios de domínio português e espanhol<sup>101</sup>, houve dificuldades de negociações do Brasil com o Paraguai em relação a um possível acordo.

Essa situação de conflito na fronteira de Mato Grosso com o Paraguai tornou-se de solução cada vez mais difícil. Desde o período colonial que “Portugal procurou aumentar os postos militares na fronteira ocidental da Capitania de Mato Grosso”<sup>102</sup>, com o objetivo de resguardar as regiões de litígios com espanhóis, índios e a nação paraguaia. Daí que, o Capitão-General Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres empenhou-se em construir o Forte de Coimbra, em 1775, localizado às margens do rio Paraguai, na fronteira de Mato Grosso com o Paraguai, próximo a Vila Albuquerque, mais tarde denominada Corumbá. Em 1776, outro importante posto militar foi edificado na fronteira ocidental do território mato-grossense, o Forte Real Príncipe da Beira, na margem direita do rio Guaporé.

Apesar disso, quase um século depois, as questões de limites e fronteiras nas vias de acesso a Mato Grosso continuavam. Nas primeiras décadas do século XIX, ao suplantar o jugo colonial espanhol, o Vice Reinado do Prata desmembrou-se, surgindo três nações independentes: Argentina (1810), Paraguai (1811) e Uruguai (1828). Desde então, a Província de Mato Grosso passou a enfrentar sérios problemas de fronteira com a jovem República

---

<sup>101</sup> Conforme estudos de Vilaça dos Santos “o ponto alto da questão de limites entre Portugal e Espanha deu-se a 13 de janeiro de 1750, quando Alexandre de Gusmão e D. Jose de Carvajal y Lencastre, representando, respectivamente, os monarcas português e espanhol, assinaram o *Tratado de Madri*. O acordo diplomático visava dirimir indefinições da não demarcação de Tordesilhas e ratificar a soberania das duas monarquias ibéricas sobre os territórios ocupados na América. Como o meridiano proposto em 1494 havia sido desrespeitado, principalmente pelos lusos, o princípio que garantia a posse das terras ocupadas pelo Tratado de Madri - o *uti possidetis*, ou seja, só possui quem ocupa - mostrou-se vantajoso para os interesses da Coroa dos Bragança. Ratificado no reinado de D. João V, durante o qual a América portuguesa ganhou progressiva centralidade no quadro geral do Império colonial, dado o enfraquecimento da presença lusa no Oriente, o Tratado de 1750 estava em sintonia com a preocupação da Coroa em resguardar seus domínios americanos. Desde a fase áurea da mineração do ouro e dos diamantes, havia que proteger as fronteiras e os principais portos da América portuguesa, especialmente o do Rio de Janeiro, como as regiões que confinavam com possessões espanholas, razão, por exemplo, da criação da capitania de Mato Grosso, em 1748. Pelo Tratado de Madri, Portugal se comprometia a abandonar suas pretensões sobre a Colônia do Sacramento em favor da Espanha que, por sua vez, abriria mão do território dos Sete Povos das Missões, na margem oriental do rio Uruguai. Para a execução dos trabalhos de demarcação, as Cortes de Lisboa e de Madri deveriam nomear comissários para comandar a missão nos limites das possessões lusas e castelhanas no Norte e no Sul da América. Um suplemento do Tratado, de 17 de abril de 1751, encontrado no Fundo - Vice-reinado, do Arquivo Nacional, informava que os comissários deveriam trabalhar pelo rio Amazonas e da Prata, respectivamente no Norte e no Sul”. In: SANTOS, Fabiano Vilaça dos. *O Arquivo Nacional e a história luso-brasileira: limites e fronteiras*. Rio de Janeiro, FAPERJ.

<sup>102</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais, Cuiabá, Entrelinhas, 2002, p. 56.

Guarani. Após o período de consolidação dessas nações latino-americanas surgiram, para o Brasil, novas necessidades de defender as fronteiras territoriais mato-grossenses.

Em 1840, Estevão Ribeiro de Resende, então Presidente da Província de Mato Grosso, dando continuidade a tais propósitos, “esforçou-se pela solução dos problemas administrativos mais prementes, em que sobrelevaram os referentes a transportes”<sup>103</sup>. Mesmo enfrentando, em seu governo, a oposição do legislativo mato-grossense<sup>104</sup>, cuidou de melhorar as estradas que ligavam Cuiabá aos municípios vizinhos e, no ímpeto de resolver os problemas de comunicação de Mato Grosso, antecipou contatos com o Governo Paraguai, sem a autorização do Governo Imperial. Ao tomar para si atribuições que não eram pertinentes ao seu cargo, mesmo que demonstrando esmero pela causa provincial, ultrapassou sua jurisdição e invadiu encargos da chancelaria imperial. Ao assumir a “incumbência ousada de levar a Capital do Paraguai amáveis palavras de boa vizinhança, envoltas em pretensões que somente mais tarde seriam acolhidas”<sup>105</sup>, não só trouxe desconforto junto ao Governo Imperial, como acirrou divergências políticas com o legislativo mato-grossense.

Mesmo assim, Estevão Ribeiro Resende, através de ofício de 22 de abril de 1840, em resposta às interpelações da Assembléia Legislativa Provincial sobre o assunto, manteve sua posição justificando suas atitudes devido à urgência de tal demanda, uma vez que não “há quem possa duvidar dos grandes benefícios que resultariam esta Província da franca navegação do Paraguai”<sup>106</sup>.

---

<sup>103</sup> CORRÊA FILHO, op. cit., 521.

<sup>104</sup> O Presidente Estevão Ribeiro de Resende foi nomeado por Carta Imperial, em 9 de fevereiro de 1838 e só tomou posse em setembro desse mesmo ano. Desde o início de seu governo não captou as simpatias dos mato-grossenses, sofrendo forte oposição, principalmente por parte dos liberais. Essa oposição “repercutiu na Assembléia Provincial a qual encerrou os trabalhos legislativos sem votar a lei orçamentária. Foi esta, talvez, na História da Província, a primeira vez que se registrou tal fato. Descontente por vários motivos e ainda negada a lei de meios, se exonerou do cargo, passando o Governo ao Vice-Presidente Antônio Corrêa da Costa”. MENDONÇA, op. cit., p. 33.

<sup>105</sup> CORRÊA FILHO, op. cit.

<sup>106</sup> Ofício do Presidente da Província de Mato Grosso dirigido à Assembléia Legislativa Provincial, de 22 de abril de 1840 apud CORRÊA FILHO, op. cit., p. 519-521.

Independente de intenções e pretensões de dirigentes mato-grossenses, de questões de políticas internas e/ou externas, as atenções estavam voltadas para a abertura do caminho das águas, constituído pelas conexões dos rios da Prata, Paraná e Paraguai, abrindo possibilidades de vincular a província de Mato Grosso ao Rio de Janeiro, através do Oceano Atlântico, via Buenos Aires, principal centro metropolitano do *cone sul-americano*<sup>107</sup>, conforme ilustração do mapa da região meridional da América do Sul:



**Ilustração 11 – Mapa da América do Sul, destacando os países pertencentes ao cone sul-americano (Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e o sul do Brasil).**

Fonte: [discutapolitica.blogspot.com/2008](http://discutapolitica.blogspot.com/2008).

<sup>107</sup> Cone Sul é a denominação que recebe a região mais meridional da América do Sul, ao sul do Trópico de Capricórnio. Geograficamente, engloba integralmente a Argentina, o Chile, o Uruguai, e mais o sul do Brasil e do Paraguai. O termo "cone sul" foi muito utilizado para se referir ao grupo de países que viviam sob o regime militar. Posteriormente, o termo perdeu seu caráter pejorativo sendo empregado como uma localização geográfica. O Cone Sul é a região da América Latina com melhores condições de vida no continente e o índice de desenvolvimento humano aproxima-se do de nações tradicionalmente consideradas desenvolvidas, embora haja círculos de pobreza nas grandes metrópoles. É também uma região de clima predominantemente temperado, com neve todos os anos em todos os países, exceto o Uruguai. A região é especialmente caracterizada pelo marcante predomínio da cultura europeia, ao contrário das demais regiões latino-americanas que sofreram grande miscigenação entre europeus, africanos e ameríndios.

No entanto, em 1850, Brasil e Paraguai iniciam, novamente, um processo diplomático litigioso, envolvendo a disputa territorial da região fronteira do Fecho dos Morros, uma paragem montanhosa, situada à margem esquerda do rio Paraguai, no extremo sul da Província de Mato Grosso, onde hoje encontra-se a cidade de Porto Murtinho (Mato Grosso do Sul). A ameaça da tomada desta região pelos paraguaios despertou a atenção do governo imperial, ultrapassando os interesses provinciais.

A partir de então, uma série de missões diplomáticas, junto aos governantes paraguaios, foram realizadas, concentrando esforços na liberação da navegação do rio Paraguai em terras guaranis. Mesmo em meio às negociações, o governo paraguaio ameaçava bloquear a navegação do rio Paraguai, uma vez que detinha seu controle. Após longas conversações entre representantes do Brasil e do Paraguai, a princípio sem sucesso, em 1856 foi assinado o Tratado de Aliança, Comércio, Navegação e Exatridição entre um e outro. Finalmente foi “franqueada a navegação de Mato Grosso pelo rio Paraguai, o qual integra, com os rios Uruguai e Paraná, a grande bacia hidrográfica que interliga o Sul, Sudeste e o Centro Oeste do Brasil com as Repúblicas do Uruguai, Argentina e Paraguai”<sup>108</sup>.

Para Mato Grosso, o Tratado de Aliança com o Paraguai não só estabeleceu uma importante hidrovía de comunicação com o exterior, como firmou relações comerciais com os países do Prata e europeus. Abriu-se nova fase de prosperidade econômica, social e cultural em terras mato-grossenses e um movimento, sem precedentes, de importação de produtos nacionais e estrangeiros, como de exportação da produção regional para diferentes países e regiões brasileiras, como: poaia, charque, borracha, couro e erva-mate. Sobre essa nova realidade, Gilberto Alves comenta: “A circulação intensa de mercadorias inglesas na bacia do

---

<sup>108</sup> SIQUEIRA, op. cit. p. 95.

Prata, afastados os obstáculos à *livre concorrência*, ultrapassou as fronteiras do Paraguai, alargando seus limites para o interior de Mato Grosso”<sup>109</sup>.

Para os mato-grossenses, a abertura desta linha de contato com o mundo exterior, teve um significado para além do devir geográfico, representado por uma passagem cartográfica fluvial, que possibilitou ligar, mais facilmente, os lugares entre si. O sentido das fronteiras, como algo que deveria ser transposto, rechaçado e ultrapassado, começou a ser pensado como um ponto de partida, um recomeço para outros intercâmbios e horizontes. Novas experiências itinerantes foram inauguradas, caminhos errantes e interessantes proporcionavam novas maneiras de migrar e novos encontros com o outro. O antigo tornou-se alternativo, que poderia ser esquecido, interessante somente para ser lembrado a fim de justificar o novo<sup>110</sup>.

A partir da segunda metade do século XIX, a comunicação de Mato Grosso com São Paulo e Rio de Janeiro passou a ser feita através do “caminho das águas”. Partindo de Cuiabá, as embarcações seguiam até ao porto de Corumbá e deste para Assunção, Buenos Aires, Montevideú, Santos, Rio de Janeiro e Europa. Ocorreu, nos rios de Mato Grosso, um novo movimento de ir e vir de embarcações carregadas de mercadorias, homens, mulheres e crianças, hábitos e costumes de diferentes regiões e nacionalidades.

Esse ritmo de investimento no transporte, comércio e produção de matérias-prima e de alimentos trouxe consigo elementos importantes, especificamente no que diz respeito à vinda de estrangeiros para o território mato-grossense naquele período. Com a franquia da navegação do rio Paraguai, a província de Mato Grosso passou a receber correntes regulares de imigrantes europeus. Muitos italianos, oriundos dos países do Prata, principalmente

---

<sup>109</sup> Sobre essa perspectiva regional, Alves acrescenta que “o barateamento das mercadorias, viabilizado pela redução dos custos de transporte, fixou em definitivo a nova rota fluvial do comércio, tendo sido relegada ao abandono à antiga alternativa terrestre. Mato Grosso, libertava-se, enfim, das limitações impostas pelo longo e tortuoso caminho de Goiás, que desembocavam numa atividade comercial de ritmo lento e de escala reduzida. ALVES, Gilberto Luiz. Mato Grosso e a história: 1870-1929 (Ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro). In: BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, n. 61, USP, 1985, p. 11. (Grifos do autor)

<sup>110</sup> DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos: Da superioridade da literatura anglo-americana*. Diálogos, São Paulo, Escuta, 1998, p. 50.

imigrados da Argentina e do Paraguai, passaram a navegar as vias naturais de comunicação fluvial, do Mato Grosso com a Bacia do Prata, com o objetivo de conhecer e mapear a região, a fim de trazer e levar notícias do lugar, como de buscar novas oportunidades de trabalho e investimentos nestas terras.

Foi nesse contexto histórico que o comerciante português Manoel Cavassa, aos 35 anos de idade, de descendência italiana, chegou em terras mato-grossenses, em 1857, e estabeleceu-se em Corumbá, conforme sua declaração:

Sou bem conhecido, Illustre cidadão, não só n'este Estado, onde há longos annos fixei a minha residência como também nas Republicas do Rio da Prata. Nasci em Lisboa, Reino de Portugal, sendo [...] pai italiano, minha mae portugueza e italiana minha consorte. Tendo ficado orphao na idade de 7 annos, fui criado sob a tutela da então nação sarda, parte hoje do Reino de Itália. No anno de 1842 vim para a América no brigue "Graciosa Fênix" do Commando do Capitão Pedro Triscornia de Savogno; e, depois de haver percorrido vários outros lugares, fomos a Buenos Ayres, onde fixei residência e por meio de insano labor consegui adquirir uma pequena fortuna. Alli comprei um pequeno navio, com o qual emprehendi a navegação do rio Uruguai, e no anno de 1850 me dediquei á carreira entre os portos de Buenos Ayres e Assunção, Republica do Paraguay, com carregamento de minha propriedade, vendendo e comprando por minha conta o que produziu-me bons lucros, fazendo avultar o meu capital.

Logo que foi franqueada a navegação do rio Paraguay para Matto-Grosso, desejando conhecer esta parte do Brasil, promptifiquei-me em fins de 1857, e vim para esta cidade, que era então um lugar ermo, onde sómente havia quatro ranchos de palha e nem uma só casa, pelo que vi-me obrigado fazer do navio armazém, vendendo ahi as mercadorias, que tinha trazido, aos habitantes d'este lugar e ás embarcações que vinhão da Capital, de Villa Maria e de Miranda<sup>111</sup>.

Este depoimento encontra-se no *Memorandum* de Manoel Cavassa. Por não saber escrever, Cavassa confiou a escrita desse documento ao seu filho Julio Cavassa. A maneira

---

<sup>111</sup> CAVASSA, Manoel. *Memorandum de Manoel Cavassa*, apresentação e notas Valmir Batista Corrêa e Lúcia Salsa Corrêa, Campo Grande, Editora da UFMS, 1997, p. 20-21.

como foi elaborado, em forma de testemunho vivenciado, durante e depois da Guerra do Paraguai, impressiona pela riqueza de informações referentes aos seus contínuos deslocamentos e empenho para fazer prosperar seus negócios. Nesse caso, especificamente no que diz respeito à presença de imigrantes europeus na bacia do Prata, apresenta elementos importantes e dados significativos que permitem análises mais aprofundadas sobre a visão e os empreendimentos do imigrante bem sucedido nestas terras, como suas expectativas, dissabores e atividades lucrativas através da navegação fluvial na região. Vicente Solari, Tomaz Deluchi, Nicola Canale e Manoel Cavassa foram feitos prisioneiros, juntamente com muitos brasileiros, e levados para Assunção, de onde retornaram após a expulsão dos paraguaios da cidade de Corumbá, no final da guerra.

É interessante perceber que Manoel Cavassa veio para Mato Grosso, como a maioria dos demais imigrantes, “*depois de haver percorrido vários outros lugares*”, principalmente as regiões do Prata. Quando informa que trabalhou de modo “*insano*”, em Buenos Aires, para conseguir obter seu próprio negócio e bons lucros, trás a tona a discussão sobre a presença estrangeira em terras mato-grossenses e dos seus objetivos de empreendimentos neste lugar.

Seu testemunho esclarece evidências acerca dos fatores de atração de estrangeiros para as terras mato-grossenses nesse período, quando a maioria dos imigrantes aqui estabelecidos dedicou-se ao lucrativo ramo do comércio de importação e exportação. Cavassa é exemplar: após produzir bons lucros e avultar capitais com a navegação entre os portos de Buenos Aires e Assunção, teve o “*desejo*” de conhecer esta parte do Brasil, onde decidiu investir em “*lugar ermo*”, fazendo do seu navio um armazém para vender mercadorias aos habitantes da pequena vila de Corumbá e, principalmente, às embarcações que faziam o trajeto até os países do Prata. As experiências deste estrangeiro e seu desprendimento em lançar-se nos vazios do Pantanal mato-grossense deixam ver que, no espaço das águas, um ano após a abertura da

navegação, já havia um atrativo movimento de embarcações, mercadorias, dinheiro e gentes, potenciais consumidores de seus produtos.

Este incremento comercial no Mato Grosso fez com que muitos estrangeiros, ligados ao ramo, viessem conhecer o lugar, permitindo grandes descobertas no campo de investimentos, principalmente na importação e exportação de mercadorias. Já outros, que vieram sem posses e perspectivas de negociar, empregaram-se como trabalhadores assalariados, não alcançando a mesma sorte nessa região.

Entretanto, com a Guerra do Paraguai (1865-1870), Mato Grosso enfrentou outra situação de semi-isolamento. Os esforços para implantar projetos que atendessem necessidades prementes da Província foram adiados, pois sua principal via de acesso foi interrompida, resultando em grandes transtornos e retrocesso para a sociedade mato-grossense. Nesse conflito, entre a Tríplice Aliança (Brasil, Uruguai e Argentina) e a República do Paraguai, devido a sua situação de fronteira com o Paraguai, Mato Grosso sofreu inexoravelmente as conseqüências advindas de uma guerra, onde seu território foi palco de lutas, confrontos, com perdas humanas e de bens materiais intangíveis. Esta guerra contra o Paraguai ocorreu em momento em que a Província passava por reestruturação em suas vias de comunicação, com as melhores disposições comerciais e produtivas de toda sua história. Sobre o desenrolar desse confronto Siqueira traz comentários:

Conhecedor da situação precária de Mato Grosso, o governo paraguaio, dirigido por Francisco Solano Lopes, resolveu atingir a parte mais frágil do Império brasileiro, pelo lado ocidental, na raia oeste. A Província de Mato Grosso precariamente militarizada visto não somente pela extensão de seu território, mas, sobretudo a rarefeita população que nele habitava, foi presa fácil.

Apesar de todo empenho e heroísmo de seus comandantes e tropas militares, assim como dos índios da região e de toda a população livre e escrava que se envolveu na defesa do território mato-grossense, os primeiros combates foram perdidos e os paraguaios se apossaram de todo o Sul da Província, hoje constituída do território do Estado de Mato Grosso do Sul. O primeiro ataque

paraguaio se deu no Forte de Coimbra, comandado por Hermenegildo Portocarrero. Nessa ocasião as forças de Lopes foram derrotadas, deslocando o ataque para Corumbá, que foi totalmente devassada, sua população massacrada e a cidade tomada pelas tropas paraguaias.<sup>112</sup>

Sabe-se que Mato Grosso foi invadido antes mesmo de qualquer declaração formal de guerra da nação paraguaia ao Brasil. Francisco Solano Lopes, em 11 de novembro de 1864, ordenou que fosse apreendido o navio brasileiro Marquês de Olinda, que subia o rio Paraguai rumo à Mato Grosso, levando a bordo o recém nomeado Presidente da Província, Coronel Frederico Carneiro de Campos. Tanto o Presidente como a tripulação e passageiros foram feitos prisioneiros. Para realizar a invasão de Mato Grosso, Lopes mobilizou duas fortes colunas: uma pelas águas, que atacou e dominou o forte Coimbra, apoderando-se em seguida de Albuquerque e de Corumbá; e outra por terra, que venceu a guarnição de Dourados, ocupou Nioaque e Miranda e enviou um destacamento para tomar Coxim, em abril de 1865.

Moutinho, que também acompanhou esta guerra, pois residia na capital mato-grossense, ao comentar a atitude do Comandante Hermenegildo Portocarrero, em deixar o Forte de Coimbra e embarcar com parte de sua guarnição para Cuiabá, avaliou que o mesmo “abandonou inopinadamente o forte confiado à sua guarda”<sup>113</sup>. Já para Rubens de Mendonça, Portocarrero “resistiu heroicamente”, retirando-se, com sua guarnição de 155 homens, somente quando as munições esgotaram-se, pois o destacamento paraguaio era composto por cinco mil homens, transportados em dez navios e comandado pelo coronel Vicente Barrios. O caminho das águas evidenciava suas fragilidades e contrapontos, o que trouxera embarcações comerciais, trazia navios de guerra. Segundo Mendonça, na Província, para a defesa de mais de 400 léguas de fronteiras fluviais, “havia apenas uma guarnição de 875 homens [...] e somente a 13 de abril de 1865 teve a província notícias do Rio de Janeiro [com a seguinte

---

<sup>112</sup> SIQUEIRA, op. cit., p. 96.

<sup>113</sup> MOUTINHO, op. cit., p. 68-69.

mensagem]: sem dinheiro, sem gente, sem recursos, invadido pelo inimigo grande parte de seu território, tal era a posição”<sup>114</sup>.

Ao contrário dessa realidade, de uma desguarnecida e aberta Província, para os paraguaios, a tomada do Forte de Coimbra e da Vila de Corumbá foi contada de outra maneira:

Desde largo tiempo, em previsión de ofensivas ou defensivas futuras contra el Paraguai, el Brasil, aprovechando a libre navegación de los rios, acumulaba grandes cantidade de elementos bélicos em la Província de Mato Grosso. El império no sospechaba que esos armamentos habían de caer um dia em poder de su vicino”<sup>115</sup>.

Pelo lado brasileiro, esta guerra foi entendida, durante algum tempo, como uma luta realizada contra os planos expansionistas do presidente paraguaio Solano Lopes. Entretanto, a partir da década de 1960, León Pomer e outros historiadores de sua geração, relacionaram este episódio aos interesses ingleses de manter o controle econômico sobre a bacia do Prata e América Latina, buscando desarticular a crescente autonomia da nação paraguaia. Mais adiante, a historiografia buscou compreender a situação dos países que participaram desse conflito e suas relações políticas e econômicas, não perdendo de vista a influência inglesa na economia da América Latina, nessa época. Nesse sentido, a compreensão da guerra do Paraguai parte desde a época das Américas portuguesas e espanholas em torno dos rios da Prata, Paraguai e Uruguai, constituindo-se, no decorrer do tempo, em zonas de tensões e conflitos nas fronteiras platinas, como foi sinalizado no início desse capítulo.

---

<sup>114</sup> MENDONÇA, Rubens. *História de Mato Grosso*, IHMT, 1981, p. 44.

<sup>115</sup> CAPDEVILLE, B. *História Del Paraguay, La Comena, Assunción*, 1930, p. 408. Apud MENDONÇA, op. cit., p. 43.

Não pretendo discutir as razões, pretextos e interesses dos envolvidos nesta guerra, o que importa para este estudo, é concentrar abordagens relacionadas a tensões e conflitos vividos por nacionais e estrangeiros na fronteira com o Paraguai e dos transtornos em relação à via de comunicação de Mato Grosso com o exterior. A partir de testemunhos de estrangeiros e nacionais que participaram, direta ou indiretamente, desse conflito em solo mato-grossense, nossa atenção concentrou-se em conhecer suas experiências de luta e resistências diante de um território invadido e dominado por forças estrangeiras.

Logo que o comandante Portocarrero retirou-se para Cuiabá, deixando a população de Corumbá a mercê das forças guaranis, antes mesmo de ocorrer a invasão estrangeira, quase todos os moradores haviam abandonado a cidade, refugiando-se na densa mata que havia ao redor da Vila. Quando esta notícia chegou à capital mato-grossense, o “susto e o terror” tomou conta de sua população e muitos tiveram a mesma reação – fugir<sup>116</sup>. Com a ameaça dos paraguaios tomarem Cuiabá, seguindo com seu corpo naval rio acima, o chefe de esquadra, Augusto Leverger, mandou fortificar e guarnecer com tropas armadas a região de Barão de Melgaço, a fim de proteger a capital de Mato Grosso. Durante todo o período da Guerra do Paraguai a população cuiabana temeu a chegada dos paraguaios, porém as tropas de defesa, instaladas nesse ponto estratégico, com o apoio dos Voluntários da Pátria, inibiram o avanço do inimigo.

Os batalhões de Voluntários da Pátria foram criados pelo Império brasileiro, em 1865, após a invasão paraguaia em terras mato-grossenses, com o objetivo de aumentar o corpo de soldados em defesa de seu território. Inicialmente, movidos pelo espírito patriótico, muitos brasileiros alistaram-se como voluntários<sup>117</sup> nas forças de guerra contra a nação paraguaia.

---

<sup>116</sup> MOUTINHO, op. cit., 245.

<sup>117</sup> Generoso Paes Lemes de Sousa Ponce, em 1865, com treze anos de idade, alistou-se como Voluntário da Pátria na guerra do Paraguai. Da guerra saiu com o posto de primeiro-sargento cadete, sendo eleito Presidente do Estado de Mato Grosso no período de agosto de 1907 a outubro de 1908.

Com o passar do tempo, o entusiasmo popular diminuiu e os voluntários da pátria passaram a contar com o “recrutamento forçado” nas províncias brasileiras. Muitos proprietários, para escapar das convocações da Guarda Nacional, fizeram doações de recursos, escravos e empregados para lutarem em seu lugar. Aliás, o uso de escravos para lutar em nome de seus proprietários virou prática corrente nesse conflito, bem como a libertação em massa nas fazendas nacionais e/ou o recrutamento militar em troca de alforria. Os de menos posses não tinham alternativas, restavam-lhes o alistamento ou a fuga.

De acordo com o artigo *Bravos Guerreiros: soldados esquecidos*, de Rosely Batista de Almeida, os “Txané-Guaná (grupo Aruak) e os Mbayá-Guaicuru, vindos da região do Chaco, habitavam a bacia pantaneira (Baixo rio Paraguai) desde meados de século XVII, e foram os que tiveram maior participação nesse conflito”<sup>118</sup>, em defesa da fronteira meridional mato-grossense. Segundo Almeida, “o recrutamento compulsório incidia sobre indígenas, negros, forros ou escravos, e homens desocupados em condições de lutar”. Apesar de haver voluntários indígenas, muitas vezes movidos pela defesa de sua gente e de seu território, “grande parte deles era levada à força para o campo de batalha”<sup>119</sup>:

Por conhecerem bem os territórios da Província, diferentes grupos indígenas prestavam serviços também na abertura de trilhas e outros tipos de trabalho, como o fornecimento de lenha para os vapores que transportavam pessoas e cargas ou o sepultamento dos mortos em combate. Os Kinikinau, os Xamakoko, os Kayapó, os Terena e os Layana foram mencionados, em manuscritos relacionados ao período da guerra, como os que socorriam as forças militares com mantimentos. Os Guaicuru, os Terena, os Kinikinau e os Guaná ocuparam as frentes de batalha no episódio da Retirada da Laguna e depois em solo paraguaio. A inimizade dos Guaicuru com os paraguaios se registra desde o período da colonização, quando expedições punitivas eram freqüentemente enviadas contra eles pelos espanhóis,

---

<sup>118</sup> ALMEIDA, Rosely Batista. *Bravos guerreiros: soldados esquecidos*. Revista de História da Biblioteca Nacional, n. 29, fev. 2008.

<sup>119</sup> Id. Ibid.

inclusive com participação de grupos indígenas rivais, como os Guarani. Tais incursões estimularam e enraizaram a inimizade dos Guaicuru pelos paraguaios, mais do que com os portugueses<sup>120</sup>.

Quando os paraguaios tomaram a Vila de Corumbá, em janeiro de 1865, havia cerca de 1.500 habitantes, a maioria brasileira, e um pouco mais de 100 estrangeiros radicados nesta localidade. A maior parte desta população, constituída por livres pobres, escravos e índios da região, tornou-se prisioneira dos paraguaios, “inclusive todos os portugueses, e mais estrangeiros”<sup>121</sup>. Nessa ocasião, os imigrantes europeus, principalmente italianos e portugueses, que ali viviam, dominavam toda a atividade comercial da Vila. O comandante paraguaio Vicente Barrios, em carta a Solano Lopes, assim relatou a tomada de Corumbá:

Na tarde do dia seguinte, 3 do corrente [janeiro de 1865], cheguei ao lugar citado, e ordenei que a tropa de desembarque saltasse em terra, operação que se fez com brevidade. Pelo silencio observado nas habitações situadas nas immediações se via o abandono do lugar, e durante a noute se fizeram explorações que na manhã seguinte levarão o capitão Freitas, com as quatro companhias de infantaria encarregadas d’aquela serviço, até á mesma cidade, de que tomou posse, recebendo a noticia de que as autoridades civis e militares haviam fugido com sua guarnição para Cuyabá.

Ao mesmo tempo observou-se uma *bandeira branca* entre a povoação e o rio; foi expedido um próprio para saber o que importava aquelle signal no rio, e encontrando em caminho uma canôa, apresentarão-se-lhe os *negociantes estrangeiros D. Nicolas Canaria, Manuel Cabaza e Juan Viacaba* que vinhão pedir auxilio e protecção a esta divisão contra os saqueadores de casas que destruíam a cidade abandonada, e sendo trazidos a minha presença deram circunstanciadas noticias sobre o acontecido em Corumba<sup>122</sup>.

---

<sup>120</sup> ALMEIDA, op. cit.

<sup>121</sup> MOUTINHO, op. cit.

<sup>122</sup> Trecho do Livro Diário Paraguaio, dirigido ao Presidente Solano Lopes, escrito durante a Guerra do Paraguai pelo comandante Vicente Barrios, mencionado por Moutinho como “Livro Diário do Inimigo”, de 10 de janeiro de 1865. In: MOUTINHO, op. cit., p. 292. (grifo nosso)

Manoel Cavassa e Nicola Canale, juntamente com suas esposas e filhos, vivenciaram esta invasão estrangeira em Corumbá. Diferentemente da atitude de fuga e de refúgio dos moradores de Corumbá, a maioria dos estrangeiros que residia e tinha comércio nessa Vila, ali permaneceu. Talvez por pretenderem resguardar as suas posses ou porque acreditavam que, na condição de estrangeiros, teriam, por parte dos invasores, tratamento diferenciado dos nacionais. Entretanto, isto causou estranhamento e desconfiança por parte dos moradores dessa pequena Vila, para os quais, segundo Cavassa, os estrangeiros eram duramente acusados de omissão e traição frente à invasão paraguaia, ocorrida dias antes no Forte Coimbra, por acreditarem que estes estrangeiros tinham conhecimento das intenções do governo paraguaio e assim, de certa forma, colaboraram com esta situação:

Não havia aqui mais embarcações que a canhonera “Amambahy” e uma escuna de um particular, Santiago Deluchi, que estava carregado de couros e prompta para seguir para baixo. Começou então a desordem e o barulho: soldados bêbados e paisanos já não respeitavam os officiaes nem mesmo o commandante das Armas; queriam matar os estrangeiros, caluniando-os, dizendo que estes sabiam da invazão dos Paraguayos e nada lhes tinham dito, em vista do que vários estrangeiros se viram forçados a abandonar suas casas e refugiar-se no matto.

[...] Na tarde d’esse mesmo dia appareceo-nos chorando o cidadão Brasileiro João de Camargo de S. Paulo, que veio avisar-nos que no matto, de onde elle vinha estava muita gente, que tencionava vir á noite fazer com os estrangeiros, que aqui então existião em numero de setenta tanto, uma nova façanha [...] Em vista de tal ameaça, nós, estrangeiros, resolvemos armar-nos e fomos para a praça com 4 canhões, que desencravamos; e alli preparamo-nos para receber os nossos aggressores, que tendo sabido qual era a nossa attitude, que estávamos bem armados e entrincheirados, não se atreverão a vir nos atacar-nos. Entretanto passamos duas noites bem cruéis.<sup>123</sup>

---

<sup>123</sup> CAVASSA, op. cit., p. 22-23.

Em meio à situação de medo, desespero e incertezas da população corumbaense, devido às circunstâncias de invasão de forças inimigas, percebe-se que atitudes precipitadas, permeadas por um imaginário coletivo típico em situações como esta, foram tomadas contra os imigrantes. Não se tem registro sobre a veracidade das acusações, o fato é que, por um motivo ou outro, os estrangeiros decidiram ficar. Provavelmente, os soldados paisanos que perambulavam em Corumbá faziam parte da guarnição de Portocarrero, citada por Moutinho, que seguia por terra, toda dispersa, em direção a Cuiabá:

Ante um estado de cousas tão anormal, reinando a anarchia, a desordem, o commte. das Armas, vendo sem prestígio a sua auctoridade, pois que nem a elle já respeitavam, tratou de retirar-se immediatamente; e, como a canhonera “Amambahy” não podia conduzir toda a força aqui existente, recorreo ao Snr. Deluchi, pedindo-lhe a escuna, de que precisava, para conduzir soldados, no que foi attendido de boa vontade pelo dono da escuna<sup>124</sup>.

Mesmo diante dessas adversidades, a confraria brasileira que havia se instalado no outro lado da Vila, às margens do rio Paraguai, solicitou ajuda dos estrangeiros, principalmente dos comerciantes, que ainda permaneciam neste lugar, para atender suas necessidades de defesa. Quem sabe, por desconhecer ou não considerar tais acusações contra os imigrantes, ou mesmo por pura necessidade, esta corporação, comandada pelo Tenente João de Oliveira Mello, preocupou-se com coisas mais relevantes e imprescindíveis para aquele momento: alimentar seus soldados e retirar sua tropa para a capital mato-grossense, juntamente com mais 400 pessoas, conduzindo-as em bom salvamento até Cuiabá, onde foi aclamado por este ato<sup>125</sup>.

Além do italiano Santiago Deluchi, exportador de couro da região, emprestar sua escuna comercial para transportar soldados para a capital mato-grossense, outro comerciante,

---

<sup>124</sup> CAVASSA, op. cit., p. 22.

<sup>125</sup> cf. MENDONÇA, Estevão. *Datas mato-grossenses*. Niterói, Tipografia das Escolas Salesianas, 1919. Apud MENDONÇA, Rubens. Op. cit., p. 46.

de origem italiana, que se prontificou em ajudar o Comando das Armas brasileiras, foi Manoel Bianchi. Este, em contato com essa corporação, forneceu, prontamente, víveres e outras mercadorias de primeira necessidade à confraria de sentinela.

Nessa oportunidade, os imigrantes Manoel Bianchi, Manoel Cavassa, Nicola Canale e Manoel Braga receberam uma missão especial, por parte do Tenente Mello. A fim de proteger a Vila de Corumbá, frente à iminente invasão paraguaia neste lugar, italianos e portugueses receberam a tarefa de destruir toda a pólvora que estava armazenada no quartel, em grande quantidade de caixões. A preocupação estava na possibilidade desta munição servir de abastecimento às armas dos paraguaios contra os próprios brasileiros.

Mediante discussões sobre o fim que seria dado aos caixões repletos de explosivos armazenados no quartel da Vila, a conselho do italiano Nicola Canale, ficou decidido que, para não amedrontar os moradores e não chamar a atenção dos paraguaios, a pólvora não seria detonada e sim atirada no rio Paraguai. A idéia era de apenas inutilizar essa munição para não ser usada pelos paraguaios “consequindo-se assim conjurar o perigo que todos nós corríamos, e puzemo-nos todos imediatamente a carregar os caixões para atiral-os ao rio, e o Tenente Mello retirou-se com a força sob suas ordens”, conclui Cavassa<sup>126</sup>.

Após vários episódios inusitados ocorridos nesse lugar e a total retirada das tropas brasileiras, a Vila de Corumbá, no dia 03 de janeiro de 1865, totalmente desguarnecida, foi invadida pelas forças militares paraguaias comandadas por Vicente Barrios. Nessa ocasião, a maioria da população havia fugido, sem direção ou proteção, para o “mato” e outras cidades mais distantes. Aqueles que ficaram, tanto estrangeiros como nacionais, sofreram constrangimentos de toda ordem, por parte das forças invasoras, tendo suas residências invadidas e saqueadas, enfrentando o mais “terrível flagello para esta remota porção do território brasileiro”<sup>127</sup>:

---

<sup>126</sup> CAVASSA, op. cit., p. 23.

<sup>127</sup> Id. Ibid., 21.

Dois ou três dias depois de estarem os paraguayos senhores de Corumbá, aqui chegou um vapor inglez, que trazia correspondencia e dinheiro para entregar às auctoridades brasileiras, e, já não as tendo encontrado aqui, resolveo o commandante d'esse navio regressar, sem comunicar às auctoridades paraguayas o que tinha a bordo. Eu e Nicola Canale, que já tínhamos sido muito mal tratados pelos paraguayos e conhecendo que elles estavam animados de más intenções, resolvemos abandonar nossas casas e nossos interesses, e, para realizar-mos esse intento, fomos pedir ao commte. do navio inglez passagem para Buenos Ayres, que disse-nos elle não poder dar-nos. Resolvemos então entregar-lhe um officio, escripto e assignado, mui occultamente, por todos os italianos aqui residentes, comunicando ao Ministro Italiano residente em Buenos Ayres, o Snr. Balbulani, o que aqui estava occorrendo e que não tínhamos garantia alguma<sup>128</sup>.

Mais tarde, segundo Cavassa, souberam que esta correspondência chegou ao seu destino. O ministro italiano *Balbulani* ao levar a carta, feita pela comunidade italiana de Corumbá, ao conhecimento do Imperador brasileiro e também dos presidentes da Argentina e do Uruguai, solicitou de seus governos providências, no sentido de resguardar a vida dos estrangeiros que residiam em terras mato-grossenses e indenizar os prejuízos causados ao comércio e ao povo que “por culpa extranha tinham perdido suas propriedades e seus haveres”<sup>129</sup>. No entanto, apesar desses dirigentes terem prometido publicamente que atentariam para esta situação, os civis estrangeiros e nacionais continuaram a mercê desse conflito e pelo que consta, não houve providências.

Essa e outras notícias acerca da situação dos estrangeiros em Corumbá foi dada por um passageiro do vapor *Ranger*, que esteve nesse lugar, e foi registrada por Moutinho:

Corumbá foi tomado. Os estrangeiros ali residentes achão-se entregues aos seus próprios recursos e sem garantia de especie alguma.

---

<sup>128</sup> CAVASSA, op. cit, p. 26-27.

<sup>129</sup> Ibid.

A escuna – Jacubina – de nacionalidade argentina e de propriedade do italiano Santiago Lucchi, patrão da mesma, estando carregada com 2.000 couros seccos foram estes lançados ao rio, e o navio declarado presa por ordem do commandante da expedição; deram por muito favor a liberdade a tripolação, menos a quatro homens, cujo destino se ignora.

Dias antes havia chegado a noticia da tomada de Miranda e Nioack por 7.000 homens de cavallaria, que marcharão por terra.

O vapor - Ranger – é portador de uma representação ao ministro italiano sr. Barbolani, residente em Montevidéo na qual os habitantes estrangeiros de Corumba expoem a sua situação, reclamando seria e prompta reparação<sup>130</sup>.

No final de julho de 1866, chegou uma ordem, vinda de Assunção, para conduzir, em direção ao território paraguaio, todos os homens, tanto nacionais como estrangeiros, moradores das principais povoações e vilarejos mato-grossenses, sob o domínio guarani, deixando para trás mulheres e crianças. Essa decisão tinha como objetivo esvaziar a força masculina desses lugares, “sob pena de ser passado pelas armas aquelle que então não estivesse prompto, ou que oppozesse obstaculo ao embarque”<sup>131</sup>.

Esta notícia impactou Corumbá e toda a província de Mato Grosso, pois o clamor das famílias, ao verem seus filhos e esposos partirem, foi grande. Por onde as embarcações paraguaias passavam, recolhendo os homens dessa região - livres, escravos e índios -, sendo entulhados nos camburões de seus navios, havia luta e resistência por parte dos moradores, porém combatidas com extrema violência pelos paraguaios. Manoel Cavassa e Nicola Canale, inconformados mediante esta atitude do governo paraguaio, registraram:

Permaneciam todos calados; eu, porém, que não queria deixar aqui minha família, disse ao general que, sem ella eu não embarcaria e seria o primeiro a ser passado pelas armas. Respondeo elle que minha família iria commigo, se o vapor houvesse espaço. Retiramo-nos d’alli, cada qual o mais temeroso e preocupado pela sorte de sua família, pois que era

---

<sup>130</sup> MOUTINHO, op. cit., p. 296-297.

<sup>131</sup> CAVASSA, op. cit., p. 32.

manifesto empenho dos bárbaros, que ficassem aqui as famílias sós a mercê de seus brutos caprichos. O meu visinho Nicola Canale, que, além da sua família, tinha à seu cargo a de seu cunhado, ausente, veio à minha casa chorando, desesperado ante a ideia de abandonar essas famílias às brutalidades d'aquelles homens. Repeti-lhe o que tinha dito ao general: que sem minha família não embarcaria, lembrou-se então elle que tinha uma chata, no qual podiam ir nossas famílias, se eu conseguisse que o general permitisse que ella fosse á reboque do vapor. [...] mesmo contra a sua vontade, nos permittia levarmos nossas famílias na chata á reboque. Tratamos de prepararmo-nos, apromptamos a chata com a maior abundancia de provisões de viveres, roupas, etc. levando, para as minhas despesas em Assumpção, o dinheiro, que então tinha em moeda papel brasileiro, na importância de cento e tantos contos<sup>132</sup>.

Assim, no dia 1º de agosto de 1866, esses estrangeiros, após longas conversas com o General da tropa paraguaia, conseguiram partir, juntamente com suas famílias e agregados<sup>133</sup>. Embarcados em uma chata<sup>134</sup>, composta por 32 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, atrelada a um vapor com cerca de hum mil e seiscentos homens, em pé, apertados, navegando rio abaixo, em direção a cidade de *Assunção*. Quatro dias depois de uma longa viagem repleta de privações e transtornos, Manoel Cavassa chegou com sua família e companheiros na capital paraguaia, onde permaneceu, sob a tutela do consulado italiano em Assunção, por mais de ano. Ali, com a perseguição instituída por Lopes aos estrangeiros, separou-se de sua família, enviando-a para Buenos Aires e ele partiu para *Acosta Ñu*<sup>135</sup>, em companhia do

---

<sup>132</sup> CAVASSA, op. cit., p. 32-33.

<sup>133</sup> Alguns estrangeiros mais abastados que residiam em Corumbá, naquela época, possuíam escravos, serviçais, criados e/ou empregados que, neste caso, pode ser subentendidos também como “agregados”. O próprio Manoel Cavassa relata que possuía em seu exílio, no Paraguai, “um cozinheiro e uma escrava negra”.

<sup>134</sup> Barcaça larga, de fundo chato e pequeno calado, própria para a navegação em período de estiagem.

<sup>135</sup> Nesta localidade ocorreu a batalha de *Acosta Ñu*, conflito ocorrido na terceira fase da guerra do Paraguai onde, em 16 de agosto de 1869, 20.000 homens brasileiros lutaram contra forças guaranis constituídas de 500 veteranos e 3.500 crianças. Segundo Julio José Chivinatto, “Acosta Ñu é o símbolo mais terrível da crueldade dessa guerra: as crianças de seis e oito anos, no calor da batalha, apavoradas, agarravam-se às pernas dos soldados brasileiros, chorando, pedindo que não as matassem. E eram degoladas no ato. Escondidas nas selvas próximas, as mães observavam o desenrolar da luta. Não poucas pegaram em lanças e chegaram a comandar grupos de crianças na resistência. Finalmente, após um dia de luta, os paraguaios foram derrotados. Pela tarde, quando as mães vieram recolher as crianças feridas ou enterrar os mortos, o Conde D’Eu mandou incendiar a macega – no braseiro, viam-se crianças feridas correr até caírem vítimas das chamas. A resistência em Acosta Ñu e o sacrifício dessas crianças simbolizam perfeitamente como a guerra se tornou implacável. Tanto pelo lado de Solano Lopes, formando um exército de crianças, como pelo lado brasileiro, que não se pejou em mata-las”.

Cônsul da Itália, *Lourenço Chaparom*, alojando-se nessa povoação até o ano de 1869, quando o exército brasileiro travou batalha com forças paraguaias e sitiou essa região. Durante a guerra, muitos italianos foram repatriados à força pelos paraguaios, que depois da guerra retornaram para os países do Prata e para o Mato Grosso, segundo anotações de Cavassa:

N'esse interim chegou á Assumpção um amigo que deu-me noticias de minha família, que estava em Buenos Aires menos os varões, e me informou que os homens foram obrigados a ir directamente para a Itália. Eu nunca acreditei que verificassem a condição de levarem obrigados aquelles homens para a Italia, suppondo ser a acquiescencia á tal condição um ardil diplomatico para tirar d'alli aqueles homens e familias, [...] doentes como estavam, e com tantas crianças, não podiam fazer aquella viagem, e, ainda mais em um navio de vela. [...] Entre aquelles repatriados á força, estavam os meus cunhados [italianos] que eram alli completamente extranhos e nenhum conhecimento tinham na terra onde foram nascidos. Tendo desembarcado elle com os demais, acharam-se em criticas circunstâncias, e em apuros sabendo que iam todos elles ser obrigados ao serviço militar. Foi a felicidade d'elles ser meo amigo o capitão do navio, a quem elles então recorreram e que os protegêo, disfarçando-se com roupas de marinheiro e finalmente os fez embarcar em um navio que sahio para Buenos Ayres, livrando-os d'esse modo de que os agarrassem para o serviço militar<sup>136</sup>.

Ao acompanhar essa inversão do processo de desterritorialização e reterritorialização de italianos radicados em Mato Grosso, numa linha de fuga particularmente forçada e conflituosa, observa-se que, antes de partirem para a Itália, passaram por diversos deslocamentos na região da bacia do Prata, onde esses imigrantes sofreram constrangimentos, perdas materiais e separação de famílias, sendo obrigados a cruzarem o Oceano Atlântico, em embarcações inadequadas, para transportar homens, mulheres e crianças, sendo que muitos encontravam-se enfermos. Ao desembarcarem em sua terra de origem “eram ali

---

In: CHIAVENATO, Julio José. *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*. São Paulo, Brasiliense, 1979, p. 158.

<sup>136</sup> CAVASSA, op. cit., p. 43.

completamente estranhos”, encontrando-se, novamente, em “críticas circunstâncias”. Daí a necessidade de alguns buscarem outras linhas de fuga, mesmo que fosse para “retornar a América”, na expectativa de reencontrarem parentes e conterrâneos, que haviam ficado nessa terra, e/ou de aguardarem o desfecho desse conflito platino para decidirem seus destinos.

Em terras mato-grossenses, apesar dos estrangeiros terem sofrido certos constrangimentos com a invasão paraguaia em Corumbá, sendo, muitas vezes, feitos prisioneiros e terem seus pertences saqueados por soldados paraguaios, os mesmos contaram com privilégios. Mais importante, pelo que é possível saber, o comércio não paralisou de vez; muitos comerciantes continuaram a tocar os seus negócios em Corumbá, até serem transportados para o Paraguai. Como o comércio da região estava nas mãos de imigrantes, principalmente italianos e portugueses, tudo indica que estes continuaram sendo fonte de provisão e abastecimento local, naquele momento de crise. Daí em diante a Bolívia, fronteira de Corumbá, passou a ser a única fonte de abastecimento aos paraguaios e de informações de tudo que acontecia em Cuiabá, já que nessa guerra, cessou a entrada de estrangeiros na Província e alguns bolivianos aventuraram-se até Cuiabá para levar mantimentos à população cuiabana, conforme Relatório do Vice-Presidente da Província de Matto-Grosso, Barão de Aguapehy, em maio de 1868:

#### Movimentos de Estrangeiros

Em conseqüência da guerra não tem havido movimento de estrangeiros pelo rio Paraguay. Alguns bolivianos tem vindo a esta Capital, trasendo diversas mercadorias, como sal, calçado, chapeos, alguns tecidos e outros gêneros<sup>137</sup>.

Assim, Moutinho, ao contar sobre a retomada de Corumbá, pelo exército brasileiro, comandado pelo Tenente Coronel Antonio Maria Coelho, no dia 13 de junho de 1867,

---

<sup>137</sup> MATO GROSSO. Relatório do Vice-Presidente da Província de Matto-Grosso, Barão de Aguapehy, na sessão ordinária da Assembléia Legislativa Provincial, em 03 de maio de 1868.

informa que a Vila estava em perfeita ordem e “os armazéns dos estrangeiros estavam todos intactos, e debaixo de uma vigilância digna de louvor. Pelo livro diário dos inimigos, o qual tivemos em nosso poder, podemos apreciar o systema seguido por elles na conservação desses generos”<sup>138</sup>.

Isto evidencia que os estrangeiros, tinham, a seu modo, a liberdade de ir e vir, de manter e expandir seus negócios, enquanto estabeleciam conversações com dirigentes das forças paraguaias. Quanto a isso, Cavassa constitui-se em exemplo dessa condição de “liberdade”, mesmo sendo, é claro, cerceada pelos inimigos da pátria. Em nenhum momento, pelo que apreendi em sua narrativa, o português expressou satisfação com tal conjuntura, haja visto que o mesmo, em outras ocasiões, já teria tentado retirar-se desse lugar. Até porque, Cavassa tinha residência em Assunção, o que fica claro quando ele mesmo menciona que ao chegar nessa capital: “Na porta de nossa casa estava prostrada uma sentinella, que nos acompanhava, sempre que sahiamos à rua, para comprar qualquer cousa”<sup>139</sup>.

Entretanto, a decisão de dirigir-se às autoridades guaranis, a fim de defender os seus direitos e convencê-las a autorizarem a saída de seus familiares e vizinhos para Assunção, manifesta que, de uma maneira ou de outra, os estrangeiros tinham espaços de diálogo junto aos paraguaios. Como aconteceu, também, no Paraguai para conseguir enviar sua família e a de outros italianos à Buenos Aires. Outro aspecto curioso é que Cavassa possuía “*grande importância*” em dinheiro e tinha em seu poder “*abundância de provisão*” para realizar a dita viagem, sinal que o mesmo vinha acumulando bens e dominava o abastecimento necessário para este fim. Fato inédito para quem passava por “prisioneiro” em uma guerra como esta, onde parte da população de Mato Grosso fora massacrada pelas tropas paraguaias. Daí repensar, o porquê da desconfiança dos nacionais com relação aos estrangeiros.

---

<sup>138</sup> MOUTINHO, op. cit. , p. 99.

<sup>139</sup> CAVASSA, op. cit., p. 35

Mas, o maior flagelo ainda estava por vir. Aqueles que foram expatriados à força, talvez tenham se livrado de um mal nunca visto nestas terras, quem sabe, mais forte que a presença ameaçadora dos paraguaios – a peste da *variola*. Após dez meses da saída dos estrangeiros de Corumbá, a Força Expedicionária de Mato Grosso chegou com seu batalhão de soldados para desalojar os invasores desta Vila. Sob o comando de Antonio Maria Coelho, várias batalhas foram travadas neste solo e, “os vencedores, ainda entregues ao regosijo do triumpho, ainda embriagados com o cheiro do sangue, foram contaminados da varíola que grassava naquele ponto com bastante intensidade”<sup>140</sup>.

A Guerra do Paraguai durou cinco anos. Já no terceiro ano, o Brasil passava por grandes dificuldades com a organização de sua tropa, pois além do inimigo, os soldados brasileiros tinham que lutar contra o falta de alimentos, de comunicação, de munição e ainda contra as epidemias que os derrotavam na maioria das vezes. Os paraguaios não chegaram a Cuiabá, mas a moléstia chegou, através dos soldados de combate, que foram afetados no último confronto em Corumbá, em junho de 1867. Ao ganharem a batalha, muitos soldados navegaram rio acima, conduzidos em um vapor, para dar notícias da retomada de Corumbá à capital mato-grossense, levando consigo o vírus de uma peste que iria fazer muitas vítimas em Cuiabá. Pelo caminho das águas circularam benesses e malefícios.

As narrativas de guerra do Visconde de Taunay, em sua obra *Em Matto Grosso Invadido*, descrevem, também, parte das calamidades impostas às tropas brasileiras. Quando participou das Forças de Operações, no sul da Província de Mato Grosso, no período de 1866 a 1867, com mais de dois mil soldados destinados a invadir o norte do Paraguai, na fronteira do Pantanal com o território guarani, narrou ter enfrentado dias terríveis de fome e privações de toda espécie, sem contar com a epidemia fortíssima que os atacou: “Começou a aparecer um mal desconhecido até então e que atacava de diversos modos, ora lentamente, ora de

---

<sup>140</sup> MOUTINHO, op., cit., p. 99.

chofre, matando quase de súbito. Os médicos mostravam-se aterrados e nada ousavam decidir – era o *beribéri*, de que ainda não se tinha falado em todo o Brasil”<sup>141</sup>.

O comerciante português Joaquim Ferreira Moutinho, que viveu 18 anos em Cuiabá, casado com uma mato-grossense, relata com detalhes o desespero da população cuiabana e o seu próprio sofrimento ao perder, em poucos dias, um filho de quatro meses, um cunhado, duas escravas e duas agregadas, acometidos pela varíola. Para ele, a cidade que então contava com 12 mil habitantes, tomou um aspecto indescritível: “de todas as casas via-se sahirem cadáveres, que erão condusidos em rêdes para os campos, de muitas fecharão-se as portas, porque seus habitantes havião perecido, desde o chefe da família até o último escravo!”<sup>142</sup>. Conta ainda que mais da metade da população de Cuiabá sucumbiu com a doença e a fome que alastrava a cidade. Da chegada do primeiro soldado infectado em Cuiabá, em julho de 1867, foram enterrados, no curto prazo de 60 dias, os cadáveres de mais de 4.000 pessoas, vítimas das *bexigas*, como era chamada a varíola:

O *anjo da morte* continuava – incansável – a sua obra de destruição. A policia mandou arrombar as portas de muitas casas para proceder-se ao enterramento de famílias inteiras que erão encontradas já em estado de putrefação. O numero dos mortos, crescendo extraordinariamente, montou a mais de *duzentos por dia*. A atmosphaera da cidade estava viciada de um fétido nauseabundo [...] de centenares de corpos que lá se achavão espalhados. De 1.505 casas que existem na capital, não sóbe a 40 o numero das que não tiverão doentes. [...] Não havendo pessoas sufficiente para abrir vallas que podessem conter centenares de cadáveres, sobrepunhão uns aos outros e lançavão-lhes fogo que os não queimavam, mas assava, para depois servirem de pasto aos corvos, aos porcos e aos cães, que cevavão-se n’esse estranho banquete de carne humana<sup>143</sup>.

Para Moutinho, o Presidente José Vieira Couto de Magalhães, apesar de seus méritos de comandar pessoalmente a expulsão dos paraguaios de Corumbá, foi o maior responsável

---

<sup>141</sup> TAUNAY, Visconde de. *Em Matto Grosso Invadido (1866-1867)*, São Paulo, Melhoramentos, 1929, p. 36.

<sup>142</sup> MOUTINHO, op. cit., 102.

<sup>143</sup> Id. Ibid., p. 103. (Grifo nosso)

pela invasão da varíola em Cuiabá e sua disseminação. Conforme Moutinho, toda essa destruição poderia ter sido evitada, se o então presidente tivesse tomado medidas preventivas e cabíveis nesse momento: colocando cordões sanitários em todos os pontos da cidade, isolando os pestilentos e proibindo o ingresso de qualquer pessoa no espaço urbano da capital mato-grossense, evitando, assim, a disseminação da doença. O que não foi feito e a doença não só assolou a capital, como também as cidades vizinhas como Poconé, Diamantino e outras povoações que foram completamente devastadas.

A vacina contra a varíola, considerada como a “tábua da salvação”, naquele momento, pelos médicos de Cuiabá, numa medida desesperada de prevenção foi, de última hora, aplicada na população cuiabana. Porém, com a doença disseminada e a maioria já contaminada, a “mortandade em breve tempo assumiu um caráter medonho”<sup>144</sup>. Outra responsabilidade, atribuída a Couto Magalhães, foi o seu conhecimento sobre a peste naquelas paragens e a sua inabilidade quanto às medidas de prevenção a serem feitas em toda Província. Sabe-se que, por algum motivo, somente parte das forças militares foi vacinada, ficando o restante a mercê do vírus mortal, sem dizer de toda a população mato-grossense. Outras medidas que poderiam melhor cercar este flagelo foram levantadas pela população, mas era tarde demais.

Georges Vigarello, analisando a cólera parisiense de 1832, semelhante a que ocorreu em Cuiabá em 1866, reorienta os estudos, numa perspectiva histórica, acerca das epidemias e dos grandes desastres coletivos. Estas experiências, segundo o autor, “misturam o imaginário e o real, o físico e o social. Mas, com elas, certamente mudam a representação do quadro urbano e do vigor dos corpos”<sup>145</sup>.

---

<sup>144</sup> MOUTINHO, op. cit, p. 100 e 101.

<sup>145</sup> Segundo Vigarello, “pela primeira vez a epidemia é associada a uma “insuficiência” de civilização. Não mais a consequência de alguma determinação divina ou de uma versatilidade dos ventos e dos climas, mas a consequência de fluxos urbanos mal dominados ou de misérias mal controladas; também não o acaso das infecções, mas o insuficiente domínio das cidades e dos corpos. Uma dupla experiência se impõe: a de uma impotência quase absoluta e a das verificações já significativas sobre o papel das carências orgânicas e das condições de vida. No próprio seio do horror e sem que o mal seja claramente conhecido, prepara-se

Em Cuiabá, independente de qualquer ação ou precaução, naquele momento, a peste foi veiculada por todos os lugares, não escolhendo classe social, povos ou ambientes específicos, simplesmente alojava-se nos mais suscetíveis. Poderia ser o menor ou o maior da casa, o que vivia a margem ou o que pertencia a uma linhagem, o livre ou o escravo, o nacional ou o estrangeiro, poderia atingir qualquer um, homem, mulher ou criança.

Cenas de miséria ou desolação, mediante perdas e destruições coletivas como estas, são descritas, verdadeiramente, pelos que a vivenciaram. A partir do que é contado e daquilo que a imaginação mais sensível e exaltada pode conceber, permite, também, ser interpretada, revivida e recontada. Sendo assim, minha própria imaginação sobre esse fato, leva a um olhar diferenciado, voltado para uma pequena cidade do século XIX, totalmente indefesa, onde pairava o medo e o desespero, a razão e o sobrenatural. Acredito que esses fatores influenciam na capacidade de compreensão dos fatos e da resignação daqueles que o experimentaram, atingindo os diferentes níveis da emoção e da intelectualidade humana.

Moutinho, ao presenciar o desespero do conhecido e respeitado advogado cuiabano Generoso Alves Ribeiro, que, meses antes de tudo acontecer, perdera o controle total de suas emoções, narrou ter sido necessário um tratamento de seus “nervos” pelo Dr. Murtinho, pois passara a fazer “*profecias*” sobre o “*flagelo*” que iria acontecer em Cuiabá. Verdade ou fruto de sua imaginação, diante da perplexidade daqueles que testemunharam aquelas experiências, suas previsões cumpriram-se...

- Por que chora, meu amigo? Perguntou-lhe o médico.

- Choro sobre a desgraça dos meus infelizes patrícios, respondeu elle entre soluços. E depois de pequena pausa, continuou:

- Em breve, no mez de Agosto, a destruição, a morte e o horror vão pesar sobre o povo cuyabano!... As ruas ficarão coalhadas de cadáveres... As mães chorarão os sofrimentos de seus

filhos; os filhos de suas mães... Creanças, velhos, moços, moças vagarão pelas ruas implorando a compaixão pública que será surda aos seus clamores porque cada um terá de lamentar a própria desgraça... Grave aflição vae opprimir Matto-Grosso!

- Mas meu amigo, não haverá remédio contra taes sofrimentos, nem os innocentes serão poupados?

- Não! Respondeu como inspirado, com os olhos chammejantes, e afagando com uma das mãos a fronte banhada de suor... O dedo de Deus apontou a nossa província ao anjo da morte: é forçoso que se cumpra a sentença!... Os innocentes, como sempre acontece quando Deus manifesta a sua cólera, hão de soffrer como os culpados! E novamente debulhou-se em lágrimas<sup>146</sup>.

Suas palavras ganharam significado frente ao “horror” da doença instalada na capital mato-grossense. A visão verdadeira da morte e do flagelo causou medo, pânico e transtornos coletivos na população cuiabana. As ruas de Cuiabá logo ficaram desertas. As pessoas, buscando proteção frente à doença e à “*sentença*”, recolheram-se em suas casas. As indagações a respeito da morte, que ora passava tão perto de “*inocentes*” ou “*culpados*”, ficavam entre o céu e a terra. Imagino que, pelas frestas de janelas e portas, os olhares estavam sobre os corpos conduzidos em caixões, redes ou empilhados em carroças, muitas vezes em estado de putrefação, exalando cheiros da morte e da doença, impregnando as ruas e adentrando as casas. O horror devia tornar-se ainda maior quando os olhares eram lançados sobre os restos dos corpos semi-assados que eram trazidos dos campos e cemitérios, para o espaço dos vivos, por cães, porcos, corvos e outros animais, para alimentarem-se ali, em seus lugares costumeiros, de convívio com os humanos.

Em setembro de 1869, quatro meses após assumir o cargo de Presidente da Província de Mato Grosso, Augusto Leverger, Barão de Melgaço, apresentou no Relatório de abertura da Assembléia Legislativa, o quadro preocupante e pouco lisonjeiro do estado geral da

---

<sup>146</sup> MOUTINHO, op. cit., p. 96.

Província, apontando as fatais conseqüências da invasão paraguaia em Mato Grosso, dentre elas a peste da varíola que, nos dizeres de Barão de Melgaço:

A população disimada, ou antes quintada, pela horrível epidemia das bexigas, tarde há de resarcir as perdas que experimentou no infausto anno de 1867. A lavoura mal chega para prover-nos dos alimentos de primeira necessidade, cujo preço, já excessivo, ameaça subir de ponto. A mineração está quase extincta. A criação de gado continua a resentir-se da peste-cadeira que há quase vinte annos assola a raça cavallar. O commercio não tendo para exportar senão limitada porção de couros e de poaia e muito diminuta quantidade de ouro e diamantes, consiste, por bem dizer, exclusivamente, na importação de gêneros de consumo, pela maior parte, de origem estrangeira, pagos com avultadas quantias com que o Thesouro Nacional occorre à despeza geral da Província. Neste estágio de coisas, não cansarei inutilmente a vossa attenção com fastidiosa repetição do que ouviste em anteriores relatórios. Há mais uma razão por que seja breve esta exposição é que nos quatro meses incompletos que tenho estado no exercício da Presidência tive de lutar com difficuldade de toda sorte, para effectuar o movimento da força de linha, que marchou para o Paraguay: o que não me permitiu dar aos negócios meramente provinciaes toda a attenção que reclamavam <sup>147</sup>.

Diante do quadro desanimador de Mato Grosso, já no fim de uma guerra estranha, onde as batalhas não foram somente travadas nas fronteiras com o inimigo, mas também, em seu interior, nos campos da enfermidade, da produção e da subsistência desta Província, ainda restava dar continuidade aos movimentos das forças de linha e fazer despachos meramente provinciaes, sem expectativa de empreender qualquer esforço ou projeto que pudesse mudar essa realidade.

A sorte da Província estava por tomar um novo rumo. Em lugar do “anjo da morte”, navegando rio acima, rio abaixo, visitando cidades, vilas e povoações, com novas perspectivas de fortuna para estas terras, chegava o *Anjo da Ventura*.

---

<sup>147</sup> MATO GROSSO. Relatório do Presidente da Província, Augusto Leverger, Barão de Melgaço, 1869.

Em março de 1870 chegou a Cuiabá o vapor nacional Corumbá, trazendo a tão esperada notícia do término da Guerra do Paraguai. Segundo Rubens de Mendonça, em Cuiabá a notícia foi recebida com muita festa e regozijo, “o povo, que se achava aglomerado à beira do rio, dava a grata notícia que logo se espalhou por toda a cidade”<sup>148</sup>. Mato Grosso, que durante a guerra tinha retomado o caminho terrestre de Goiás, com as velhas tropas de mulas, passando por invasão, isolamento e miséria, resistiu para sobreviver um período de cinco anos e três meses de luta e mobilização em seu território. Mais uma vez pelos caminhos das águas e em seu entorno anteviam fartura e ventura.

Com o fim da guerra e a reabertura da navegação fluvial, novas expectativas em torno do comércio platino despontaram. Com o retorno imediato do movimento de embarcações nos rios Paraguai e Cuiabá, como do comércio de Mato Grosso com os países do Prata, a Vila de Corumbá, localizada em ponto estratégico na rota fluvial, voltou a prosperar, constituindo-se em um dos mais importantes portos da bacia do Prata e da Província mato-grossense.

Mato Grosso passou por um período de reconstrução, recomeço e início de outras vidas. Navegando rio abaixo, encontramos novamente Manoel Cavassa. Após longa ausência desta Província, entre encontros e desencontros com sua família e seus conterrâneos italianos e portugueses no Paraguai, na Argentina e no Mato Grosso, esse *meio* português, *meio* italiano e *meio* mato-grossense, retornou a Corumbá, para estabelecer-se de vez nesse lugar. O relato sobre sua chegada expressa, em poucas palavras, o seu sentimento de pertencimento a estas terras:

Chegando em Assumpção, encontrei-me com o commandante Moreira Marques (hoje contra almirante reformado) e com elle embarquei-me para Corumbá, onde chegando, assim que saltei do bote me lancei de joelhos e beijei esta terra tão querida, na qual suppunha não tornar a pôr os pés.

---

<sup>148</sup> MENDONÇA, op. cit., p. 52.

Fui ver se ainda encontrava alguma cousa do que aqui tinha deixado. Tinha eu deixado cinco casas e nenhuma encontrei... Tinham sido todas derrubadas!...<sup>149</sup>

Assim como Cavassa, outros imigrantes voltaram para as terras mato-grossenses, como também, a partir de 1870, a Província de Mato Grosso passou a receber uma corrente imigratória significativa de europeus e latino americanos, principalmente paraguaios, que passaram a desenvolver atividades nestas terras.

Após contatos com o Presidente da Província, Augusto Leverger, Cavassa conseguiu receber parte de suas perdas na Guerra do Paraguai e reconstruiu, aos poucos, sua vida em Corumbá. Em sociedade com seus irmãos e, posteriormente, com seus filhos, tornou-se importante comerciante de importação e exportação, além de agenciadores do *Banco do Brasil* em Corumbá e da *Brasil Land, Cattle and Packing Co.*, empresa de vapores, que faziam a carreira de Montevideú a Corumbá e Montevideú ao Rio de Janeiro, conforme página de propaganda da firma *M. Cavassa Filho & Comp., Corumbá* estampada no Álbum Gráfico de Matto Grosso, em 1914:

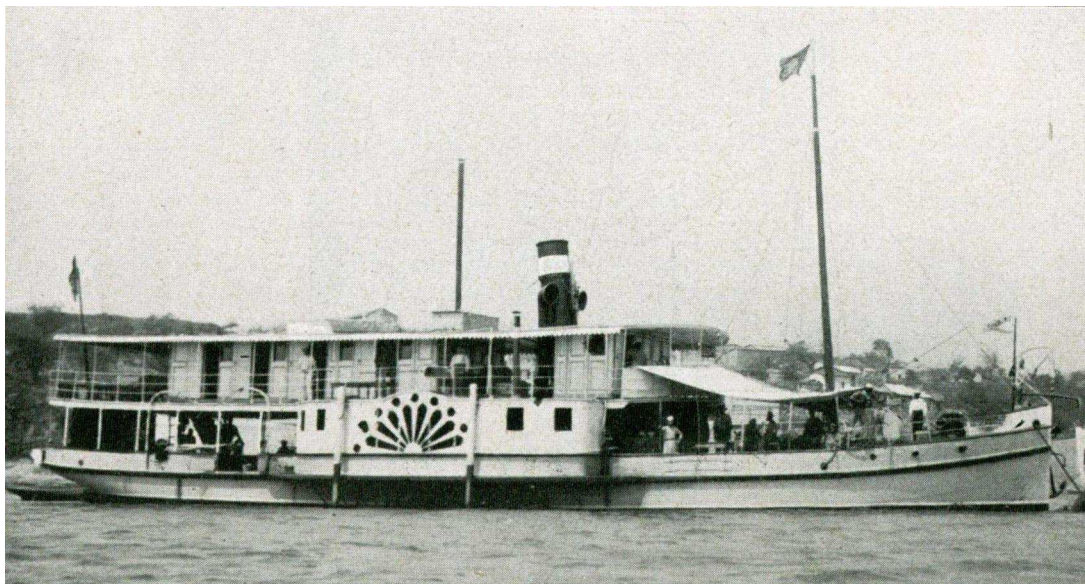
São agentes proprietários das seguintes embarcações, estabelecidas na carreira do Paraguay: VAPOR FERNANDES VIEIRA, de porte de 300 toneladas e acomodações para 100 passageiros de 1ª Classe, iluminado à luz elétrica e instalações de ventiladores: este vapor foi reconstruído em Corumbá no estaleiro do Sr. C. G. Preza no anno de 1911. VAPOR SÃO JOSÉ, com capacidade para 280 toneladas de carga e acomodações para 20 passageiros de 1ª classe, rebocador exellente, construído em Europa, para a então Companhia Cibils, no ano de 1903.

São agentes dos vapores “CAMPOS” e “CUYABÁ”, da Empresa Fluvial Brasil-Uruguay, da qual são incorporadores. Estes vapores fazem a carreira Montevideo á Corumbá, occupando-se com a conducção de cargas. O primeiro tem capacidade para 900 toneladas de carga e o segundo,

---

<sup>149</sup> CAVASSA, op. cit., p. 47.

actualmente navegando do porto de Montevideo ao do Rio de Janeiro, para 1200 toneladas, ambos aparelhados e dotados de instalações elétricas<sup>150</sup>.



*Ilustração 12 - Vapor São José, M. Cavassa Fo. & Cia (Assunción a Corumbá), 1914.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

Outro comerciante que chegou a Corumbá, logo após o término da Guerra, foi o italiano José Dulce. Nascido em Gênova, em outubro de 1847, imigrou ainda jovem para a República da Argentina e ali trabalhou em casas comerciais e depois dedicou-se ao comércio ambulante. Durante a Guerra do Paraguai acompanhou a expedição argentina, abastecendo suas forças, com seus produtos. Em 1871, aos 23 anos de idade, mudou-se para a cidade portuária de São Luiz de Cáceres, localizada à margem oriental do rio Paraguai, na fronteira sudoeste de Mato Grosso. Ao visitar a cidade de Cáceres, vendo-a cercada por terras férteis e de abundantes águas, logo percebeu sua vocação voltada às atividades agropecuárias e de extrativismo animal e vegetal, motivando-o a montar negócios nessa região<sup>151</sup>.

José Dulce, de um simples mascate fluvial tornou-se um grande empreendedor do comércio de importação e exportação de Mato Grosso. A casa comercial *Ao Anjo da Ventura*,

---

<sup>150</sup> AYALA; SIMON. op. cit., p. XXI.

<sup>151</sup> AYALA; SIMON, op. cit., p. LI.

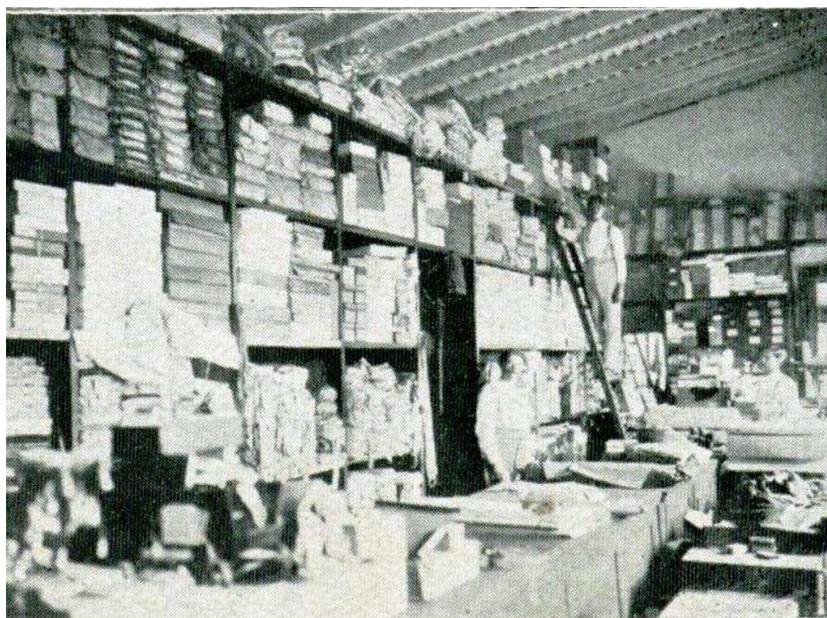
localizada no centro da cidade de Cáceres, de sua propriedade e de seu sócio Leopoldo Ambrósio, também de origem italiana, ficou conhecida em toda Província de Mato Grosso, por comercializar produtos estrangeiros e nacionais, vendendo artigos como: tecidos, perfumarias, louças, cristais, móveis, ferragens, drogas, chapéus, roupas feitas, artigos de fantasia, armas de fogo, calçados e arreamentos.



*Ilustração 13 - Casa Ao Anjo da Ventura, de propriedade dos italianos José Dulce e Leopoldo Ambrósio, na cidade de Cáceres-MT, 1914.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

Assim é possível compreender o significado do nome da empresa comercial de José Dulce, dedicado *Ao Anjo da Ventura*, e da imagem do serafim colocada no topo do edifício, como marca de sua representação. Ao que parece, o “Anjo da Ventura” trouxe ao italiano, aqui traduzida pelos pesquisadores Cardoso Ayala e Feliciano Simon, que os visitou no início do século XX, uma “inquebrantável energia e tino”, por conseguir estabelecer, na próspera cidade de São Luiz de Cáceres, “uma casa commercial sólida e, para assim dizer, universal,

porque suas transações abrangem artigos que o mais original freguez pode imaginar, certo de encontrá-lo ali<sup>152</sup>.



*Ilustração 14 - Interior da Casa "Ao Anjo da Ventura", de propriedade dos italianos José Dulce e Leopoldo Ambrósio, na cidade de Cáceres-MT, 1914.*

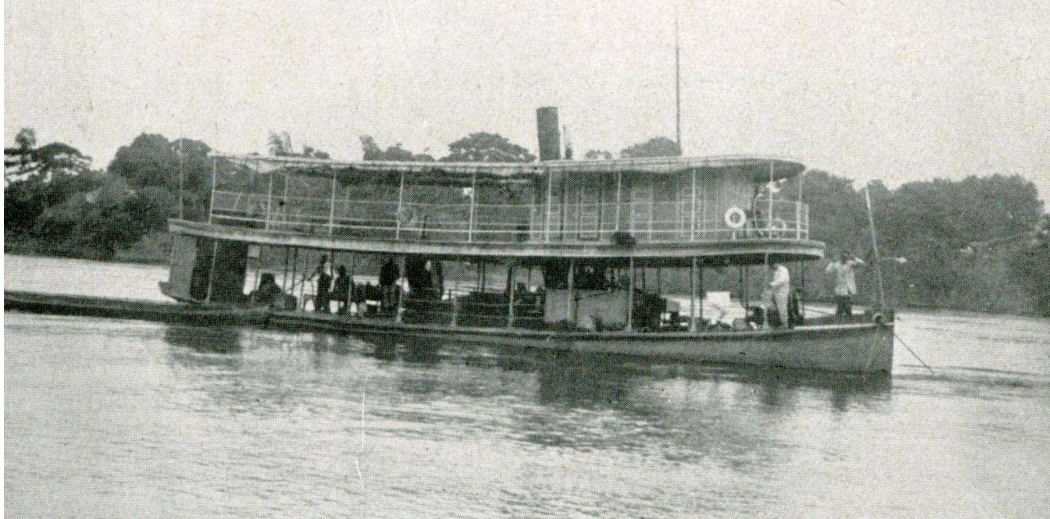
*Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

Esta firma italiana era, também, representante do *Banco do Brasil* e do *Vapor Etrúria*, com acomodações para 18 passageiros de 1ª classe, que fazia viagens regulares entre Corumbá e São Luiz de Cáceres. Para o serviço do interior, possuía uma lancha a *Kerozene* e duas chatas para transportar cargas nos rios Paraguai, Sepotuba e Cabaçal. Em 1914, já havia adquirido imensa área produtiva nessa região, dividida em várias fazendas, compreendendo um total de 70.021 hectares de terras férteis, 35.000 cabeças de gado vacum, além de uma área de 17.920 hectares de terreno aurífero<sup>153</sup>.

---

<sup>152</sup> AYALA; SIMON, op. cit., p.357.

<sup>153</sup> Id. Ibid., p. LII.



*Ilustração 15 - Embarcação pertencente aos italianos José Dulce e Leopoldo Ambrósio, 1914.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

Acompanhar as peregrinações desses estrangeiros, procurando refazer os seus caminhos, voltando ao passado para navegar com os antigos aventureiros platinos, tornou possível compreender a importância e o significado dessa via de comunicação para a vida dos mato-grossenses. Como, ainda, conhecer os motivos que levaram imigrantes italianos e de outras nacionalidades a estabelecerem-se nas principais cidades portuárias de Mato Grosso - Corumbá, Cáceres e Cuiabá - desde a segunda metade do século XIX até a terceira década do XX.

### CAPÍTULO III

#### ITALIANOS EM TEMPO DE LIVRE NAVEGAÇÃO

*Nicolau Verlangieri, filho legítimo de Arsênio Verlangieri e D. Maria Thereza Lurgio, natural da Província de Salerno, Reino da Itália, comerciante e morador nesta cidade, achando-se contratado para casar-se com D. Honorata Adelina de Souza Aguiar, filha legítima dos finados capitão José Henrique de Souza Aguiar e D. Honorata Leodorina Monteiro de Aguiar, natural desta Província, também moradora nesta cidade, e devendo pra este fim justifica seu estado de solteiro, roga a V. S<sup>a</sup> se digne admitir a justificar o seguinte: 1<sup>o</sup> que é o próprio, natural da Freguesia de Pila, da Província de Salerno, no Reino da Itália, e realmente filho dos pais que allega; 2<sup>o</sup> que tendo sahido do lugar de sua naturalidade com a idade de 12 anos, dahi partiu para a República Argentina, e depois para esta cidade em que tem residido desde junho de 1871 até hoje, sempre no estado de solteiro, sem fama ou rumor em contrário.*

*(Cartório do Juizo Eclesiástico, Cuyabá, 11 de março de 1880)<sup>154</sup>.*

---

<sup>154</sup> Auto de Justificação do Estado de Solteiro de Nicolau Verlangieri. Cuiabá, 1880/Caixa 7 – Rolo 4. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá/NDHIR.

Com o fim da Guerra da Tríplice Aliança, em 1870, e a reabertura da navegação do rio Paraguai, Mato Grosso reconectou-se aos países platinos. Embarcações de toda ordem voltaram a sulcar as águas do rio Paraguai, trazendo para as terras mato-grossenses imigrantes de diferentes nacionalidades, mercadorias e notícias do Brasil e do mundo. A maioria dos imigrantes italianos, que fixou moradia em Mato Grosso, entre 1856 a 1914, era formada por solteiros e vieram para estas terras através da navegação da bacia do Prata, para investir em negócios de importação e exportação nas fronteiras mato-grossenses.

Nesse período, Corumbá tornou-se um centro de controle, armazenamento e distribuição de mercadorias da região: “era o nó de articulação de vias fluviais de Mato Grosso, que somente dispunha desse meio para se comunicar com a capital do país, a que a ligavam os navios da Companhia de Navegação”<sup>155</sup>. Esse ponto de convergência, primordial para o estabelecimento do comércio de importação e exportação da Província, provocou o crescimento demográfico e urbano de Corumbá. A sua localização geográfico-estratégica favorecia a afluência constante de indivíduos vindos de diferentes regiões do Brasil e de outros países. Devido ao intenso fluxo migratório, mas com peso maior do imigratório, a presença de grupos estrangeiros na composição étnica desta realidade populacional foi marcante.

Ney Iared Reynaldo, em seus estudos sobre *Comércio e navegação no rio Paraguai (1870-1940)*, apontou alguns aspectos que, provavelmente, agiam como incentivo à vinda de imigrantes europeus e latino-americanos para as terras mato-grossenses:

O desenvolvimento do transporte fluvial a vapor fomentou um processo imigratório razoável para a província de Mato Grosso. Os estrangeiros eram atraídos pelas perspectivas e oportunidades que surgiam em função do aumento de volume de capitais e dos incentivos fiscais proporcionados pelos governos provinciais. Em 1870, calculou-se a existência de 1.665 estrangeiros e em 1875

---

<sup>155</sup> CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/MEC, 1969, p. 552.

chegaram mais 845. Muitos deles eram paraguaios fixados em Corumbá no período pós-guerra, sendo a grande maioria imigrantes sazonais que vinham trabalhar na zona de produção da erva-mate. Outros eram italianos voltados para as atividades comerciais e financeiras (importação e exportação), juntamente com espanhóis, portugueses e argentinos<sup>156</sup>.



*Ilustração 16 - Vista do Porto Geral de Corumbá-MT, 1914.*

*Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

Pela rota do Prata foram chegando imigrantes italianos em Mato Grosso, passando, primeiramente, pelo porto de Corumbá, onde faziam seus primeiros contatos com a colônia italiana, já existente nesse lugar, e daí decidiam o seu futuro. Uns seguiam para o sul e outros para o norte da Província/Estado de Mato Grosso, estabelecendo-se, a partir das oportunidades de trabalho e investimentos em diferentes regiões do território mato-grossense.

Nesse capítulo, a partir da dinâmica do comércio e da livre navegação após a Guerra do Paraguai, procuramos trajetórias e experiências de italianos nos diferentes espaços de Mato Grosso, destacando a cidade portuária de Corumbá, como importante entreposto comercial da região meridional mato-grossense.

---

<sup>156</sup> REYNALDO, Ney Yared. *Comércio e navegação no rio Paraguai (1870-1940)*, Cuiabá, Edufmt, 2004, p. 101.

Quando Giuliano Capriata residia em Corumbá, narrou que no ano de 1896 foi procurado pelo italiano Pedro Sempri e por outros imigrantes recém chegados nesta cidade. Ao encontrar-se com Sempri, acabou “entretendo com elle relações de amizade, bem como com outros patrícios, que lhe mereceu confiança, e que aqui pouco se demorarão”<sup>157</sup>, seguindo, posteriormente, para a capital mato-grossense. Na verdade, muitos que chegavam à cidade de Corumbá vinham munidos de informações sobre o lugar, através de contatos com parentes e conterrâneos que já viviam nestas terras e por aqueles que já haviam feito o reconhecimento e mapeamento da região, sabendo que esta cidade portuária constituía-se em ponto de apoio aos imigrantes que ali chegavam.

Foi o caso de Maximiliano Carcano, que veio para Mato Grosso logo após a guerra do Paraguai e estabeleceu-se, por algum tempo, na cidade de Cuiabá, trabalhando com comércio e negociações com pedras preciosas, ipeca, guaraná e borracha em toda a Província. No ano de 1889 transferiu-se para Corumbá, dando continuidade à sua atividade nesta Vila, adquirindo, também, um pedaço de terra nessa região. Segundo Lenine Povoas, esse italiano veio solteiro e só casou-se quando retornou para a sua terra natal; no entanto, preparou terreno para a vinda de seus sobrinhos para Mato Grosso:

Quando residia em Cuiabá promoveu Maximiliano a vinda para o Brasil de seu sobrinho Cesar Carcano, que chegou na capital mato-grossense entre 1885 e 1886, para auxiliar o tio em seus negócios, mudando-se em companhia dele, mais tarde, para Corumbá. Pouco tempo depois chegava a Mato Grosso outro sobrinho de Maximiliano, José Carcano<sup>158</sup>.

A cidade de Corumbá era o lugar ideal para os imigrantes estabelecerem os primeiros contatos nestas terras longínquas. Após uma longa viagem fluvial empreendida na rota do Prata, era o *lugar da hospitalidade*. Nesse sentido, o que fazia a diferença, era que o “outro”

---

<sup>157</sup> Auto de Habilitação Matrimonial de Henrique Sempri e Maria Antonia Rodrigues. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, 1899, Caixa 26, Rolo 19/NEDHIR.

<sup>158</sup> POVOAS, Lenine C. *Os italianos em Mato Grosso*, São Paulo, Resenha Tributária, 1989, p. 27-28.

era recebido pelo “outro”, o “estranho” era acolhido por outro “estranho”, onde o estrangeiro não era visto, totalmente, como um “forasteiro” ou um “desconhecido”, mas que tinha um nome e um nome de família, que logo o tornava “conhecido”, pronto para ser apresentado ao “eu” comunitário, representado por nacionais e estrangeiros, conforme registros e dados populacionais da época, em Corumbá, sintetizados por Lúcia Corrêa:

Por volta de 1910 sua população é assim estimada: 3.000 naturais; 2.000 paraguayos, bolivianos e correntinos; 1.000 alemães, ingleses, italianos e portugueses; 1.000 soldados; 2.000 nacionais de várias procedências, e cerca de 1.000 turcos, o que somava 10 mil na cidade. Para este mesmo ano havia igualmente um cálculo aproximado de 15 mil habitantes na cidade<sup>159</sup>.

Independentemente da definição do tipo de acolhida dada aos estrangeiros nesse lugar, percebe-se, na própria composição populacional corumbaense, que havia lugares constituídos por diferentes imigrantes, onde seu número quase era equiparado ao de nacionais, percebendo que o “deixar vir”, o “deixar chegar” e o “deixar ficar” era uma realidade nesta localidade.

Em 1914, devido ao desenvolvimento de colônias estrangeiras em Corumbá e região, já estavam instalados os consulados da Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai, Portugal, Itália, França e Bélgica. E, desde o ano de 1892, já existia nesta cidade a *Sociedade Italiana di Instruzione-Beneficenza-Fratellanza*, fundada por um grupo de italianos residentes em Corumbá<sup>160</sup> e a *Sociedade Portuguesa de Beneficência 1º de Dezembro*, cujo fim especial, de acordo com seu estatuto, era “prestar serviços médicos e pharmaceuticos, bem como uma

---

<sup>159</sup> CORRÊA, Lúcia Salsa. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 1981, p. 100.

<sup>160</sup>Sócios fundadores Cav. Maximiliano Carcano; Presidente: Santa Lucci Martino; Vice- Presidente: Ângelo Maria Mônaco; Thezoureiro: Andrea Scartebellati; Secretario: Ângelo Mandetta; Vice-Secretario: Ângelo Calcagni, Giacomo Solari, Giuseppe Conferti, Nicola Giordani, Antonio Salomone, Giuseppe Fragelli, Giuseppe Carcano, Luca Napoleone De Luchi, Genaro Marciano, Fillipo Salomone, Antonio Rebuca, Ferdinando Fiori, Pietro Montano e Giasone Rebuca.

diária de R\$ 2\$000 ao sócio que esteja desempregado; protegel-os quando prezo, si essa prisão não for infamante; dispende Rs. 100\$000 para o enterro do sócio que fallecer”<sup>161</sup>.

Através da imprensa corumbaense, no final do século XIX já era possível visualizar o emaranhado de culturas, línguas e sotaques dessa cidade. As convocações de estrangeiros, através dos anúncios dos consulados e sociedades de imigrantes, publicados na imprensa local, expressam essa realidade:

#### **AGLI ITALIANI**

Per nomina d’ell’ Onorev Sig Corrispondente Consolare d’Italia in questa Città e ad osservanza del Decreto Reale di 15 Luglio dell’ anno scorso, invito a tutti gl’Italiani e figli d’Italiani nati all’ Estero, dimoranti in questa Città, a venirsi iscrivere á Registro dei Censendi, con oggetto di fare parte all’ organizzazione generale di tutti le popolazione del Regno. L’iscrizione é aperta in via Augusta (caza del Sig Manoel Cavassa) dalle ore 10 a. m. Alle 4. p. m. e sarà chiuza li 31 del corr. Gennaio.

Corumbá li 6 Gennaio 1882.

Carlos E. Vandoni.<sup>162</sup>

#### **AGÊNCIA CONSULAR DE PORTUGAL**

Tendo sido exigida pelo Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro a relação dos cidadãos portuguezes aqui residentes e matriculados n’esta agencia, são convidados os súbditos da Nação Portugueza, ainda não matriculados, a comparecerem, para tal fim, nesta Agencia dentro do menor prazo possível; ficando advertidos os que não o fizerem sem notivo justificado, de que, de conformidade com a disposição do art. 35 do Regulamento Consular, não terão direito à proteção desta Agencia.

Thiago José Mangini.<sup>163</sup>

---

<sup>161</sup> <sup>161</sup>AYALA, S. Cardoso; SIMON, F. *Album Graphico de Matto-Grosso*, Corumbá/Hamburgo, s/ed., 1914, p. 335-336.

<sup>162</sup> O Iniciador, Corumbá, 29 jan. 1882, p. 4.

<sup>163</sup> Id. Ibid., 15 jul. 1880, p. 4.

### CONSULADO DE LA Republica del Paraguay

Se hace saber a los interesados que ninguns suddito paraguayo se puede contratar para servivio de chacara, hacienda, estância, ó outra cualquier colocacion, sin que sus contratos sean registrados em este Consulado, afim de que tengam derecho á la proteccion del mismo, tanto los contratantes como los contratados. Los registros seran grátis.

Corumbá, Julio 3 de 1880.

Antonio Jacintho Mendes Gonçalves  
Cônsul.<sup>164</sup>

Nessa confluência de povos, cultura e línguas forasteiras, sempre os jornais de Corumbá anunciavam chegadas de novos estrangeiros, suas instalações e atividades na cidade. Em 1877, foi comunicado à sociedade corumbaense, através do Jornal *O Iniciador*, a instalação da *Fábrica de Macarrão Italiana* de Miguel Bazano, que, através do sistema genovês e napolitano fabricava todo tipo de massas, sendo esta a primeira e única, em toda a Província, a oferecer tal serviço. Em 1879, Antonio Canale anunciava, também, a fabricação caseira do queijo *Goya*, oferecendo esse produto à comunidade local, resguardando a qualidade de seu serviço.

Ayala & Simon, em 1914, ao vivenciarem esse movimento imigratório em Corumbá, deixaram suas impressões sobre o movimento incomum para uma pequena cidade, localizada na fronteira de Mato Grosso com o Paraguai e a Bolívia, observando que a mesma encontrava-se “em continuo progresso, sem duvida, á operosa collaboração do elemento estrangeiro”:

Hoje contando com uma população de m. ó m. 15.0000 habitantes, esta cidade acha-se cortada de espaçosas ruas, obedecendo a um plano uniforme, paralellas e perpendiculares ao rio, só lhes faltando uma arborisação symetrica para darem completa idea das avenidas e os aspectos das metrópoles modernas; o movimento mórmente pelas ruas commerciais nos dias de trabalho, é extraordinário e faz acreditar que a cidade tenha o dobro de habitantes do que ella realmente

---

<sup>164</sup> O Iniciador, Corumbá, 15 dez. 1880, p.4.

possua [...] em contato com as águas do rio Paraguay: é ahi, onde esta o alto commercio com poucas excepções, e onde existem as casas maioristas de importadores e exportadores<sup>165</sup>.

Em agosto de 1902, o jornal *A Pátria*, em artigo intitulado *Um passeio à Bolívia*, comentou o modo como brasileiros e estrangeiros, moradores de Corumbá, organizaram-se para realizar uma excursão ao país vizinho, relatando a atmosfera amistosa de convivência dos participantes desse passeio à cidade de Porto Soares. Conforme dizeres do articulista, o evento organizado pelo Cônsul da Bolívia, com a participação dos italianos Antonio Mandetta e Fontanillas Rabelo e dos alemães Máximo Bier e Schnack, teve como objetivo proporcionar, a um grupo da sociedade corumbaense, a oportunidade de deixar “a monotonia do quotidiano”. A bordo do vapor “Diana”, liderados pelo comandante Perez, um grupo de italianos, alemães, bolivianos e brasileiros navegaram rio acima, rumo à fronteira boliviana, evidenciando interações e sociabilidades, nesse espaço de múltiplos contatos interculturais:

Cerca de onze horas da manhã largava do Porto de Corumbá, repleto de passeiantes o “Diana”, que singrando rápido as águas do rio, veloz aproximava-se do appetecido termo da diversão. Logo foi servido substancioso almoço, que pelo aceito e cuidado com que foi distribuído, deixou patentes esforços postos em acção pelo comandante Perez para cumular os seus convidados de todas as gentilezas.

A banda do 2º Batalhão continuamente abrilhantando o passeio, com escolhidas peças de seu vasto repertório dava ensejos a que alguns pares subissem a voltear uma valsa ou saltar a *polka*<sup>166</sup> à popa do navio. Fomos sempre em amistoso convívio, até que ao passar nos Tamarindeiros paramos para que se tratasse do churrasco que havíamos de saborear quando de volta. Seguimos por fim, até que cerca de uma e meia hora da tarde chegamos a Porto Soares.

[...] Durante em nossa estada em Porto Soares, os passeiantes distribuíram-se por todos os pontos, espalhando-se à vontade, já procurando amigos a quem visitavam, já repartindo com os

---

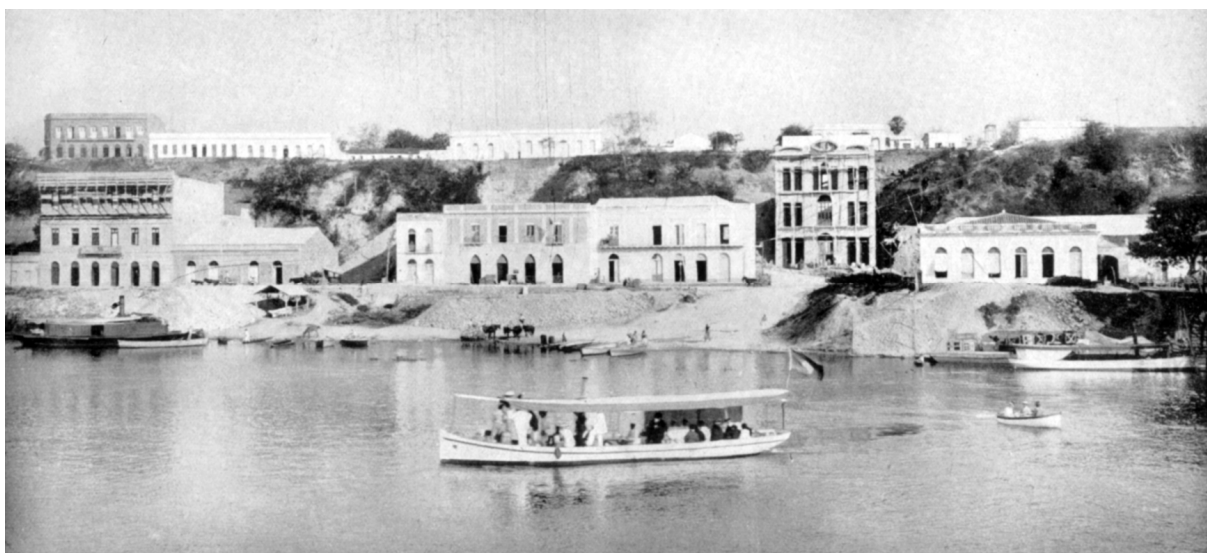
<sup>165</sup> AYALA; SIMON. op. cit., p. 326.

<sup>166</sup> A polca paraguaia é um estilo musical criado no Paraguai no século XIX. Esse ritmo fronteiriço tornou-se popular no Estado do Mato Grosso do Sul.

companheiros as impressões que sentiam. Em casa do Sr. Franz, junto a qual tocava a banda do 2º Batalhão foram animadas as dansas até o momento da partida.

As gentis senhoras bolivianas que encontravam-se em Porto Soares, vieram até a bordo, trazer ao nosso bota-fora, os nossos companheiros de passeio, sempre satisfeitas e obsequiadoras. Às 4 horas da tarde levantava a ferro o “Diana” em demanda do porto de Corumbá e além dos passeiantes que voltavam traziam muitas das pessôas gradas de Porto Soares, entre ellas senhoras e senhoritas que saltaram nos Tamarindeiros para ahi saborear o apetitoso churrasco que ha muito nos aguardava.

No trajeto até esse ponto foram a bordo executados piano e canto, que sobremaneira agradavam [...] animadas foram as dansas, não sendo pouco os pares que encontravam-se no credenciar da valsa ou no salto delicado e miúdo da polka [...] Chegamos então diante de Corumbá, que à noite dava o bonito espetáculo de uma cidade cheia de vida, pelas múltiplas luzes que em diversos pontos eram vistas como pontos luminosos no espaço. Fez o vapor uma grande volta pelo porto, desembarcando por fim todos na mais pura harmonia e alegrados sempre pela banda que ainda nos prendia com os seus melodiosos acordes<sup>167</sup>.



*Ilustração 17 - Vista parcial da cidade e do Porto de Corumbá-MT, 1914.*

*Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

O porto de Corumbá não era, meramente, um local de embarque e desembarque de passageiros e mercadorias. Mais do que isso, era um lugar de vivências e experiências de

---

<sup>167</sup> A Pátria, Corumbá, 3 Ago. 1902, Anno IV, n. 173, p.1.

indivíduos de diversas nacionalidades e procedências, tornando-se um local de passagem, onde ocorriam encontros, desencontros e entrosamentos de nacionais e estrangeiros, nunca visto em toda a história de Mato Grosso. Esta realidade faz pensar nas perspectivas de análise apontadas por Homi Bhabha, quando argumenta que, ao viver a localidade, estrangeiros e nacionais, “numa articulação híbrida das diferenças e identificações culturais”<sup>168</sup>, acabam por combinar concepções, experiências e modos de vidas distintos e separados, gerando, conforme Canclini “novas estruturas, objetos e práticas”<sup>169</sup>.

Antonio Mandetta, um dos organizadores do “pic-nic” na fronteira boliviana, veio da Itália, para o Mato Grosso, no final do século XIX, e fez valer suas habilidades técnicas no ramo industrial. Chegou à cidade de Corumbá em 1889, ainda solteiro, aos 21 anos de idade e começou a vida como simples alfaiate. Em 1895 casou-se com a boliviana Maria Moreno Mônaco e transferiu-se para Buenos Aires, residindo nessa capital argentina durante um ano. Após adquirir a técnica na produção de bebidas gasosas, nesse país, retornou a Corumbá. No ano de 1900, em sociedade com o compatriota Fermino Pierini, montou uma das maiores fábricas de gelo, água mineral, bebidas e refrigerantes de Mato Grosso, “*A Meridonal*” de Antonio Mandetta & Cia<sup>170</sup>. Os seus produtos ficaram conhecidos em todo o Estado, sendo o *Guaraná Tupy* e a *Soda Limonada Mandetta*, os mais vendidos, em toda a região, até o ano de 1982:

Deve ser registrado o pioneirismo e a coragem do Sr. Antonio Mandetta ao enfrentar um empreendimento como esse, numa época e num lugar onde os recursos técnicos eram os mais escassos. Com máquinas importadas da Alemanha e da França, Mandetta abastecia Corumbá de gelo e refrigerantes, fornecendo também esses produtos aos grandes navios Lloyd Brasileiro que atracavam naquele porto, juntamente com barcos argentinos, uruguaios e paraguaios. Deu ele assim a Mato Grosso

---

<sup>168</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998, p. 199.

<sup>169</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*, São Paulo, EDUSP, 2003, p. XIX.

<sup>170</sup> AYALA; SIMON, op. cit., p. XLIII.

uma de suas primeiras indústrias, formando ao lado de homens de largo descortínio empresarial como os cuiabanos Paes de Barros que 1896/1897 fundavam, próximas a Cuiabá, as usinas Conceição e Itaicy para produção de açúcar<sup>171</sup>.

A própria região mato-grossense constituiu-se, de modo singular, nessa análise sobre o movimento imigratório para Mato Grosso. Um lugar atípico para acontecer a imigração ou ser propriamente um ambiente imigratório. Por estar *fora da rota* das migrações internacionais, tanto no Brasil como na América Latina, essa especificidade fez a diferença. Em tempo de desenraizamento e de dispersão de comunidades do mundo ocidental, até mesmo no pantanal mato-grossense houve uma expressiva reunião de povos dispersos. Essa perspectiva pode ser exemplar no sentido do que todos os espaços foram ocupados nesta outra dispersão, provocada pelo expansionismo europeu.



Ilustração 18 - "A MERIDIONAL" de Antonio Mandetta & Cia, fundada em 1900, na cidade de Corumbá-MT.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914.

<sup>171</sup> PÓVOAS, op. cit., p. 45.

O comerciante, pecuarista e armador Vicente Anastácio, natural de Aieta, Província de Cosenza, região da Calábria, na Itália Meridional, chegou em Mato Grosso juntamente com seus irmãos, Braz e Giuseppe, provavelmente no ano de 1870, logo após a guerra da Tríplice Aliança, porque em 1871 o mesmo já havia se casado com a mato-grossense, natural de Nioaque, Theodora Machado. Nesse mesmo ano, Vicente Anastácio instalou duas casas comerciais, de importação e exportação, nas vilas fluviais de Nioaque e Aquidauana, e, posteriormente, instalou o serviço regular de navegação entre a cidade de Corumbá e estes povoados. Com a lancha a vapor *Ligúria*, que rebocava as chatas denominadas *Albuquerque* e *Aieta*, esse italiano realizou, por muitos anos, o serviço de transporte fluvial no percurso que ligava Corumbá à Vila de Aquidauana, pelos rios Aquidauana e Paraguai, conforme descrição feita por Simon & Ayala, no Album Graphico de Matto Grosso, em 1914:

A Villa está ligada á cidade de Corumbá por navegação á vapor, pelos rios Aquidauana e Paraguay [...] A via fluvial é que tem tido maior desenvolvimento: a navegação é feita por seis lanchas á vapor, em viagens mensaes, conduzindo cada uma de oitenta á cem toneladas de carga, destinada a diferentes pontos do Sul do Estado. [...] É constituído este commercio pela exportação de gado, em numero de 15.000 á 20.000 de cabeças annualmente, e de todos os seus productos, taes como couros, chifres, crinas, etc; borracha de mangabeira, pennas de garça e outras aves. O de importação consta principalmente de artigos manufacturados, não só para o município como para a grande parte da região meridional do Estado<sup>172</sup>.

À margem esquerda do rio Aquidauana, Vicente Anastácio adquiriu grande extensão de terras, tornando-se, também, produtor de gado e exportador de *couro vacum*, *crina*, *borracha*, *paina e penas de garças* da região, através do porto de Corumbá. Em 1914, já apresentava um número significativo de 4.000 cabeças de gado vacum, composto do

---

<sup>172</sup> AYALA; SIMON. op. cit., p. 407 e 409.

cruzamento com raças *chino* e *zebu*, e de 500 cavalos criados em suas fazendas denominadas *São João, Urumbeba e Santa Maria*.

A presença desse italiano e de seus investimentos, nessa região, resultou na formação de um povoado denominado *Anastácio*, hoje importante cidade de Mato Grosso do Sul, localizada no centro-sudoeste do Estado, que faz divisa com a cidade de Aquidauana, separadas apenas por uma ponte – porta de entrada do Pantanal pelo lado sul. Segundo Fernando Corrêa, o povoado surgiu na margem esquerda do rio Aquidauana, que nasce na Serra de Maracajú, “instalou-se oficialmente na margem direita, cresceu abundantemente nas duas margens, até que um dia se tornaram duas cidades irmãs, uma preservando o nome do rio, e a outra imortalizando o desbravador italiano”<sup>173</sup>, acrescentando:

Nos primórdios da colonização da região sudoeste do então Estado de Mato Grosso, os rios – entre eles o Aquidauana – se constituíam nas principais vias de acesso e de escoamento de toda a região. Por volta de 1870 começou a ocorrer a ocupação das terras e povoamento da região. Em 1872, um italiano chamado Vicente Anastácio decidiu se estabelecer na região ao comprar a Fazenda Santa Maria, próxima de onde futuramente se localizaria a cidade de Anastácio. Assim, Anastácio tem sua origem nas terras da Fazenda Santa Maria, margem esquerda do rio Aquidauana, onde nasceram os primeiros estabelecimentos comerciais, entre os quais a Casa Cândia. Nesse lugar formou-se uma pequena colônia de italianos, como Antônio Cicalise, José Cândia, Braz Mandarano, Vicente Moliterno, Pedro Pace, Raphael Orrico e o próprio Vicente Anastácio, cujo pioneirismo lhe renderia posteriormente a homenagem do atual nome do município de Anastácio<sup>174</sup>.

O casal Vicente Anastácio e Theodora Machado, conforme a tradição italiana, de família numerosa, teve onze filhos: *Garibaldi; Mafalda*, falecida na primeira infância; *Mazini; Cavour; Umberto; Olga; Vitor Anastácio; Amadeu Anastácio; Vicente Júnior; Carlos Alberto*

---

<sup>173</sup> ALVES CORRÊA, Fernando Alves. *História de Anastácio*. Anastácio Notícias, Anastácio, 14 jul. 2008, Diversos p. 2.

<sup>174</sup>Id. Ibid.

e *Odete*. A foto a seguir, tirada no final da primeira década do século XX, Theodora e Anastácio, com quase cinquenta anos de casados, pousaram com alguns de seus filhos e netos, nascidos em terras mato-grossenses:



*Ilustração 19 - O italiano Vicente Anastácio, no centro, e sua família, na cidade de Aquidauana-MT.  
Fonte: Álbum Graphico de Mato-Grosso, 1914.*

Seguindo o caminho das águas, em tempo de livre navegação na fronteira mato-grossense, italianos foram, aos poucos, estabelecendo-se em diferentes lugares no vasto território de Mato Grosso, constituindo amizades, parentescos e famílias comunitárias. Para compreender os deslocamentos empreendidos por esses imigrantes é preciso conhecer o sistema do serviço de navegação estabelecido nas vias de comunicação que ligavam Mato Grosso aos países do Prata, no período de 1870 a 1920.

Caio Prado Júnior, de uma maneira geral, ao analisar os empreendimentos ocorridos no Brasil, na segunda metade do século XIX, observa que, nesse período, o desenvolvimento da construção de estradas de ferro e o alargamento da navegação a vapor, no país, favoreceu a expansão do comércio, em suas diferentes modalidades, apesar do desequilíbrio da vida

financeira do país, resultante dos gastos provenientes da guerra do Paraguai. Para este estudioso, o progresso material do Brasil, já bem lançado antes do conflito, retoma, logo depois da guerra, em ritmo acelerado e seguro, sendo que o período entre 1870 e 1880, “será contado como uns dos momentos de maior prosperidade nacional”<sup>175</sup>.

Sobre a visível remodelação material no setor de transporte fluvial e marítimo no Brasil, nesse período, Prado Júnior comenta:

O aparelhamento técnico se desenvolvera bastante. As estradas de ferro, cujo estabelecimento data de 1852, somavam cerca de 9.000 km de linhas de tráfego, e outros 1.500 em construção. A navegação a vapor se estendera largamente, e além das linhas internacionais, articulava todo o longo litoral brasileiro, desde o Pará até o Rio Grande do Sul; prolongava-se ainda para o Sul, e pelo *Rio da Prata e rios Paraná e Paraguai, comunicava Mato Grosso com o resto do mundo*. No Amazonas também subia as águas do rio até Tabatinga, na fronteira com o Peru, e ramificava-se pelos principais afluentes: Madeira, Negro, Tocantins. A navegação fluvial a vapor se instalara também em outros rios menores distribuídos ao longo da costa brasileira e penetrando o interior [...] Esta navegação somava ao redor de 50.000 km de linhas em tráfego regular.<sup>176</sup>

A *Companhia Nacional de Navegação a Vapor*, organizada no ano de 1858, antes da guerra do Paraguai, já desenvolvia os seus serviços nesta região, na linha que ligava Montevideu a Corumbá, com os vapores *Marquês de Olinda, Conselheiro Paranhos, Visconde de Ipanema e Cuiabá*, dando os primeiros passos ao movimento comercial de importação e exportação, através dessa via de comunicação inaugurada em Mato Grosso<sup>177</sup>. Para realizar o longo percurso fluvial pela rota do Prata, foram utilizadas embarcações a vapor de *menor calado*, ou seja, com quilhas apropriadas e adaptadas para esse tipo de navegação, bifurcando-se em ramificações por afluentes menos caudalosos, formando uma grande teia de navegações.

---

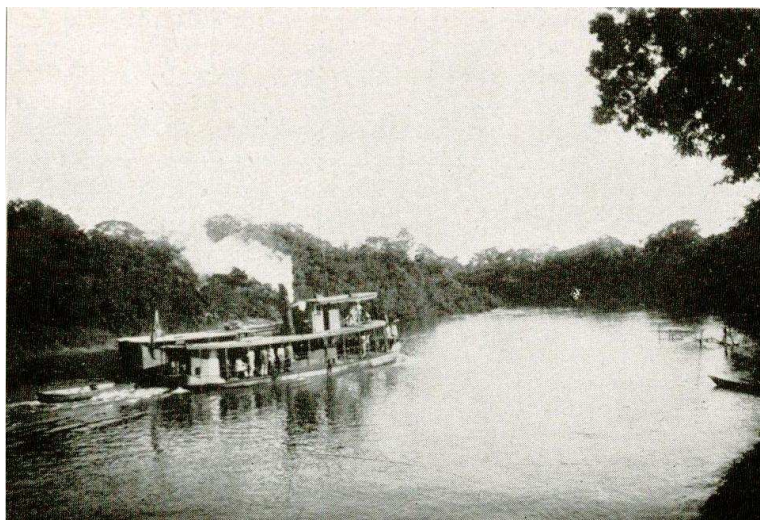
<sup>175</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. 41ª Ed., São Paulo, Brasiliense, 1994.

<sup>176</sup> Id. *Ibid.* (grifo nosso)

<sup>177</sup> BAEZ, Renato. *Cenas de minha terra*. Corumbá, 1964, p. 106-107.

Gilberto Alves, em seu estudo sobre o domínio da casa comercial em Mato Grosso, neste período, atenta “para o fato de que a livre navegação dos rios, enquanto um resultado do conflito com o Paraguai, transformou esta [região] numa grande frente de investimentos”<sup>178</sup> e a cidade de Corumbá beneficiou-se dessa nova situação:

Pela sua condição de principal porto fluvial da região, Corumbá erigiu-se, nessa fase, no centro nervoso do comércio mato-grossense. As embarcações de médio calado, provenientes de Buenos Aires, Montevideu e Assunção, despejavam mercadorias nos depósitos das casas comerciais corumbaenses, ou suas cargas eram transferidas para embarcações menores, que se dirigiam para o norte da Província, especialmente Cuiabá. Enquanto principal entreposto comercial de Mato Grosso, não é surpreendente que em pouco tempo Corumbá tenha alcançado um grau de desenvolvimento ímpar na região<sup>179</sup>.



*Ilustração 20 – LANCHA “SUL AMERICA”, que fazia o serviço de navegação fluvial entre Corumbá, Aquidauana e Miranda.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

Nessa época, outras empresas de navios mercantes e de passageiros, passaram, também, a circular nesse novo eixo comercial, como os vapores *Corumbá*, *Alfa*, *Voluntário* e

---

<sup>178</sup> ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso e a história: 1870-1929* (Ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro). In: BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, n. 61, São Paulo, USP, 1985, p. 22.

<sup>179</sup> Id. Ibid.

*Paraná*. Estas embarcações eram responsáveis pelo abastecimento das casas comerciais, instaladas em Corumbá, Cáceres e Cuiabá, trazendo mercadorias industrializadas, procedentes da Europa, como tecidos, bebidas, calçados, chapéus, móveis, produtos alimentícios e outros; e levando matéria-prima produzida na região, como a ipecacuanha, a borracha, a erva-mate, penas de garças e o couro de gado vacum. Este aspecto é fundamental para entender como as regiões constituíram-se no Brasil a partir de seus laços sem mediações com a Corte, preparando a República. O centro nervoso dos negócios na Corte difundiu-se em múltiplos enraizamentos regionais e descentralizações em afluências, dispensando administrações e o controle central, expandindo redes de comércio e comunicações em malhas federadas que ultrapassaram a arquitetura imperial. Os caminhos por trilhos e os caminhos das águas estruturaram a federação republicana.

Em 1873, no Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, José de Miranda da Silva Reis, consta uma ressalva do referido dirigente à Companhia de Navegação a Vapor, representada pelos associados *Conceição & Cia*, no item em que o mesmo descreve a situação da *Navegação a Vapor* em Mato Grosso. Nesta oportunidade, solicita desta empresa expansão desse meio de transporte na região e conciliação de escalas e horários de suas embarcações, nos principais portos da rota do Prata, com as de outras companhias que faziam o mesmo percurso fluvial, conforme trecho da carta provincial:

A Empreza de Navegação a Vapor entre esta Capital e Montevidéo, com escala por Corumbá e diversas partes da República do Paraguai e da Confederação Argentina, pertencente aos associados *Conceição & C<sup>a</sup>*, tem continuado á prestar valiosíssimos serviços não sómente ao commercio da Província como á administração desta.

Muito mais efficazes, porém, serão seus serviços se ella conseguir, como pretende, que, fazendo coincidir a chegada á Montevidéo de seus vapores com as de outra Empreza á esta associada ou com ella combinada, sejam no referido porto baldeados immediatamente dos vapores de uma para as da outra Empreza os passageiros com suas bagagens e cargas, evitando-se assim no dito porto

longas estadias e as inherentes despezas aos que se destinarem a Costa ou às intermediárias provincias do sul do Império. Ainda muito mais importantes á Província serão os serviços desta tão útil Empreza se augmentando-se aqui a industria e consequentemente o commercio e munindo sua Empreza do necessário acréscimo de seo material, estabelecer que as viagens redondas, que ora se fazem mensalmente, se realizem, senão duas em cada mez, ao menos trez em cada período de dois mezes.<sup>180</sup>

Diante dessa advertência oficial do Presidente da Província percebe-se que a sua preocupação vai além dos horários, escalas e aumento da frota naval desta Companhia, para atender as diferentes regiões de Mato Grosso, mas, também, uma forma de atender a demandas, controlar o fluxo e a concorrência desta com outras empresas de navegação que despontavam no cenário fluvial mato-grossense. Isto já sinaliza certa disputa de cargas, passageiros e prestação de serviços junto ao governo provincial. Nesse mesmo relatório, Miranda Reis menciona ofício recebido da *Empreza de Navegação de Silva Pereira & Cia.*, oferecendo benefícios e concessões ao serviço público da Província:

A Empreza de Navegação de Silva Pereira & C<sup>a</sup>. tem continuado a fazer regularmente a navegar o seo vapor entre esta capital e a Villa de Corumbá secundando assim, posto que em menor escala e sómente em relação ao commercio interno da Província áquella outra Empreza em que acabo de falar vão.

Os dignos empregados, digo, emprezarios desta offererão a Presidência por officio de 13 de Março do corrente anno [1873], os serviços de seo vapor para conduzir de uns para outros pontos de sua linha de navegação o pessoal e material que o Governo tenha de transportar; não recebendo como pagamento mais que o estabelecido por aquella outra Empreza e com as mesmas reduções á que está ella obrigada á fazer nos preços das passagens e frotas que pelo Governo são pagas.

Acceitar este offerimento, que tenho já aproveitado e continuarei a aproveitar, de conformidade ás conveniências do serviço publico. Ao pouco que fica mencionado se limita a

---

<sup>180</sup> MATO GROSSO. Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, José de Miranda da Silva Reis, 1873.

navegação á vapor nesta vasta Província, cujos diversos rios, além dos Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá, aguardão este importante melhoramento da época que forem em maior escala povoados e cultivados os [...] terrenos de suas quase actualmente desertas margens<sup>181</sup>.

Essa preocupação de Miranda Reis, com relação ao incremento e melhoria do serviço de navegação das vias internas de comunicação fluvial, consubstanciava-se aos projetos provinciais que visavam colonizar e povoar as “desertas margens” e zonas fronteiriças mato-grossenses, atraindo voluntariamente nacionais e estrangeiros para essa região, aproveitando essa nova fase econômica, social e cultural de Mato Grosso.

A respeito do serviço de baldeação de passageiros e bagagens e suas escalas e estadias nas regiões dos países do Prata, nessa época, Joaquim Ferreira Moutinho, ao realizar o percurso fluvial do Prata ao Mato Grosso, fez algumas observações:

Sahindo de Montevidéo, cidade pittoresca e alegre, regularmente ao anoutecer, chegava-se ao despontar do dia seguinte á grande e importante cidade de Buenos Ayres. Ali o vapor se demorava 4 horas, podendo os passageiros saltar em terra e apreciar as bellezas da formosa rainha do Prata, onde vimos pela primeira vez o uso de carroças por dentro do mar. O passageiro salta do vapor em uma – chalana – até o lugar em que por falta de águas, passa as suas malas para uma carroça puchada por mullas, que as vae depositar na grande e majestosa ponte; enquanto elle segue em uma pequena embarcação a que dão o nome de – boceta.

Embarcando-se novamente com os olhos offuscados pelo luxo das argentinas, senão pelas suas bellezas, depois de dez horas de navegação, havendo atravessado o grande banco de areia sulcando sempre as águas do Prata, chega a Ilha de Matim Garcia<sup>182</sup>.

O estuário do rio da Prata é formado pelos rios Paraguai e Uruguai, constituindo sobre a costa atlântica um entalhe triangular de 290 km de largura, entre a Argentina e o Uruguai. O

---

<sup>181</sup> MATO GROSSO. Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, José de Miranda da Silva Reis, 1873

<sup>182</sup> MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Noticia sobre a Província de Matto Grosso*, São Paulo, Typografia de Henrique Schroeder, 1869, p. 32.

canal do rio está dominado pela presença de extensos bancos de baixa profundidade que dificultam a navegação com embarcações de calado, que deve ser feito seguindo diversos canais naturais e artificiais, muitos dos quais, em especial a rota que comunica Buenos Aires com o Oceano Atlântico, são objeto de constante dragagem para evitar a acumulação de sedimentos e mantê-los abertos à navegação. Por isso, nesses “meios”, era comum ver pequenas embarcações, como “chalanas”/“bocetas”, e o “uso de carroças por dentro do mar”, puxadas por “mulas”, conduzindo passageiros e bagagens até os lugares onde as águas tornavam-se mais profundas. Daí os passageiros eram baldeados para vapores, de médio calado, que faziam o percurso do rio da Prata a Mato Grosso.



*Ilustração 21 – Mapa da Argentina, destacando a foz do rio da Prata.*

*Fonte: La Enciclopedia L'ibera, 2008.*

Este era apenas o começo de uma viagem que duraria, até o seu destino final, cerca de trinta dias de navegação fluvial, se não houvesse longas estadias nos portos intermediários.

No Jornal *O Iniciador*, de 22 de julho de 1877, a agência da *Companhia Nacional de Navegação* anunciava, na cidade de Corumbá, a escala mensal do vapor que fazia a rota fluvial de Montevideú-Cuiabá e Cuiabá-Montevideú, evidenciando a morosidade desse meio de transporte nessa região: “O vapor Coxipó sairá *mensalmente* para Cuiabá 6 horas depois da chegada a este porto de Montevideo, que sairá 6 horas depois do regresso do Coxipó, de Cuiabá. Passageiros e cargas trata-se com Antonio Joaquim da Rocha, agente da mencionada companhia”<sup>183</sup>. Em janeiro de 1894, o jornal *Oásis*, de Corumbá, através do artigo intitulado “O desmantelamento do Correio”, criticou o funcionamento desse órgão público, nesta cidade, comentando as dificuldades enfrentadas pela população corumbaense quanto ao transporte e distribuição das correspondências em terras mato-grossenses, conforme trecho desta publicação:

As dezesseis saccas cheias de malas, vindas pelo Humaytá, que entraram na agencia de correio, no dia 13 do corrente, chamaram a attenção de todas as classes de pessoas desta cidade, concorrendo, logo apoz, áquella repartição, muita gente ávida de notícias pela demasiada demora dos paquetes da linha de Montevideó para cá, não obstante o governo federal ter declarado livre a navegação dos paquetes do Rio de Janeiro á Matto-Grosso. Chegados os interessados no correio, que surpresa não foi a de todos, ao verem o respectivo agente (contemporâneo do Masthodonte) e o seu ajudante esbaforidos um de saccas às costas recolhendo-as e agazalhando-as no chão, e o outro a pedir uma thesoura ou um canivete por empréstimo pra abrir os envelopros! Que luta dos dois para descosturarem tudo aquillo, para apartarem, conferirem e distribuirem as correspondências franqueadas e francas e, ainda, as de oito malas só de registrados!<sup>184</sup>.

A expansão do serviço de correio em Mato Grosso ocorreu a partir do aumento de volume de correspondências e mercadorias despachadas para essa região. Essa nova realidade exigiu, por parte de sua administração, serviços especializados de seleção, controle e

---

<sup>183</sup> *O Iniciador*, Corumbá, 22 de jul. de 1877, Anno 1, n. 30 – p. 4. (grifo nosso)

<sup>184</sup> *Oásis*, Corumbá, 21 de jan. de 1894.

distribuição de malas de correspondências recebidas e enviadas por meio dessa empresa. Emergia, naquela época, a era da administração dos negócios, acompanhando a aceleração dos meios de transporte, de comunicação, de circulação de notícias, pessoas, objetos materiais e contatos interpessoais de Mato Grosso ao exterior e vice-versa.

Pode-se dizer que a demora do serviço de navegação, no trecho fluvial de Mato Grosso aos países do Prata, era relativamente pequena comparada ao tempo em que os mato-grossenses levavam para receber notícias, via correio, e estabelecer contatos com outras regiões do Brasil, através dos antigos caminhos terrestres de Goiás. Uma viagem de Cuiabá para o Rio de Janeiro podia durar até seis meses. Utilizando a via fluvial esta viagem passou a ser de vinte ou trinta dias. Segundo Alves, os comerciantes, dessa época, acabaram dispensando “as tropas de burros e de bois, apropriando-se do novo meio que aproximava a Província dos centros platinos: o navio. Através do navio monopolizou a distribuição de mercadorias da região”<sup>185</sup>. Esse meio de transporte fluvial facilitou o acesso aos portos da bacia do Prata e o empreendimento de viagens mais longas e constantes, com destino ao Rio de Janeiro e Europa, com o objetivo de transportar passageiros, correspondências e mercadorias, bem como “sondar mercados e estimar lucros que poderiam advir da exportação de novas atividades econômicas na Província. Nitidamente, o mercado mundial tornava-se a escala do comerciante mato-grossense”<sup>186</sup>.

Mesmo assim, os governantes de Mato Grosso, logo após a livre navegação do rio Paraguai, buscavam “melhorar”, estrategicamente, o sistema de transporte de cargas e passageiros nesse “novo caminho”, tomando providências no sentido de acelerar a comunicação entre Mato Grosso e os países platinos e regiões brasileiras, conforme fala do Presidente Miranda Reis:

---

<sup>185</sup> ALVES, op. cit., p. 26.

<sup>186</sup> Id. Ibid.

De algum tempo para cá tem havido bastante regularidade na vinda da mala pelo Paraguai. Recebem-se de quinze em quinze dias cartas e jornais da Corte geralmente com 40 dias de data. Tornando-se na estação seca muito difícil a subida dos vapores, mandei collocar no Cassange um pequeno destacamento com o fim de ser d'ali remetida a mala por terra, para esta Capital, antecipando-se assim de 4 a 5 dias o recebimento da mesma<sup>187</sup>.

De Montevidéu ao porto de Corumbá formava-se a *primeira linha* de navegação fluvial, com vapores maiores, completando um percurso de 3.190 km. A partir do porto de Corumbá iniciava-se a *segunda linha*, quando outros vapores, de menor calado, subiam mais 910 km até o porto de Cuiabá. Nessa região, na época da seca, o rio Paraguai tornava-se mais raso, dificultando a subida de embarcações maiores. As lanchas ou paquetes menores geralmente rebocavam *chatas de ferro*, nas quais conduziam as cargas que os vapores maiores descarregavam na alfândega de Corumbá, transportando-as, assim, até o porto de Cuiabá. É interessante destacar o fluxo e o refluxo das águas acompanhando as estações de cheia e seca, além de acompanhar o volume e profundidade das águas nos afluentes em linhas secundárias.

Os italianos Luigi e José Lotufo, pai e filho, vieram para o Mato Grosso, em setembro de 1909, época de estiagem nessa região. A embarcação que os conduzia, de Corumbá à capital mato-grossense, acabou encalhando nas imediações de Santo Antonio do Leverger, e os mesmos tiveram que completar sua viagem, até o porto de Cuiabá, em uma canoa.

A distância entre Buenos Aires e Cuiabá era de, aproximadamente, 4.100 Km, e a cidade de Assunção delimitava a metade desse percurso, pois desta cidade a capital mato-grossense dava, mais ou menos, uma distância de 2.100 km<sup>188</sup>. A esse percurso acrescenta-se mais 210 km de travessia pelo rio da Prata, que é a distância entre Montevidéu e Buenos Aires. Na verdade, o trajeto real, feito pelas embarcações vindas do Prata para o Mato Grosso,

---

<sup>187</sup> MATO GROSSO. Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, José de Miranda da Silva Reis, 1873.

<sup>188</sup> STEINEN, Karl Von Den. *O Brasil Central (Expedição em 1884 para a exploração do Xingu)*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942, p. 44.

era de aproximadamente 4.310 km de navegação fluvial, pois a maioria partia de Montevidéu com destino a Cuiabá.

Entre embarques, desembarques e abastecimentos em diferentes portos desse longo caminho fluvial, muitas novidades, admirações, estranhezas, espantos e perplexidades marcaram a ida e a vinda de diversos viajantes, imigrantes e aventureiros que decidiram adentrar o continente sul americano para chegar em terras mato-grossenses.

Geralmente, italianos e outros imigrantes vindos do continente europeu, primeiramente desembarcavam em Montevidéu e, então, cruzavam o rio da Prata, chegando a Buenos Aires. Segundo descrição feita por Moutinho, da capital argentina seguia-se até a Ilha de San Martim Garcia, “situada na embocadura dos rios Paraná e Uruguay, que formão o majestoso Prata, que confunde suas águas com o mar”<sup>189</sup>. Tomando o curso do rio Paraná, chegavam até a Província de *Corrientes*, na confluência do rio Paraná com o Paraguai. Através deste, davam continuidade à densa mata fluvial platina, numa longa trajetória, rumo ao Mato Grosso. Esse caminho foi feito, também, pelo italiano José Orlando, irmão de Francisco Orlando, e registrado em seu *Auto de Justificação do Estado de solteiro*, em Cuiabá, no ano de 1893, quando declarou, “que no anno de 1884 deixou o seo lugar de nascimento, tendo somente a idade de dezesseis annos, *seguindo diretamente para a cidade de Montevidéu*, onde só demorou-se o tempo necessário para tomar passagem com destino a essa capital”<sup>190</sup>.

Nesse mesmo ano, o médico, antropólogo e etnólogo Karl Von den Steinen, comandante da expedição alemã para a exploração do rio Xingu, também realizou esse percurso fluvial. Em 1883 desembarcou, com sua comitiva, no porto de Montevidéu e no ano seguinte, após contato com o Presidente da Província de Mato Grosso, Barão de Batovi, partiu de Buenos Aires em direção a Cuiabá. As impressões desta viagem, escritas por Steinen, em

---

<sup>189</sup> STEINEN, op. cit.

<sup>190</sup> Auto de Habilitação Matrimonial de José Orlando e Carmela Verlangieri. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, 1893, Caixa 26 – Rolo 19/NEDHIR.

estilo de diário, fornecem importantes informações acerca dos percursos e condições das embarcações que faziam a rota do Prata, bem como o cotidiano dos passageiros e tripulação no interior destas. Sobre o início dessa expedição fez o seguinte comentário:

Em meados de fevereiro de 1884 partimos de Buenos Aires, chegando em Assunção seis dias depois. A extravagante capital do Paraguai já mereceu freqüentes descrições. Para nós ela só foi estação de passagem, pois, se ali demorássemos alteraríamos o plano já traçado. À *espera* de um vapor de Cuiabá permanecemos em Assunção três semanas agradáveis e descuidadas, fazendo esforço para aprender o português e esquecer o espanhol. Através do convívio que tivemos com alguns alemães cultos, que conheciam o país, a estada se nos tornou muito mais proveitosa<sup>191</sup>.

Essa parada em Assunção dá sentido à preocupação do Presidente Miranda Reis, quando, uma década atrás, solicitara da Empresa de Navegação do Alto Paraguai, o acréscimo da frota de embarcações que fazia o itinerário de Montevideú a Cuiabá. O objetivo era diminuir o tempo de viagem, evitando as longas e obrigatórias estadias, bem como as inerentes despesas dos passageiros nos portos das províncias intermediárias pois, de acordo com os apontamentos de Moutinho, só na cidade de Corrientes o vapor demorava 48 horas, sem contar em outras povoações do Prata, que durava em média de 4 a 6 horas, para abastecimento de carvão e lenha<sup>192</sup>. Até o abastecimento era moroso e cheio de paradas.

É certo que, para uns, esse tempo de espera transformava-se em momento oportuno para estabelecer relações de amizade e convívio com moradores dessas diferentes paragens e, também, para conhecer a região. Para outros, principalmente para os negociantes, onde o objetivo era de cumprir esse percurso com menor tempo possível, com certeza as paradas e esperas tornavam-se enfadonhas. No entanto, no final do século XIX, o número de embarcações multiplicou-se, quando diferentes empresas de navegação passaram a realizar

---

<sup>191</sup> STEINEN, op. cit., p. 43. (Grifo nosso)

<sup>192</sup> MOUTINHO, op. cit., p. 248.

viagens nesse percurso, melhorando, consideravelmente, o fluxo de embarcações de cabotagem e de passageiros nessa região.

Embarcações carregadas de homens, mulheres e crianças de diferentes nacionalidades subiam e desciam os rios da Prata, Paraná, Paraguai e Cuiabá, cumprindo a sua rota e prestando serviços de bordo aos diversos passageiros em seus interiores. Na embarcação que Steinen viajou para Mato Grosso, no final do século XIX, havia cerca de 50 soldados brasileiros, alguns oficiais que os acompanhavam, 24 passageiros de primeira classe, sem contar o restante que viajava na terceira classe. Sobre o perfil desses passageiros o referido viajante comenta que:

A maioria compõe-se de indivíduos pardos, outros pardos escuros ou outros quasi pretos. Alguns até parecem importados do Congo. Usam gorros azues, de borla vermelha e estrela doirada. Um deles chamado gigante, é um mouro de 11 palmos ou 2 ms. e 22 cms. (?). Também se encontra um armênio de túnica de listas roxas, cinto vermelho e fez, que quer vender rosários aos pecadores de Mato Grosso. O armênio é passageiro de terceira classe, a qual se localiza na proa do navio e se constitui o lugar mais agradável para se viajar. Uma chata está colocada ao longo do vapor, trata-se de um bote raso, com guindaste para carga, que transporta as provisões de carvão. É por aqui que o pessoal permanece durante o dia todo em meio de muita algazarra – jogam baralho, fazem “toilette”, comem feijão, rebuscam, com as mãos pretas, no interior de uma lata de pão duro, lavam as panelas, preguiçam e estão sempre alegres. É assim que a África, América, Ásia e Europa se acham representadas a bordo<sup>193</sup>.

Pelos fluxos do Atlântico e do Indico, conectados aos percursos fluviais da bacia do Prata, misturavam-se personagens, mercadorias, falares, hábitos alimentares e costumes que, ao longo dos vários dias de percurso por caminhos das águas encontravam-se nos navios a vapor. O mundo começava a diminuir, enquanto povos e culturas das diferentes terras continentais cruzavam e conviviam em portos, vapores, atracadouros, estações e embarcadouros.

---

<sup>193</sup> STEINEN, op. cit., p. 47.

Geralmente, os vapores estabelecidos na carreira fluvial de Montevideú a Corumbá, faziam o serviço misto de cargas e passageiros, possuindo acomodações de 1ª, 2ª e 3ª classe. Dependendo do porte e da capacidade das embarcações, as acomodações de 1ª classe variavam de 18 a 100 passageiros. Edil Pedroso, ao estudar o cotidiano dos viajantes nos caminhos fluviais de Mato Grosso, no século XIX, diz que as empresas de navegação, nesta época, proporcionavam o bem-estar aos seus passageiros, de acordo com as condições financeiras de seus usuários, e algumas embarcações eram assim divididas: “no primeiro piso encontravam-se os camarotes com suítes, o setor de lazer e a sala de refeições; no segundo estavam os camarotes sem suítes; e no terceiro havia apenas redes e colchões espalhados pelo chão, não se dispondo de camas”<sup>194</sup>.

Percebe-se que, nessas embarcações havia diferentes espaços, divididos por origens sociais e culturais. Apesar de o primeiro piso constituir-se em espaço de luxo e lazer, o terceiro piso, foi considerado por Steinen “o lugar mais agradável para se viajar”. O espaço da proa era aquele ocupado pelo “armênio vendedor de rosário”, pelo “gigante mouro” e por aqueles que quase pretos “pareciam importados do Congo”. Para ele, neste piso, as pessoas eram mais alegres, festivas e interessantes, em surpreendente mistura de “África, América, Ásia e Europa a bordo”. Além disso, dali podia ser observada a melhor paisagem. Geralmente, a rotina da viagem era quebrada pelos próprios passageiros, onde cada um, a sua maneira, buscava fazer algo pra preencher o tempo e o vazio provocado pelos longos dias de viagem. Era comum, após as refeições, inventarem algo para fazerem, a fim de preencherem o tempo:

[...] jogam-se cartas e ouve-se um pouco de música. Uma senhora cantou “La Fileuse” e “La Harpe Eolienne”, seguiu-se um senhor com diversas trivialidades rápidas e variadas. Claus conquistou os corações, tocando cítara e cantando trovas, ambas essas coisas novas e desconhecidas nessas paragens.

---

<sup>194</sup> SILVA, Edil Pedroso da, *O cotidiano dos viajantes nos caminhos fluviais de Mato Grosso: 1870-1930*, Cuiabá, Entrelinhas, 2004, p.

Juntamente com Wilhem ele cantou ainda uma série de canções populares e outras de estudantes. A melhor impressão sobre o auditório era causada pelo sentimental e o turbulento. Sua voz conquistou gerais aplausos e diziam que era “como ferro” e “como um vapor”<sup>195</sup>.

Apesar do cotidiano desses viajantes ser marcado por diferentes momentos, desde o amanhecer até o anoitecer havia ocasiões em que a melancolia tomava conta dos passageiros. O cansaço, muitas vezes causado pela morosidade da viagem, era manifestado, principalmente aos domingos. Esse dia da semana, caracteristicamente, parecia fazer diferença na rotina semanal dos passageiros que, conforme observação de Steinen, não havia disposição nem para “abrir o piano” e nem “forças para cantar”. O ócio tomava conta da maioria que passava o dia fumando, dormindo ou bocejando, sentado em algum canto da embarcação. No entanto, havia exceções, como a senhora de um major, citada por Steinen, que “ficava horas e horas a escrever no seu diário em letra lapidar, tendo o cabelo solto por cima de um lenço atado atrás do pescoço”<sup>196</sup>.

Somos 24 passageiros de primeira classe. A comida é muito boa. O prato predileto dos brasileiros é o famoso feijão preto com carne seca, tem ótimo sabor de comida preparada em casa. Espantámo-nos diante de alguns que não comem pão. Ajuntam a chamada farinha, indiferentemente, aos mais diversos pratos. [...] O que denominam vinho é horrível e tem que ser engulido apesar do calor, mas depois a gente se contorce como um saca-rolhas<sup>197</sup>.

Hábitos e gestos entrecrocavam-se nas embarcações que atravessam e conectavam continentes até então mais fechados, mais centrados em si mesmos, que abriam-se para abrigar ou estranhar, aplaudir ou reparar o outro. As embarcações colocavam frente a frente universos e horizontes até então desconhecidos, abrindo vazão a encontros e desencontros, intolerâncias e curiosidades, hospitalidade e hostilidade. Nessa perspectiva, Jacques Derrida, ao falar da diferença entre a

---

<sup>195</sup> STEINEN, op. cit., p. 45.

<sup>196</sup> Id. Ibid., p. 47.

<sup>197</sup> Id. Ibid., p. 45.

*hospitalidade condicional*, oferecida a um estrangeiro “em família”, e a *incondicional*, aquela que acolhe o estrangeiro anônimo, sem nome e sem família, diz que esta hospitalidade exige “que eu lhe ceda lugar, que eu deixe vir, que eu o deixe chegar, e ter um lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade [...] nem mesmo o seu nome”<sup>198</sup>.

Com o desenvolvimento do comércio de importação e exportação e o aumento do movimento portuário em Mato Grosso, houve maior regularização do transporte fluvial nessa região. Várias empresas de navegação, nacionais e estrangeiras, implantaram suas linhas de serviços nos circuitos fluviais que ligavam Mato Grosso à região do Prata e aos portos intermediários do litoral brasileiro. O aumento do tráfego de embarcações de diversas companhias, nessa rota de comunicações fluviais, trouxe aos mato-grossenses opções diferenciadas de serviços de navegação: viagens semanais, em dias fixos; vapores mais luxuosos e confortáveis, com tarifas reduzidas.

A empresa paraguaia de *Navegacion á Vapor (Vierci Hnos.) Sociedad Anonima*, fundada em 1890, passou a servir essa região com “9 vapores e 16 chatas com uma capacidade total de 3000 toneladas. Elementos especiais para o transporte de gado e tropas, até 700 cabeças por uma só viagem”<sup>199</sup>. Essa companhia oferecia todo o material flutuante, tanto para o transporte de passageiros como o de carga ou animais, navegava “em qualquer tempo, mesmo nas épocas das maiores baixantes do rio Paraguay”<sup>200</sup>, conforme anúncio de seus serviços, em de 1914, no *Álbum Graphico de Matto-Grosso*:

Serviço mixto de passageiros e cargas entre *Assuncion e Corumbá*, tocando nos principais portos intermediários; semanalmente, em dias fixos, saída dos dois pontos de partida, em combinação com os vapores de luxo e rapidez que navegam entre Assuncion e Buenos Aires. Tarifas reduzidas, viagens rápidas e confortáveis.

---

<sup>198</sup> DERRIDA, Jacques. *Anne Defourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*, São Paulo, Escuta, 2003, p. 23 e 25.

<sup>199</sup> AYALA; SIMON, op. cit., p. IV

<sup>200</sup> Id. Ibid.

Vapores d'esta linha:

“LEDA” e “G. B. VIÉRCI”

Próprio para passageiros e para o serviço de carga:

“ADELA” e “NEEMBOCU”.

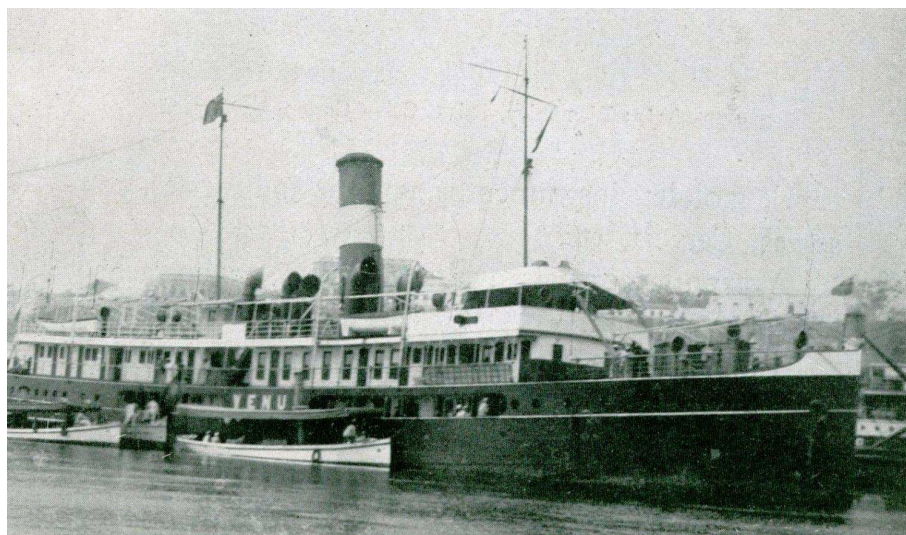
Outra grande companhia de navegação que implantou suas linhas de transporte em Mato Grosso, com representação na cidade de Corumbá, foi a *Empresa de Navegação Lloyd Brasileiro*, criada em 1890, por um grupo de armadores privados que recebiam subsídios do governo brasileiro, sendo incorporada, nessa associação, a *Companhia Nacional de Navegação a Vapor*, que fazia o trajeto entre Montevidéu e Corumbá<sup>201</sup>. Mais competitiva e melhor instrumentalizada para o serviço de navegação marítimo e fluvial, o *Lloyd Brasileiro* incrementou e monopolizou grande parte desse serviço, da costa brasileira ao interior de Mato Grosso:

Actualmente a empresa Lloyd Brasileiro mantém uma linha de paquetes do Rio de Janeiro á Cuyabá, subdividida em tres secções e tocando em Santos, Cananéa, Iguapé, Paranaguá, Antonina, São Francisco, Florianópolis, Rio Grande e Montevidéu, onde faz o transbordo dos passageiros, correspondências e mercadorias para outros vapores de menor calado - *Mercedes, Venus, Ladario, Murtinho, Cáceres, Miranda* e outros – que tocam sucessivamente em Assumpção, Conceição, e Porto Murtinho, descarregando em Corumbá. Dessa cidade á Cuyabá a viagem é feita em quatro ou cinco dias, e a empresa possui em serviço os paquetes *Coxipó, Nioac e Orvalho*, este ultimo expressamente construído para navegar desembaraçadamente no maior rigor da vasante.

---

<sup>201</sup>A *Empresa de Navegação Lloyd Brasileiro*, fundada em 1890, através da fusão das empresas de quatro armadores privados que recebiam subsídios estatais: Companhia Progresso Marítimo; Companhia de Navegação e Estrada de Ferro Espírito Santo e Caravela; Companhia Nacional de Navegação por Vapor (que fazia o tráfego Rio-Montevidéu e Montevidéu-Corumbá); e Companhia Brasileira de Navegação por Vapor (que fazia a navegação do Rio para o Norte até Manaus). Tal fusão não correspondeu à expectativa e, em 1892, o governo restituiu a autonomia ao Lloyd Brasileiro, constituindo uma sociedade anônima: Esta situação perdurou até o ano de 1905 quando, em virtude de o Banco do Brasil ter vendido suas ações à firma M. Buarque & Cia, foi dissolvido para dar origem a sua sociedade em comandita por ações. A empresa viveu nesse regime até o segundo semestre de 1909, quando foi transformada em sociedade anônima sob os auspícios do Governo. In: PEREIRA, Lia Alt. *O setor público brasileiro – 1890-1945*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2001, p. 76-77.

Entre o Rio de Janeiro e Montevidéo, entre Montevidéo e Corumbá e entre Corumbá, Cuyabá, Cáceres, Miranda e Aquidauana existem outras linhas de vapores, umas contractadas pela repartição postal e outras pertencentes á particulares<sup>202</sup>.



*Ilustração 22 - Vapor Venus – Lloyd Brasileiro, Montevidéu a Corumbá.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914*

Com a instalação de casas comerciais, de importação e exportação, por nacionais e estrangeiros em terras mato-grossense, aumentou significativamente o número de empresas de navegação em Mato Grosso, criando condições para o comerciante local estabelecer contatos com os principais centros brasileiros, platinos e europeus. Conforme observou Ayala & Simom: “De Corumbá a Assumpção e a Montevidéo, e vice-versa, o tráfego é constante e as embarcações que d’isso se ocupam são numerosas, principalmente as das Companhias Vierci Hnos. E Mihanvich e as pertencentes á firma de M. Cavassa Filho e C<sup>o</sup>”<sup>203</sup>.

O Album Graphico de Matto-Grosso destaca em suas páginas de propaganda, as principais casas comerciais de importação e exportação instaladas em Cáceres, Nioaque, Corumbá, Aquidauana e Cuiabá, pertencentes a estrangeiros de diferentes nacionalidades: as

---

<sup>202</sup> AYALA; SIMON, op. cit., p. 67.

<sup>203</sup> Id. Ibid.

de origem alemã, representadas pelas firmas comerciais de *Henrique Hesslein & Sergel (Cuiabá)*, *Stöfen, Schnack Müller & Cia (Corumbá)* e *Alexandre Addor (Cuiabá)*; as de origem portuguesa, representadas pelas empresas: *Pereira, Sobrinhos & Cia (Corumbá)*, *Almeida & Companhia* e *Casa Importadora de Gabriel Francisco de Mattos (Cuiabá)*; quanto às de origem italiana, elaborei um quadro que descreve, com maior especificidade, as atividades desenvolvidas por essas casas comerciais, localizadas nas principais cidades e vilas de Mato Grosso:

QUADRO VII - Casas comerciais de importação e exportação, pertencentes aos italianos em Mato Grosso, localizadas nas cidades de Cuiabá, Cáceres, Corumbá e vilas de Nioac, Aquidauana e Miranda, no período de 1870 a 1930<sup>204</sup>.

EMPRESA	LOCAL	FUNDAÇÃO	ATIVIDADE
Orlando Irmãos & Cia.	Cuiabá	1873	Importação em Geral Exportação de Borracha Transações Bancárias Proprietários de Seringais
Nicola Verlangieri & Filhos	Cuiabá	1884	Casa comissária e consignatária na compra de terras e extração de títulos provisórios e serviços forenses em geral.
Manuel Cavassa & Cia	Corumbá	1858	Agente do Banco do Brasil e do Brazil Land, Cattle and Packing Co.  Proprietária de embarcações. Exportação de gêneros de Mato Grosso e de produtos nacionais variados.
Josetti & Cia.	Corumbá	1909	Importação em geral Exportação de borracha, ipecacuanha, penas de garça, peles, madeiras cereais Indústria extrativa de borracha e ipecacuanha
Mônaco & Piñon & Cia	Corumbá	1902	Importação e exportação de produtos comestíveis
A Meridional – Antonio Mandetta & Cia.	Corumbá	1900	Fábrica a vapor de gelo Águas Minerais, Ginger-Ale, Gasosa, Xaropes e Licores. Especialidades em bebidas sem álcool Bils e Dilz
Deambrosio, Legrand & Cia.	Corumbá Miranda Montevidéu		Fabricação e exportação de Xarques, línguas salgadas, sebo, couros secos e salgados, crina, chifres e ossos
José Dulce & Cia. “Ao Anjo da Ventura”	Cáceres	1871	Importação e Exportação em geral Representantes do Banco do Brasil Proprietária do “Vapor Etrúria”
Ângelo Rebuga & Irmão	Miranda	1908	Importação em geral

<sup>204</sup> AYALA; SIMON, op. cit.

			Exportação de couros vacuns e crina
Vicente Anastácio	Nioac	1871	Importação em geral
	Aquidauana	1872	Exportação de couros vacuns, crina, borracha, paina e penas de garça. Proprietária do Vapor “Ligúria”.
Candia & Moliterno	Nioac Aquidauana		Importação e exportação em geral
A Casa de Ferro de Vicente Solari	Corumbá		Importação de produtos para matérias de construção, móveis, utensílios domésticos e ferragens em geral.

Ao explicitar as atividades das casas comerciais de propriedade dos italianos em Mato Grosso, apresentados no quadro acima, transparece a complexidade material e funcional desses estabelecimentos, que excediam a simples transação de compra e venda de mercadorias. Na verdade, havia uma combinação de casa comercial, de importação e exportação, com outras atividades empresariais. De um modo geral, essas casas eram, também, representantes de agências bancárias, consignações e navegação, bem como proprietárias de grandes áreas de produção e extração para fins de exportação. A diversidade das atividades desenvolvidas por essas firmas comerciais evidencia o grau de importância e domínio das mesmas, no final do século XIX e primeiras décadas do XX, em diferentes espaços urbanos e rurais de Mato Grosso, conforme comentário de Alves:

Como se depreende, as casas comerciais eram, nesse momento, os mais notórios exemplos de concentração do capital em Mato Grosso, correspondendo a estruturas extremamente complexas, jamais conhecidas em qualquer época anterior. Exerciam o monopólio do comércio de importação; controlavam boa parte do comércio de exportação e da navegação; dispunham de “secções bancárias” que, além de empreenderem operações próprias, funcionavam como intermediárias de bancos nacionais e estrangeiros; representavam companhias seguradoras; incorporavam indústrias; e apropriavam-se de terras para explorar a pecuária, a agricultura e a extração de produtos vegetais e minerais<sup>205</sup>.

<sup>205</sup> ALVES, op. cit., p. 37.

Feliciano Simon & Cardoso Ayala, organizadores e editores do *Álbum Graphico de Matto-Grosso*, ao realizarem o levantamento das condições econômicas do Estado de Mato Grosso, com demonstrações estatísticas do seu desenvolvimento, nas primeiras décadas do século XX, afirmam que o comércio nessa região consistia na importação, em grande escala, de mercadorias européias. Os principais produtos vinham das praças de Londres, Hamburgo e Paris, como “tecidos, louças, objetos de uso doméstico, perfumarias, artigos de luxo e bebidas diversas”<sup>206</sup>. Os artigos de uso e de consumo mais freqüentes vinham dos países do Prata e das praças nacionais do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, podendo citar – “calçados, chapéus, drogas medicinais, tintas, óleos, ferro esmaltado, banha, papel, mobília, instrumentos agrários industriais, conservas, cerveja e outros”<sup>207</sup>. Segundo Simon & Ayala, Mato Grosso exportava, naquela época, grande quantidade de ipecacunhanha, erva-mate, penas de garça, charque, peles, madeiras, cereais e outros. No entanto, a exportação mais avultada era da borracha e do couro vacum. Toda a movimentação de importação e exportação de Mato Grosso fazia-se através do porto de Corumbá.



**Ilustração 23 - Interior da Casa Comercial do italiano JOSÉ DULCE & CIA.**

“AO ANJO DA VENTURA”, fundada 1871, São Luiz de Cáceres-MT. Fonte: AYALA & SIMON, 1914.

<sup>206</sup> AYALA; SIMON, op. cit., p. 68

<sup>207</sup> Id. Ibid.

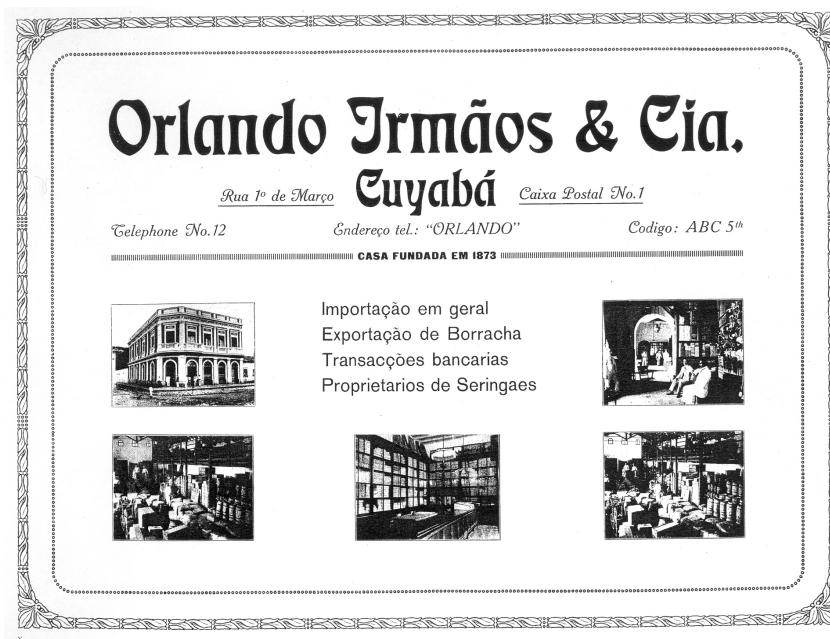
Segundo Tadeu Borges, em seu trabalho sobre o *extrativismo e a pecuária em Mato Grosso, no período de 1870 a 1930*, as fazendas *Morocó, Paranatinga e Três Jacús*, de propriedade dos seringueiros italianos, Francisco, Giuseppe e Vicente Orlando, faziam parte do rol das “principais propriedades onde se explorou a borracha em Mato Grosso”. Outro italiano, mencionado por este autor, foi Vicente Anastácio, já citado no início deste capítulo, que, além da borracha, exportava couro de gado vacum, crina, painas e penas de garça, na região sul de Mato Grosso:

O período da borracha em Mato Grosso proporcionou aos seringueiros a fixação da terra, com algum tipo de criação ou plantação, trabalhada nos meses em que não realizavam a extração, visando garantir a subsistência devido ao elevado preço dos gêneros que lhes eram oferecidos. Dentre os principais Estados e países importadores da borracha extraída em Mato Grosso destacaram-se: o Amazonas, o Pará, São Paulo, a América do Norte, a Argentina, a França, a Inglaterra e o Uruguai<sup>208</sup>. As áreas onde deram-se as explorações da borracha em Mato Grosso localizavam-se nas imediações dos rios Paraguai, Juruena, Arinos, Paranatinga e Alto Tapajós. A borracha extraída em Mato Grosso foi exportada, uma parte pela Bacia do Prata e a outra, em maior quantidade pelo rio Amazonas<sup>209</sup>.

---

<sup>208</sup> BORGES, Fernando Tadeu Miranda. *Do extrativismo à Pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso - 1870 a 1930*, 3ª ed., São Paulo, Escortecci, 2001, p. 70.

<sup>209</sup> Id. *Ibid.*, p. 67



**Ilustração 24 - Anúncio da Casa Comercial Orlando Irmãos & Cia, fundada no ano de 1871, Cuiabá-MT, 1914.**

Fonte: AYALA & SIMON, 1914.

A ativação da nova rota comercial pela bacia do Prata veio, também, promover a importação de maquinaria moderna para abastecer as indústrias nascentes na Província/Estado de Mato Grosso. A casa comercial *Almeida & Companhia*, fundada no ano de 1870, com sede na cidade de Cuiabá, possuía, no início do século XX, dois modernos estabelecimentos industriais em Mato Grosso, fazendo parte dos vários ramos de empreendimentos comerciais e financeiros pertencentes a esta empresa: a *Cervejaria Cuyabana* e a *Usina Itaicy*. Especialmente a Usina Itaicy, produtora de açúcar e aguardente, fundada em 1896, pela referida firma comercial mato-grossense, localizada à margem direita do rio Cuiabá, próxima à capital mato-grossense, foi montada com máquinas a vapor e outros equipamentos importados, funcionando em imponente edifício, com diversos compartimentos iluminados à luz elétrica, produzida na própria fábrica. A sua estrutura e funcionamento foi comentada por Simon e Ayala:

A usina que actualmente representa um valor de mil contos de réis, pelo menos, tem 20 empregados technicos e 80 trabalhadores, e possui 60 edifícios, dos quaes 45 servem de habitações para os trabalhadores; também existe uma serraria, bem montada, uma pharmacia para o pessoal das fabricas e do campo, sendo esta dirigida pelo sócio-gerente, Dr. Alberto Novis que, além de homem competente, é um bom médico. Possui a usina ainda escolas próprias de instrução primaria – 62 alumnos de ambos os sexos -, de música – com uma banda permanente de 12 figuras – e de officinas diversas. O plantio de cereaes, um dos ramos de agricultura ali exercida, é feito para o consumo próprio exclusivamente<sup>210</sup>.



*Ilustração 25 - Prédio da Fábrica do Itaicy, fundada em 1896, situada à margem direita do rio Cuiabá, acima da cidade de Santo Antonio do Levergers-MT.*

*Fonte: Acervo Particular de Loíde Capriata.*

No período de 1870 a 1928 foram fundadas diversas usinas açucareiras em Mato Grosso: *Usina Ressaca* (1872), à margem do rio Paraguai; *Usina Flexas* (1884), à margem direita do rio Cuiabá; *Usina Conceição* (1888), à margem direita do rio Cuiabá, acima do porto de Santo Antonio do Leverger; *Usina Itaicy* (1896), à margem direita do rio Cuiabá,

<sup>210</sup> AYALA; SIMON, op. cit., p. 280.

acima da cidade de Barão do Melgaço; *Usina Maravilha* (1928), à margem direita do rio Cuiabá, abaixo de Santo Antonio de Leverger <sup>211</sup>.

A produção do açúcar e da aguardente em Mato Grosso era voltada para o consumo interno, excepcionalmente era exportada. Os mercados principais para a venda e consumo desses produtos eram Cuiabá, Corumbá e Cáceres, para onde eram transportados em lanchas e chatas, e pela via terrestre, às povoações do interior, em carroças, à tração animal <sup>212</sup>.

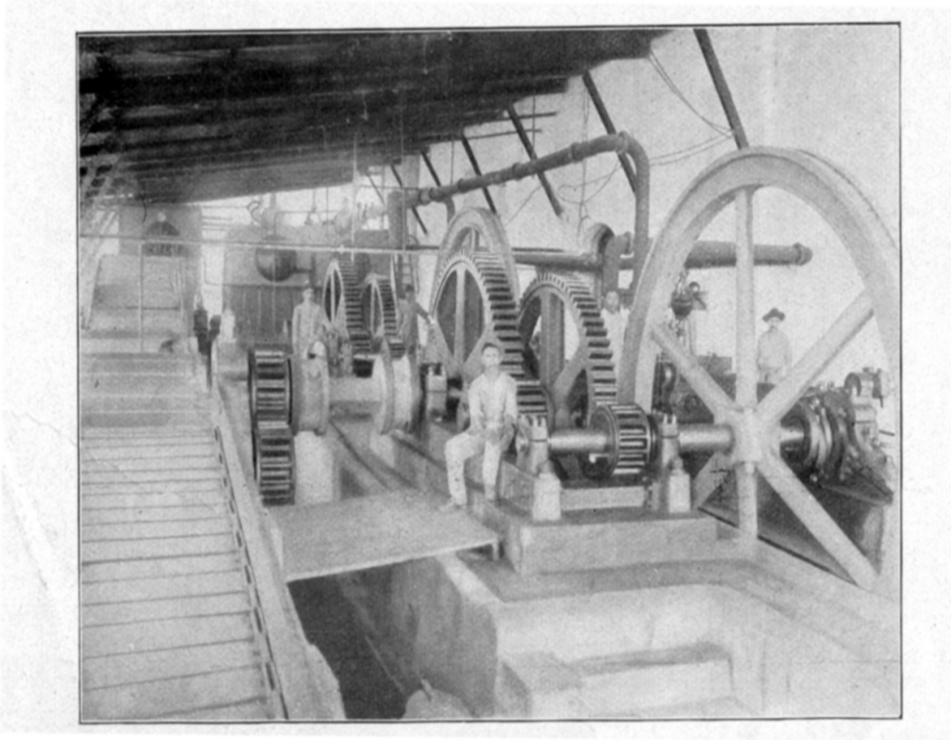
Geralmente, os “empregados técnicos”, citados acima, ou os chamados “mecânicos especiais” que prestavam serviços às usinas mato-grossenses, faziam parte de um grupo formado por mão-de-obra especializada em mecânica industrial, em sua maioria composta por elementos estrangeiros capacitados. A *Cervejaria Nacional-Corumbá*, em um anúncio de seu estabelecimento, menciona a composição de seus funcionários, o que evidencia essa realidade: “O pessoal da fabrica compõe-se de dois cervejeiros allemães, 3 mecanicos especiaes e 80 trabalhadores diversos, além do pessoal de escriptorio” <sup>213</sup>.

---

<sup>211</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*, Cuiabá, Entrelinhas, 2002, p. 114.

<sup>212</sup> AYALA; SIMON, op. cit, p. 282.

<sup>213</sup> Id. Ibid., p. 343.



*Ilustração 26 - Trabalhadores nas grandes moendas da Usina do Itaicy.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

Sobre os trabalhadores braçais, que constituíam a maioria nas referidas usinas de açúcar em Mato Grosso, Lúcia Helena Aleixo, em *Vozes no Silêncio: subordinação, resistência e trabalho em Mato Grosso (1888-1930)*, considera que “o aumento demográfico no final do século XIX e a abolição da escravidão trouxeram, à economia açucareira indivíduos que necessitavam de trabalho para promover sua subsistência”. Nesse aspecto, com a instalação das usinas, ao longo do rio Cuiabá, muitas famílias foram expropriadas “pela ocupação de terras ocasionada pela grande lavoura canavieira”<sup>214</sup>, empregando-se nesses setores produtivos e submetendo-se a um sistema de trabalho árduo e disciplinado. Segundo Siqueira, o trabalho braçal, nas usinas, era feito por homens, mulheres e crianças, numa espécie de divisão de trabalho, com a participação de todos os membros da família que vivia nesse complexo, onde as “crianças, inclusive, participavam dos trabalhos na roça, na

---

<sup>214</sup> ALEIXO, Lúcia Helena Gaeta. *Vozes no silêncio: subordinação, resistência e trabalho em Mato Grosso (1888-1930)*, Cuiabá, EDFMT, 1995, p. 181.

confeção de sacos, nos teares, na fabricação da farinha, nas tarefas de descascar arroz e até mesmo no transporte da cana”<sup>215</sup>.

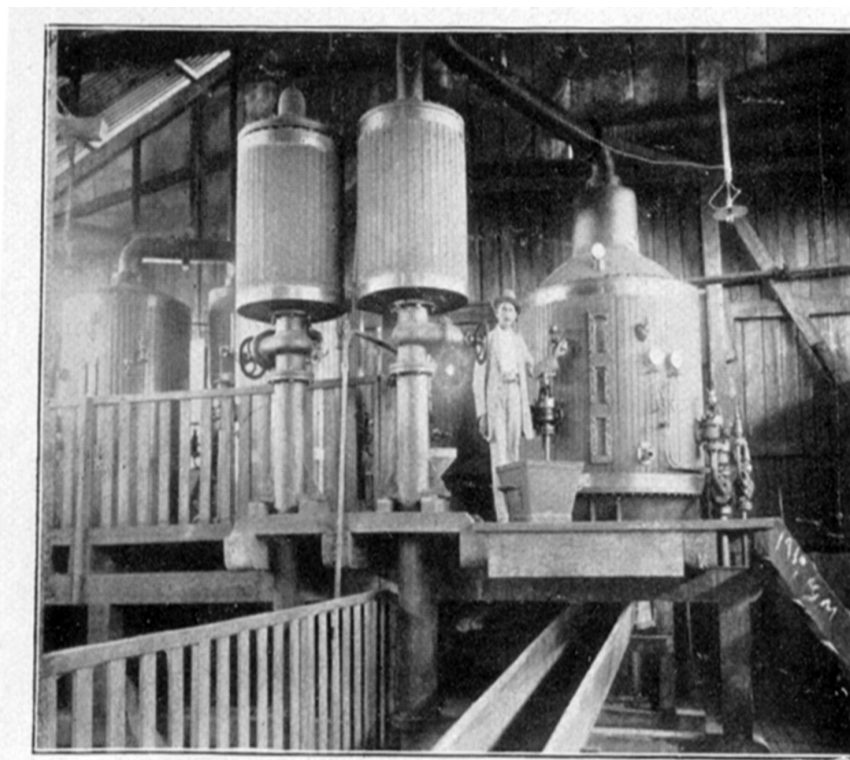
É perceptível a diferença entre os trabalhadores em geral e os ditos “empregados técnicos” e/ou “especializados”, nesses ambientes de trabalho, evidenciando, também, o tratamento diferenciado entre um e outro. De um lado, trabalhadores pobres, formado por brancos, índios e negros (ex-escravos); de outro, trabalhadores nacionais e/ou estrangeiros desenvolvendo atividades “especializadas”. Sabe-se que as questões de domínio e exploração do trabalho que envolvia os círculos produtivos açucareiros em Mato Grosso são amplas e merecem um estudo mais aprofundado a esse respeito. No entanto, mesmo concentrando atenções às atividades e habilidades desenvolvidas por imigrantes italianos, em diferentes frentes de trabalho e empreendimentos em Mato Grosso, destacando suas lutas e conquistas no processo de estabelecimento em terras mato-grossenses, não é possível perder de vista esta verdadeira cadeia de montagem, articulando diferentes perfis de trabalhadores em dinâmicas de um mercado global.

O italiano Ermette Ricci veio para o Mato Grosso, pela rota de Montevideú, Buenos Aires e Assunção, no ano de 1922, a convite de seus primos, os comerciantes César e José Carcano, que já residiam na cidade de Corumbá desde 1885. Ermette era mecânico profissional, em sua terra natal, e veio para as terras mato-grossenses acompanhado de sua esposa Maria Fava Ricci e de seus dois filhos, ainda pequenos, após “sofrer perseguições dos partidários de Mussolini, o que o levou a imigrar para o Brasil”<sup>216</sup>, tendo como destino a cidade de Corumbá. Logo que chegou em Mato Grosso, foi convidado para trabalhar como mecânico industrial nas usinas Flexa e Aricá, permanecendo nesses estabelecimentos até o ano de 1930. Vendo que havia campo de trabalho nessa área, em Mato Grosso, convidou seu irmão, Fortunato Ricci, técnico industrial, a vir tentar a vida nessas terras.

---

<sup>215</sup> SIQUEIRA, op. cit., p. 114.

<sup>216</sup> PÓVOAS, op. cit., p. 136.



*Ilustração 27 - Dependência da Usina do Itaycy, setor de máquinas a “vácuo e clarificadores.  
Fonte: Álbum Graphico de Matto-Grosso, 1914.*

Havia outros empreendimentos tocados por italianos em Mato Grosso, com estrutura comercial menos complexa do que as grandes firmas de importação e exportação. Eram os armazéns e/ou empórios, perfumarias, relojarias, sapatarias, chapelarias, padarias, alfaiatarias, olarias e outros estabelecimentos para atender as necessidades mais prementes da população mato-grossense. Esses estabelecimentos também podem ser vistos, com certa facilidade, em anúncios e propagandas publicados em jornais e periódicos que circularam nas cidades de Corumbá e Cuiabá, neste período em estudo.

O italiano Santiago Solari, estabelecido em Corumbá desde o final do século XIX, publicou no *Jornal O Brazil*, de 17 de dezembro de 1909, um anúncio de seu *armazém*, localizado na região central desta cidade, apresentando à população corumbaense os produtos que o seu estabelecimento comercializava, bem como sua qualidade e exclusividade:

O *ARMAZEM CRUZEIRO DO SUL* de **Santiago Solari** tem sempre em depósito: **Vinhos** em cascos e engarrafados, bem como o famoso vinho nacional do Rio Grande do Sul. **Conservas** e licores de todas as qualidades, nacionais e estrangeiras. **Mantimentos**, ferragens, cimento Portland, artigos para pintores, óleos e lubrificantes. Único importador nesta praça do chinado Trinchieri<sup>217</sup>, a melhor, a mais agradável e a mais higiénica bebida do século actual. Único depositário das celebres *machinas* de lavar roupa, de uma economia notável em tempo e dinheiro, além da commodidade offerecem sobre o systema antigo de lavagem. Depositário único e exclusivo da **Aguardente do Urucum**, a mais apreciada de todas as aguardentes conhecidas. Existência permanente de Kerozene, zinco e farinha de trigo, etc<sup>218</sup>.

## A CASA DE FERRO

RUA FREY MARIANO, Nº 1  
Caixa Postal No. 18 Telephone No. 47

Continúa á vender por preços reduzidos o variadissimo Stock de Ferragens, sempre em augmento, entre cujos artigos, para os anaveis clientes fazerem uma ideia aproximada da sua importancia, enumera-se os seguintes:

Vidros brancos e de cores para vidraça; Lampeões belgas de suspender, tubos de vidro e torcidas para os mesmos.

Pinturas, vernizes, oleos e pinceis; Fechaduras e fechos pedrezes; Cofres de aço á prova de fogo; Machinas de costura; Fogões de ferro; Camas de ferro de todas as dimensões; Ferros de engommar; Balanças de estrado e de balcão.

Grande variedade de artigos de ferro agatha, ferro batido, ferro fundido e de folha de Flandres; tecidos de arame.

Carrinhos tricyclos com assentos e encosto para crianças (novidades).

Freios, estribos, esporas de ferro e de metal, argolas e outros apetrechos para monlaria.

Bigornas, tornos, tarrachas, catracas perfuradoras, ventiladores para forjas, forjas portateis completas com ventilador e chaminé, malhos, marretas, martellos, torquezes, parafuzos e muitas outras ferramentas para mechanicos, carpinteiros, pedreiros e sapateiros.

Bombas, valvulas, torneiras, cotovellos, juntas para encanamento e distribuição de aguas.

**SANTIAGO SOLARI.**




*Ilustração 28 - Anúncio da CASA DE FERRO do italiano Santiago Solari, Corumbá-MT.  
Fonte: Álbum Graphico de Matto-Grosso, 1914.*

Em 1914, o armazém de Santiago Solari já havia expandido de tal maneira que, tornando-se uma das maiores casas comerciais da cidade, denominada *A Casa de Ferro*, foi anunciada no *Álbum Graphico de Matto-Grosso* como empresa especializada em materiais para construção, máquinas e ferragens em geral.

<sup>217</sup> Tipo de bebida semelhante a vodca.

<sup>218</sup> O Brazil, Anno 7, n. 295, Corumbá, 17 d dez. 1909.

A dinâmica de trabalho desses comerciantes estrangeiros em Mato Grosso, que marcou a virada do século, rio abaixo e rio acima, foi representada de diferentes formas: pelos imigrantes que chegaram nessas terras, com recursos próprios e investiram em grandes negócios lucrativos, como é o caso do italiano Francisco Orlando, tornando-se grande importador, exportador e proprietário de seringais em Mato Grosso; por aqueles que vieram com poucos recursos e/ou sem nenhum, e conseguiram integrar-se em atividades que atenderam às necessidades da região, resultando em investimentos lucrativos, sendo exemplar, nesse caso, a trajetória de vida do italiano José Dulce - de um simples mascate fluvial transformou-se num grande armador e empreendedor comercial, de importação e exportação nos circuitos fluviais de Mato Grosso e dos países do Prata, como seu conterrâneo, Antonio Mandetta - o alfaiate que prosperou ao virar fabricante de bebidas. Enfim, diversos imigrantes italianos, entre práticas e habilidades, desenvolveram múltiplas atividades em espaços urbanos, ribeirinhos e sertanejos de Mato Grosso, como o pequeno comerciante Vicente Solari, o relojoeiro Carlos Marlo, o alfaiate Fioravante Barbieri; o fabricante de tijolos Domenico Carcano; o carpinteiro Henrique Sempri; o sapateiro Frederico Scarselli; o padeiro Francisco Sogari; o pecuarista José Canale; o agrimensor Saturnino Maiolino; o construtor Giuliano Capriata; os mecânicos industriais Ermete e Fortunato Ricci e muitos outros que se estabeleceram em Corumbá, Cáceres, Cuiabá, Campo Grande, Aquidauana, Miranda e Nioaque, dedicando-se ao comércio e indústria em geral, firmas e serviços diversos.

A presente análise acerca da presença italiana em diferentes espaços de Mato Grosso faz pensar na pessoa que migra e, principalmente, o que representou o imigrante italiano para a sociedade mato-grossense naquela época. Tentei interpretar essa realidade a partir de intercâmbio e mediações de suas culturas, valores e tradições. Compreendendo esse imigrante “aventureiro” com um olhar voltado para suas lutas e conquistas nos sertões mato-grossenses e, principalmente, como agentes sociais com diferentes laços históricos, culturais,

econômicos, lingüísticos e familiares, integrando-se e compartilhando suas experiências e vivências com grupos e povos de cultura, valores e tradições distanciadas dos seus universos. Nesse sentido, os imigrantes italianos em Mato Grosso, em suas trajetórias e experiências singulares, neste movimento de emigração e imigração, coletivas e individuais, apresentam-se como sujeitos comuns movidos por necessidades, expectativas, sonhos, desejos, sentimentos e interesses próprios.

## CAPÍTULO IV

### DA ITÁLIA AO SERTÃO MATO-GROSSENSE:

#### “vendendo, construindo e consertando de tudo um pouco”

*Saturnino Nicola Maiolino filho de Dom Gaetano Maiolino e D. Elizabeth Lamboglia, ambos da Itália – Calábria. Saturnino Nicola nasceu no dia 29 de novembro de 1888, na Itália – Cosenza – Papisidero. Na família Lamboglia Maiolino era assim: um filho tinha que ser padre outro militar. Saturnino Nicola estudou num seminário na Itália, para ser padre secular – porém, abandonou-o já na ultima ordem, por causa do falecimento de sua mãe, desencantado, pois ela era muito querida e, também, com a notícia que seu pai iria casar com a camareira de sua mãe, uma moça muito jovem de nome Filomena, os filhos mais velhos não concordando com esse matrimônio, pediram suas heranças em dinheiro, deixando os imóveis para o pai e os dois manos que permaneceram na Itália: Ângelo e Rosina Itália. Deixaram sua terra natal: Pedro, João, Saturnino Nicola e Attílio; chegaram em Cuiabá, no dia 09.09.1911, só três deles, pois o Attílio adorou o clima do Rio Grande do Sul e lá ficou. Com a herança recebida, os três juntaram, colocando um comércio de secos e molhados. Este comércio não durou muito, pois o tio João e o Pedro logo arranjarão namoradas, não tendo muito tempo para se dedicarem ao comércio, ficando estes nas mãos de Saturnino que não tinha aptidões: muito caridoso, tinha pena da pobreza, vendia fiado ou a preço de custos. Assim o comércio não deu lucros, fecharam as suas portas, dividindo as sobras e cada um tomou conta de sua vida.*

*(Adélia Maiolino, 78 anos, filha de Saturnino Nicola Maiolino)<sup>219</sup>*

---

<sup>219</sup> MATOS, Adélia Maiolino. *Álbum de família: Gardês & Maiolino (1863-1985)*, Cuiabá, 1985.

O presente relato de Adélia Maiolino, 78 anos de idade, nona filha do italiano Saturnino Nicola Maiolino, que chegou a Cuiabá no início do século XX, aos 23 anos de idade, acompanhado de seus dois irmãos Pedro, 25, e João, 16, descreve, em poucas palavras, a trajetória e os motivos que levaram quatro irmãos italianos a deixarem o seu país de origem rumo às terras mato-grossenses.

Dom Gaetano Maiolino, o patriarca da família, segundo o *Álbum de Família Gardés & Maiolino*, obra memorialista de Adélia Maiolino, foi prefeito da Comuna de Papisidero, na Província de Cosenza, região da Calábria, por três décadas, no reinado de Vitor Emanuel III (1900-1946)<sup>220</sup>. Nessa região, constituída, em sua maioria, por colonos, meeiros, arrendatários e pequenos proprietários, Dom Gaetano foi dono de terras, onde administrou juntamente com a esposa Elizabeth Lamboglia, e filhos o cultivo de videiras, possuindo “muitos colonos que se prestavam na fabricação de vinhos”<sup>221</sup>.

Assim como os Maiolino, outros italianos chegaram a Mato Grosso, no período de 1856 a 1914. Esse movimento de italianos solteiros para o Mato Grosso, constituído, em sua maioria, por grupos de irmãos, parentes e conterrâneos, procedentes da *Itália Meridional*, vindos, principalmente, das regiões da *Calábria*, *Basilicata* e *Campânia*, teve como principal destino as cidades portuárias de maior conexão comercial com países do Prata e que estavam em plena transformação sócio-cultural, sendo Corumbá, Cuiabá e Cáceres o foco central desse movimento.

---

<sup>220</sup> Vitor Emanuel III, rei da Itália de 1900 a 1946, ascendeu ao trono italiano após o assassinato do pai, Humberto I (rei de 2878 a 1900). Em 1922, encarregou Benito Mussolini, depois de sua marcha sobre Roma, da formação do novo governo e, nos anos seguintes, apoiou plenamente o regime fascista. Em consequência da política expansionista de Mussolini, 1936 a 1941 e de 1939 a 1943, respectivamente, foi igualmente imperador da Abissínia (Etiópia) e rei da Albânia. Após a derrota militar da Itália na Segunda Guerra Mundial, participou em 1943 na destituição de Mussolini por parte do Grande Conselho Fascista e assumiu o poder. Em 1944, renunciou a favor de seu filho Humberto II e, em 1946, abdicou e exilou-se. Pouco depois, foi proclamada a República.

<sup>221</sup> MAIOLINO, Adélia. *Album de Família: Gardés & Maiolino (1863-1985)*, p. 58.

Adélia Maiolino, ao contar as razões e condições que levaram seus antepassados calabreses a abandonarem seu país e região de origem, em busca de terras distantes e desconhecidas, revela os conflitos e sentimentos que influenciaram esta decisão, transmitidos às gerações subseqüentes dos Maiolino, ainda presentes em sua memória:

O meu pai saiu de lá porque o meu avô queria pedir em casamento uma moça de dezoito anos! Por isso foi a briga dos filhos. Aí discutiram, brigaram... Cada um pegou a sua herança em dinheiro e saiu. Ficou lá só o irmão caçula e uma tia, irmã do meu pai. Eles ficaram aborrecidos demais com o pai, pois amavam demais a mãe. Veja, a mãe acabou de morrer, o pai já quer casar com a governanta! Governanta dela, da mãe! Ele era político [o avô]. Lá em Papisidero, em Cosenza, ele foi prefeito mais de três vezes. Daí o meu avô, Gaetano, dividiu a herança na hora! Dividiu pra todos eles e eles vieram com um baita de dinheiro. Você já viu, né? Mocinho novo chegou ainda com dinheiro aqui... Meu pai botou uma loja pra vender não sei o quê? [...] Eu sei que não deu porque ele era muito caridoso, ficava com pena da pobreza, dava tudo fiado! Depois a pobreza aqui era demais! Eles não chegaram aqui de mão abanando. O meu avô tinha muitos bens lá na Itália. <sup>222</sup>

Saturnino abandonou o comércio e passou a desenvolver suas habilidades técnicas de “engenharia” e “topografia” em Mato Grosso. Segundo Adélia Maiolino, quando seu pai veio para o Brasil faltava um ou dois anos para terminar o curso de engenharia. Porém, mesmo sem o diploma “fez muitas plantas e medição de terras, em Cuiabá e cidades vizinhas, que não levaram o seu nome por não ter concluído o curso”. Um ano após a sua chegada em Cuiabá, em 1912, casou-se com Velleda Gardés, filha de um imigrante francês com uma cuiabana. Dessa união nasceram doze filhos, sendo seis homens e seis mulheres. Desde o nascimento de seu primogênito, Saturnino teve a idéia de formar um acróstico com as iniciais dos nomes de seus filhos, com as palavras “Itália e Brasil”, conforme explicação de Adélia:

---

<sup>222</sup> Entrevista feita com Adélia Maiolino, em 07 de setembro de 2006.

1º Ibsen	7ª Benata
2º Túlio	8ª Rosalba
3º Atilio	9ª Adélia
4º Luciano	10ª Sezefredo
5ª Iva	11ª Itásil
6º Arrigo	12ª Lair



**Ilustração 29 – SATURNINO NICOLA e VELEDA GARDÉS (sentados) com a neta Wanda, filha de Arrigo e Gonçalves. Primeira fileira, da esquerda para a direita: Túlio; Atilio; Luciano; Ibsen e Arrigo. Segunda fileira, da esquerda para a direita: Dirce Damasceno, esposa de Túlio; Rosalba; Adélia; Iva; Sezefredo; Gonçalves, esposa de Arrigo e Benata. Em pé, ao lado do pai Saturnino, Lair, a filha caçula e as netas Neusa e Eni, filhas de Túlio e Dirce. Em pé, ao lado da mãe Velede, Itásil. Foto tirada no final da década de 1940.**

*Fonte: Acervo particular de Adélia Maiolino, Cuiabá-MT.*

Apenas uma mulher na Itália e um só homem no Brasil (mascote). O nome Itásil foi tirado da Itália e do Brasil, *Ita* da Itália e *Sil* do Brasil. Meu pai tinha um jeito muito peculiar em doutrinar os filhos, era

ensinando línguas como: latim, grego, italiano. Gostava de chamar os filhos pelos apelidos, que, às vezes, era ele mesmo que os colocava; seja pela aparência física ou pelos procedimentos. Tinha quase todos os bichos [do Pantanal]; era um verdadeiro zoológico como: jaburu, frango d'água, marrão cascudo, caramujo, cabra, lagartixa, socó, burro branco, taturana, cutia, e mais dois que deixaram de ser do zoológico: Furuca e Manjonére. Esses apelidos não eram aceitos por nenhum de nós e nem por minha mãe, que sempre protestava; eu nunca vi, em toda a minha vida, minha mãe chamar nenhum filho pelo apelido<sup>223</sup>.

Diante desse perfil imigratório, na perspectiva de conhecer os antecedentes de italianos que fixaram moradia em terras mato-grossenses procurei, nesse capítulo, a partir de depoimentos de descendentes de italianos que fixaram moradia nessas terras, desvendar experiências de emigração/imigração vividas por seus antepassados. Nessa perspectiva, compor particularidades do movimento de italianos para o Mato Grosso, destacando suas origens, destinos, uniões conjugais, relações de parentesco e atuações em diferentes ambientes de convivência e sociabilidades.

Diferentes motivos levaram jovens italianos a abandonarem sua terra natal. Os fatores de desterritorialização e reterritorialização de homens, mulheres e crianças, vindos de diferentes lugares e regiões da Itália, são desvendados a partir das trajetórias realizadas pelos protagonistas que compõem o presente estudo, constitui um dos ângulos de abordagem dessa pesquisa

Sendo assim, elaborei os seguintes quadros identitários de imigrantes italianos em Mato Grosso, contendo nome e sobrenome, ano de chegada, estado civil, idade, profissão e região de origem, separados por cidades de imigração, como Corumbá, Cuiabá, Cáceres, Aquidauana, Miranda e Nioaque:

---

<sup>223</sup> MAIOLINO, op. cit., p. 80.

**QUADRO VIII** – Italianos que radicaram-se na cidade de **CORUMBÁ**, no período de 1860 a 1912, segundo o sobrenome, nome, ano de chegada, estado civil, idade, profissão e região de origem <sup>224</sup>.

Sobrenome	Nome	Ano de Chegada	Estado Civil	Idade	Profissão	Região de Origem
DANSA	Francisco	1860	Solteiro	25	Comerciante	Itália Meridional
DELUQUE	Thomaz	1860	Solteiros	-	Comerciante	Itália Setentrional
	Santiago	1860	Solteiro	-	Comerciante	Itália Setentrional
CARCANO	Maximiliano	1870	Solteiro	-	Comerciante	Itália Setentrional
	César	1885	Solteiro	-	Comerciante	
	José	1885	Solteiro	-	Comerciante	
CALÁBRIA	Mário	1880	Casado	-	Construtor	Itália Meridional
	Anunciata	1880	Esposa	-	Do lar	
	Francisco	1885	Filho Solteiro	-	Comerciante	
	Nicola	1885	Filho Solteiro	-	Comerciante	
	Vicente	1885	Filho Solteiro	-	Comerciante	
	Helena	1885	Filha Solteira	-	Do lar	
PROVENZANO	Jerônimo	1880	Casado	-		Itália Central
	Ana Fartame	1880	Esposa	-		
	Vicente	1880	Filho	-		
PROVENZANO	Salvador	1880	Solteiro	-		Itália Central
	José	1880	Solteiro	-		
	Tereza	1880	Solteira	-		
FRAGELLI	Giuseppe	1882	Solteiro	-	Comerciante	Itália Central
SANTA LUCCI	Martino	1880	Solteiro	25	Construtor	Itália Meridional
AMITRANO	Affonso	1883	Solteiro	-	Súdito italiano	Itália
	Antonia Aiolo	1883	Mãe	-		
	Lucrecia	1883	Irmã	22		
VANDONI	Luis Pérciles	1890	Sozinho	28		Itália Meridional
MANDETTA	Nicola	1887	Pai	37	Hoteleiro	Itália Meridional
	Ângelo	1887	Filho Solteiro	-	Hoteleiro	
	Antonio	1889		21	Industrial	
GIORDANO	Domenico	1889	Casado	39	Oleiro	Itália Meridional
	Emília	1889	Esposa	-	Do lar	
BENZI	José	1890	Casado	-	Comerciante	Itália Setentrional
	Catarina	1890	Esposa	-		
MÔNACO	José Antonio	1890	Solteiro	-	Comerciante	Itália Meridional
	Agostinho	1890	Solteiro	-		
ALBANEZE	Domingos	1893	Solteiro	-	Sapateiro	Itália Meridional
CÂNDIA	Mateus	1900	Solteiro	-	Comerciante	Itália Meridional
	José	1900	Solteiro	-	Comerciante	
MÔNACO	José (Pepino)		Casado	-	Pecuarista	Itália Meridional
	Felícia		Esposa	-		
	Miquelina		Filha	-		
DI SIERVI	Paschoal Carmela	1910	Casado	-	Construtor	Itália Meridional
PUCCINI	Ernesto	1912	Solteiro	-	Estaleiro	Itália Central
	André	1912	Solteiro	-	Estaleiro	
FERRA	Nicola		Casado	-	-	Itália Paraguai
	Carolina Acña		Esposa	-		

<sup>224</sup> Elaborei o presente quadro a partir de dados e informações das seguintes fontes e referências acerca da presença italiana em Mato Grosso, entre 1860 e 1930: Autos de Habilitação Matrimoniais e de Justificação do Estado de Solteiro do Juízo Eclesiástico de Cuiabá (1870-1930), Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá; PÓVOAS, Lenine. Os italianos em Mato Grosso, São Paulo, Resenha Tributária, 1989; MAIOLINO, Adélia. Álbum de Família: Gardés & Maiolino (1865-1985), Cuiabá, Cia Editora e Impressora Mato-grossense, 1985; CAPRIATA, Élio. Os Capriata: relato da família no Brasil, Campo Grande, 1998.

**QUADRO IX – Italianos que radicaram-se na cidade de CUIABÁ, no período de 1860 a 1915, segundo o sobrenome, nome, ano de chegada, estado civil, idade, profissão e região de origem.**

Sobrenome	Nome	Ano de Chegada	Estado Civil	Idade	Profissão	Região de Origem
ORDANO	Paschoal	1860	Viúvo		Padeiro Hoteleiro	Itália
VICHINE	Sebastião	1863	-		-	Itália
ORLANDO	Francisco	1874	Solteiro	-	Comerciante	Itália Meridional
	Giuseppe	1884	Solteiro	-	Comerciante	
	Vicente	1884	Solteiro	-	Comerciante	
VERLANGIERI	Rafael	1871	Solteiro	-	Comerciante	Itália Meridional
	Nicola	1871	Solteiro	23	Comerciante	
	Francisco	1871	Solteiro	-	Comerciante	
CAPRIATA	Giuliano	1888	Solteiro	22	Construtor	Itália Meridional
	Paulo	1888	Solteiro	-		
	Domingos	1888	Solteiro	-		
GAETA	Vicente	1903	Solteiro	28	Marceneiro e Agente Funerário	Itália Meridional
SOGARI	Francisco	1893	Solteiro	46	Padeiro	Itália
DORSA	Domingos	1897	Solteiro	-	Comerciante	Itália Meridional
	Paulo	1897	Solteiro	-	Comerciante	
POLLI	Giuseppe		Solteiro	-	Construtor	Itália Setentrional
SARDI	José	1898	Solteiro	-	Construtor	Itália Meridional
	João	1898	Solteiro	-	Construtor	
MECCHI	Francisco	1897	Solteiro	18	Serviços de Transporte	Itália Central
LOMBARDI	Adolpho	1893	Solteiro	23	Negociante	-
SEMPRI	Henrique	1899	Solteiro	31	Carpinteiro	Itália
TENUTA	Domingos	1900	Viúvo	-	Comerciante	Itália Meridional
	Oriente	1900	Solteiro	-	Comerciante	
SCHIFFINI	Francisco	1900	Casado	-	Comerciante	Itália
SCARSELLI	Frederico	1895	Casado	44	Sapateiro	Itália Central
	Angelina	1895	Esposa	24	Do lar	
LATORRACA	Francisco	1905	Solteiro	-	Comerciante	Itália Meridional
	Nicola	1905	Solteiro	-	Comerciante	
	Vicente	1905	Solteiro	-	Padeiro	
	José	1905	Solteiro	-	Braçal	
	Balbino	1905	Solteiro	-	Braçal	
ZAPPA	Caetano	1906	Solteiro	-	Comerciante	Itália
FORTUNATO	AfonsoMaria	1907	Casado	-	Comerciante	Itália Meridional
	Maria Ângela	1907	Esposa	-	Do lar	
	Vicente	1907	Filho	15	Comerciante	
	Anunziato	1907	Filho	27	Comerciante	
	Adelaide	1907	Filha	-		
	Antonio	1907	Filho	-		
TENUTA	Benjamin	1906	Solteiro	-	Comerciante	Itália Meridional
	Emília	1906	Solteira	-	Do lar	
	Luiz	1906	Solteiro		Comerciante	
	Antonio	1908	Solteiro		Comerciante	
LOTUFO	Francisco	-	Casado	-	Comerciante	Itália Meridional
	Josefina	-	Esposa	-	Do Lar	
	Luigi	1909	Viúvo	-	Comerciante	
	José	1909	Solteiro	-	Agente Funerário	
SCHIFFINI	Luiz	1909	Solteiro	-	Latoeiro	Itália
BARBIERI	Fioravante	1910	Solteiro	20	Alfaiate	Itália Meridional
MAIOLINO	Pietro Vitório	1911	Solteiro	25	Agricultor	Itália Meridional
	Saturnino	1911	Solteiro	23	Agrimensor	
	João	1911	Solteiro	16	Funcionário	
	Atílio	1911	Solteiro	-	-	
MIRAGLIA	Genaro	-	Casado	-	Comerciante	Itália Meridional
	Ângela Rosa	-	Esposa	-	Do Lar	
	Francisco	-	Filho	-	Comerciante	
	Manoel	-	Filho	-	Funcionário	
	Alfredo	-	Filho	-	Ourives	
CÂNDIA	Ciríaco	1914	Solteiro	15	Comerciante	Itália Meridional

**QUADRO X - Italianos que radicaram-se nas cidades de CÁCERES, MIRANDA, CAMPO GRANDE, NIOAC e AQUIDAUANA, entre 1871 e 1913, segundo sobrenome e destino, nome, ano de chegada, estado civil, idade, profissão e região de origem.**

Sobrenome e Destino	Nome	Ano de chegada	Estado Civil	Idade	Profissão	Origem
DULCE (Cáceres)	José	1871	Solteiro	24	Comerciante	Itália Setentrional
D'AMBRÓSIO (Cáceres)	João	1880	Casado	-	Comerciante	Itália Meridional
	Carolina	1880	Esposa	-		
	Leopoldo	1880	Filho	5		
GIORDANO (Miranda)	José	1901	Solteiro	-		Itália Meridional
GIORDANO (Campo Grande)	José	1912	Casado	-	Comerciante Do Lar Padeiro Do Lar Comerciante Comerciante	Itália Meridional
	Hipólita	1912	Esposa	-		
	Francisco	1913	Casado	-		
	Maria	1913	Esposa	-		
	Luiz	1913	Solteiro	-		
CERZÓSIMO (Nioac)	Eduardo	1894	Casado	20	Alfaiate Juiz de Paz	Itália Meridional
	Ângela Tortora	1894	Esposa	16		
PACE (Nioac)	Pedro	1890	Casado	-		Itália Meridional
	Maria Hipólita	1890	Esposa	-		
CANALE (Miranda)	José	1910	Solteiro	-	Pecuarista	Itália
	Antonio	1910	Solteiro	-		
ANASTÁCIO (Aquidauana)	Vicente	1871	Solteiro	-	Comerciante Comerciante Comerciante	Itália Meridional
	Braz	1871	Solteiro	-		
	José	1871	Solteiro	-		
REBUÁ (Miranda)	Antonio	1892	Solteiro	-	Comerciante Comerciante Comerciante	Itália
	Ângelo	1892	Solteiro	-		
	Francisco	1892	Solteiro	-		

Observa-se, nos quadros acima, que a predominância do fluxo de imigrantes italianos solteiros, oriundos, principalmente, da Itália Meridional, foi uma característica marcante neste movimento migratório dirigido à Província/Estado de Mato Grosso, sendo o comércio a principal atividade desempenhada por eles nessa região. Percebe-se também que o ritmo dessa imigração intensificou-se nos dois últimos decênios do século XIX, pós-1880, ressaltando que a participação dos italianos meridionais vem desde os primórdios da imigração em terras mato-grossenses.

A presença de italianos em Mato Grosso é percebida antes e depois da Guerra do Paraguai. Esse fato coincide com o franqueamento da navegação do rio Paraguai ocorrido antes da Guerra e, no pós-guerra, com a reabertura dessa via de comunicação com os países do Prata, quando houve maior fluxo de imigrantes europeus em terras mato-grossenses. Uma parcela desses imigrantes veio para estas terras em busca de trabalho e salários, empregando-se e desenvolvendo diferentes atividades. Outra veio com recursos próprios para investir,

principalmente no ramo do comércio de importação e exportação, bem como na produção de gado, borracha e ipecacunhanha na região.

Loíde Capriata, 76 anos, neta do arquiteto, construtor e escultor italiano Giuliano Capriata, conta que seu avô chegou em Mato Grosso, em 1886, aos 20 anos de idade. Veio acompanhado de seus irmãos Domingos e Paulo Capriata e de um grupo de italianos para trabalhar em Mato Grosso:

Ele não veio sozinho. Ele veio com outros italianos, entendeu? Porque ele era um arquiteto, um artífice italiano, então ele foi convidado pra vir pra Cuiabá. Ele veio pra fazer serviço, pra construir várias obras, que ainda existe hoje em Cuiabá. Ele construiu a Casa Orlando. A Igreja do Porto - São Gonçalo. Não tem os apóstolos São Mateus, São Marcos? Aquela abóboda, lá em cima [da Igreja]. Tudo foi ele que idealizou<sup>225</sup>.

capital mato-grossense e depois retornou a Corumbá. Os irmãos Capriata ficaram conhecidos em todo Mato Grosso por suas habilidades na área. Muitos italianos que chegaram em terras mato-grossenses, nesse período, vieram a convite de seus próprios conterrâneos que residiam em diferentes regiões de Mato Grosso. Estabelecendo contatos com seus lugares de origem e com os países do Prata, levando e trazendo informações sobre as potencialidades desta Província/Estado, os italianos foram aos poucos formando uma espécie de cadeia migratória, constituída por parentes, amigos e conterrâneos, alcançando proporções numéricas significativas em Mato Grosso. Formavam sociedades entre eles e/ou davam apoio logístico aos que chegavam, até estabelecerem-se definitivamente em algum lugar nessa região, como trabalhadores assalariados ou montando os seus próprios negócios.

Vindos de Castelozzo, Província de Alexandria, região de Piemonte, Itália Setentrional, Giuliano, Domingos e Paulo Capriata, chegaram em terras mato-grossenses

---

<sup>225</sup> Entrevista feita com Loíde Capriata de Souza em 06 de setembro de 2006.

“seguindo a rota natural para a América do Sul: Montevideu, Buenos Aires e Assunção, posteriormente Corumbá e finalmente Cuiabá, onde passaram a primeira parte de suas vidas”<sup>226</sup>. Na cidade portuária de Corumbá, os três irmãos desempenharam o mesmo ofício do pai, Estevão Capriata, na Itália, de oleiros, pedreiros e construtores. Depois de um tempo trabalhando juntos dividiram-se. Paulo passou a residir na cidade ribeirinha de Porto Murtinho, localizada no sul da Província, às margens do rio Paraguai; Domingos permaneceu em Corumbá e Giuliano viveu um tempo na de construção civil e arquitetura urbana, deixando suas marcas em prédios públicos, comerciais e residenciais de Corumbá, Porto Murtinho e Cuiabá. Aliás, Mato Grosso recebeu, nesse período, muitos construtores italianos que contribuíram para a transformação da fisionomia urbana das principais cidades desta Província/Estado.



*Ilustração 30 – Prédio do antigo Royal Hotel, construído pelo italiano Martino Santa Lucci, característica da arquitetura urbana de Corumbá do final do século XIX e primeiras décadas do Século XX na cidade de Corumbá – MS.*

*Fonte: Wikipédia, 2009.*

---

<sup>226</sup> CAPRIATA, Élio. Os Capriata: relato da família no Brasil, 1998, p. 7. Mimeo.

Dos irmãos Capriata, Giuliano foi o que mais se destacou nessa profissão<sup>227</sup>, por também dedicar-se a arte sacra quando, no final da primeira década do século XX, incrementou o púlpito e a fachada da Igreja de São Gonçalo, construída em 1782, localizada no bairro do Porto de Cuiabá. Construiu a *abóbada* sobre sua torre e incorporou os “quatro profetas” e o “Cristo Redentor” no alto dessa catedral, que até então era desprovida de tais ornamentos, conforme depoimento de seu neto, Névio Lotufo: “Como antigamente não tinha cimento, então ele fez uma caixa de madeira, ai botou uma tela de arame pra segurar a *coisa* e foi rebocando com cal e areia, quer dizer que foi uma coisa do tempo antigo, mas até hoje tá lá. A Igreja já estava pronta, mas não tinha nem a bola e nem as estátuas”<sup>228</sup>. Segundo Dunga Rodrigues, os profetas que tornaram a fachada da Igreja “chamativa”, foram obras do escultor italiano padre José Solari<sup>229</sup>, que chegou a Cuiabá no final do século XIX, tornando-se pároco dessa congregação religiosa. Aliás, a reforma desse templo e suas novas composições arquitetônicas foram iniciadas com a chegada dos salesianos em Cuiabá, no ano de 1894, e concluídas em 1916.

---

<sup>227</sup> Segundo Póvoas, em “Cuiabá, trabalhando como construtor, foi ele quem edificou o sobrado da Praça Alencastro que serviu por muitos anos de sede à Prefeitura Municipal [...] Na rua 13 de Junho construiu Giuliano o prédio da “Casa Alemã”, de Henrique Hesslein, uma das tradições do comércio da Cuiabá de outrora. Hesslein foi cônsul da Alemanha na capital do Estado. Além disso Giuliano trabalhou com os irmãos Sardi na construção de vários edifícios que se tornaram cartões de visita da Cuiabá dos começos do século: Casa Orlando, Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, palacete residencial da rua Pedro Celestino esquina da Cândido Mariano, Tesouro do Estado, na Praça da República e muitos outros”. PÓVOAS, Lenine C. Os italianos em Mato Grosso, São Paulo, Resenha Tributária, 1989, p. 74.

<sup>228</sup> Entrevista com Névio Lotufo em 08 de setembro de 2006.

<sup>229</sup> RODRIGUES, Dunga. Marphysa (ou o cotidiano da Cuiabá nos tempos da candimba, das touradas do Campo D’Ourique e das esmoladas do Senhor Divino). Coleção Memória Social, Cuiabá, UFMT/NDHIR, 1981, p. 33.



*Ilustração 31 – Fachada da Igreja de São Gonçalo em Cuiabá-MT.  
Fonte: flickr.com/photos, 2009.*

Em Cuiabá, Giuliano Capriata, associou-se aos irmãos italianos, João e José Sardi, realizando, em conjunto, com esses “patricios”, dezenas de construções que até hoje são objeto de atração e conservação pelo Patrimônio Histórico de Mato Grosso<sup>230</sup>, é o que declara Lenine Povoas em suas considerações sobre os italianos em Cuiabá:

Até o término da Guerra da Tríplice Aliança, contra o governo do Paraguai, a Capital mato-grossense tinha a fisionomia de uma autêntica vila do norte de Portugal, da região do Minho ou de Trás-os-Montes. Predominavam as casas beirais, as fachadas despidas de ornatos, as janelas retas na sua parte superior, os caixilhos de guilhotina, as rótulas que abriam para fora.

---

<sup>230</sup> Segundo Póvoas, em “Cuiabá, trabalhando como construtor, foi ele quem edificou o sobrado da Praça Alencastro que serviu por muitos anos de sede à Prefeitura Municipal [...] Na rua 13 de Junho construiu Giuliano o prédio da “Casa Alemã”, de Henrique Hesslein, uma das tradições do comércio da Cuiabá de outrora. Hesslein foi cônsul da Alemanha na capital do Estado. Além disso Giuliano trabalhou com os irmãos Sardi na construção de vários edifícios que se tornaram cartões de visita da Cuiabá dos começos do século: Casa Orlando, Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, palacete residencial da rua Pedro Celestino esquina da Cândido Mariano, Tesouro do Estado, na Praça da República e muitos outros”. In: PÓVOAS, Lenine C. Os italianos em Mato Grosso, São Paulo, Resenha Tributária, 1989, p. 74.

Os construtores italianos, espanhóis e gregos foram que introduziram em Cuiabá as platibandas, eliminando os beirais; as fachadas passaram a ser decoradas; as janelas encimadas com arcos e mouriscos, quase sempre com vitrões coloridos; as venezianas e os postigos por trás das mesmas, substituíram os caixilhos e as rótulas; surgiram as sacadas decoradas com balaústres.

O bom gosto das novas construções fez com que muitos particulares reformassem as fachadas de suas casas, introduzindo a platibanda e outros elementos “modernos”. E assim a Cuiabá do século 19 começou a perder a autenticidade de sua origem portuguesa<sup>231</sup>.



*Ilustração 32 - CASA ORLANDO, obra dos construtores italianos João e José Sardi e Guiliano Capriata, Cuiabá-MT.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

---

<sup>231</sup> PÓVOAS, op. cit., p. 88.



*Ilustração 33 – Antigo Palacete Presidencial situado na esquina das ruas Pedro Celestino e Cândido Mariano, que foi, por algum tempo, residência dos presidentes do Estado Pedro Celestino Corrêa da Costa e Joaquim Augusto da Costa Marques.  
Obra dos construtores italianos João e José Sardi.  
Fonte: AYALA & SIMON, 1914.*

Giuliano Capriata veio solteiro para o Mato Grosso e casou-se, aos 29 anos de idade, na cidade de Cuiabá, em fevereiro de 1896, com Leonia Huguene, 20 anos, filha de um imigrante franco-belga com uma cuiabana. Desse enlace nasceram seis filhos. Na capital mato-grossense o casal teve três filhos: Estevão, Francisco e Briolanja. Depois, na cidade de Corumbá nasceram mais três: Ernani, Urano e Giuliano Capriata Filho. Ernani Huguene Capriata, o quarto filho do casal, tornou-se, também, construtor, aprendendo com seu pai os estilos arquitetônicos da construção européia. Sua filha mais velha, Loíde Capriata, foi criada pela avó Leonia, pois quando esta nasceu seu avô Giuliano já havia falecido. Ao entrevistar Loíde Capriata, 77 anos, residente na capital mato-grossense, a mesma relatou como aconteceu a sua adoção:

Eu fui criada pela minha avó e uma tia solteira. Todos eles eram italianos. Não cheguei a conhecer a minha mãe. Eu tinha três meses de idade quando meu pai me tomou da minha mãe e me entregou pra minha avó Leonia. Eu não lembro de quase nada, o que sei foi o que minha tia me contou: que fui retirada da minha mãe porque ela lavava roupa na beira do rio Cuiabá e me deixava à mercê do calor,

dos mosquitos e das formigas. Mamãe vivia lavando roupa na beira do rio e me deixava lá, no sol quente, aí eu já estava lá vermelhinha, queimada demais! Daí uma cunhada dele [do pai] me pegou e falou: - leva essa criança pra sua mãe criar! Meu pai era construtor, assim como o meu avô. Ele construiu as casas dos empregados da Usina Itacy e fez a chaminé! Ele morou lá com minha mãe, e eu nasci lá.

Quando a minha avó faleceu, eu tinha oito anos de idade, quase não lembro de nada. Então minha tia Briolanja passou a me criar. Aliás ela já cuidava de mim, porque ela era quem cuidava da minha avó, por ser a única solteira da família. E ela permaneceu solteira [...] Dizia que não queria misturar o seu sangue se casando com homem cuiabano. Ela queria se casar com um italiano, assim como a tia Chiquinha se casou [sua irmã].

Loíde Capriata não conheceu sua mãe biológica e revelou não saber nem mesmo o seu nome. No entanto, descobri que sua mãe chamava-se *Irene* e provavelmente era natural da cidade ribeirinha de Santo Antonio de Leverger, próxima a Usina Itacy, localizada a 34 quilômetros de Cuiabá, onde Ernani trabalhou como construtor por muitos anos e teve breve relacionamento com a mesma. Segundo informações, Ernani Capriata viveu, grande parte de sua vida, solteiro e casou-se oficialmente aos 51 anos, na cidade de Alto Araguaia, com Ernestina da Costa e Silva, tendo mais seis filhos: Ignêz Tosca; Ernani D'Artagnan; Juliano Guido; Leonia Huguency; Rina Flora e Piemonte Júlio.

Élio Capriata, 76 anos, neto do italiano Paulo Capriata, irmão caçula de Giuliano, conta que seu tio Ernani teve mais três filhos naturais, além destes, e que, em suas andanças “deixou marcas de seu trabalho em todo o Mato Grosso, o que ainda pode ser visto, como as construções na Usina de Itacy [...] onde ainda está em pé uma chaminé por ele construída a mais de cinquenta anos”<sup>232</sup>.

---

<sup>232</sup> CAPRIATA, op. cit., p. 31.



*Ilustração 34 – Edifício da Usina Itaicy, vista da margem esquerda do rio Cuiabá.  
Fonte: acervo particular de Loíde Capriata*



*Ilustração 35 – Casas dos trabalhadores da Usina Itaicy. Segundo Loíde Capriata foram construídas por Ernani Capriata, filho de Giuliano Capriata, no final da década de 1920.  
Fonte: acervo particular de Loíde Capriata, 2006.*

José Lotufo, natural de Santa Domênica de Talão, Província de Cosenza, chegou à capital mato-grossense, aos 16 anos de idade, no ano de 1909, juntamente com seu pai Luigi Lotufo que acabara de perder a esposa na Itália. Em Cuiabá, encontrava-se, há algum tempo, seu irmão mais velho Francisco Lotufo, que já era conhecido na cidade pelos empreendimentos comerciais que havia feito nesta cidade como funileiro, caldeireiro ferreiro, serralheiro, fabricante de gelo, beneficiador de arroz e comerciante de móveis, materiais de construção e utensílios domésticos. José Lotufo casou-se, aos 33 anos, com Chiquinha Capriata, 16, filha de Giuliano Capriata, no início da década de 1920. Dessa união nasceram dois filhos: Erlita e Névio Lotufo. Assim, através do casamento, uniram-se duas famílias de origem italiana em Cuiabá.



***Ilustração 36 – Foto tirada no quintal da casa de Leonia Hugueney Capriata, esposa de Giuliano Capriata, na rua Joaquim Murtinho, perto da Assembléia Legislativa, cidade de Cuiabá-MT, no início da década de 1940. Da esquerda para a direita: Leonia Hugueney Capriata; Francisca Capriata Lotufo (Chiquinha), segunda filha do casal, casada com José Lotufo; Briolanja Capriata, terceira filha, e a prima Rosa Hugueney. Sentados: os netos Erlita e Névio Lotufo, filhos de Francisca e José Lotufo; e Loíde Capriata, filha de Ernani Capriata.***

*Fonte: acervo particular de Loíde Capriata de Souza, 2006*

Névio Lotufo, 77 anos, primo de Loíde e Élio Capriata, neto de Giuliano Capriata, conta que seu pai José Lotufo abandonou a Itália porque “lá não tinha serviço”<sup>233</sup>. Viajou “num navio maior até a bacia do Prata e de lá pegou um navio menor, entrou na água doce e subiu o rio até chegar em Corumbá. Lá já pegou outra lancha menorzinha, a que vinha pra Cuiabá”. Comiam arroz, farinha e carne seca durante a viagem. E para variar o cardápio das embarcações que subiam os rios Paraná, Paraguai e Cuiabá, os próprios viajantes “pegavam peixe”, principalmente na região do Pantanal. Junto com José e Luigi Lotufo veio um grupo de jovens italianos para “ganhar emprego” em Mato Grosso. Uns, ao chegarem a Montevideo seguiram para São Paulo, outros ficaram em Corumbá, “mas teve uma turma que veio pra Cuiabá”. Névio, ao lembrar as histórias contadas por seu pai, diz que o mesmo “começou a vida de baixo”, lavando louça e fazendo cafezinho nas oficinas de funilaria e caldeiraria de seu irmão Francisco Lotufo, que tocava em sociedade com o italiano Francisco Miraglia:

Eles não tinham vergonha de trabalhar! Mas aí, eles foram trabalhando, ganhando dinheiro. Inclusive meu pai falava que ia buscar urinol nas casas pra soldar. Um serviço que poucas pessoas tinham coragem de fazer, porque tinham vergonha! Os cuiabanos tinham vergonha de fazer isso, eles não! Meu pai ia buscar o urinol, trazia em casa pra soldar, porque era de ferro rosado, a peça vinha de fora. Então ele soldava, trabalhava e ganhava dinheiro. Era também encanador. A água, antigamente, passava nas casas em um cano de ferro fundido, um cano de quatro polegadas [...] e ele pegava a talhadeirainha, fazia um furinho, abria a rosca e punha um caninho de três oitavo. Então molhava tudo pra fazer aquele serviço, né? Um caninho desse servia todas as casas de Cuiabá. Hoje não, cada casa é um cano de três quarto de água. Mas naquele tempo um caninho só servia.

Diferentes valores, concepções, expectativas e interesses faziam parte da luta pela sobrevivência no universo urbano da antiga Cuiabá, constituída por nacionais e estrangeiros de várias nacionalidades. Entre diversas maneiras de criar, fazer, consertar e trocar

---

<sup>233</sup> Entrevista feita com Névio Lotufo em 08 de setembro de 2006.

experiências, esses italianos perseveraram em seus negócios, “vendendo, construindo e consertando de tudo um pouco”, conforme palavras de Névio Lotufo, descendente de construtores e artífices italianos em Mato Grosso. Em 1910, o jornal *O Commercio* anunciava, em suas páginas de propaganda, as atividades de dois estabelecimentos de propriedade dos sócios italianos Francisco Lotufo e Francisco Miraglia, a *Funilaria e Caldeiraria Miraglia & Lotufo e Serralheria-Ferraria Italo-Cuiabana*:

#### Miraglia & Lotufo

Com officina de funileiro e caldeireiro encarrega-se concertos de alambiques de diversos systemas.

Receberam ultimamente fogareiros Primus, moinho para café, pregos ponta Paris, cano de chumbo para água, tubos e torcidas para lampeões, tachos de ferro batido, frigideiras e muitos outros artigos que deixam de mencionar e a preços módicos<sup>234</sup>.

#### Serralheria-Ferraria Italo-Cuiabana

O proprietário dessa officina avisa aos seus freguezes e ao público em geral que reabriu definitivamente a sua officina, estando a desempenhar qualquer serviço inerente a sua profissão – mobília de ferro, grades e cruz, concertos de armas e de machinas de costura, ferração de rodas de carroças, etc., etc<sup>235</sup>.

Rua 7 de Setembro, n. 28.

Casa Comercial de Miraglia & Lotufo

Segundo Névio Lotufo, muitos dos produtos comercializados nesses recintos eram fabricados nas próprias oficinas desses italianos, como assadeiras, bule de café, panelas de ferro e outros artigos feitos de “chapa de ferro galvanizado, bronze, cobre e folhas de flandres”. Logo que José Lotufo aprendeu esse ofício, Francisco desfez a sociedade com Miraglia e associou-se ao irmão, inaugurando a empresa *Lotufo & Irmão* na capital mato-grossense. Francisco Lotufo quando convidou seu irmão José para vir a Cuiabá tinha a

<sup>234</sup> O Commercio, Cuiabá, 28 abr. 1910, Suplemento ao n. 9.

<sup>235</sup> Id. Ibid., 30 jun. 1910, p. 2.

intenção de colocá-lo para vender seus produtos em sítios, chácaras, fazendas e vilas localizadas próximo a capital e, ao mesmo tempo, fornecer assistência técnica aos maquinários da região. No entanto, José Lotufo não aceitou essa proposta e preferiu fixar-se em Cuiabá, desenvolvendo e aperfeiçoando suas habilidades como encanador, ferreiro, serralheiro e comerciante, ampliando seus negócios e investindo em outros ramos de atividades nessa cidade. Mais tarde adquiriu, do italiano Caetano Zappa, a concessão da *Empresa Telefônica de Cuiabá*, sendo os italianos os precursores do serviço de telefonia na capital mato-grossense.

Névio Lotufo, geração sucessiva das famílias Capriata e Lotufo, tornou-se figura conhecida na sociedade cuiabana. Já recebeu inúmeras homenagens como esportista, circense, dançarino, ciclista e colecionador de bicicletas, aparelhos telefônicos e automóveis na capital mato-grossense. Em 2004 foi homenageado pela Câmara Municipal de Cuiabá com a presente *Moção de Congratulações*:

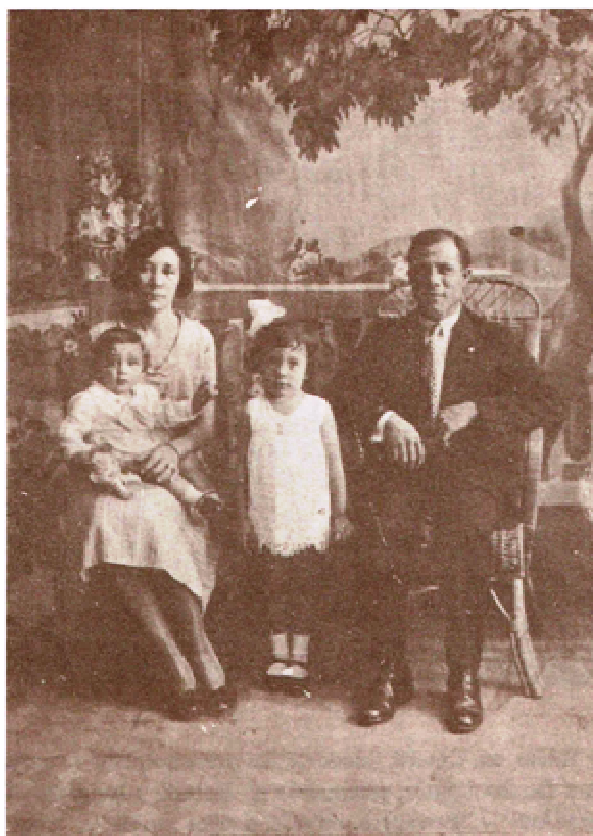
Névio Lotufo, filho do senhor José Lotufo, italiano nato, comerciante, tendo migrado para o Brasil, e contraído núpcias com a senhora Francisca Capriata, também de descendência italiana. Névio Lotufo, cuiabano de *Tchapa e Cruz*, sempre esteve presente na vida da cidade, na qualidade de esportista, participando do primeiro time de basquetebol de Mato Grosso, de um dos primeiros times de futebol, o Americano, sendo seu goleiro. Motorista, sendo o primeiro mato-grossense a participar do espetáculo globo da morte, no antigo circo Bocute, do palhaço Pastachuta. Ciclista, sendo um dos primeiros a pedalar o monociclo, inclusive sendo proprietário de uma das primeiras empresas de bicicletas de Cuiabá, a *Motos Blim*. Antiquário possuindo uma das mais completas coleções de aparelhos telefônicos e automóveis antigos.

Considerado um dos mais exímios dançarinos de Cuiabá. Pai de quatro filhos. Incentivador do movimento escoteiro em Cuiabá e das fanfarras escolares.

Como se pode notar, além da alegria de viver, no alto dos seus 70 e poucos anos, estamos na presença de um *autêntico cuiabano*, que divide a sua vida com o labor, a família, a sua cidade, e ainda a efetiva participação no seio da “*Comunitá Italiana*”.

A Mesa Diretora do legislativo cuiabano, através do seu presidente e amparo do regime interno, homenageia com esta Moção de Congratulações o Sr. Névio Lotufo pelos serviços prestados a sociedade Cuiabana e a todos os associados da Comunidade Italiana de Cuiabá, sendo assim, conclamamos aos Nobres Pares pela aprovação desta *Moção de Congratulações*.

Palácio Pascoal Moreira Cabral, Sala das Sessões em Cuiabá-MT, 02 de junho de 2004<sup>236</sup>.



***Ilustração 37 – O italiano José Lotufo com sua esposa Francisca Capriata Lotufo e seus dois filhos: Névio e Erlita.***

*Fonte: Acervo Particular de Névio Lotufo.*

A vinda de imigrantes solteiros para o Mato Grosso resultou em diversas uniões conjugais entre italianos e mulheres mato-grossenses, residentes nas cidades, vilas e distritos ribeirinhos de Mato Grosso. As famílias constituídas por italianos, através de casamentos exogâmicos, no processo de fixação e integração sócio-cultural desses imigrantes em terras mato-grossenses, abrem diferentes perspectivas de análise sobre essa realidade, envolvendo

---

<sup>236</sup> Câmara Municipal de Cuiabá. Moção de Congratulações ao Sr. Névio Lotufo. Vereador Luiz Marinho de Souza Botelho, Presidente da Câmara Municipal de Mato Grosso, 02 de junho de 2004.

outras particularidades dessa presença estrangeira em Mato Grosso. Indagações a esse respeito se fazem importantes. Por exemplo, a forma como ocorreram as uniões conjugais, tanto no âmbito oficial dos casamentos como na esfera da particularidade, intimidade, contatos, sensibilidades e sociabilidades, envolvendo valores, tradições e experiências diferenciadas.

Nessa perspectiva, os *Autos de Justificação de Estado de Solteiro e Habilitação Matrimonial*, elaborados pela *Archidiocese Metropolitana de Cuiabá*, trouxeram importantes contribuições no que diz respeito à oficialização dos casamentos de italianos em Mato Grosso. Esses documentos constituem-se em verdadeiros inventários sobre a vida dos pretendentes ao *santo matrimônio*. No caso de imigrantes, em comparação aos nacionais, a investigação era mais aprofundada, sendo cuidadosamente registrada a nacionalidade, naturalidade, filiação, data de nascimento, estado civil, profissão, tempo de moradia na cidade, época de saída de sua terra natal e de chegada em terras mato-grossenses, lugares por onde passou, enfim a trajetória completa do imigrante até sua fixação em Mato Grosso. Para compor esse processo eram elaborados, também, *Termos de Juramentos* deferidos ao *Justificante* e a três *Testemunhas* que fossem habilitadas a confirmarem a condição de solteiro do imigrante. No caso dos italianos, as testemunhas, na maioria das vezes, eram compostas por imigrantes oriundos da mesma região do justificante.

Essas justificações possibilitaram reflexões e aproximações acerca da vida pregressa de italianos que constituíram famílias em terras mato-grossenses, no final do século XIX e primeiras décadas do XX. As problematizações em torno desse fenômeno social surgiram a partir de leituras e diálogos realizados com essas fontes, complementando os estudos sobre a trajetória e experiência singulares desse movimento migratório para o Mato Grosso, evidenciando as íntimas relações entre esta Província/Estado com os países do Prata, através dos circuitos fluviais.

O *Termo de Juramento* emitido, em 1893, ao comerciante italiano Nicola Verlangieri, casado com a cuiabana Honorata de Souza Aguiar, é exemplar no que diz respeito às informações dadas por esse registro matrimonial. O mesmo foi testemunha perante o *Juízo Eclesiástico de Cuiabá* do compatriota José Orlando, que pretendia casar-se com Carmela Verlangieri, moça da sociedade cuiabana, onde o seu próprio tio foi testemunha:

Nicola Verlangieri, de quarenta e dois annos, negociante, morador a rua Barão de Melgaço, desta cidade, *testemunha jurada* nos Santos Evangelhos em um livro d'elles em que poz a sua mão direita e prometteo dizer a verdade do que soubesse e perguntado lhe fosse.

Sendo inquerido pela petição do Justificante as folhas duas d'estes autos, respondeo que conheceu o justificante em seu paiz natal ainda de menos idade, sendo elle testemunha que seguindo para a República Argentina e d'alli para este Estado, onde pouco tempo depois chegou o mesmo justificante, e que pelas relações de amisade que sempre com elle manteve, sabe que o mesmo justificante é solteiro, livre de qualquer impedimento para se casar e isto não é só em relação ao tempo em que esteve no seo paiz, como durante a sua viagem e a sua permanência nesse Estado; e que nada mais sabia e nem lhe foi perguntado, e por isso deu-se por findo o seo juramento, que depois de lhe ser e de achar conforme, o aceitou e assegurou e o Reverendissimo Monsenhor Vigario Geral rubricou do que dou fé. Eu Raymundo [...] Monteiro, Escrivão Interino da Comarca e do Auditório Eclesiástico que escrevi<sup>237</sup>.

Ao analisar o presente depoimento documentado eclesiasticamente percebe-se que o mesmo traz em si alguns significados valiosos acerca das formalidades estabelecidas pela Igreja antes da sacralização matrimonial. O imigrante, ao testemunhar com “imposição de mãos” sobre a “Palavra” selava, simbolicamente, perante Deus e a Igreja, o compromisso em dizer somente a “verdade”. O fato de um compatriota “conhecer o justificante em seu país natal” e, principalmente, o seu “estado de solteiro”, evidencia a preocupação da Igreja em resguardar os paroquianos de qualquer constrangimento futuro. Para isso, era necessário que

---

<sup>237</sup> Auto de Justificação do Estado de Solteiro de José Orlando/Termo de Juramento deferido a Nicola Verlangieri, Cuiabá, 1893/Caixa 9 - Rolo 6/NEDHIR.

as testemunhas ou os “patrícios”, “amigos da outra terra”, fossem, também, pessoas idôneas, conhecidas e comprometidas “nessa terra” - um “morador” da cidade.

É o caso do padeiro italiano Francisco Sogari, solteiro, 42 anos, segunda *testemunha jurada* de seu conterrâneo José Orlando. Declarou *ser morador de Cuiabá*, na rua 1º de Março, e conhecer “não só o Justificante como a sua família, no seu paiz natal, deixando o mesmo Justificante o seu lugar de nascimento ainda de menor idade, vindo depois diretamente para este Estado, onde encontrarão-se”<sup>238</sup>. O sapateiro Frederico Scarselli, 35 anos, casado e morador na capital mato-grossense, ao ser indagado sobre o italiano Vicente Orlando, em 1893, irmão de José, respondeu “que havendo entretido íntimas relações de amizade com a família, no lugar do seu nascimento, sabe que sempre se conservou allí no estado de solteiro, e ser elle o mesmo Vicente Orlando, filho dos pais que allega”<sup>239</sup>.

O Termo de Juramento do agente funerário Antonio Tenuta, em 1912, expressa o teor desses registros, no que diz respeito ao justificante e às testemunhas. Em seu Auto de Justificação, Antonio Tenuta, declarou ser negociante na capital mato-grossense e ter nascido no dia 06 de dezembro de 1886, em Ágata, Província de Cosenza, na Itália, onde sua família ainda residia. O seu destino inicial foi a Argentina, quando decidiu vir para o Brasil, fazendo um trajeto inverso, indo primeiro para o Porto de Santos e, depois, retornando pela rota do Prata, chegou à Cuiabá no ano de 1908, conforme consta no referido registro:

Há cinco annos mais ou menos sahiu de sua terra natal e veio para o Brasil passando por São Paulo, onde esteve por algum tempo e dali retirando-se com destino a este Estado onde desembarcou no porto

---

<sup>238</sup> Carta escrita por José Fragelli, ex- governador de Mato Grosso, neto do italiano Giuseppe Fragelli, dirigida a Lenine Póvoas. In: PÓVOAS, Lenine C. op. cit., p. 34.

<sup>239</sup> Auto de Justificação do Estado de Solteiro de Vicente Orlando com Termo de Juramento deferido a Nicola Verlangieri, Cuiabá, 1895/Caixa 9 - Rolo 6/NEDHIR.

desta Capital, onde fixou sua residência; e tanto em sua terra natal como pelos lugares por onde tem transitado, e neste ato, o presente, sempre se conservou e se conserva no estado livre de solteiro.<sup>240</sup>

Para confirmar o que foi declarado nesta Justificação, os italianos Francisco Lotufo, de 26 anos de idade e o padeiro José Latorraca, de 22 anos, ambos solteiros e residentes na cidade de Cuiabá, compareceram ao *Juízo Eclesiástico de Cuiabá*. Nesta oportunidade, declararam conhecer o justificante e sua família, confirmando a época de sua vinda da Itália, os lugares por onde passou, o seu estado de solteiro e o tempo de moradia na capital mato-grossense, compreendo que valeu o esforço desses conterrâneos italianos, para levar a termo o propósito do referido noivo, pois, de acordo com o anúncio realizado no jornal *O Matto-Grosso*, em dezembro de 1912, o casamento entre Antonio Tenuta e Palmyra Palma, ocorreu de forma festiva em Cuiabá, conforme comentário a seguir:

Efetou-se na tarde de 21 do andante, 6 horas da tarde, o casamento do Sr. Antonio Tenuta com a senhorinha Palmyra Palma, filha do saudoso cavalheiro José Rodrigues Palma. A cerimônia, que teve lugar no prédio da rua 13 de Junho, foi assistida por inúmeras pessoas que tomavam parte no animado baile que seguiu-se ao acto. Aos desposados, os nossos desejos de boas venturas<sup>241</sup>.

Essa relação de apoio e “troca de favores” entre os conterrâneos italianos, não só evidencia seus contatos, conhecimentos, amizades e laços de parentesco, mas também os compromissos estabelecidos entre eles, refletindo a postura e a conduta de ambas as partes. O carreiro italiano Giuseppe Fragelli quando chegou a Corumbá, no final do século XIX, teve o apoio do comerciante Manoel Cavassa, no entanto precisou apresentar-se “aprovado” diante da comunidade estrangeira daquela cidade, conforme avalia seu neto José Fragelli:

---

<sup>240</sup> Termo de Juramento deferido na Justificação de Antonio Tenuta e das Testemunhas Francisco Lotufo e José Lotufo. Auto de Justificação de Estado de Solteiro. NEDIHR/UFMT, Caixa 55, Rolo 33.

<sup>241</sup> O Matto-Grosso, Cuiabá, 29 dez. 1912.

Meu avô casou-se em Corumbá e na casa do velho Cavassa, que com certeza foi seu protetor nos seus começos, admirando-lhe a *seriedade* e o *dinamismo da vida* que levava, pois, de outro modo, não se explicaria essa honra concedida a um carreiro de realizar as bodas na mansão do maior comerciante da cidade, à época<sup>242</sup>.

Em 1917, o italiano Fioravante Barbieri, 27 anos de idade, natural da Província de Cosenza, região da Calábria, também passou pelos trâmites do *Archebispado Metropolitano de Cuiabá*, ao solicitar dispensa para receber em matrimônio a cuiabana Antonina Paes de Barros, de 24 anos, “em oratório particular da residência da noiva, na rua 13 de Junho em frente ao Asylo de S. Rita”<sup>243</sup>. Conforme declaração de Fioravante, o mesmo saiu de sua terra natal em 1910, passou algum tempo em Buenos Aires, trabalhando no comércio local, e depois, a convite do “patrício” Alexandre Mozilli, que residia em Corumbá, veio para esta cidade, permanecendo neste lugar por seis anos. Em 1916, mudou-se definitivamente para Cuiabá, estabelecendo nesta capital a filial da *Casa Mozilli* de Corumbá, “que trabalhava com grande estoque de artigos finos, formando vasta e seleta clientela, a começar das mais altas autoridades do Estado que ali encomendavam seus fraques e smokings”<sup>244</sup>. De acordo com informações contidas no referido registro eclesiástico, após longa investigação do estado civil de Fioravante Barbieri, nos lugares por onde passou e/ou viveu, mediante inquirição e juramento ao solicitante e testemunhas apresentadas por ele, a petição foi publicada e no prazo estabelecido de circulação dos *Autos*, o mesmo recebeu autorização para casar-se com a cuiabana Antonina. Póvoas, sobre o evento nupcial desse casal, teceu considerações:

Um ano e sete meses em Cuiabá bastaram para que Barbieri, já entrosado na nossa melhor sociedade, viesse a contrair matrimônio. Enamorou-se da bela jovem Antonina Barros (Branca), de

---

<sup>242</sup> PÓVOAS, op. cit.

<sup>243</sup> Auto de Justificação do Estado de Solteiro de Fioravante Barbieri, Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, 1917/Caixa 30 – Rolo 21/NEDHIR.

<sup>244</sup> PÓVOAS, Lenine C. *Os italianos em Mato Grosso*, São Paulo, Resenha Tributária, 1989, p. 127.

uma das mais tradicionais famílias cuiabanas, filha do coronel João Paes de Barros, com ela casando-se a 5 de setembro de 1917. [...] Ele um dos mais finos cavalheiros que da Itália vieram para amar Cuiabá e para receber a retribuição de afeto de seu povo; ela descendente de um dos troncos familiares mais representativos da sociedade mato-grossense<sup>245</sup>.



*Ilustração 38 – O casal Fioravante Barbieri e Branca Barbieri, aos 31 anos de casados, 1948.*

Fonte: Lenine Póvoas, 1989, p. 129.

Esse italiano surpreendeu a sociedade cuiabana ao presentear a esposa Branca Barbieri com um automóvel Fiat, sendo esta a primeira mulher a dirigir na capital mato-grossense, expressando uma atitude singular para aquela época. Essa façanha foi comentada por Afrânio Corrêa:

---

<sup>245</sup> PÓVOAS, op. cit.

Se para homens era perigoso, muito mais seria para a mulher. Mas em Cuiabá, nos anos 20, houve a primeira mulher cuiabana que passou a dirigir automóvel: foi a Sra. Branca Barbieri, esposa do Sr. Fioravanti Barbieri, dono da Casa Renascença, que dirigia um Fiat modelo 1926, iniciando uma prática que garantiu à mulher a liberdade de locomoção. Dona Branca, mãe de Ebe e Carlúcio Barbieri, também protagonizou outra proeza: em companhia do marido e dos filhos, fez uma aventureira viagem por terra de Cuiabá a Campo Grande, a bordo de um Ford bigode modelo T, também nessa mesma época. Não havia estradas, mas apenas uma trilha “carroçável” que foi aberta entre Cuiabá e Campo Grande, nos anos de 1922 e 1929. Era parte do projeto da rodovia Amazônica, que passaria por Cuiabá, Rondonópolis, Coxim e Campo Grande, com 900 km nesse trecho. O caminho era intransitável na época das chuvas e, como o terreno era argiloso, os sulcos formavam o que se chamava de “facão”, impedindo o carro de passar. Não havia postos de reabastecimento, a não ser naquelas cidades e locais onde fosse possível o pernoite. A viagem foi feita em cinco dias, as caixas de gasolina foram carregadas no estribo do Ford e as noites foram passadas em pleno mato. A família Barbieri escreveu uma página inesquecível na história do automóvel em Cuiabá.

Essas práticas matrimoniais mistas evidenciam uma das formas de integração social desses estrangeiros na sociedade mato-grossense, com a possibilidade de estarem, também, buscando mobilidade social através do casamento. Muitos italianos consorciaram-se com mulheres de famílias influentes em Mato Grosso, apresentando um perfil sócio-profissional mais elevado que os seus.

Apesar das práticas matrimoniais exogâmicas terem sido comuns entre homens e mulheres de origem italiana, observa-se maior incidência para o sexo masculino, coincidindo com o fato dessa imigração, dirigida às terras mato-grossenses, ser constituída, em sua maioria, por homens solteiros. Ao reunir evidências de diversos casamentos entre italianos e mulheres mato-grossenses e descendentes, nascidas em Mato Grosso, organizei um quadro específico, identificando nomes de cônjuges e ano de realização dos matrimônios, obtendo, assim, maior visibilidade dessas ocorrências, no período em estudo. Por não possuir dados

oficiais de todas as uniões arroladas, algumas ficaram sem o registro do ano da realização do casamento, lembrando que este quadro apresenta somente uma mostra parcial dessas ocorrências em terras mato-grossenses:

**QUADRO XI – Casamentos entre italianos e mulheres mato-grossenses e descendentes de italianos, nascidas nas principais cidades de Mato Grosso: Corumbá, Cuiabá, Cáceres, Miranda, Aquidauana, Nioaque e Campo Grande (1863-1920).**

Nome do Imigrante	Nome da Esposa	Ano do Casamento
Thomaz Deluque	Nimpha d'Araújo e Costa	1863
Francisco Mangini	Ana Maria da Silva	1874
Vicente Anastácio	Theodora Machado	1871
Tiago José Mangini	Leonor do Bom Jesus Murtinho	1877
Angelo Rafael Verlangieri	Amália Augusto do Amarante	1878
Nicolau Verlangieri	Honorata Adelina de Souza Aguiar	1880
José Fortunato	Anita Rafael	1889
Leopoldo Livio D'Ambrósio	Adelaide Pinto de Arruda	1895
Francisco Calábria	Joana Monteiro	-
Vicente Provenzano	Laura	-
José Sardi	Ana Sabina das Neves	1902
João Sardi	Mariana Valadares	1908
José Orlando	Carmela Verlangieri	1893
José Maria Mas Martori	Etelvina Eugênia Leite da Silva	1894
Vicente Orlando	Cizínia Verlangieri	1895
Leopoldo Lívio D'Ambrósio	Adelaide Pinto de Arruda	1895
Giuliano Capriata	Leonia Huguenev	1896
Vicente Fortunato	Clarinda de Matos	1911
Francisco Mecchi	Rita Fernandes	-
Antonio Tenuta	Palmyra Palma	1912
Oriente Tenuta	Maurina Ferreira	-
Benjamin Tenuta	Amélia Palma	-
Saturnino Nicola Maiolino	Veleda Gardés	1912
Pedro Maiolino	Ana Thereza Gardés	1912

Catano Zappa	Minervina de Campos	1916
João Maiolino	Ottília de Campos	1917
Fioravanti Barbieri	Antonina Paes de Barros	1917
Vicente Latorraca	Zulina de Carvalho	1918
Ernesto Zaramella	Noemi da Cunha	1919
Francisco Scheffino	Maria Luiza Barros	1920
Paulo Dorsa	Delfina Corrêa	-
Giuseppe Polli	Anália Corrêa	-
Francisco Latorraca	Anita da Costa	-
Nicola Latorraca	Francisca Isabel de Matos	-
Anunziato Fortunato	Alice Pinto de Oliveira	-
Antonio Fortunato	Maria Caputo	-
José Lotufo	Fancisca Capriata	-

É importante ressaltar que o casamento misto, apesar de ser uma prática comum entre os italianos em Mato Grosso, não era uma regra. Há evidências também de ocorrências matrimoniais, em menor número, é claro, entre homens e mulheres de origem italiana, ou entre os seus descendentes, selando, muitas vezes, relações de amizade, compadrios e sociedades estabelecidas por italianos em terras mato-grossenses. Naquela época muitas famílias italianas entrelaçaram-se através de uniões conjugais endogâmicas, ou seja, entre os “patrícios” que aqui chegavam e se estabeleciam. Na verdade, os padrões de escolha matrimonial, ao longo da imigração em massa para a Província/Estado de Mato Grosso, mantiveram os modelos e níveis de endo/exogamia. Numa mesma família ocorreram uniões conjugais entre italianos, nacionais e descendentes, resultando em uma “mistura” de nacionalidades, etnias, culturas e tradições.

O mascate italiano Rafael Verlangieri chegou a Cuiabá, no final do século XIX, e casou-se com a cuiabana Amália Amarante, de família influente nesta capital. Mais tarde, seu sócio, na firma de importação e exportação *Verlangieri & Orlando*, o compatriota Francisco Orlando casou-se com a sua cunhada, Balbina Amarante. As filhas de Rafael e Amália,

Carmela e Cizínia, consorciaram-se com imigrantes italianos, irmãos de Francisco Orlando. Carmela casou-se com José Orlando, em 1893 e Cizínia, com Vicente Orlando, em 1895. Foi assim que as famílias Orlando, Verlangieri e Amarante entrelaçaram-se, através de sociedades comerciais e quatro casamentos<sup>246</sup>.

Por volta de 1884 casaram-se, na cidade de Corumbá, os italianos Giuseppe Fragelli e Thereza Provenzano, ambos oriundos da Província de Livorno, região da Toscana, Itália Central. Thereza veio para o Mato Grosso junto com seu irmão Jerônimo, casado com a italiana Ana Fartame, e mais dois irmãos solteiros Salvador e José Provenzano. O noivo Giuseppe chegou sozinho nesta Província, deixando, no Uruguai, três irmãos que lá se radicaram e constituíram famílias. O casal Fragelli e Provenzano é exemplar no que diz respeito aos casamentos realizados entre homens e mulheres de nacionalidade italiana em Mato Grosso. Suas contribuições e experiências de luta e trabalho abrem possibilidades de análise sobre as perspectivas e projetos de imigrantes italianos nessas terras.

José Fragelli, 93 anos, neto de Giuseppe e Thereza, forneceu preciosas informações acerca do casamento, trabalho e das conquistas realizadas por seus avós paternos na região de Corumbá:

Sei que José Fragelli chegando a Corumbá empregou-se na Base Naval do Ladário, ganhando três mil réis por dia. Devia fazer seus “bicos”, porque contava que tendo juntado dinheiro, comprou um carro de boi com o qual começou a luta para subir na vida. Dormia às 7:00 ou 7:30 da noite e levantava-se às 3:00 da madrugada. Logo comprou outro carro e assim, naturalmente, tornou-se patrão. Devia, entre outros serviços que prestava, tirar lenha no mato próximo à cidade para vender e carregar água do rio Paraguai para suprir as casas mais abastadas e isso porque meu pai e meus tios, mesmo quando o velho Fragelli já tinha propriedades, lenhavam e enchiam pipas, fazendo o meu pai o primeiro trabalho e meu tio Vicente o segundo, durante muitos anos, sempre com empregados. Meu tio Ângelo, toda vida um

---

<sup>246</sup> Auto de Habilitação Matrimonial de José Orlando e Carmela Verlangieri, 1893; Vicente Orlando e Cizínia Verlangieri/Caixa 26 – Rolo 19. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá/ NEDHIR.

homem organizado, fazia a escrita de negócio, porque meu avô, sem abandonar os carros de boi e as primeiras atividades, passou a ser construtor e dono de estoque de material de construção que ele mesmo empregava e também vendia a terceiros.

Minha avó foi uma extraordinária máquina de trabalho: levantava-se com o marido, punha os filhos fora da cama, tirava leite de várias vacas e sempre dizia que às 7:00 horas, auxiliada pela filha Palmira (minha tia, única filha mulher do casal), já tinha costurado quatro calças *per il comerati* (para os empregados), para os quais cozinhava. O pão da manhã também era feito pelas mulheres da casa.

Como você vê [...] a família era uma colméia que vibrava ao ritmo de um trabalho incessante desde antes dos primeiros albores do dia até aquele magnífico pôr-do-sol corumbaense que bem conhecemos.

[Meu avô] tinha duas religiões, a católica e a do trabalho. Foi assim que, chegando simples operário, dois anos antes de sua morte dividiu todas as suas propriedades entre os filhos. E como me lembro de que cada um recebeu de 6 a 8 casas, calculo que ele possuía, à época, de 45 a 50, em Corumbá. Minha avó contava que ele ia acumulando propriedades: quando tinha dinheiro para adquirir, ou melhor, pagar a metade do valor de uma, comprava-a e dizia: “agora vamos trabalhar para pagar a outra metade”. Psicologia do europeu pobre que veio para este longínquo continente “fazer América”. Salvo engano, meu avô foi o maior proprietário de casas e prédios em Corumbá<sup>247</sup>.

Percebe-se que a idéia desses italianos era vir para as terras mato-grossenses com o objetivo de trabalhar e adquirir bens “acumulando propriedades quando tinha dinheiro para adquirir” – esse era o *moto* de suas vidas. Para isso era necessário aproveitar o máximo do “dia” para vender o seu trabalho, “juntar dinheiro” e “lutar para subir na vida”, virar patrão no futuro. Era necessário, então, acordar antes do “sol raiar” e dormir ao anoitecer, após contemplar o “magnífico” pôr-do-sol pantaneiro. A doutrina familiar voltada para o trabalho tornou-se uma “religião”, onde não poderia haver empecilhos para os homens, que, no labor de todos os dias, carregaram água e lenha para abastecer a cidade, e, cabendo as mulheres, ordenhar, coser e cozinhar *per il comerati*. Sendo patrões e servos ao mesmo tempo, não fazia

---

<sup>247</sup> Carta escrita pelo ex-governador de Mato Grosso José Fragelli, neto do italiano Giuseppe Fragelli, dirigida a Lenine Póvoas em 1989. In: PÓVOAS, Lenine C. op. cit., p. 33-35.

diferença em seus começos de vida nessa terra, importava cumprir suas obrigações, “ganhar dinheiro” para saldar seus compromissos, acumular propriedades e prosperar trabalhando. Para Sayad “foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser”<sup>248</sup>. É o trabalho que condiciona toda a sua existência na sociedade que o agrega, pois o imigrante sem trabalho é um paradoxo.

A maioria dos italianos que imigrou para os diferentes lugares do Brasil trouxe consigo o hábito de trabalharem juntos na terra que lhes pertencia, tendo a figura do pai como autoridade máxima dentro da família. Conforme a tradição, em caso de morte do patriarca, o mesmo era substituído pelo filho mais velho<sup>249</sup>. Em Mato Grosso, percebe-se que muitos imigrantes italianos conservaram, nessas terras, o costume de trabalho familiar da Itália rural. Mesmo desenvolvendo ofícios em espaços urbanos buscavam, consciente ou inconscientemente, uma maneira de estarem juntos nos negócios da família, e, geralmente, os filhos mais velhos tomavam a direção das atividades.

Giuseppe Fragelli e Thereza Provenzano tiveram sete filhos, todos nascidos em Corumbá: Nicolau, Palmira, Vicente Ângelo, Sebastião, Antonio e Luiz e a todos o casal “esforçou-se para dar-lhes a melhor formação intelectual e profissional, diplomaram-se em cursos superiores: Nicolau e Luiz, o mais velho e o mais moço, formaram-se em Medicina; Vicente e Ângelo em farmácia e Odontologia, respectivamente, Sebastião e Antonio em Engenharia”<sup>250</sup>. Seus filhos e netos tiveram grande influência política em todo o Mato Grosso. Nicolau casou-se em 1914 e seguiu para a Europa, junto com sua esposa Maria Fontanillas, para especializar-se na área de cirurgia médica em Paris. Retornou a Corumbá e dedicou-se a Medicina e a política. Em 1924 foi eleito vereador de Corumbá e Presidente da Câmara

---

<sup>248</sup> SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp, 1999, p. 55.

<sup>249</sup> ALVIM, Zuleika M. F. *O Brasil Italiano (1880-1920)*. In: FAUSTO, Boris, (org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*, São Paulo, Edusp, 1999, p. 386.

<sup>250</sup> PÓVOAS, op. cit.

Municipal do Município, posteriormente foi eleito Deputado Estadual e suplente de Senador, integrando-se, também, à Academia Sul Mato-Grossense de Letras. Seu filho, José Manuel Fontanillas Fragelli, após duas gestões de Deputado Estadual e uma de Deputado Federal, tornou-se governador do Estado de Mato Grosso, no período de 1970 a 1974; Presidente do Senado Federal; Presidente do Congresso Nacional e Presidente da República interino, em setembro de 1986, no governo de José Sarney.

Percebe-se que o fruto do esforço do trabalho de muitos imigrantes italianos em Mato Grosso foram colhidos por seus descendentes. Sabe-se que nem todos tiveram a mesma sorte de prosperarem em seus negócios e acumularem bens e riquezas nessa terra. Mas, com ofícios e experiências diferenciadas, deixaram suas marcas, contribuições, independentemente de serem carroceiros, funileiros, ferreiros, sapateiros, relojoeiros, padeiros, alfaiates, comerciantes “misturaram-se” nessa terra, formando diferentes laços de amizade e parentescos. É importante ressaltar que a constituição familiar de imigrantes italianos em terras mato-grossenses fizeram parte do processo de formação sócio-cultural de Mato Grosso, em um período de efervescência econômica da região e de um movimento sem precedentes de indivíduos de diferentes nacionalidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### “TRILHOS” DESVIANDO “CAMINHO DAS ÁGUAS”

*Fortunato Ricci – o conhecido “Nino Ricci”, de Cuiabá, nasceu em Imola, próximo a Bolonha, no médio-norte italiano, em 23 de agosto de 1899. Em 1921, aos 22 anos de idade, imigrou para o Brasil, trazendo a esposa, D. Giusepina Tampieri Ricci (Dona Pepina), ela também de Imola, e a primeira filha do casal, Rina. Inicialmente fixaram residência na cidade de Santos, onde desembarcaram e permaneceram durante cerca de cinco anos. Naquela cidade paulista nasceram mais dois filhos do casal Enzo e Ivo. Durante essa estada em Santos o Sr. Nino Ricci trabalhava para a Singer, como técnico em máquinas de costura. Em 1927 veio para Cuiabá, a chamado de seu irmão Ermette Ricci .Foi trabalhar na Usina São Miguel, de propriedade do Cel. Eduardo de Carvalho, como técnico e chefe da fábrica de açúcar e aguardente. Posteriormente passou a trabalhar na Usina Maravilha, com o Cel. Palmiro Paes de Barros e depois na Usina Aricá, com o Cel. Virginio Nunes Ferraz. Nesses estabelecimentos, nos quais permaneceu até 1930, era mecânico industrial, incumbindo-se do equipamento, funcionamento e manutenção das máquinas.*

*(Lenine Póvoas, 1989)*

A italiana Rina Ricci, nascida em Imola, no ano de 1920, aos 89 anos de idade contou que veio para o Mato Grosso ainda criança, pela *Estrada de Ferro Noroeste do Brasil*, acompanhada de seus pais Nino e Giusepina Ricci e dois irmãos menores. Embarcou na cidade de *Bauru*, no estado de São Paulo, e viajou até a *Estação de Porto Esperança*, no município de Corumbá, às margens do rio Paraguai. Ao chegar nessa Estação, localizada no Pantanal mato-grossense, a família Ricci, juntamente com outros passageiros, embarcou em um navio a vapor e navegou rio acima, em direção a cidade de Corumbá, viagem que demorava cerca de doze horas e depois seguiu para a capital mato-grossense. No final da primeira década do século XX, muitos italianos passaram a utilizar essa recém inaugurada linha férrea para chegar em terras mato-grossenses. Esse novo percurso tecnológico entrou em conexão com processos de trânsito de homens, mercadorias, idéias, hábitos e valores, facilitando o deslocamento de contingentes de imigrantes oriundos do porto de Santos a Mato Grosso, conforme explicação feita por Rina Ricci:

A gente embarca lá em cima, na Itália e viaja até Santos. Em Santos ficou fácil, já tinha gente esperando por nós! O irmão de meu pai, Ermete Ricci, já tinha *revirado* por aqui! Era preciso *revirar* para ver como era. Viemos de trem até Corumbá! Chegamos em Corumbá. Era bonito! E bem lá onde o trem parava [em Porto Esperança] pegava o navio até Corumbá. De Corumbá pegava outro até Cuiabá. Tudo era muito bonito! A vista era muito bonita! A gente via pássaros grandes, veadinhos e pegava peixe no rio, pois tava viajando no rio!<sup>251</sup>

Os irmãos Ermete e Fortunato Ricci eram mecânicos industriais em Imola. Ermete veio primeiro, com a esposa Maria Fava e dois filhos, no início da década de 1920, via Montevideú, Buenos Aires, Assunção e Corumbá, em busca de trabalho em Mato Grosso. Após “revirar” essas terras logo foi convidado para trabalhar nas usinas *Flexas* e *Aricá*, localizadas às margens do rio Cuiabá, como técnico industrial. Já estabelecido em Mato

---

<sup>251</sup> Entrevista feita com Rina Ricci, em 25 de agosto de 2006.

Grosso, convidou seu irmão Fortunato Ricci, que residia em São Paulo, para trabalhar como mão de obra especializada na *Usina Maravilha*, localizada na região de Santo Antonio de Leverger. Ermette Ricci realizou várias viagens à Itália, antes e depois de estabelecer-se em Mato Grosso. Nessas idas e vindas teve a oportunidade de utilizar as duas rotas de deslocamento para o Mato Grosso, internacional e nacional: o “caminho das águas” e o “caminho dos trilhos”. Naquela época, era comum chegar a este Estado imigrantes italianos e de outras nacionalidades pelas vias fluviais e férrea, sendo que esta, com o tempo, suplantou a primeira.

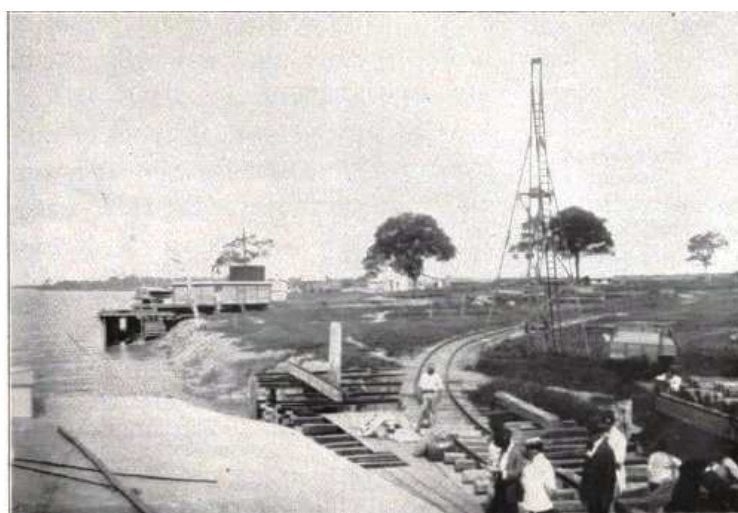


***Ilustração 39 - O italiano Fortunato Ricci (Nino Ricci), com a esposa Giuseppina (Dona Pepina) e os filhos Rina, Enzo e Ivo, Cuiabá, 1930.***

*Fonte: Acervo Particular de Rina Ricci, Cuiabá, 2006.*

Em 1914, com a inauguração da *Estrada de Ferro Noroeste do Brasil*, ligando Mato Grosso ao Estado de São Paulo, através da linha férrea entre Bauru e Porto Esperança, deu-se

início ao processo de desativação das vias fluviais de comunicação e transporte com os países do Prata, sendo gradativamente substituídas pela ferrovia. Segundo Alves, a chegada dos trilhos em terras mato-grossenses promoveu o “barateamento dos transportes, [determinando] o deslocamento da hegemonia econômica platina para o eixo São Paulo-Santos”<sup>252</sup>. Na opinião de Lúcia Corrêa, “a Estrada de Ferro acarretou profundas conseqüências para a região meridional de Mato Grosso”:



*Ilustração 40 - Estação de Porto Esperança, às margens do rio Paraguai, um ano antes da inauguração da ferrovia. Nesse local ocorria a transferência dos passageiros para as embarcações que seguiam rumo a Corumbá e Cuiabá, 1913. Fonte: SIMON & AYALA, 1914.*

Todavia, para a cidade de Corumbá os trilhos da ferrovia contribuíram para a sua desativação como entreposto comercial e abastecedor do estado mato-grossense, com o deslocamento de seu eixo econômico para Campo Grande.

Dessa forma o núcleo urbano de Campo Grande tornou-se o ponto central das comunicações e dos transportes do sul de Mato Grosso, a partir da década de 1920, que além de ter sido beneficiado pelo traçado da Estrada de Ferro que ligava S. Paulo a Mato Grosso, possuiu um ramal dessa ferrovia para Ponta Porã (no extremo sul, fronteira com o Paraguai), e uma ligação rodoviária com Cuiabá, a capital do estado. Além disso, a cidade de Campo Grande (elevada a esta categoria em 1918) destacou-se

---

<sup>252</sup> ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso e a história: 1870-1929 (Ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro)*. In: BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, n. 61, USP, 1985, p. 65.

também por tornar-se o ponto de convergência da comercialização do gado criado em todo o sul de Mato Grosso, e que se destinava a abastecer os mercados de S. Paulo e Rio de Janeiro<sup>253</sup>.



*Ilustração 41 - A descarga de uma caldeira em Porto Esperança - MT.  
Fonte: Arquivo Nacional.*

A Estrada de Ferro de Itapura a Corumbá foi aberta a partir de 1912, quando foi inaugurada a Estação de Porto Esperança, deixando um trecho de mais de 200 km entre as duas linhas esperando para ser terminado, o que ocorreu somente em outubro de 1914. A partir daí, a linha estava completa até o rio Paraguai, ao sul de Corumbá, em Porto Esperança. Somente em 1952 a cidade de Corumbá seria alcançada pelos trilhos. Logo depois da entrega da linha, em 1917, a ferrovia foi fundida com a Noroeste do Brasil, que fazia o trecho inicial no Estado de São Paulo, entre Bauru e Itapura. E em 1975, incorporada como uma divisão da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA), foi finalmente privatizada sendo entregue em concessão para a Novoeste, em 1996.

Diante dessas transformações ocorridas na fronteira meridional mato-grossense início de uma nova fase econômica, social e cultural na região sul do antigo Estado de Mato Grosso. Com a diminuição do fluxo de imigrantes europeus pela rota do Prata, percebe-se a vinda de

---

<sup>253</sup> CORRÊA, Lúcia Salsa. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 1981, p. 121.

italianos pela nova via terrestre de comunicação e transporte entre o litoral brasileiro e o sertão mato-grossense – a ferrovia, conforme ilustração de seu traçado ainda vigente:



***Ilustração 42 – Mapa Geral das linhas da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, destacando o traçado entre Bauru, no interior do Estado de São Paulo, e Corumbá, no Mato Grosso do Sul, na ocasião de sua privatização.***

*Fonte: Revista Ferroviária, Geocities, 2009.*

Seguindo as vias fluviais e o traçado da Estrada de Ferro, que ligava Bauru a Corumbá, que levaram as famílias Giordano e Cazzaneo a instalar-se na região de Campo Grande, acompanhamos o deslocamento de poderes e hegemonias, hoje capital de Mato Grosso do Sul. José Giordano, natural da Província de Cosenza, na Itália, veio primeiro, no início do século XX, através do caminho das águas, passando por Corumbá. Nessa cidade encontrou-se com seu primo Domênico Giordano e logo transferiu-se para a nascente povoação de Campo Grande. José Giordano retornou à Itália, em 1912, para casar-se com Hipólita Lomânaco. Ao regressar para o Brasil, trouxe consigo seu irmão Francisco Giordano com a esposa Maria Cazzaneo e três filhos, e seus cunhados Rafael, Luiz e Rogério. Desembarcaram em Santos e decidiram tentar a vida em Minas Gerais. No entanto, por não adaptarem-se nesse estado “retornaram todos até Bauru, de onde se deslocaram para Três

Lagoas e Campo Grande, trazendo mercadorias e dinheiro, pois pretendiam estabelecer-se com comércio nesta última cidade, onde um cunhado de Francisco Giordano já possuía casa comercial de couro e sapatos”<sup>254</sup>. O italiano Francisco Giordano e sua esposa Maria Cazzaneo começaram a vida em Campo Grande, fazendo pão para vender à comunidade local; logo conseguiram montar a primeira padaria neste povoado. Mais tarde, aproveitando a construída vocação produtiva dessa região, montaram a primeira fábrica de gelo e a primeira câmara frigorífica do sul de Mato Grosso.



*Ilustração 43 - Francisco Giordano e sua esposa Maria Cazzaneo e cinco de seus nove filhos, Campo Grande - MS, na década de 1920.  
Fonte: Lenine Póvoas, 1989, p. 187.*

Para a realização de estudos posteriores, a substituição do “caminho das águas” pelo “caminho dos trilhos” abre novas perspectivas de análise sobre o movimento migratório e imigratório nessa região, bem como as discussões acerca do “conflito de interesses entre os grupos monopólicos sediados em Buenos Aires e Montevideú, de um lado, e os vinculados a

<sup>254</sup> PÓVOAS, Lenine C. *Os italianos em Mato Grosso*, São Paulo, Resenha Tributária, 1989, p. 185.

São Paulo, de outro”<sup>255</sup>. Segundo Alves, as interpretações relativas à construção da Noroeste do Brasil, muitas vezes são reduzidas aos objetivos estratégicos de integração e interiorização do território brasileiro. Essas elaborações geopolíticas, “que se fixam sobre evidências ilusórias, têm procurado minimizar e desfigurar esse conflito econômico, reduzindo-o às dimensões nacionais”<sup>256</sup>.

Sem perder de vista estas lutas e tensões, o presente estudo teve como foco central acompanhar vivências e experiências de imigrantes italianos que chegaram em terras mato-grossenses pela bacia do Prata, no período de 1856 a 1914. Logo após o franqueamento da navegação do rio Paraguai, ocorrido através do Tratado de Aliança, Comércio, Navegação e Extradicação, firmado entre o Brasil e a nação paraguaia, no ano de 1856, acompanhamos a chegada de imigrantes europeus em terras mato-grossenses, sendo que essa corrente imigratória tornou-se mais contínua após a Guerra da Tríplice Aliança, a partir de 1870/80.

Nesse sentido, o fluxo de estrangeiros para o Mato Grosso acompanhou o movimento de livre navegação e conexão comercial com os países do Prata, sendo perceptível o retrocesso imigratório ocorrido durante o conflito com a República Guarani. Com a reabertura da navegação do rio Paraguai, no período pós-guerra, o recrudescimento desse movimento foi visível até o início da segunda década do século XX, com a construção da Estrada de Ferro que passou a ligar Mato Grosso ao litoral paulista.

A partir da abertura à navegação do rio Paraguai e do fluxo de estrangeiros em Mato Grosso, no período pós-guerra, foi possível conhecer as tentativas do governo mato-grossense em estabelecer projetos de imigração e colonização nas fronteiras desta Província, frente a uma política de dominação e subordinação dos povos indígenas da região. No entanto, a ausência de uma *política imigratória* para o Mato Grosso dificultou a realização do plano de colonização oficial que visava conceder terras devolutas a nacionais e estrangeiros nos limites

---

<sup>255</sup> ALVES, op. cit.

<sup>256</sup> Id. Ibid.

territoriais desta Província/Estado de Mato Grosso, o que sinaliza o caráter espontâneo e temporário desse movimento imigratório, via bacia do Prata, para as terras mato-grossenses.

Após a guerra veio o período da “fartura” e da “ventura”, dos “solteiros” e “aventureiros” no caminho das águas. Rio acima e rio abaixo, embarcações de toda ordem traziam e levavam homens, mulheres, crianças, animais, mercadorias e novidades. Da Itália ao rio da Prata, do Paraguai ao Cuiabá, imigrantes italianos foram aos poucos chegando e instalando-se em vilas, povoações e cidades ribeirinhas de Mato Grosso, sendo que a maioria dedicou-se ao comércio de importação e exportação. Muitos começaram a vida construindo, consertando, vendendo e/ou negociando neste lugar de diferentes culturas, tradições e modos de vida. Encontravam-se italianos *fazendo* pão, queijo, macarrão, tijolos, panelas, ternos, móveis e caixões; *consertando* relógios, sapatos, alambiques, armas, maquinarias e penicos ou urinóis; *fabricando* tijolos, gelo, bebidas, grades, mobílias e rodas de carroça; *construindo* casas, prédios, igrejas e chaminés; *vendendo* água, lenha, roupas, tecidos, perfumes, chapéus, charutos, jóias e pedras preciosas; *importando* mercadorias inglesas, francesas, italianas, alemãs e de outras nacionalidades; *exportando* couros, penas de garça, borracha, ipecacuanha, peles, madeira, cereais, charques, crina, chifres, ossos e outros produtos da terra. Enfim, o “fazer” e o “vender” faziam parte do “viver” dos italianos em Mato Grosso. Segundo José Fragelli, a ordem era “trabalhar”, “juntar dinheiro” e “lutar para subir na vida”<sup>257</sup>.

A singularidade desse movimento de italianos solteiros para o Mato Grosso, nesse período, oriundos, em sua maioria, da região meridional da Itália, trouxe à tona questões acerca da fixação e constituição familiar desses imigrantes em terras mato-grossenses, através de casamentos com mulheres da região. Essa situação pode ter ocorrido como forma de integração social através do casamento, uma vez que a maioria consorciou-se com mulheres de famílias abastadas em Mato Grosso, filhas ou parentes de “coronéis” da elite mato-

---

<sup>257</sup> José Fragelli, neto do casal italiano, Giuseppe Fragelli e Thereza Provenzano, que imigraram para o Mato Grosso no início da década de 1880, fixando moradia na cidade portuária de Corumbá.

grossense, ou pela própria inexistência de pares dessa mesma nacionalidade nos rincões mato-grossenses.

Os caminhos fluviais que conectaram Mato Grosso aos países do Prata: Uruguai, Argentina e Paraguai, a partir da segunda metade do século XIX, abriram novas perspectivas de investimento e trabalho em terras mato-grossenses, atraindo contingentes europeus e latino-americanos de diversas nacionalidades. Nesse período de efervescência imigratória, nesta região, destacamos a cidade portuária de Corumbá como principal entreposto comercial de Mato Grosso e de significativo movimento de diferentes povos, etnias, culturas, idéias, contatos e valores, dali irradiando para outras comarcas desta Província/Estado.

## FONTES

### **A – Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APEMT)**

#### Fontes Manuscritas

*Relatório* do Presidente da Província, Herculano Ferreira Penna, referente ao ano de 1862, apresentado na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, em 03 de maio de 1863.

*Relatório* do Vice-Presidente da Província de Matto-Grosso, Barão de Aguapehy, na sessão ordinária da Assembléia Legislativa Provincial, em 03 de maio de 1868.

*Relatório* do Presidente da Província de Matto-Grosso Augusto Leverger, Barão de Melgaço, na sessão ordinária da Assembléia Legislativa Provincial, 1869.

*Relatório* do Presidente da Província de Mato Grosso, José de Miranda da Silva Reis, 1873.

*Relatório do Chefe de Polícia* da Província de Mato Grosso em Cuiabá, em 24 de abril de 1873:

*Registro de Segurança de Propriedade* de 21 de fevereiro de 1873, p. 9/verso; de 10 de julho de 1873, p. 10.

*Relatório do Chefe de Polícia* da Província de Mato Grosso em Cuiabá, 27 de abril de 1874:

*Registro de Segurança de Propriedade* de 26 de fevereiro de 1874, p. 16; de 06 de agosto de 1874.

*Relatório do Chefe de Polícia* Interino Província de Mato Grosso (entrada e saída de estrangeiros) de 30 de maio de 1885, Livro 70-b.

*Mappa Demonstrativo dos Estrangeiros* que Entrarão na Província durante o ano de 1884.

*Mappa Demonstrativo dos Estrangeiros* que Sairão da Província durante o ano de 1884.

*Relatório* apresentado ao Exmº Snr. D. Joaquim Galdino Pimentel – Presidente da Província de Mato Grosso no ano de 1886 pelo Chefe de Polícia da mesma Província Doutor José de Azevedo Silva, Livro 71:

*Registro de Segurança de Propriedade* de 21 de abril de 1886;

*Mappa Demonstrativo dos Estrangeiros* que Entrarão na Província desde 30 de maio de 1885 até 30 de maio de 1886.

*Mappa Demonstrativo dos Estrangeiros* que Sahirão da Província desde 30 de maio de 1885 até 30 de maio de 1886.

*Relatório de Polícia da Província de Mato Grosso* em Cuiabá, Livro 72: entrada e saída de italianos na Província de Mato Grosso nos anos de 1893 e 1895.

*Relatório* com que o Exmº Snr Dr. João José Pedroza Presidente da Província de Mato Grosso abriu a 1ª sessão da 22ª Legislatura da respectiva Assembléia no dia 1º de novembro de 1878. Fala sobre “Colonização e Catechese”.

*Relatório* apresentado á Assembléia Legislativa Provincial de Mato Grosso em 4 de outubro de 1872, pelo Exmº Snr Presidente da Província o Tenente Coronel Dr. Francisco José Cardozo Júnior.

*Quadro Geral da População Urbana* do 1º districto da capital do Estado de Matto-Grosso – 1890.

*Quadro Geral da População Urbana* da freguesia de São Gonçalo, 2º districto da capital do Estado de Matto-Grosso – 1890.

*Ofício do Presidente da Província* de Mato Grosso dirigido à Assembléia Legislativa Provincial, de 22 de abril de 1840.

*Memorandum de Manoel Cavassa*, apresentação e notas Valmir Batista Corrêa e Lúcia Salsa Corrêa, Campo Grande, Editora da UFMS, 1997.

*Jornais de Mato Grosso*

### **Cuiabá - MT**

I – *O Matto-Grosso*, “Órgam Democrata, dedicado aos interesses do Povo” - (1890/1937)

*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 02/05/1897.

*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 12/06/1904.

*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 30/10/1904.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 01/03/1905.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 26/03/1905.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 17/12/1911.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 07/01/1912.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 18/02/1912.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 17/03/1912.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 21/07/1912.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 27/10/1912.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 24/11/1912.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 29/12/1912.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 26/01/1913.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 12/04/1914.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 02/05/1915.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 10/10/1915.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 11/06/1916.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 24/12/1916.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 25/11/1919.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 04/01/1920.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 08/01/1920.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 11/01/1920.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 01/02/1920.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, n. 1646 de 12/02/1920.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, n. 1644 de 15/02/1920.  
*O Matto-Grosso*, Cuiabá, n. 1647 de 19/02/1920.

*O Matto-Grosso*, Cuiabá, n. 1667 de 06/05/1920.

*O Matto-Grosso*, Cuiabá, n. 1675 de 13/06/1920.

*O Matto-Grosso*, Cuiabá, n. 1694 de 22/08/1920.

*O Matto-Grosso*, Cuiabá, 23/08/1920.

*O Matto-Grosso*, Cuiabá, n. 1708 de 14/10/1920.

*O Matto-Grosso*, Cuiabá, n. 1717 de 29/11/1920.

*O Matto-Grosso*, Cuiabá, n. 1761 de 02/10/1921.

*O Matto-Grosso*, Cuiabá, n. 1762 de 09/10/1921.

II – *A Cruz*, Orgão da “Liga Social Cathólica Brasileira” de Matto Grosso (1910/1969).

*A Cruz*, Cuiabá, 14/01/1917.

*A Cruz*, Cuiabá, 08/04/1917.

*A Cruz*, Cuiabá, 08/04/1917.

*A Cruz*, Cuiabá, n. 470 de 13/06/1920.

*A Cruz*, Cuiabá, n. 457 de 14/03/1920.

*A Cruz*, Cuiabá, 02/05/1920.

*A Cruz*, Cuiabá, 09/05/1920.

*A Cruz*, Cuiabá, 23/05/1920.

*A Cruz*, Cuiabá, 18/07/1920.

*A Cruz*, Cuiabá, 25/07/1920.

*A Cruz*, Cuiabá, 31/10/1920.

*A Cruz*, Cuiabá, 14/11/1920.

*A Cruz*, Cuiabá, 28/11/1920.

*A Cruz*, Cuiabá, 12/12/1920.

**Corumbá - MS**

### *I - O Iniciador*

*O Iniciador*, Corumbá, 22/07/1877.

*O Iniciador*, Corumbá, 30/08/ 1877.

*O Iniciador*, Corumbá, 15/07/1880.

*O Iniciador*, Corumbá, 15/12/1880.

*O Iniciador*, Corumbá, 29/01/1882.

### *II - A Pátria*

*A Pátria*, Corumbá, 03/08/1902.

### *III - Oásis*

*Oásis*, Corumbá, 21/01/1894.

### *IV – O Brazil*

*O Brazil*, Corumbá, 17/12/1909.

## **B – Universidade Federal de Mato Grosso/ Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR (Microfilmagem)**

*Auto de Justificação* do Estado de Solteiro de *Thomaz Deluque*. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, 1863-1864/Caixa 4 - Rolo 2/NEDHIR.

*Auto de Justificação* do Estado de Solteiro de *Francisco Dansa*. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, 1863/Caixa 4 - Rolo 2, NEDHIR.

*Auto de Justificação* do Estado de Solteiro de *Nicolau Verlangieri*. Cuiabá, 1880/Caixa 7 – Rolo 4. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá/NDHIR.

*Auto de Justificação* do Estado de Solteiro de *Francisco Orlando*. Cuiabá, 1884/Caixa7 – Rolo 5/NEDHIR.

*Auto de Habilitação Matrimonial* de *José Orlando e Carmela Verlangieri*. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, 1893, Caixa 26 – Rolo 19/NEDHIR.

*Auto de Justificação* do Estado de Solteiro de *Vicente Orlando* com Termo de Juramento deferido a *Nicola Verlangieri*, Cuiabá, 1895/Caixa 9 - Rolo 6/NEDHIR.

*Auto de Habilitação Matrimonial* de *Henrique Sempri e Maria Antonia Rodrigues*. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, 1899, Caixa 26, Rolo 19/NEDHIR.

*Termo de Juramento* deferido na Justificação de *Antonio Tenuta* e das Testemunhas *Francisco Lotufo e José Lotufo*. Auto de Justificação de Estado de Solteiro. NEDIHR/UFMT, Caixa 55, Rolo 33.

*Auto de Habilitação Matrimonial* de *Fioravante Barbieri e Antonina Paes de Barros*, 1917, microfilmagem, Rolo 5/NEDHIR.

#### *Jornais do NEDHIR*

*O Comércio*, Cuiabá, 10/03/1910.

*O Comércio*, Cuiabá, 24/03/1910.

*O Comércio*, Cuiabá, 31/03/1910.

*O Comércio*, Cuiabá, 14/04/1910.

*O Comércio*, Cuiabá, 21/04/1910.

*O Comércio*, Cuiabá, 28/04/1910.

*O Comércio*, Cuiabá, 12/05/1910.

*O Comércio*, Cuiabá, 30/06/1910.

*O Comércio*, Cuiabá, 24/07/1911.

*O Comércio*, Cuiabá, 18/08/1911.

*O Comércio*, Cuiabá, 25/08/1911.

*O Comércio*, Cuiabá, 22/08/1911.

*O Comércio*, Cuiabá, 25/08/1911.

## **C – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE**

### **I -Acervo da Biblioteca do IBGE/Cuiabá-MT**

*Sinopse Estatística do Estado de Mato Grosso* - 1939/1940. N. 6, Ano V, Serviço Gráfico do IBGE, Rio de Janeiro, 1942.

*Anuário Estatístico do Brasil*. Ano V – 1939 /1940, IBGE, Conselho Nacional de Estatística, Rio de Janeiro, 1942.

*Geografia do Brasil: Região Centro - Oeste*, Volume 4, IBGE, Diretoria Técnica.

Superintendência de Estudos Geográficos e Sócio-Econômicos.

*Departamento de Geografia*, Diretoria de Divulgação, Centro Editorial, Centro de Serviços Gráficos, Rio de Janeiro, 1977.

*Censo Demográfico* do Estado de Mato Grosso de 1940.

### **II -Acervo da Biblioteca do IBGE/Rio de Janeiro-RJ**

*Dados da população estrangeira*, por nacionalidade, no Estado de Mato Grosso e no município de Cuiabá (1872, 1890, 1900 e 1920).

*Recenseamento do Brazil* em 1872, v. 12.

*BRASIL. Directoria Geral de Estatística*. Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiação, culto e analfabetismo da população recenseada em 31 de dezembro de 1890. Rio de Janeiro, Officina da Estatística, 1898.

*Relatório* apresentado ao Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, pelo Dr. José Luiz S. de Bulhões Carvalho, Director Geral de Estatística. Rio de Janeiro, Typ. da Estatística, 1907.

*BRASIL. Directoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brazil em 1 de setembro de 1920.* Rio de Janeiro, Typ. da Estatística, 1922-1930, v. 4, parte 1.

#### **D – Documentação Particular**

*Arzobispado de Asunción* – Paraguay, Registro de Matrimônio de Eduardo Cerzósimo e Angela Tortora, en el Libro III de Matrimonios de la Paroquia de la Catedral, y al folio n. 6, en la Ciudad de la Asunción y dia veinte y siete de Julio de mil ochocientos noventa y tres.

CAPRIATA, Élio. *Os Capriata: relato da família no Brasil* por Élio Capriata, 1998.

Levantamento genealógico dos Capriata, pertencente a Hernani H. Capriata.

*Câmara Municipal de Cuiabá.* Moção de Congratulações ao Sr. Névio Lotufo. Vereador Luiz Marinho de Souza Botelho, Presidente da Câmara Municipal de Mato Grosso, 02 de junho de 2004.

*Carta escrita por José Fragelli, ex- governador de Mato Grosso, neto do italiano Giuseppe Fragelli, dirigida a Lenine Póvoas.* In: PÓVOAS, Lenine C. op. cit., p. 34.

#### **E - Artigos, Crônicas e decretos**

SOUZA, Antonio Fernando. *Imigração.* O comércio. Cuiabá, 14 abr. 1910, p 1.

As oficinas de “Gaeta”. A Cruz. Cuiabá, 8/4/1917, p. 2.

*Lei n. 102, de 10 de julho de 1895.* Concessão de terras devolutas aos imigrantes nacionaes ou estrangeiros, Album Gráfico do Estado de Matto-Grosso, 1914.

*Lei n. 149, de 14 de abril de 1896.* Concessão gratuita de lotes de terras em Mato Grosso à nacionaes ou estrangeiros. Album Gráfico do Estado de Matto-Grosso, 1914.

*Decreto n. 200, de 18 de dezembro de 1907. Regulamento para o serviço de colonização no Estado de Matto-Grosso. Album Gráfico do Estado de Matto-Grosso, 1914.*

*Ofício do Director Geral dos Indios da Provincia de Mato Grosso, dirigido ao Ministro de Estado dos Negocios do Imperio, 2 de dezembro de 1848. In: Album Gráfico de Matto-Grosso, 1914.*

ALVES CORRÊA, Fernando. *História de Anastácio*. Anastácio Notícias, Anastácio, 14 jul. 2008, Diversos p. 2.

## **D – Entrevistas**

### **1. LOÍDE CAPRIATA DE SOUZA**

Naturalidade: Santo Antonio de Leverger – MT

Data de Nascimento: 23 de julho de 1932

Idade: 74 anos

Local da Entrevista: Cuiabá-MT

Tempo de Entrevista: 54:10

Entrevista feita em 06 de setembro de 2006.

### **2. ADÉLIA MAIOLINO DE MATOS**

Naturalidade: Cuiabá – MT

Data de Nascimento: 10 de julho de 1930

Idade: 76 anos

Local da Entrevista: Cuiabá-MT

Tempo de Entrevista: 1:01:37

Entrevista feita em 07 de setembro de 2006

### **3. NÉVIO LOTUFO**

Naturalidade: Cuiabá – MT

Data de Nascimento: 29 de maio de 1931

Idade: 75 anos

Local da Entrevista: Cuiabá-MT

Horas de Gravação: 1:05:06

Entrevista feita em 08 de setembro de 2006.

#### **4. RINA RICCI**

Naturalidade: Imola, Província de Bolonha - Itália

Data de Nascimento: 09 de março de 1920

Idade: 86 anos

Local da Entrevista: Cuiabá-MT

Horas de Gravação: 2:06:23

Entrevista feita em 29 de agosto de 2006.

#### **BIBLIOGRAFIA**

ALEIXO, Lúcia Helena Gaeta. *Vozes no silêncio*. Subordinação, resistência e trabalho no Mato Grosso (1888 - 1930), Cuiabá : Editora da UFMT, 1995.

ARANTES, Antonio A. "A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano". In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, - Cidade, n. 23, 1994, pp. 191-203.

ALMEIDA, Rosely Batista Miranda de. *Bravos guerreiros: soldados esquecidos*: Revista de História da Biblioteca Nacional, n. 29, fev. 2008.

AYALA, S. Cardoso & F. SIMON ( org. ). *Album Gráfico de Matto-Grosso*. Corumbá/Hamburgo: s/ed., 1914.

ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso e a história: 1870 - 1929*. Ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, v. 2, n. 6, 1984.

ALVIM, Zuleika Maria Forcione. *O Brasil italiano (1880-1920)* In: Fausto Boris. Fazer a América, São Paulo, EDUSP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Atravessando o Atlântico: Memórias de imigrantes espanholas no fazer-se de São Paulo*. Trajetos: revista de História Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, vol. 1, n. 2, 2002.

BAEZ, Renato. *Cenas de minha terra*. Corumbá, 1964.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

- BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa, Relógio D'Água, 1992.
- BERNASCONI, A. *Imigrantes italianos na Argentina (1880-1930): uma aproximação*. In: FAUSTO, B. *Fazer a América*, 1999.
- BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo, Contexto, 2005.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. *Thompson e a teoria na história*. In : Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 12. São Paulo: EDUC, 1995.
- BORGES, Fernando Tadeu. *Do extrativismo à pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870 a 1930)*. 3ª ed., São Paulo< Editora Scortecci, 2001.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- BOSSI, Bartolomé. *Viaje pitoresco por los rios Paraná, Paraguai, San Lorenzo y Cuiabá y El Arino tributário Del grande Amazonas com la descripcion de la Província de Mato Grosso bajo su aspecto físico, geográfico, mineralógico y sus producciones naturales*. Paris, Dupray, Mahérie, 1865.
- BRESCIANI, Maria Stella. *Permanência e ruptura no estudo das cidades*. In: FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio A. F. *Cidade & História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*.
- BUCAILLE, Richard & PESEZ, Jean-Marie. *Cultura Material*. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 16. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 11-352.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *El "descubrimiento" de la cultura popular*. In: SAMUEL, Raphael. *História popular y teoría socialista*. Crítica/Grijalbo.
- CAPDEVILLE, B. *História Del Paraguay, La Comena, Assunción*, 1930. Apud.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*, São Paulo, EDUSP, 2003.
- CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. 3ª Ed., São Paulo, Edusp, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano : artes de fazer* . 2 ed., Petrópolis, Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 2 ed., Petrópolis, Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. "Andando na cidade". In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Cidade, n. 23, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995.

- CHIAVENATO, Julio José. *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Rio de Janeiro, DIFEL, Bertrand, 1990.
- \_\_\_\_\_. “*Cultura popular*”: revisitando um conceito historiográfico. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.
- CHOAY, Françoise. *O urbanismo, utopias e realidades*. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- CORREA, Afrânio. *Os automóveis de Cuiabá – décadas de 1920 e 1930*. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 1999.
- CORRÊA, Lúcia Salsa. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870–1920)*. Dissertação de Mestrado. FFLCH/Universidade de São Paulo-USP, 1981.
- \_\_\_\_\_. *História e fronteira: o sul de Mato Grosso (1870-1920)*. Campo Grande, Editora da UCDB, 1999.
- CORRÊA, Valmir & CORRÊA, Lúcia Salsa. *Memorandum de Manoel Cavassa*, Campo Grande: EdUFMS, 1997.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1969.
- CRUZ, Heloísa de Faria Cruz. *A cidade do reclame : propaganda e periodismo em São Paulo – 1890-1915*. In: Projeto História, Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 13. São Paulo: EDUC, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Trabalhadores em serviços: dominação e resistência*, São Paulo, Marco Zero, 1991.
- DAVIS, Natalie Zemon. “*Sabedoria proverbial e erros populares*”. In: Culturas do povo. São Paulo, Paz e Terra, 1990.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos: Da superioridade da literatura anglo-americana*, Diálogos, São Paulo, Escuta, 2005.
- DURANT, Richard. *História del vapor de la Carrera*, Montevideo, 2008.
- DERRIDA, Jacques. *Anne Defourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*, São Paulo, Escuta, 2003.
- FAUSTO, Bóris. *Negócios e ócios: histórias da imigração*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- FAUSTO, Boris (org.) *Fazer a América*, São Paulo, EDUSP, 1999.
- FENELON, Déa Ribeiro. *E. P. Thompson – história e política*. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 12. São Paulo: Educ, 1995.

- FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*. De 1825 a 1829. São Paulo, Melhoramentos, 1941.
- FRANCISCO, Adilson José. *Apóstolos do progresso: A prática educativa salesiana no processo de modernização em Mato Grosso (1894 -1919)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso, 1998.
- FREIRE, Júlio De Lamonica. *Por uma poética popular da arquitetura*. Cuiabá, EduFMT, 1997.
- GADAMER, Hans-George. *O problema da consciência histórica*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo, 2001. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo. *Viveres, fazeres e experiências dos italianos em Cuiabá (1890-1930)*, Cuiabá, Entrelinhas, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à questão da imigração italiana para o Mato Grosso via bacia do Prata: estudo de caso do alfaiate Eduardo Cerzósimo*. Monografia (Especialização em História de Mato Grosso) – Departamento de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 1997.
- GRUN, Roberto. *Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil*. In: Fausto, Boris. *Fazer as Américas*, São Paulo, EDUSP, 1999.
- HALL, Michael M. *Imigrantes na cidade de São Paulo*. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo*. São Paulo, Paz e Terra, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Imigrantes. Trabalhadores: revista do Fundo de Assistência à Cultura*, Prefeitura Municipal de Campinas, 1989.
- HALL, Stuart. *Notas sobre la desconstrucción de “lo popular”*. In: SAMUEL, Raphael. *História popular y teoría socialista*. Crítica/Grijalbo.
- HYNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- KERCHE, Neuza Maria Erthal. *Vadiagem ou trabalho ordeiro? Uma visão sobre o trabalhador mato-grossense*. 2 ed. Cuiabá: 1999.
- KHOURY, Yara Aun. *Viveres e fazeres na/da cidade: os libaneses e a cidade de São Paulo*. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 18. São Paulo: EDUC, 1999.
- KLEIN, Herbert S. *Migração internacional na história das américas*. In: FAUSTO, Bóris (org.). *Fazer a América*. São Paulo, EdUSP, 1999.

- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.
- LEITE, Joaquim da Costa. *O Brasil e a imigração portuguesa (1855-1914)*. In: Fausto, Boris. *Fazer a América*, São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A história nova*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- LUCENA, Célia Regina Pereira de Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembrações de migrantes*. São Paulo, Arte & Ciência, 1999.
- MACIEL, Laura Antunes. *A capital de Mato Grosso*, São Paulo: PUC, 1992. Dissertação de Mestrado.
- MACIEL, Laura A. & ANTONACCI, Maria Antonieta M. *Revisitando a imigração: cultura, cotidiano e experiências de espanhóis em São Paulo (1890-1930)*. In: Revista Margem/Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP/FAPESP, n. 6. São Paulo: EDUC, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Espanhóis em São Paulo: modos de vida e experiências de associação*. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 12. São Paulo: EDUC, 1995.
- MAITELLI, Gilda Tomasini. *A hidrografia no contexto regional*. In: MORENO, Gislaene e HIGA, Tereza Cristina Souza. *Geografia de Grosso: território, sociedade e ambiente* Entrelinhas, Cuiabá, 2005.
- MATOS, Adélia Maiolino. *Álbum de Família: Gardês & Maiolino (1863-1985)*. Cuiabá, 1985.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Estratégias de sobrevivência. A imigração Portuguesa e o mundo do trabalho. São Paulo 1890-1930*. In: SILVA, Nizza da & BEATRIZ, Maria (cord.). *Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal – séculos XIX e XX*. Algés, Editorial, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Trama & Poder: trajetória e polêmica em torno das indústrias de juta ( São Paulo, 1888-1934)*. 2 ed., Rio de Janeiro, Sette Letras, 1996.
- MAY, Carlos. *História y Arqueología Marítima. Cias. de navegación Rioplatenses: Bartolomé Bossi*, Martinez, Argentina, 2008.
- MENDONÇA, Estevão. *Datas mato-grossenses*. Niterói, Tipografia das Escolas Salesianas, 1919.
- MENDONÇA, Rubens de. *Nos bastidores da história mato-grossense*. Cuiabá, EdUFMT, 1983.
- \_\_\_\_\_. Rubens. *História de Mato Grosso*, IHMT, 1981, p. 44.
- \_\_\_\_\_. *História do comércio de Mato Grosso*. Goiânia, Rio Bonito, 1973.

- \_\_\_\_\_. *Ruas de Cuiabá*. Cuiabá, PMC.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário biográfico mato-grossense*. Cuiabá, 2 ed., Instituto Histórico de Mato Grosso, 1971.
- MORENO, Gislaene e HIGA, Tereza Cristina Souza. *Geografia de Grosso: território, sociedade e ambiente*, Entrelinhas, Cuiabá, 2005.
- MOURA, Carlos Francisco. *Notas sobre a história da arquitetura em Mato Grosso*. Belém, SUDAM, 1976.
- MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre Matto Grosso*, São Paulo, Typographia de Henrique Schroeder, 1869.
- PECHMAN, Robert Moses. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1994.
- PERARO, Maria Adenir; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira; MORAES, Sibeles de. *Memória da Igreja em Mato Grosso: o arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá, catálogo de documentos históricos*. Cuiabá, Entrelinhas, 2002.
- PERARO, Maria Adenir. *Farda, saias e batinas: a ilegitimidade na Paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá, 1853 - 1890*, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1997. Tese de Doutorado.
- \_\_\_\_\_. *Bastardos do Império: família e sociedade em Mato Grosso no século XIX*. São Paulo, Contexto, 2001.
- PEREIRA, Lia Alt. *O setor público brasileiro – 1890-1945*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- PORTELLI, Alessandro. *Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, EDUC, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. Fundação Getúlio Vargas.
- \_\_\_\_\_. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*, Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo EDUC, São Paulo, vol. 15, 1997.
- PÓVOAS, Lenine. *Italianos em Mato Grosso*. São Paulo : Resenha Tributária, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Influências do rio da Prata em Mato Grosso (Ensaio)*. Cuiabá, IHGMT, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Cuiabá de outrora*. Cuiabá: IHGMT, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Sobrados e casas senhoriais*. Cuiabá, Fundação Cultural de Mato Grosso, 1980.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*, 41ª. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru/SP, Edusc, 1999.
- REYNALDO, Ney Yared. *Comércio e navegação no rio Paraguai (1870-1940)*, Cuiabá, Edufmt, 2004.
- ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- RODRIGUES, Dunga. *Marphiysa (ou o cotidiano da Cuiabá nos tempos de candimba, das touradas do Campo Dourique e das esmolas do Senhor Divino)*. Coleção Memória Social, Cuiabá: UFMT/NEDIHR, 1981.
- ROLNIK, Raquel. *Lei e política: a construção dos territórios urbanos*. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 18. São Paulo: EDUC, 1999.
- \_\_\_\_\_. *História urbana: história na cidade?*. Cidade e história. Salvador, UFBA/Faculdade de Arquitetura, ANPUR, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A cidade e a lei: Legislação política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo, Stúdio Nobel, FAPESP, 1997.
- SAKURA, Célia. *Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada*. In FAUSTO, Boris. *Fazer a América*, São Paulo, EDUSP, 1999.
- SANTANA, Charles D'Almeida. *Fatura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia: 1950-1980*, São Paulo: Annablume, 1998.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Cidade das águas: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes (1822-1901)*, São Paulo, Editora Senac de São Paulo, 2007.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*, São Paulo: Annablume, 1998.
- SANTOS, Fabiano Vilaça dos. *O Arquivo Nacional e a história luso-brasileira: limites e fronteiras*. Rio de Janeiro, FAPERJ.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo, Hucitec, 1996.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- SARLO, Beatriz. *Cidade: abundância e pobreza*. In: *Cenas da vida moderna*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, EdUSP, 1999.
- SILVA, Antonio Carlos Simoens da. *Cartas maogrossenses*, 1919.
- SILVA, Edil Pedroso da. *O cotidiano dos viajantes nos caminhos fluviais de Mato Grosso (1870-1930)*, Cuiabá, Entrelinhas, 2004.

- SILVA, Jovam Vilela da. *Mistura de cores (Política de povoamento e população na Capitania de Mato Grosso – século XVIII)*, Cuiabá, Editora da UFMT, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A divisão do Estado de Mato Grosso: uma visão história*, Cuiabá, Edufmt, 1996.
- SEIFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito*. In: Fausto, Boris. *Fazer da América*, São Paulo, EDUSP, 1999.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira et alli. *O processo histórico de Mato Grosso*. 3 ed. Cuiabá, UFMT/Guaicurus, 1990.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*, Cuiabá, Entrelinhas, 2002, p. 56.
- SIMON, FELICIANO. *Terras devolutas, minas e colonização*. In: *Album Gráfico de Matto-Grosso*. Corumbá/Hamburgo: s/ed., 1914.
- SOUZA, José Carlos de. *Na luta por habitação: a construção de novos valores*. São Paulo, EDUC, 1996.
- STEINEN, Karl Von Den. *O Brasil Central: expedição em 1884 para exploração do Rio Xingu*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942.
- TAUNAY, Visconde de. *Em Matto Grosso Invadido (1866-1867)*, São Paulo, Melhoramentos, 1929, p. 36.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 15. São Paulo, EDUC, 1997.
- TRUZZI, Osvaldo M. S. *Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista*. In Fausto, Boris. *Fazer a América*, São Paulo, EDUSP, 1999.
- VIGARELLO, Georges. “O trabalho dos corpos e do espaço”. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 13. São Paulo, EDUC, 1996.
- VIRÍLIO, Paul. “A cidade superexposta” In: Revista Espaços e Debates, Temporalidade, n. 33, São Paulo, 1991.
- VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá (1850 – 1888)*. São Paulo, Marco Zero; Cuiabá, EdUFMT, 1993.
- WENDERS, Wim. “A paisagem urbana”. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, - Cidade, n. 23, 1994, pp. 181-189.

WIGLEY, Mark. “A desconstrução do espaço”. In SCHNITMAN, Dora F. Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1996.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.